

**“Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda”
ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa**

Ana Filipa Couceiro Fornelos Afonso

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2017

**“Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda”
ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa**

Ana Filipa Couceiro Fornelos Afonso

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Sob orientação do Professor Doutor Tiago Almeida

2017

“Se parasse de medo no caminho
Também parava a vela do moinho
Que mói depois o pão de toda a gente”

Miguel Torga

AGRADECIMENTOS

Neste momento em que escrevo os agradecimentos lembro-me de todos os que fizeram parte do meu percurso académico na Escola Superior de Educação de Lisboa e, que, de alguma forma, partilharam comigo angústias, medos, conquistas, alegrias e que, sobretudo, me fizeram nunca desistir.

Tive a honra e o privilégio de ser orientada pelo Prof. Doutor Tiago Almeida com quem pude refletir e aprender e a quem agradeço pela disponibilidade e pelo apoio ao longo do tempo de estágio, tendo feito com que as minhas emoções se sobrepusessem ao meu lado “*robot*”.

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração, conhecimento e disponibilidade de todos os docentes que ao longo de cinco anos se cruzaram comigo, e por isso, a todos eles o meu profundo agradecimento. Teço especial agradecimento à Prof. Dalila Lino por me ter ajudado a crescer enquanto futura educadora de infância; à professora Catarina Tomás por todo o apoio, por todos os “ *siga Filipa, com calma!*” e pelos conhecimentos que ao longo destes anos me foi transmitindo levando-me a, permanentemente, questionar a prática e, ainda, à professora Carla Rocha por me transmitir um grande saber, nomeadamente, “*Cada dor sua hora!*”.

Um especial agradecimento à minha família, sobretudo, aos pilares da minha vida os meus pais que nunca deixaram de acreditar em mim, celebrando as minhas vitórias; ao meu marido por todas as palavras de incentivo, por todos os conselhos dados, pela disponibilidade, pela compreensão, pelo ombro amigo e pelo amor e, por fim à família que eu escolhi: as minhas amigas- Sofia, Joana, Andreia e Carina- por toda a paciência e por todo o apoio.

Agradeço ainda o grande apoio da equipa do Colégio, particularmente, à educadora cooperante Carmo e à auxiliar Vanessa que confiaram em mim e me apoiaram na melhoria da minha prática. Também concedo um especial agradecimento às crianças e às suas famílias que apoiaram e me mostraram que esta é, de facto, a profissão que quero ter durante toda a minha vida.

Por fim, não poderia deixar de referir a minha filha Maria Leonor com quem vivi este percurso.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós!” Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

“Ninguém sabe andar na rua como as crianças. Para elas é sempre uma novidade, é uma constante festa transpor umbrais. Sair à rua é para elas muito mais do que sair à rua. Vão com o vento. Não vão a nenhum sítio determinado, não se defendem dos olhares das outras pessoas e nem sequer, em dias escuros, a tempestade se reduz, como para a gente crescida, a um obstáculo que se opõe ao guarda-chuva.”

Ruy Belo, 1970, p.16

Nada é tão bom quanto brincar na rua. “Brincar sem teto” (Vale, 2013, p. 11) é uma oportunidade de ser livre. Outrora era na rua que se ouvia o *som da infância*, jogava-se ao pião, construíam-se casas nas raízes das árvores e jogava-se à bola até ao anoitecer.

Nos dias de hoje, a proteção e o medo falam mais alto e o som das crianças a brincarem foi substituído pelo ruído dos carros e a correria das pessoas. Hoje em dia os media sobrecarregam os pais/as famílias com um medo constante, trazendo ao de cima o seu instinto de proteção que os leva a conotar a rua como um local de permanente perigo. Além disto, a falta de tempo inerente à agitação permanente faz com que as crianças deixem de ter a oportunidade de explorar as possibilidades que a rua oferece. O tempo passado a brincar nas ruas está hoje confinado a quatro paredes. Neste sentido, cabe à escola e conseqüentemente ao/à educador/a proporcionar à criança tempo livre de qualidade no espaço exterior.

Foi ao redor desta reflexão e sabendo que as investigações em educação de infância centram-se, sobretudo, no que ocorre no interior da sala de atividades ignorando o espaço exterior como possibilidade de ação, que levei a cabo um projeto de investigação, numa abordagem qualitativa, no qual toda a comunidade educativa foi desafiada a alterar o espaço exterior com base nas observações das interações das crianças, considerando, em todo o processo, a voz das mesmas. Desta forma, o projeto permitiu refletir acerca da importância do brincar nos espaços exteriores, bem como o papel que o/a educador/a assume no mesmo. Além disto, foram elaboradas entrevistas que permitiram comparar as brincadeiras e os recreios de antigamente e os atuais. Para isto privilegiaram-se como técnicas de recolha de dados a observação direta, a entrevista, a consulta e análise de documentos e as notas de campo. Assim, concilia-se a pesquisa bibliográfica mobilizada com a recolha de dados realizada ao longo da intervenção.

Além de uma reflexão do projeto de investigação, o presente relatório pretende ser uma abordagem crítica e reflexiva da prática profissional supervisionada desenvolvida, no ano letivo 2016/2017, em contexto de jardim de infância com um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, na qual o grande objetivo de ação foi a transformação do espaço exterior com a comunidade educativa.

Palavras-chave: Crianças, Brincar, espaço exterior, papel do/a educador/a

ABSTRACT

"Nobody knows how to walk on the street like the children. For them it is always a novelty, it is a constant party to transpose doorposts. Going out on the street is more for them than going outside. Go with the wind. They do not go to any particular place, they do not defend themselves from the looks of other people, and even on dark days the storm is reduced, as for grown people, to an obstacle that opposes the umbrella. " Ruy Belo, 1970, p.16

Nothing is as good as playing on the street. "Playing without a roof" (Vale, 2013, p.11) is an opportunity to be free. Once, it was on the streets that the sound of childhood was heard, it was playing hide and seek, building houses in the roots of the trees and it was playing ball until dusk.

Nowadays, protection and fear speak louder and the sound of children playing has been replaced by the noise of cars and the rush of people. Nowadays the media overwhelm parents / families with constant fear, surfacing their instinct of protection that leads them to acknowledge the street as a place of permanent danger. In addition, the lack of time inherent in the constant agitation steals the children opportunity to explore the possibilities that the street offers. The time spent playing in the streets is now confined to four walls. In this sense, it is up to the school and, consequently, the educator to provide the child with quality free time outside.

It was around this reflection, knowing that the investigations in childhood education focus, above all, on what happens inside the room of activities, ignoring the outside as a possibility of action, that I carried out a research project, in a qualitative approach, in which the entire educational community was challenged to change the exterior space based on the observations of children's interactions, considering the voice of the children throughout the process. In this way, the project allowed to reflect on the importance of playing in the exterior spaces, as well as the role that the educator assumes in it. In addition, interviews were elaborated that allowed to compare the games and the recreations of old times and present ones. For this purpose, direct observation, interview, consultation and analysis of documents and field notes were used as data collection techniques, thus, combining the bibliographical research mobilized with the data collection performed throughout the intervention.

In addition to reflecting on the research project, this report intends to be a critical and reflective approach to the supervised professional practice developed in the 2016/2017 school year in a kindergarten context with a group of 25 children aged

between three and the five years, in which the great objective of action was the transformation of the exterior spaces with the educational community.

Keywords: Children, Playing, exterior space, role of the educator

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESELX- Escola Superior de Educação de Lisboa

JI- Jardim de infância

MEM- Movimento da Escola Moderna

PPS- Prática Profissional Supervisionada

UC- Unidade Curricular

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1- CARATERIZAÇÃO PARA A AÇÃO.....	3
1.1. À porta do colégio.....	3
1.2. O Colégio	3
1.3. A Grande família do Colégio.....	5
1.4. Álbum de famílias	6
1.5. O retrato do grupo de crianças	9
1.6. Avaliação do grupo	10
1.7. Análise reflexiva das intenções educativas da educadora cooperante.....	12
1.7.1 O modelo MEM.....	12
1.7.2. O cenário de ação	13
CAPÍTULO 2- ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO	17
2.1. Intenções para a ação	17
2.2. Observar-Planear-Agir-Avaliar.....	19
CAPÍTULO 3- A INVESTIGAÇÃO.....	21
3.1. Roteiro metodológico e ético da investigação.....	21
3.2. O jardim secreto	23
3.3. O papel do/a educador/a no jardim.....	24
3.4. A ação de (re)valorização do jardim	26
3.4.1. Se fosse um espaço só pensado pela equipa teria mais verde, mais natureza” (Diretora Pedagógica) ... ou a necessária (re)construção do jardim	26
3.4.2. A minha mãe é arquiteta pode ajudar!” (Constança, 5 anos)... ou a necessidade de envolver toda a comunidade educativa	27
3.4.3. “Olha isto é uma menina com um capuz.” (Starwars, 5 anos) ou a necessidade de começar o projeto em sala	29
3.4.4. “E agora? Como vamos organizar?” (Educadora Cooperante) ou a planificação como guia da prática pedagógica.....	30
3.4.6. “Filipa estou a gostar de construir a tenda para o jardim” (Silvestre, 4 anos) ou a avaliação.....	34
3.5. O brincar, o brinquedo e o recreio: O antes e o agora	37
3.6. Conclusão da investigação.....	42
CAPÍTULO 4. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO.....	43
4.1. Avaliação pessoal diária e semanal.....	43

4.2. Portefólio da criança.....	44
4.3. Avaliação global das intenções	44
CAPÍTULO 5. “AGORA JÁ ÉS PROFESSORA?” (FADA ROSA, 4 ANOS) – uma reflexão sobre a profissionalização	47
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
ANEXOS.....	56
Anexo A. Caraterização do Colégio	57
Anexo B. Entrevista à diretora pedagógica	58
Anexo C. Organograma	62
Anexo D. Caraterização da equipa	62
Anexo E. Entrevista à educadora.....	63
Anexo F. Caraterização das famílias	66
Anexo G. Caraterização das crianças.....	69
Anexo H. Caraterização individual das crianças	69
Anexo I. Plantas da sala	85
Anexo J. Agenda semanal	86
Anexo K. Portefólio de estágio.....	87
Anexo L. Entrevistas “O brincar do antigamente”	161
Anexo M. Email às famílias.....	186
Anexo N. “Eu gostava que o recreio tivesse...”	187
Anexo O. Interações com os materiais naturais	188
Anexo P. Planificação da alteração do recreio	191
Anexo Q. Mural dos direitos da criança	192
Anexo R. Interações no recreio.....	193
Anexo S. Questionários à comunidade educativa	203
Anexo T. Análise de conteúdo dos questionários à comunidade educativa	236
Anexo U. Análise de conteúdo das entrevistas “o brincar de antigamente”	239
Anexo V. Entrevistas “O brincar de agora”.....	249
Anexo W. Análise de conteúdo das entrevistas “O brincar de agora”.....	254
Anexo X. O brincar, os brinquedos e o recreio.....	256
Anexo Y. Portefólio da criança.....	257

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Papel do/a educador/a no espaço exterior.....	25
Figura 2. Construção da tenda com a A.....	32
Figura 3. Exposição da tenda a todo o grupo.....	32
Figura 4. Decisão do local da tenda.....	32
Figura 5. Planificação da pista de carros.....	33
Figura 6. Pintura da pista de carros.....	33
Figura 7. Construção de carros com o Manuel.....	33
Figura 8. Construção de carros com o Manuel II.....	33
Figura 9. Planificação da pista de carros.....	33
Figura 10. Carros.....	33
Figura 11. Preparar as paletes para a cozinha.....	34
Figura 12. Construção da cozinha com o avô do Hulk.....	34
Figura 13. Cozinha.....	34

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Conclusão da análise de conteúdo das interações no recreio.....	35
Tabela 2. Conclusão os inquéritos à comunidade educativa.....	36
Tabela 3. Conclusão da análise de conteúdo das entrevistas do brincar de antigamente.....	38
Tabela 4. Conclusão da análise de conteúdo das entrevistas do brincar de agora.....	39

INTRODUÇÃO

O presente relatório que aqui se apresenta focaliza a sua atenção na prática profissional supervisionada desenvolvida, em contexto de jardim de infância, no ano letivo 2016/2017. Esta prática decorreu num estabelecimento na área metropolitana de Lisboa com um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. Assim é pretendido caracterizar, de forma reflexiva, o contexto educativo onde decorreu a intervenção, enquanto educadora-estagiária, bem como analisar a minha prática, que foi sendo alterada e ajustada, ao longo do tempo, após críticas construtivas da comunidade educativa e do orientador de estágio. Desta forma, tenciono refletir, de forma fundamentada, todas as minhas ideias, opiniões e intenções.

Aquando da entrada no Colégio ¹ constatei que o espaço exterior era pouco pensado à medida da criança, sendo, na minha opinião, um espaço *frio* e geometrizado. Neste sentido, desafiei-me e desafiei toda a comunidade educativa a alterar este espaço, potencializando o mesmo como local educativo com “materiais pedagógicos (...) [que] criem oportunidades (...) responsivos à pluralidade de experiências que se deseja que a criança possa viver” (Formosinho & Araújo, 2013, p.17). Entre as motivações que me levaram a optar por este caminho destaco a observação direta que me permitiu verificar a necessidade de intervenção ao nível do exterior, bem como as conversas informais com a educadora cooperante, com a diretora pedagógica e com as crianças que fortaleceram a necessidade de (re)valorizar o exterior. Outro fator que motivou a minha escolha prende-se com o facto de, no início de 2016, ter realizado uma visita a diferentes escolas em Barcelona que fizeram despertar a minha curiosidade para a necessidade da criança estabelecer “contacto com las plantas, con los animales y con las mil e una ocasiones *secretas* de un jardin pensado a la medida del niño”² (Ritscher, 2006, p. 11). No entanto, a grande motivação que me levou a optar por este caminho, é o facto de olhar para o *jardim*³ com *olhos de eterna curiosidade*, de *fascinação* e *valorização*, uma vez que foi neste local que vivenciei e experienciei os melhores momentos da minha infância. Posso afirmar que a minha cultura da infância se prende

¹ Forma como irei nomear o estabelecimento de ensino de jardim de infância

² “Contato com as plantas, com os animais e com as mil e uma ocasiões *secretas* de um jardim pensado à medida da criança” Tradução própria

³ Forma como irei nomear o espaço exterior/ o recreio ao longo do relatório pois, na minha opinião, este espaço deverá ser como um *jardim* pensado à medida da criança e no qual a criança possa vivenciar experiências que só um *jardim* lhe permite

com a valorização do meio natural, sendo, por isso, algo que caracteriza a minha identidade profissional e que irei privilegiar na prática: o contacto com a natureza.

Para a construção deste relatório optei por utilizar diversas técnicas de recolha de dados, particularmente a observação direta, as *entrevistas narrativas* (Burawoy (1998) citado por Tomás, 2006) e a *entrevista informal e conversacional* (Ramos (2005) citado por Tomás, 2006) e a consulta documental e as notas de campo.

Saliento que, ao longo da prática valorizei diversas questões éticas, regendo a minha ação pelos princípios para uma ética profissional (APEI, 2011), os Princípios éticos e deontológicos no trabalho de investigação com crianças (Tomás, 2006) e a Convenção dos Direitos da Criança (ONU, 1989). Neste sentido, considerei as crianças e os adultos da sala como “sujeitos e participantes da investigação, considerando, desta forma, as suas opiniões, experiências e perspetivas” (Tomás & Fernandes, 2011, p.2). Neste relatório, as crianças e os contextos não estão identificadas com o seu próprio nome de forma a preservar a sua identidade. Relativamente às fotografias estas foram autorizadas pela direção do Colégio, no entanto, com o intuito de manter a privacidade das crianças, as caras das mesmas estarão protegidas.

Num primeiro capítulo, apresento uma breve caracterização dos contextos e atores que me acolheram, num segundo capítulo reflito acerca da intervenção. O capítulo seguinte remete para a investigação. Posteriormente, irei refletir acerca da minha intervenção autoavaliando-me. O quinto capítulo destina-se a analisar os principais desafios e aprendizagens inerentes à construção da minha identidade profissional. Por fim, no sexto capítulo, teço algumas considerações finais.

CAPÍTULO 1- CARATERIZAÇÃO PARA A AÇÃO

A necessária contextualização dos espaços e a caracterização dos actores que participam desta investigação decorre do facto de que, uma vez na sala de aula, no recreio, na rua, ou noutro espaço, os indivíduos trazerem consigo toda uma experiência social e repertórios que os tornam singulares (Tomás, 2006, p.8)

Neste primeiro capítulo, proponho-me caraterizar o contexto socioeducativo onde decorreu a PPS, apresentando os aspetos mais significativos que influenciaram a minha prática. Para isto, foram essenciais os dados recolhidos através da observação direta, das *entrevistas narrativas* (Burawoy (1998) citado por Tomás, 2006), das *entrevistas informais e conversacionais* (Ramos (2005) citado por Tomás, 2006) e da consulta documental e das notas de campo.

1.1. À porta do colégio⁴

O Colégio, no qual a prática profissional supervisionada de jardim de infância decorreu, situa-se na área metropolitana de Lisboa, na freguesia de Alvalade. Este encontra-se numa zona central da cidade e, por isso, “tudo parec[e] confuso. Carros a passar, buzinas a apitar, pessoas a correrem. De facto, este é o cenário “normal” para a movimentada e desordenada cidade de Lisboa.” (Cf. Anexo K- Portefólio de estágio- Reflexão diária de 3 de outubro de 2016 p.91). Contudo, no meio desta agitação encontra-se um jardim público – a “mata⁵” – que possibilita acesso a recursos naturais e à natureza. Conforme os projetos que estão a ocorrer na sala, o grupo pode recorrer aos diferentes espaços presentes em redor do Colégio, nomeadamente, à bomba de gasolina, ao marco dos correios, à ordem dos médicos, à cruz vermelha, à federação de Hóquei, ao lar e a algum comércio local.

1.2. O Colégio⁶

O Colégio onde decorreu a PPS é um estabelecimento da rede privada, particular e cooperativa com fins lucrativos, que, para além da valência de jardim de infância, conta também com a valência de creche e de 1º ciclo do ensino básico.

A fundação deu-se no ano de 1967, contudo, desde o ano letivo 2015-2016 que parte do Colégio (jardim de infância e 1º ciclo) se mudou para as novas instalações. No

^{4,6} Dados recolhidos do projeto Educativo do Colégio (2014). Consultar Anexo A.

⁵ Forma como irei designar o jardim público na proximidade do Colégio.

entanto, estas ainda se encontram em obras: “ao olhar pelo portão penso ter-me enganado, pois, à primeira vista, este não parece ser um colégio, mas sim uma habitação em reconstrução, pois vêem-se misturadores de cimento, tábuas, pregos” (Cf. Anexo K- Portefólio de estágio- Reflexão diária de 3 de outubro de 2016 p.91).

Estas novas instalações contam com dois edifícios: o edifício anexo (onde decorreu a PPS) e o edifício principal (em construção). O edifício onde decorreu a PPS ainda não possui refeitório, cozinha, ginásio e dormitório. Neste sentido, as refeições são transportadas do antigo edifício para este novo edifício e cada grupo realiza as refeições na sua sala. Relativamente às sessões de motricidade, estas são realizadas no edifício principal. A hora da sesta é realizada na Sala da Carmo⁷:

“após o almoço é necessário que as crianças se dirijam para o recreio para que as camas sejam montadas. Este processo de montar/desmontar e de as refeições serem realizadas na sala é, na minha opinião, *exaustivo*. Contudo, isto só acontece devido ao atraso das obras, pois, caso estas estivessem finalizadas, as crianças iriam dormir no pavilhão e almoçar no refeitório.” (Cf. Anexo K- Portefólio de estágio- Reflexão diária de 3 de outubro de 2016 p.91).

Relativamente ao *jardim* este é, na minha opinião, um espaço geometrizado- contém dois escorregas, duas casas para brincar e alguns brinquedos de plástico- o que, na minha perspetiva é algo a melhorar, pois penso que a existência do meio natural é crucial ao desenvolvimento da criança “porque la naturaleza está llena de secretos y ofrece innumerables atractivos (...) para explorar”⁸ (Ritscher, 2006, p. 15), sendo que este deverá ser um espaço pensado à medida das necessidades das crianças.

Este aspeto é também realçado pela diretora pedagógica” - [acrescentava] talvez mais espaço verde (as diretrizes do ministério são um bocado “chatas”, com tipos de chão, materiais etc.) mas, se fosse um espaço só pensado pela equipa, teria mais verde, mais natureza” (Cf. Anexo B- Entrevista à diretora pedagógica). É neste espaço que ocorrem os maiores conflitos e a maior disputa de materiais:

“Depois do acolhimento na sala da Mónica, dirigimo-nos para o recreio. Observo as brincadeiras das crianças. De repente, a L. dirige-se a mim a chorar. L.: “A M.J. não me dá aquele boneco.” Calmamente chamo a M.J. Eu: “M.J. porque não partilhas o brinquedo com a L.?” M.J. : “Porque eu tinha primeiro e não há mais.” (Nota de campo de 12 de outubro de 2016, recreio)

⁷ Sala na qual realizei a PPS

⁸ “porque a natureza está repleta de segredos e oferece inumeráveis atrativos (...) para explorar” Tradução própria

No que diz respeito ao modelo seguido, podemos afirmar que o Colégio se orienta segundo os princípios do Modelo do Movimento da Escola Moderna (MEM) assumindo, portanto, uma pedagogia sócio-construtivista:

“uma educação de qualidade que promove claramente o desenvolvimento intelectual das crianças (...) pedagogias e metodologias de trabalho ativas (...) permitindo-lhes a sua plena participação em todos os assuntos que lhes dizem respeito (...) todos assumem a responsabilidade da partilha de poder, através da participação cooperada” (Projeto Educativo, 2014, p. 36-44)

1.3. A Grande família do Colégio⁹

O ambiente educativo do Colégio é caracterizado por um *forte espírito de equipa*, onde todos os profissionais se conhecem, interagem e têm em comum seguirem e acreditarem na metodologia do MEM. Como afirma o projeto educativo (2014) “A equipa educativa constitui uma grande família” (p.12). Esta relação de parceria entre os diferentes elementos é notória no dia-a-dia, sobretudo pelo facto de as portas da sala estarem sempre abertas, permitindo que todos entrem e que em comunidade se aprenda:

“Estamos a colocar molduras ao redor da história quando a Marta entra na nossa sala. Observa o que estamos a fazer e diz “que *giro*, é *interessante* esta forma de fazer molduras.”” (Nota de campo de 13 de outubro de 2016, sala de atividades)

A existência de formação contínua para todos os elementos da equipa também permite um ambiente de colaboração contínua:

“Também nos esforçamos por fazer formação interna sobre o MEM, para todo o pessoal, desde as pessoas da cozinha às professoras do 1º ciclo. Porque percebemos que os princípios do MEM têm de ser vividos por toda a comunidade educativa.” (Entrevista à diretora pedagógica)

A interação e relação entre todos (técnicos e crianças) manifesta esta familiaridade assegurada por um discurso *tranquilo*, de *respeito* e de *atenção* ao outro, pois:

“O trabalho de equipa é fundamental para que a escola funcione na sua plenitude. (...) As crianças reconhecem todos os adultos, como adultos de referência. Isso só é conseguido porque há um efetivo trabalho de equipa entre todos. Um bom trabalho de equipa consiste numa parceria entre todos, uma parceria natural, que surge sem esforço. As nossas formações internas também contemplam dinâmicas de equipa para que todos sintam confiança uns nos outros.(...) Todos se ajudam e se apoiam mutuamente. Refletem e questionam-

⁹ Dados recolhidos do projeto Educativo do Colégio (2014). Consultar Anexo B e C.

se, numa perspetiva de melhoramento. A equipa vê-se como uma família.”
(Entrevista à diretora pedagógica)

Além disto, existem reuniões de equipa de educadoras às segundas-feiras- onde a ordem de trabalhos se prende com questões burocráticas e de trabalho- e às quintas-feiras- na qual a ordem de trabalhos engloba a partilha de experiências entre a equipa, o que permite um constante diálogo e uma constante aprendizagem e reflexão.

Relativamente à equipa da sala esta é constituída pela educadora (Carmo) e pela auxiliar de educação (Vanessa)-¹⁰. A relação entre equipa caracteriza-se por ser “positiva e de diálogo constante (...) até porque garante imensa segurança aos pais” (Cf. Anexo E- Entrevista à educadora cooperante). Através da observação participante compreendi, e tal como a educadora cooperante veio a confirmar na entrevista, que não existe uma hierarquização, ou seja, todos contribuem para que tudo seja desenvolvido sem que haja uma rígida definição de papéis. Se for necessário, a educadora ajuda nas questões de limpeza e a auxiliar ajuda a desenvolver projetos:

“Eu, a Carmo e a Vanessa estamos no recreio a falar acerca dos vários projetos que surgiram quando Vanessa diz que gostaria de ficar responsável pelo projeto do cabelo. Então a Carmo diz-lhe “Tudo bem, então abordas tu esse projeto!””
(Nota de campo de 10 de outubro de 2016, Recreio)

Considero, tal como Hohmann e Weikart (2011), que este trabalho de equipa “entre os adultos, que permanentemente subjaz a toda a ação, cria um enquadramento propício para o envolvimento das crianças numa comunidade ativa e de participante” (p. 128).

1.4. Álbum de famílias

Sabendo que a “família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo” (Araújo & Oliveira, 2010, p.100), constitui-se como “fundamental na transmissão cultural de estruturas de comportamento social e dos códigos de existência social” (Tomás, 2006, p. 15). Assim, torna-se fundamental que o/a educador/a conheça as famílias¹¹, pois estas são a “base fundamental da sua [da criança] identidade” (Araújo & Formosinho, 2013, p.20) e que estabeleça um compromisso com as mesmas:

¹⁰ Consultar Anexo D

¹¹ “É preferível empregar a palavra família quando nos referimos ao conjunto de adultos que se relacionam de uma forma duradoura e constante com os alunos no espaço da casa. Vamos,

“respeitar as famílias (...) valorizando a sua competência educativa (...) promover a participação (...) aceitando-as como parceiras na acção educativa; garantir a troca de informações (...) manter o sigilo relativamente às informações sobre a família; (...) disponibilizar-se para dar apoio e reunir com a família” (APEI, 2011)

Uma primeira análise sobre as estruturas familiares-¹² de cada criança permite dizer que todas vivem com as suas famílias biológicas, sendo que, curiosamente, todas as crianças provêm de famílias nucleares. Com base no mesmo anexo, podemos verificar que cinco pais têm dupla nacionalidade. Este dado é pertinente, pois verifica-se que as crianças cujos pais têm dupla nacionalidade são bilingues e, por vezes, transmitem às restantes crianças certas palavras de língua estrangeira. Além disto, verifica-se que estas trazem para a sala livros escritos noutra língua (Belga, Francês e Inglês) o que enriquece o grupo e, ainda, realizam, com alguma frequência, visitas a esses mesmos países trazendo para a sala curiosidades e novidades relevantes para todo o grupo.

Quando confrontados com o Anexo E compreendemos que a condição social das famílias, por referência aos critérios de níveis e categorias profissionais e habilitações, ou seja, o capital económico, académico e cultural, se caracteriza por um nível socioeconómico médio/médio-alto. Nas conversas diárias do grupo apercebemos também do capital cultural, social e económico aquando as crianças dizem, por exemplo, “no fim de semana fui a um concerto de jazz”; “o meu pai trouxe-me esta mochila da Austrália”; “no fim de semana vou à minha casa de Sintra”, sendo que, neste grupo em questão, estas oportunidades que as famílias garantem são imprescindíveis a todo o grupo, pois, existe uma partilha e, por vezes, surgem trabalhos/projetos a partir destas novidades.

Quanto às profissões dos pais, constata-se que o grupo de profissões predominante é o dos especialistas das atividades intelectuais e científica. Curiosamente, através das conversas diárias com as famílias, com as crianças e com a educadora cooperante apercebi-me que algumas famílias, nomeadamente, a mãe da Darthvader, a mãe do Luís, a mãe do Miguel e a mãe do Lucas, trabalham a partir de casa, contudo, continuam a valorizar a educação dos seus filhos e a demonstrar uma

portanto, deixar de utilizar a palavra pais. E por duas razões: tem uma conotação sexista e limita a relação aos progenitores biológicos, deixando de fora figuras que continuam a ter um papel preponderante nessa relação: avós, tios e primos. A palavra família possui a globalidade e a generalidade necessárias e suficientes.” (Marques citado por Silva, 2003, p. 82)

¹² Consultar Anexo F

grande preocupação em acompanhá-los. Em contrapartida, outras famílias costumam estar ausentes, passando vários dias fora de casa e, por esse motivo, acabam por passar pouco tempo com as crianças: mãe do Homem de fogo, os pais da Super mulher, o pai do Lucas, a mãe da Mafalda e o pai da Fada Vermelha. Sabendo este dado, é importante que o/a educador/a esteja alerta para que possa apoiar a criança aquando da ausência dos familiares.

Ao ouvir as crianças, apercebo-me que algumas famílias mantêm fora do Colégio relações sociais alargadas, encontrando-se aos fins de semana. Assim, verifica-se que as relações de amizade entre crianças transpõem-se, em alguns casos, para as famílias como é o caso da família do Bombeiro e do Homem de ferro.

Analisando mais a fundo as famílias podemos afirmar que são famílias cujas raízes familiares alargadas estão fisicamente longe (pais estrangeiros, famílias que têm os seus pais no interior, etc.). Este aspeto reflete-se nas entradas e saídas do jardim de infância em que as crianças são, na grande maioria, trazidas e levadas pelos próprios pais. O acompanhamento por parte dos pais até à porta da sala, torna-se um fator facilitador no estabelecimento de um contacto de participação informal¹³ família-JI “Hoje o Starwars vai dormir a sesta porque tem rugby” (Nota de campo de 17 de outubro de 2016, à porta da sala).

Através da observação direta e das conversas com a educadora cooperante percebi que a participação das famílias é ativa e convergente, ou seja, na sua maioria as famílias fazem proposta a nível educativo que vão ao encontro dos valores defendidos pelo Colégio “Em conversa com a educadora cooperante esta diz-me que a mãe da DarthVader propôs a visita à fundação Calouste Gulbenkian” (Nota de campo de 13 de outubro de 2016, *jardim*).

Em relação aos irmãos (Cf. Anexo G) : sete crianças têm irmãos mais velhos e treze crianças têm irmãos mais novos, sendo que a maioria destes frequenta o mesmo estabelecimento de ensino noutros grupos de creche, pré-escolar ou de 1º Ciclo.

Ao analisar o projeto educativo apercebi-me que existe uma preocupação por parte do Colégio em aproximar JI-família:

“Privilegiar conversas informais; criar um ambiente acolhedor no qual os pais se sintam sempre bem-vindos; valorizar a dificuldade da separação dos pais e das crianças de modo a facilitar a mesma; definir momentos específicos para

¹³ Usarei as definições de participação de Virgínio Sá explicitas no artigo “A (não) participação dos pais na escola: A eloquência das ausências” (2002)

atendimento aos pais; realizar reuniões de pais; realizar a escola de pais e/ workshops para pais; trocar informações e experiências através do caderno individual da criança; realizar exposições/partilha em placards e expositores; convidar a família para participar em projetos; utilizar os blogs da escola para dar a conhecer as famílias o trabalho desenvolvido; utilizar o email para troca rápida de informações; convidar as famílias para participarem e colaborarem em situações festivas” (Projeto educativo,2014, p.)

A caracterização das famílias permitiu-me compreender o quanto as estruturas familiares são “determinantes da biografia, trajetória de vida e experiência social das crianças” (Ferreira, 2004, p.67) e o quanto são necessárias para uma boa prática do/a educador/a de infância.

1.5. O retrato do grupo de crianças¹⁴

“Eu sou do tamanho do que vejo. E não do tamanho da minha altura.”
(Soares, s/d, p.46)

O grupo da Sala da Carmo é composto por 25 crianças, 14 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. Todas as crianças têm nacionalidade portuguesa e todas nasceram de gestação de termo. O percurso institucional deste grupo é regular, sendo que a maioria acompanha o mesmo grupo desde a creche. A heterogeneidade de género, de idade e de características individuais de cada criança é um aspeto do modelo MEM:

“Os grupos são organizados com crianças de diferentes idades com o objetivo de enriquecer a aprendizagem social e cognitiva das crianças, criando uma zona de capacitação que vai para além do que a criança é capaz de fazer sozinha, incluindo atividades que pode realizar com sucesso com a ajuda do educador e colegas, num grupo inclusivo e diversificado” (Folque, 2014, p. 53).

“Uma primeira condição em que se fundamenta a dinâmica social da actividade educativa no jardim-de-infância, no modelo curricular da Escola Moderna Portuguesa, é a da constituição dos grupos de crianças, não por níveis etários, mas, de forma vertical, integrando de preferência as várias idades para que se possa assegurar a heterogeneidade geracional e cultural que melhor garanta o respeito pelas diferenças individuais no exercício da interajuda e colaboração formativas que pressupõe este projecto de enriquecimento cognitivo e sociocultural” (Niza, 1998, p. 146).

Ao longo da prática foi possível verificar que dentro do grande grupo se vão criando pequenos grupos, como são exemplificativos: 1) Super mulher, Starwars, Homem Falcão; 2) Homem de ferro, Lucas, Miguel; 3) Homem Aranha, Violeta, Fada rosa, Bia.

¹⁴ Consultar Anexo G

No caso dos veteranos (Lave e Wenger, 1991, p. 49), ou seja, os que integram o grupo à mais tempo, denota-se uma maior familiaridade com as rotinas e as regras sociais da sala o que lhes permite ocupar um lugar de líderes, apoiando os principiantes (Lave e Wenger, 1991, p. 49), que entraram este ano e as crianças mais pequenas do grupo:

“Starwars está a assinalar no mapa de atividades e dirige-se para a área da pintura. Pouco depois, Borboleta também se dirige para a mesma área. Logo Starwars lhe diz: “Não podes estar aqui. Não marcaste a área, tens de ir ao mapa e marcar com a caneta laranja para poderes vir para aqui.”” (Nota de campo de 4 de outubro de 2016, área da pintura)

“As crianças mais velhas entram na sala e marcam a presença autonomamente. Já as mais novas, como o caso do Bombeiro, precisam que alguém as auxilie, caso contrário marcam no lugar dos colegas ou marcam no dia errado” (Nota de campo de 18 de outubro de 2016)

1.6. Avaliação do grupo ¹⁵

“A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.” (Ministério da Educação, 2011, p. 1)

A avaliação em jardim de infância é muito mais do que uma nota. A avaliação em JI constitui um processo que permite à criança refletir e construir a sua própria aprendizagem. Desta forma, a avaliação deverá ser contínua e participada, sendo que as crianças constroem uma competência regulatória do que sabem e do que precisam fazer para aprender ou realizar determinada tarefa. Assim, a educadora cooperante realiza a avaliação “com eles de forma contínua, falada, através dos instrumentos de pilotagem, das conversas informais. Das observações que eu prezo bastante” (Cf. Anexo E- Entrevista à educadora cooperante). Por conseguinte, em vários momentos contínuos- na reunião da manhã, no conselho, quando se analisa os instrumentos de pilotagem- a criança é levada a pensar sobre as suas ações e a autoavaliar-se com o apoio dos adultos e dos colegas. Assim, a educadora não utiliza nenhum tipo de grelha, contrariamente, realiza uma avaliação descritiva em três períodos – início do ano, meio do ano e no fim do ano. Neste sentido, também eu, não irei avaliar o grupo com base numa nota quantitativa, mas sim numa perspetiva de análise dos pontos fortes, das suas dificuldades e dos seus interesses, pois “[o/a educador/a] precisa refletir sobre quem é

¹⁵ Consultar Anexo H

a criança, sobre como ocorre seu processo de desenvolvimento, conhecer as forças que impulsionam seu desenvolvimento. A partir desses conhecimentos, será possível refletir sobre seu papel no processo” (Mello, 2002 citada por Ferreira & Anjos, 2015, p.25). Para esta análise utilizei a observação direta.

➤ Potencialidades

Tal como a educadora cooperante afirma este é um grupo “muito *ativo* e muito *ansioso*, cada vez mais *curioso* (...) acho que o facto de existirem crianças motor para isso tem conduzido os outros” (Cf. Anexo E- Entrevista à educadora cooperante). Neste sentido, os pontos fortes do grupo são o facto de este se caracterizar por ser *ativo*, *interessado*, *empenhado* e bastante *curioso*. De facto, a maioria das crianças, demonstram serem capazes de observar, criticar, questionar tudo em seu redor, fazer escolhas e de tomar decisões:

“Eu quero fazer um projeto sobre o corpo humano porque quero saber mais sobre o corpo do menino e da menina”
(Nota de campo de 4 de novembro de 2016, ao redor da mesa)

Para isso, as crianças envolvem-se “em verdadeiras conversas, nas quais reconhecem a necessidade de tornar o seu próprio discurso claro e relevante” (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.323). Desta forma, a maioria do grupo, apresenta um discurso claro e estruturado, permitindo à educadora ter em consideração o ponto de vista e as vontades de cada criança.

Outra das potencialidades do grupo é a *autonomia* demonstrada nas tarefas do dia-a-dia:

“(Na hora de almoço, estamos todos reunidos à volta da mesa quando a Fada Vermelha diz)
Fada Vermelha: Posso ir buscar a minha fruta à lancheira?
Eu: Sim, claro Fada Vermelha.
(A Fada vermelha vai buscar a fruta e volta para a mesa. Começa a descascar a laranja.)
Eu: Queres ajuda a descascar a laranja?
Fada Vermelha: Não, eu consigo”
(Nota de campo de 8 de novembro de 2016, ao redor da mesa)

Contudo, existem crianças que ainda necessitam de apoio do outro para realizar tarefas do dia-a-dia, sendo que, neste sentido, as crianças demonstram atitudes de *entreaajuda*, sendo esta outra das potencialidades do grupo:

“Bia: Eu posso ajudar o Bombeiro a vestir a bata”
(Nota de campo de 2 de novembro de 2016, á porta da sala).

➤ Dificuldades

Devido ao *empenho* e à *ansia* em se expressarem as crianças acabam por não conseguirem ouvir o outro, o que se torna a maior dificuldade do grupo: esperar pela sua vez.

Além disto, as crianças, envolvem-se em conflitos sociais constantes e em disputas frequentes pela posse de um mesmo objeto, recorrendo aos adultos para apoiar nesta autorregulação de comportamentos. Neste sentido, autorregular conflitos é outra das dificuldades do grupo. Ao mesmo tempo, também existe uma disputa pela preferência de amigos/as:

“Lucas: Eu queria brincar com o Homem de ferro mas ele quer brincar com o Bombeiro!” (Nota de campo de 18 de outubro de 2016, *jardim*).

➤ Interesses

O leque de interesses do grupo é variado e volátil ao longo do tempo, ou seja, existem interesses que vão surgindo, como por exemplo o interesse pelos dinossauros, que depois terminam. Além disto, também os interesses variam conforme os pares de brincadeiras, por exemplo: O homem falcão se estiver a brincar com a Darthvader privilegia as brincadeiras de faz de conta (brincar aos gatos), contrariamente, se estiver a brincar com o Starwars privilegia brincadeiras mais físicas e agressivas (brincar às lutas).

No entanto, penso que utilizar e recriar o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados é um dos grandes *interesses* por parte do grande grupo. Também os jogos sociais, que ocorrem às terças-feiras à tarde, despertam grande motivação por parte deste.

1.7. Análise reflexiva das intenções educativas da educadora cooperante

1.7.1 O modelo MEM

O modelo pedagógico MEM assenta nas ideias de diferentes pedagogos (pe. Freinet, Piaget, Vygotsky) e procura encarar a criança como cidadã e não como mera recetora de informação ou como futura cidadã. Neste sentido, o modelo defende que as crianças constroem o conhecimento em interação com os adultos ou com as crianças mais desenvolvidas, aprendendo primeiro ao nível intrapessoal e progressivamente ao nível interpessoal. Deste modo, o/a educador/a é o/a orientador/a das aprendizagens.

Outra característica do MEM é considerar a voz da criança pois, tal como Freinet afirma, “a democracia de amanhã prepara-se na democracia da escola” sendo que esta “deve firmar-se em valores de justiça, de respeito mútuo, de livre expressão, de interajuda solidária e de reciprocidade” (Nóvoa, Marcelino & Ó, 2015, p. 20).

No MEM existe uma gestão cooperada do currículo, sendo o “trabalho de aprendizagem do currículo assumido como um contrato social e educativo entre alunos e professor” (Nóvoa, Marcelino & Ó, 2015, p. 25). A participação ativa onde cada um assume compromissos das suas decisões e expressa os seus pontos de vista pressupõe um clima favorável à livre expressão contribuindo para que haja uma efetiva educação cooperativa.

De seguida, nos subcapítulos “O cenário de ação” e “Um dia no jardim de infância” irei fundamentar e justificar outras opções pedagógicas que se inserem na metodologia do Movimento da Escola Moderna.

1.7.2. O cenário de ação ¹⁶

O espaço da sala foi construído de raiz no início do ano por crianças e adultos e é constituído por sete áreas - área da expressão plástica, área da oficina de escrita, área dos jogos de mesa, área dos jogos de chão, área do faz-de-conta, área do laboratório de ciências e de matemática e área da biblioteca. Todos, adultos da sala e crianças, em comunidade, organizaram o espaço, estabeleceram regras e limites. Segundo Ferreira (2004):

"o sistema de regras estruturante do quotidiano do JI especifica em maior ou menos extensão o que lá se pode ou deverá fazer, onde, com quê, quando, como, e em relação a quê e a quem. Este enquadramento institucional visa facilitar e apoiar o(s) processo(s) de integração social das crianças" (p.140).

Neste sentido, no término das reuniões da manhã, cada criança dirige-se ao mapa das atividades e escolhe qual o local para onde irá desenvolver as atividades, segundo o que ficou delineado na reunião e/ou de acordo com as áreas que querem frequentar. Assim estes têm uma influência direta na escolha do espaço para onde vão, constituindo-se como construtores do seu próprio currículo.

Todos os materiais se encontram à disposição das crianças, o que faz desta sala um espaço autossuficiente, onde a criança se movimenta livremente/autonomamente

¹⁶ Consultar Anexo I

em segurança e onde o adulto consegue realizar, devido à disposição do espaço, uma constante supervisão.

Assim, a sala de atividades é o espaço onde as crianças podem descobrir, explorar, reunir, decidir, além disto, é também aqui que as crianças almoçam e dormem. É um espaço que promove a democracia e a partilha. Deste modo, o espaço educativo é organizado com o objetivo de proporcionar momentos em que a criança possa estar nas áreas a pares, em pequenos grupos ou individualmente usando os materiais, criando e explorando, resolvendo problemas, movendo-se livremente.

Além do espaço, as paredes da sala também falam, também contam histórias e neste sentido, as paredes dentro e fora da sala são utilizadas como expositores permanentes das produções das crianças onde estas se revêm nas suas obras. Também nas paredes se encontram vários instrumentos de pilotagem que “ajudam o educador e as crianças a orientar/regular (planear e avaliar) o que acontece (individualmente e em grupo)” (Folque, 2014, p. 55) nomeadamente: mapa de presenças; mapa de atividades; diário de grupo; mapa de regras; quadro de distribuição de tarefas; calendário semanal e mapa de projetos. Todos estes instrumentos permitem planear, registar e autorregular o trabalho da criança:

“Eu: Homem-Aranha, vamos observar o mapa. Qual a atividade que, no mês de setembro, realizaste mais?
Homem-Aranha: A casinha
Eu: Sim. E qual a que marcaste menos?
Homem-Aranha: O recorte e colagem
Eu: Então o que temos de marcar mais este mês?
Homem-Aranha: O recorte e colagem porque é importante.”
(Nota de campo de 7 de outubro de 2016, Área da escrita)

1.7.3. Um dia no jardim de infância

Ao nível dos tempos pude verificar que a sequência da semana e do dia se rege segundo a agenda semanal¹⁷, sendo que o tempo flui naturalmente, uma vez que as crianças já se apoderaram desta rotina pré-estabelecida. Esta rotina torna-se importante pois, tal como Wieder e Greenspan (2010) afirmam “através da rotina a criança aprende a organizar a experiência e aprende a aprender” (p.182).

De seguida apresento uma descrição de um dia típico ¹⁸ deste grupo:

¹⁷ Consultar Anexo J

¹⁸ Para a descrição do dia típico utilizei excerto das notas de campo, de forma a retratar as diferentes rotinas deste grupo. Tentei não me incluir nesta descrição do dia.

7h30: ¹⁹A porta da entrada do Colégio está aberta. A primeira pessoa a chegar é a Patrícia (auxiliar de educação da sala da Marta). Dirige-se para a sala de acolhimento- na sala da Mónica- e logo depois começam a chegar as crianças. O primeiro, da sala da Carmo, a chegar é o Bombeiro acompanhado pelo seu pai. A Patrícia diz, com um sorriso no rosto, “Bom dia” e, pai e filho, despendem-se com carinho. O Bombeiro dirige-se para a área da biblioteca à espera que os seus amigos cheguem.

8h00: Chegam à sala, acompanhados pelos pais, a Fada Rosa, a sua irmã (frequenta o 1ºciclo) e o Homem Aranha. A Fada Rosa toma o pequeno almoço enquanto o Homem Aranha faz um jogo de mesa.

8h30: Uma educadora chega à sala, cumprimenta as crianças e logo se ouve “Arrumar, vamos para o recreio!”. Assim se inicia o tempo da criança no qual se verifica que todos brincam com todos, ou seja, não existem “grupos”, mas sim uma comunidade. As crianças vão, aos poucos, chegando todas acompanhadas dos pais/mães. Há tempo para conversas rápidas e informais entre pais e adultos (auxiliares ou educadoras). Apenas a Marina e a Joana demonstram alguma dificuldade na separação com as mães e choram, apenas deixam as mães para ir para o colo de Carmo.

9h10: Ouve-se a tão esperada frase “Sala da Carmo para cima!”. As brincadeiras finalizam-se e todas as crianças correm escada acima, arrumam os brinquedos que não querem mostrar ou que já mostraram, outros colocam as novidades em cima da mesa. Quem ainda não marcou a presença, marca. Todos ajudam e vão buscar uma cadeira e juntam-se ao redor da mesa. Todos se organizam *naturalmente*.

9h15: “Bom dia, estão bem?” diz a Carmo. A reunião da manhã inicia-se. Analisa-se o plano do dia anterior e planifica-se o presente dia. Terminada a planificação iniciam-se as novidades. São os responsáveis da semana que dão a palavra ao grupo: uma a uma cada criança que quer falar vai pondo o dedo no ar e os responsáveis dão-lhes a palavra. Cada um começa por contar alguma vivência de casa, mostrar um livro ou brinquedo novo. As crianças que mais participam neste momento são o Starwars, o Homem falcão, a Darthvader, a Marina, o Hulk e a Super mulher. O Silvestre demonstra alguma dificuldade em estar sentado corretamente, coloca as mãos na boca e, quando é chamado à atenção, chora.

10h00: A educadora dá por terminada a reunião. As crianças que têm brinquedos na mão, vão até à caixa dos brinquedos arrumá-los. O grupo distribui-se pelas áreas da

¹⁹ Todas estas horas são meramente indicativas, pois não existe rigidez horária

sala realizando o que foi combinado ou marcando no Mapa de Atividades o que quer fazer. Os autores dos projetos reúnem-se com o adulto de referência (educadora ou auxiliar) que os auxilia e em conjunto elaboram o projeto. Durante este tempo de trabalho autónomo as crianças decidem quando querem tomar o lanche da manhã e, sem necessitarem de ajuda, quem tem o lanche da manhã (que é trazido de casa) come.

10h45: Às 3^o e 5^o feiras as crianças dividem-se em dois grupos e dirigem-se para a ginástica (primeiramente os mais novos, posteriormente os mais velhos) com o Beto²⁰.

11h15: “Arrumar!” todas as crianças terminam o que estão a realizar e iniciam a arrumação. No término, todas se juntam à porta para irem até ao *jardim*.

11h30: O grupo, à exceção dos responsáveis por colocarem a mesa, dirige-se para o *jardim*. O tempo da criança inicia-se e com ele as brincadeiras. Enquanto isso, os responsáveis por colocarem a mesa, apoiam o adulto nesta tarefa.

12h00: “Sala da Carmo!”. Todas as crianças dirigem-se para a casa de banho para lavar as mãos e de seguida vão para a sala para almoçar. A educadora e a auxiliar servem cada criança. Algumas crianças- Lucas, Fada vermelha, Darthvader, Silvestre, Fada rosa, Simão, Constança, Lourenço- trazem o almoço de casa, as restantes almoçam a comida do Colégio. Durante este momento as crianças conversam. A educadora senta-se à mesa com o grupo e também almoça.

13h00: No término do almoço as crianças sentam-se na área da biblioteca enquanto a educadora e a auxiliar arrumam as mesas e colocam as camas.

13h05: “Vamos para o *jardim!*”. Durante este tempo as crianças que não dormem brincam no recreio. A educadora não está presente. Aqui todos se encontram e todos partilham brincadeiras.

15h00: O grupo regressa à sala, conta-se uma história, relembra-se o que ficou acordado para a tarde, comunica-se o que foi feito na parte da manhã. A atividade planeada acontece ou são terminados trabalhos em atraso.

16h30: As crianças vão lavar as mãos e voltam à sala para lanchar. (Se estiver bom tempo o lanche acontece no *jardim*.) Alguns pais vão chegando.

17h00: O dia termina para a educadora enquanto que as crianças ficam, algumas delas até as 19h, com as auxiliares.

Como se pode verificar a rotina diária prevê situações estruturadas, mas flexíveis. Assim as crianças podem antecipar acontecimentos o que garante uma efetiva

²⁰ Professor de ginástica

segurança, desta forma, todos estes momentos/horas expressam uma sequência, sem que exista uma rigidez.

Tal como se pode verificar a manhã inicia-se no acolhimento, sendo este um tempo da criança, onde cada uma brinca com os seus pares. Posteriormente, passamos para o tempo coletivo (reunião da manhã) onde “as vivências individuais, tal como as marcas sociais e culturais, passam para o grupo, partilhando experiências, desejos, preocupações, medos, alegrias, êxitos ou dificuldades” (Cruz, Ventura, Rocha, Peres & Sousa, 2015, p. 45), também neste momento se planifica o dia.

Posteriormente, “as crianças, em pequenos grupos, a pares ou sozinhas, distribuem-se pelas áreas da sala de acordo com o seu plano de trabalho” (Cruz, Ventura, Rocha, Peres & Sousa, 2015, p. 45), assim este é o tempo de atividades ou projetos. A parte da tarde, destina-se ao tempo de trabalho curricular participado, no qual a educadora organiza “sessões coletivas que ocorrem no período da tarde. Norteiam-se pela agenda semanal” (Cruz, Ventura, Rocha, Peres & Sousa, 2015, p. 49)

Ao realizar a descrição de um dia típico compreendo que, de facto, as crianças assumem um papel ativo, tomam decisões, são escutadas, planeiam, são atores sociais, manifestam-se abertamente. Há, portanto, uma valorização do seu papel enquanto criança ator social e sujeito de direitos.

CAPÍTULO 2- ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

“pode-se perceber que uma educação que conduz ao desenvolvimento implica organizar atividades coletivas ou partilhadas pelas crianças, em vez de meramente comunicar ou transmitir informação. Este processo exige ter em conta o nível de desenvolvimento das crianças, a sua capacidade de interagir e os seus interesses” (Kravtsova, 2009, p.9)

Perante a caracterização efetuada foi importante definir um conjunto de intenções que basearam a minha prática com as famílias, a equipa, o grupo e com cada criança de forma individual.

2.1. Intenções para a ação

- **“Hoje sou criança e o meu trabalho é brincar.”** (Wadley, 1979 citado por Seco, 2015, p. 19). Tal como citado na Convenção dos Direitos da Criança as crianças têm direito a brincar “os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e

aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade (ONU, 1989, p.22). Assim este é o princípio indestrutível que rege a minha prática, pois, tal como Coelho e Tadeu (2015) afirmam, a atividade lúdica “deve ser valorizada por ter um importante papel no desenvolvimento das crianças, uma atividade que se move em busca de interesses, prazeres, fantasias, vitórias, e respostas, uma verdadeira descoberta do “eu” e do mundo em redor” (p.111). Contudo, embora seja um direito da criança estas têm cada vez menos tempo e espaços para brincar e são cada vez mais supervisionadas pelos adultos, neste sentido, penso que esta deve ser uma das grandes intenções de qualquer educador/a: dar tempo e espaço à criança para brincar.

- **“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.”** (Freire, 2002, p.25), neste sentido, respeitar e promover a autonomia de cada criança foi outra das intenções que defini como centrais.

- **“É positivo e gera prazer, o desejo e capacidade de ter um efeito nas coisas e de atuar nesse sentido com persistência”** (Portugal, 2002, p.6). Assim, outra das minhas intenções centrou-se em considerar o “desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.9), pois cada criança é um ser único e, por isso, tem necessidades e interesses próprios que deverão ser valorizados. Além disto, pretendi reconhecer a criança como sujeito e agente do processo educativo, para isto foi necessário “observar com el zoom” ²¹ (Ritscher, 2006, p.11) e ouvir, tomando em consideração os seus atos, as suas palavras e as suas escolhas, pois “a criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração”. (ONU, 1989).

- **“O jardim de infância, enquanto organização social participada, pode e deve proporcionar às crianças, de modo sistemático, uma das suas primeiras experiências de vida democrática”** (Vasconcelos, 2007, p.112). Com base nos dados recolhidos na caracterização do grupo, apercebi-me que alguns membros demonstravam dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem e, por vezes, dificuldade em participar e tomar decisões relativamente à sua vida no grupo. Neste sentido, defini como intenção promover oportunidades que conduzam ao

²¹ “Observar com zoom” Tradução própria

desenvolvimento de atitudes de curiosidade, pesquisa e reflexão, por parte das crianças, promovendo a participação em todas as decisões em que isto seja possível, respeitando as suas opiniões e decisões, estimulando assim um sentido de democracia no grupo.

- **“O trabalho em equipa entre os adultos, que permanentemente subjaz a toda a ação, cria um enquadramento propício para o envolvimento das crianças numa comunidade ativa e participante”** (Hohmann & Weikart, 2011, p. 128). Assim, pretendi promover a articulação do trabalho em equipa. Neste sentido, a minha ação pretendeu ser de diálogo constante com toda a equipa do Colégio, uma vez que a discussão e a troca de ideias sobre o processo educativo é, para mim, um importante momento de aprendizagem e de (re)construção da minha identidade profissional.

- **“É hoje consensual a necessidade vital de se estabelecer e desenvolver uma cooperação estreita entre a escola e a família”** (Sarmiento & Sousa, 2009, P.174). Assim, tentei estabelecer uma aproximação com as famílias, tentando “ouvir as suas opiniões e sugestões” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.28), estabelecendo, assim, uma relação na qual a família se sinta à vontade para participar ativamente. Desta forma, pude compreender que, de facto, a relação que se estabelece com as famílias é “imprescindível para um desenvolvimento (mais) integrado e sustentado das crianças” (Matos, 2012, p.47).

- **“Quando seguidas com atenção, se vêem configurar ordens grupais com sentido e organização, o que revela muito da sua valia enquanto espaço [o recreio] onde a criança desempenha o papel de actor da sua própria socialização”** (Silva, 2010, p. 145). Posto isto, outra das minhas intenções centrou-se na melhoria do ambiente educativo, nomeadamente, do exterior, desafiando toda a comunidade educativa neste sentido.

2.2. Observar-Planear-Agir-Avaliar

Observar-planear-agir-avaliar é um ciclo “apoiado em diferentes formas de registo e de documentação, que permitem ao/à educador/a tomar decisões sobre a prática e adequá-la às características de cada criança, do grupo e do contexto social em que trabalha” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.5). Desta forma, este processo inicia-se com a observação direta, sendo esta a base do planeamento da ação.

Tal como Sarmiento et al (2007) citado por Botelho (2007) afirma “as atividades realizadas dentro da sala de aula utilizam como instrumentos essenciais a planificação anual, semanal e diária das actividades, discutida e negociada com os alunos, e a

assembleia de turma como espaço de afirmação da vontade coletiva e esclarecimento e gestão de conflitos” (p.19). Nesta continuidade, a planificação (co)partilhada e a partilha de poder entre crianças e adultos é uma das características do MEM. Assim, a partir das propostas escritas no diário de grupo, das propostas que surgiram nas reuniões da manhã, das propostas ao final do dia, surge a planificação. Assim, as planificações diárias e semanais (Cf. Anexo K- Portefólio de estágio) foram elaboradas com os vários adultos da sala e com as crianças.

Além dos momentos planeados, surgiam inúmeros momentos/ atividades emergentes não planeadas que foram extremamente ricas, pois, tal como referido na reflexão semanal de 24 de outubro de 2016 a 28 de outubro de 2016 “a/o estagiária/o é, uma pessoa que trabalha em equipa com o educador cooperante e que, por isso, observa, escuta e que, constantemente, reflete e reage segundo os interesses das crianças. Assim a/o estagiária/o é muito mais do que a pessoa que apenas se envolve “no desenvolvimento de projetos de forma a promover a metodologia de trabalho de projeto” é a pessoa que brinca com uma criança, mas ao mesmo a questiona de forma intencional, que gere um conflito, que propõe levar um objeto só porque a criança sugeriu algo, que (re)pensa a sua prática em contexto”. (Portefólio de estágio).

Após planear e por em prática, é o momento de avaliar e, por esse motivo, refletir, assim realizei reflexões diárias e semanais. Além disto, foi bastante importante para mim refletir, no término do dia, com a educadora cooperante algumas questões tais como:

- O que correu melhor no dia de hoje?
- O que correu menos bem no dia de hoje?
- As crianças estiveram envolvidas no momento que planeei?
- Qual a criança que exigiu mais atenção? Porque?
- Qual a criança que esteve menos motivada?
- Como foi a relação com a restante equipa?

Embora o resultado a estas questões não se traduza numa redação diária nas reflexões, esta análise era realizada diariamente de forma oral. Além disto, também as notas de campo (escritas à hora de almoço e no término do dia num diário de bordo) foram fonte de documentação e reflexão.

CAPÍTULO 3- A INVESTIGAÇÃO

Na prática diária vários são os problemas que surgem a um/a educador/a de infância. Perante estes poder-se-á optar por duas vias: ignorar os problemas ou, pelo contrário, tentar seleccioná-los, partindo para uma investigação sobre a sua prática. Esta investigação contribui para o esclarecimento de problemas da prática encontrando soluções, proporciona desenvolvimento profissional “ajuda a melhorar as organizações em que eles se inserem e, em certos casos, pode ainda contribuir para o desenvolvimento da cultura profissional” (Ponte, 2008, p. 154).

3.1. Roteiro metodológico e ético da investigação

Durante a PPS desafiei e desafiei-me ao propor a alteração do espaço exterior, desta forma, tracei um caminho investigativo em torno da (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa. Assim, esta foi uma investigação de natureza qualitativa, uma vez que se refere a palavras e não a números, tratando de “significados, discursos, motivações, imagens e valores que não podem ser apenas alvo de análises quantitativas” (Tomás, 2006, p.57).

Neste sentido, considerei importante, tendo em consideração a perspetiva de Quivy e Campenhoudt (1998), delinear um percurso que tivesse em conta 7 etapas, nomeadamente:

Etapa 1: Pergunta de partida: ao entrar no Colégio deparei-me com o *jardim* e pensei “Qual a intenção educativa dos/as educadores/as neste espaço? Onde está o *jardim*?” O espaço era geometrizado e pouco pensado para oferecer ocasiões de desenvolvimento motor, sensorial, emotivo, social, cultural e estético às crianças. Desta forma surge, imediatamente, uma vontade de intervir naquele espaço, uma vez que considero que este deverá ser refletido pela equipa educativa para proporcionar experiências ricas e significativas às crianças. Contudo, esta minha vontade teria de ser partilhada com a comunidade educativa para, assim, puder compreender se a proposta era viável.

Etapa 2: A exploração: “O que sei sobre o *jardim*?”. O questionamento inicial constitui-se o fio condutor do trabalho. Assim, após o questionamento inicial, surge o momento de exploração onde o meu objetivo foi pesquisar acerca do *jardim*. Assim, questionei-me e teci reflexões, de forma a encontrar a problemática central da investigação, delineando o trajeto da minha prática. Desta forma, no decorrer da minha

pesquisa pude constatar que um *jardim* deve ser um espaço acolhedor e articulado, pensado com o mesmo cuidado que o espaço interior, uma vez que deverá ser a continuação deste. Neste sentido, deverá ser mais do que um espaço amplo, deverá ser um espaço que ofereça diferentes possibilidades de ação às crianças, desafiando-as. Assim, cabe ao/a educador/a observar a criança, seguindo as suas propostas e criar com ela um *jardim* pensado à sua medida.

Contudo, alguns/as educadores/as conformam-se com o espaço que lhes é dado, uma vez que as mudanças e os questionamentos acerca da intencionalidade do espaço exterior “acarreta riscos, dá trabalho, gera insegurança e receios” (Ferreira & Anjos, 2015, p. 33). No entanto, os/as educadores/as deverão ter em consideração que “un jardín de los secretos no es sólo una ocasion privilegiada para la formación; es sobre todo un derecho de los niños” (Ritscher, 2006, p.11)²². Além das leituras exploratórias realizei entrevistas a diversos intervenientes acerca do brincar e das brincadeiras do antigamente no *jardim*²³ que me permitiram encontrar pistas de reflexão que se encontram no capítulo 3.5.

Etapa 3: A problemática: Após a leitura de distinta bibliografia e a reflexão acerca da mesma, solidificou-se a motivação para a alteração do *jardim* com a comunidade educativa e as duas questões que irão reger a minha investigação, nomeadamente: “Qual o papel do/a educador/a na construção e alteração participada do espaço exterior e como as crianças se apropriam deste espaço?”

Etapa 4: A construção do modelo de análise: Nesta quarta fase, decidi que iria recorrer a diversas técnicas de recolha de dados, particularmente à observação direta, às *entrevistas narrativas* (Burawoy (1998) citado por Tomás, 2006) e à *entrevista informal e conversacional* (Ramos (2005) citado por Tomás, 2006). Assim, foi pretendido, através destas técnicas de recolha de dados, obter dados relativamente ao brincar do antes e do agora.

Etapa 5: A observação: “Como vou observar?”. Para observar recorri a registo escritos (notas de campo) decorrentes da observação participante, uma vez que esta observação permite cruzar dados e vivenciar o acontecimento podendo entendê-lo melhor. Utilizei como instrumentos o diário de bordo.

²² “Um jardim de segredos não é só uma ocasião privilegiada para a formação; é sobretudo um direito das crianças” Tradução própria

²³ Consultar Anexo L

Etapa 6: A análise das informações: Nesta etapa procedi à análise de conteúdo recorrendo à árvore categorial.

Etapa 7: As conclusões: No término da investigação analisei os resultados da análise de conteúdo que me permitiram refletir sobre a relevância do espaço exterior num jardim de infância. Assim, é pretendido realizar uma retrospectiva do procedimento, uma apresentação dos conteúdos e as considerações finais.

Ao longo de toda a investigação segui princípios éticos, nomeadamente: mantive a identidade dos sujeitos protegida respeitando-os, de modo a obter a sua cooperação. Além disto, mantive uma postura de permanente clareza com todos os intervenientes, explicitando o processo e comunicando os resultados.

Após a pergunta de partida e a realização do roteiro metodológico e ético da investigação, prossigo agora para a 2^o secção desta investigação apresentando o enquadramento concetual que irá responder às questões: Qual a importância do *jardim*? Qual o papel do/a educador/a no *jardim*?

3.2. O *jardim secreto*

Refletindo o termo concebido por Froebel de jardim de infância compreendemos que, de uma forma metafórica, *as crianças são como plantas regadas pelas jardineiras* (educadoras). Neste sentido, o recreio devia ser um *jardim* com natureza variada, pensado à medida da criança e segundo as intencionalidades do/a educador/a e não um espaço acimentado. Contudo, quando refletimos sobre o *jardim* apercebemo-nos que este não é, na maioria das vezes, pensado, sendo que “as práticas pedagógicas em contextos de educação de infância focalizam-se sobretudo no que acontece dentro da sala de atividades (...) ignorando as virtualidades do espaço exterior” (Bento & Portugal, 2016, p. 85). No entanto, as orientações curriculares para a educação pré-escolar salientam a necessidade de olhar para o espaço exterior como um local com características específicas, ou seja, um “espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção [e valorização] do/a educador/a que o espaço interior” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.29).

Considero o *jardim* como um espaço secreto que desafia a criança na procura de soluções de problemas imprevisíveis, incentivando a cooperação entre pares e a partilha de ideias, promovendo um ambiente de diálogo, respeito pelo outro e de constante aprendizagem, de facto, “Pre tend play with peers in the yard is important

because it allows for complex learning involving language skills, perspective taking (understanding another's point of view)" ²⁴(Perry, 2001, p. 10).

Para além de prazerosa, agradável e espontânea para a criança, a brincadeira, neste espaço, promove o seu próprio autoconhecimento, na medida em que esta reconhece as suas capacidades, limites, preferências, interesses, sendo progressivamente mais capaz de autorregular o seu comportamento e emoções e de ser mais autónoma.

Além das competências sociais, o espaço exterior promove um desenvolvimento das competências físicas, sendo que a criança ganha uma nova perceção do seu corpo no espaço, ainda a “possibilidade de manusear diferentes objetos que exigem cuidados específicos (ferramentas, paus, pedras) contribui para o desenvolvimento da motricidade fina e da coordenação olho-mão” (Bento & Portugal, 2016, p. 91).

Relativamente às competências cognitivas o espaço exterior promove “competências de observação, atenção e curiosidade que fomentam a vontade da criança saber, conhecer e descobrir mais (Thomas & Harding citado por Bento & Portugal, 2016, p.91). Ao observar uma formiga a trabalhar, as pingas de chuva a caírem numa poça ou as árvores a abanarem com o vento, a criança está também a observar e a questionar-se perante a área do conhecimento do mundo.

Neste sentido, cabe ao *jardineiro* criar um *jardim* dotado de experiências, de tranquilidade, de materiais, ou seja, criar um *jardim* com as mesmas condições, preocupações e intenções do espaço interior. Assim, existe uma continuidade educativa entre o interior e o exterior, pois “An understanding of the dynamics of learning outdoors is also relevant to indoor learning”. ²⁵ (Perry, 2001, p. vii)

3.3. O papel do/a educador/a no *jardim*

Acredito que a permanente busca, a permanente reflexão e o permanente questionamento conduzem a uma prática educativa de qualidade, tal como Freire (2002) afirma “Continuo buscando, re-procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e

²⁴ “o jogo de faz de conta com os pares no pátio é importante porque permite aprendizagens complexas que envolvem competências linguísticas, colocar-se no lugar do outro (compreender o ponto de vista de outra pessoa)” Tradução própria

²⁵ “Uma compreensão da dinâmica da aprendizagem ao ar livre também é relevante para a aprendizagem no interior [da sala]”. Tradução própria.

comunicar e anunciar a novidade” (p.32). No entanto, isto obriga os/as educadores/as a saírem da sua “zona de conforto” o que, por vezes, causa insegurança. Contudo, essa insegurança não pode/deve impedir o/a educador/a de melhorar, sendo que este/a deverá ter em consideração tanto a sua prática dentro da sala como no espaço exterior. Desta forma, os/as educadores/as devem olhar para o *jardim* como um espaço educativo, adotando uma atitude “de profundo respeito, reconhecimento e compreensão das capacidades e interesses das crianças (criança ativa e competente)” (Bento & Portugal, 2016, p. 92). Assim, torna-se imprescindível que o/a educador/a observe “com el zoom”²⁶ (Ritscher, 2006, p.11), uma vez que a observação atenta “pueden darnos pistas que nos ayuden a descubrir sus intereses [das crianças] y su manera de aprender para, así, poderlos guiar”²⁷(Majoral, 2014, p.10), ajudando a planear a ação.



Figura 1- Papel do/a educador/a no espaço exterior. Fonte: própria

Tal como representado esquematicamente o papel do/a educador/a é, na minha opinião, o de observar para poder refletir e, posteriormente planear. Assim o/a educador/a é o suporte que coloca andaimes (*scaffolding*), ou seja, é quem desafia a criança, através de materiais ricos e estimulantes. Durante este processo a supervisão do adulto não deve ser excessiva, dando liberdade à criança para que esta resolva, por si mesma, situações difíceis e desafiantes. De facto, o *jardim* “é actualmente um dos

²⁶ “Observe com zoom” Tradução própria

²⁷ “pode dar-nos pistas que nos ajudem a descobrir seus interesses [das crianças] e sua maneira de aprender para, assim, poderemos guiá-los” Tradução própria

poucos locais onde é possível desenvolver uma supervisão à distância e não invasiva (...) o “recreio escolar” é ainda o único verdadeiro festival na vida das crianças” (Sutton-Smith citado por Azevedo, 2014, p.14). Tal como Stephenson citado por Bento e Portugal (2016) afirma “o modo como o adulto se envolve no espaço exterior, bem como o apoio e entusiasmo demonstrados têm uma grande influência no bem-estar e implicação da criança no espaço exterior” (p.93).

Recuperando o problema inicial, apresento agora o processo de intervenção e as motivações que me levaram a desafiar a comunidade para a mudança do *jardim*, os objetivos e finalidades do projeto bem como as estratégias orientadoras de todo o trabalho; a programação e avaliação do projeto; e, por fim, os resultados.

3.4. A ação de (re)valorização do *jardim*

3.4.1. Se fosse um espaço só pensado pela equipa teria mais verde, mais natureza” (Diretora Pedagógica) ... ou a necessária (re)construção do *jardim*

Tal como supramencionado assim que vi o *jardim* do Colégio questionei-me acerca das intenções educativas dos/as educadores/as no espaço. O espaço era *frio*, acimentado e pouco pensado para oferecer experiências ricas e estimulantes de desenvolvimento motor, sensorial, emotivo, social, cultural e estético às crianças. Apesar de ser amplo, o espaço estava praticamente vazio e, os poucos materiais que tinha, eram de plástico e “comuns” (dois escorregas, duas casas de brincar, duas cozinhas e loiças de plástico partidas, plantas mortas colocadas em vasos e arcas de arrumação):

“Assim que entro pelo pequeno portão do lado direito deparo-me com o *jardim* do Colégio. Observo. As crianças brincam, correm. O espaço é alargado. Ao fundo encontra-se uma pequena casa de brincar, de lado uns pequenos baús de arrumação. No muro à esquerda uns vasos com flores mortas. O chão é de borracha. Veem-se brinquedos de plástico.”

(Nota de campo de 3 de outubro de 2016, *jardim*)

Assim, e tendo em conta o meu fascínio pelo meio exterior como possibilidade de ação educativa e intencional, surge, de imediato, uma vontade de melhorar aquele espaço. Esta motivação foi-me acompanhando e, nesse sentido, fui observando as interações das crianças e apercebendo-me que era neste espaço que ocorriam os

maiores conflitos e a maior disputa de materiais, de que o seguinte excerto é exemplificativo:

“O Homem de fogo está a jogar à bola com o Homem de ferro e o A. (sala da Marta). Logo aparecem os colegas do 1º ciclo e a algazarra se instala naquele “campo de futebol” improvisado. O B. (1º ciclo) tira-lhes a bola e começa a ditar novas regras:

B: Vocês não podem jogar assim. Agora tu ficas de fora.

O Homem de fogo começa a chorar e dirige-se a mim.

Homem de fogo: O B. não me deixa jogar”

(Nota de campo de 7 de outubro de 2016, *jardim*)

Ao refletir perante estas situações, numa primeira observação, considerei que estes conflitos poderiam existir por três motivos: 1) Existirem muitas crianças de diferentes faixas etárias (dos 3 aos 10 anos) a partilhar o mesmo espaço que, já por si é, relativamente, pequeno 2) existirem poucos materiais e, por esse motivo, existir uma grande disputa pelos poucos que existem 3) os poucos materiais que existem não são desafiantes e ricos sensorialmente.

Além da observação, também as conversas formais e informais com os membros da equipa, me provaram a necessidade de alterar/melhorar este espaço “[gostaria de acrescentar] talvez mais espaço verde. As diretrizes do ministério são um bocado “chatas”, com tipos de chão, materiais etc., mas se fosse um espaço só pensado pela equipa teria mais verde, mais natureza” (Cf Anexo B- Entrevista à diretora pedagógica). Assim, em conjunto, falámos que seria interessante envolver toda a comunidade educativa e optar pela introdução de materiais naturais.

3.4.2. A minha mãe é arquiteta pode ajudar!” (Constança, 5 anos)... ou a necessidade de envolver toda a comunidade educativa

Após a observação e reflexão existiu uma planificação com vista ao melhoramento do espaço exterior. Assim, o primeiro aspeto a ter em consideração nesta planificação foram os agentes que iriam apoiar o projeto. Desta forma, surge a vontade de incentivar as crianças; as famílias; a equipa de estabelecimento e a comunidade envolvente (os trabalhadores da construção civil que estão a terminar a obra, os meus familiares...) a participarem no mesmo efetivando “práticas de colaboração que impliquem a co-responsabilização de todos (famílias, professores e comunidade) na educação” (Sarmiento & Freire, 2011, p.1), uma vez que “a responsabilidade educativa

é assim entendida como um dever de todos os cidadãos.” (Sarmiento & Freire, 2011, p.12).

Relativamente às crianças estas foram o primeiro agente a ser ouvido, uma vez que o *jardim* é um espaço delas. Tal como referido no 12º artigo da Convenção dos Direitos da Criança (ONU, 1989), “a criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração”. Neste sentido, o/a educador/a deve proporcionar oportunidades para que a criança tome decisões, ou seja, criar “oportunidade [para a criança] ser escutada e de participar nas decisões relativas ao processo educativo, demonstrando confiança na sua capacidade para orientar a sua aprendizagem e contribuir para a aprendizagem dos outros” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.9). Desta forma, escrevi no diário de grupo na coluna “queremos fazer” que gostaria de alterar o *jardim*. Assim na reunião de conselho de 24 de outubro de 2016 pude ouvir a voz das crianças “Hulk- Eu gostava que o recreio tivesse um hipopótamo. (...) Violeta- Eu gostava que o recreio tivesse uma tenda para nos sentarmos” (Nota de campo de 24 de outubro de 2016, ao redor da mesa). Assim, ao escrever no diário e ao suscitar o debate, pude desafiar o grupo, levá-lo a questionar, inquieta-lo, guiando-o nas suas aprendizagens.

No desenrolar da reunião a Constança coloca o dedo no ar e diz “Acho que a minha mãe, que é arquiteta, podia ajudar!” (Nota de campo de 24 de outubro de 2016, ao redor da mesa). Assim percebi que, além de mim, também as crianças compreenderam a necessidade de envolver outros agentes educativos, nomeadamente, as famílias. Assim tornou-se relevante promover uma parceria²⁸ família-JI-família, na qual esta última se sentisse impelida a participar ativamente. Assim, “as suas opiniões e sugestões” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.28) foram ouvidas e valorizadas, sendo que estas não foram vistas apenas para “consulta (...) para legitimar decisões eventualmente já tomadas” (Sá, 2002, p.135). Desta forma, após a proposta da Constança, as crianças e os adultos da sala elaboraram um email as famílias (Cf. Anexo M) chamando-as a participarem no projeto de diversas formas: participar nas atividades propostas; propor atividades, trazer materiais ou, simplesmente, expressar a opinião.

²⁸ “Parceria escola-família constitui um melhor termo para este tópico (...) Salieta que as duas instituições partilham grandes responsabilidades pela educação da criança (...) parceria implica uma aliança formal e um acordo contratual para se trabalhar para fins comuns e partilhar os lucros ou benefícios de investimentos mútuos” (Epstein citado por Silva, 2003, p. 85)

Assim, dei liberdade às famílias de participarem, respeitando sempre o seu direito à não participação. Todas estas participações foram indispensáveis ao projeto.

Uma vez que o *jardim* é um espaço partilhado por todas as pessoas que fazem parte do Colégio, não fazia sentido assumir uma visão centrada apenas nos agentes da sala, vendo apenas as “quatro paredes da nossa sala”, até porque em comunidade aprendemos mais. Assim, desafiei e desafiei-me ao lançar o desafio a toda a comunidade escolar. Neste sentido, eu e algumas crianças da sala da Carmo fomos distribuir por toda o Colégio uma folha que cada criança e cada elemento da equipa tinha de preencher dizendo: “Eu gostava que o recreio tivesse _____” (Cf. Anexo N). As diferentes propostas foram analisadas em equipa de adultos. Esta poderá ter sido uma decisão adultocêntrica, contudo, em conversa com a educadora cooperante decidimos que esta seria a melhor solução, pois, caso contrário, as crianças iriam querer realizar tudo, no entanto, existem condicionamentos do Colégio que deverão ser tidos em conta. Assim, a Sala da Carmo foi o “motor” do projeto, guiado toda a comunidade, para isso, foi necessário ouvir os vários intervenientes, motiva-los e respeitá-los tentando não excluir “ninguém, [pois] mesmo os mais pequenos interlocutores têm o direito a participar (Sarmiento & Freire, 2011, p.1)

3.4.3. “Olha isto é uma menina com um capuz.” (Starwars, 5 anos) ou a necessidade de começar o projeto em sala

Tendo em conta que o/a educador/a deverá, tal como supramencionado, colocar andaimes (*scaffolding*), ou seja desafiar a criança, através de materiais ricos e estimulantes, ficou decidido que os materiais que iríamos introduzir no *jardim* seriam materiais naturais, sobretudo, a madeira, pois consideramos que estes materiais permitem à criança uma aproximação ao mundo real. Assim, foi tida em conta a necessidade de, primeiramente, sensibilizar, no espaço de sala, as crianças para a importância e diversidade dos elementos da natureza. Desta forma, decidimos recorrer à “mata” (referida na caracterização) para a exploração dos elementos naturais, sendo este o mote de introdução destes elementos na área da matemática e das ciências físico-naturais na sala de atividades:

“Eu: Já viram a pinha? Tem aqui esta bolsinha que tem o pinhão que é um fruto seco. [Todos desmanchamos as pinhas procurando mais bolsinhas com pinhões.] (...) Miguel: Está a colar. Eu: Sim Miguel isso chama-se resina e cola. Já tocaram meninos [todos tocam na resina que estava na pinha]. (...) Eu: Olhem estou a fazer uma casa com estes paus. Conseguem fazer outras coisas?

Starwars: Olha isto é uma menina com um capuz. (mostrando-me um pau enrolado numa folha) Hulk: Isto é um carro”

(Nota de campo de 27 de outubro de 2016, Ao redor da mesa)

As descobertas, as explorações e as interações registadas, tanto individuais como em grupo, tanto realísticas (nas quais o objeto tem a função previamente destinada – ex: um pau é um pau) como criativas (nas quais o objeto assume uma função imaginativa- ex: um pau é um rolo de amassar a massa) (Cf. Anexo O) foram bastante *ricas*:

“Fada Vermelha: (Agarrada a um tronco) Quero ser uma princesa.

Mafalda: Está bem. (Apontando para os diferentes troncos) Este é o rei, a rainha, o cozinheiro e o príncipe que vai casar contigo. Temos de por a princesa a dormir.

Fada Vermelha: Sim e o príncipe vai a nossa casa.

(Fada Vermelha deita o tronco)

Mafalda: Agora o príncipe vai dar um beijinho na boca da princesa e ela acorda”

(Nota de campo de 10 de novembro de 2016, Área da matemática e das ciências)

Esta exploração inicial dos materiais naturais em sala, foi um importante passo para, posteriormente, alterar o *jardim*, uma vez que as crianças estavam consciencializadas da diversidade dos materiais naturais e das possibilidades de exploração que estes garantiam. Além disto, considero que seja importante a continuidade educativa entre o espaço interior e o espaço exterior.

3.4.4. “E agora? Como vamos organizar?” (Educadora Cooperante) ou a planificação como guia da prática pedagógica²⁹

Além da planificação dos intervenientes e dos materiais o/a educador/a deverá também planear a sua própria ação, de forma a que esta seja intencional. Assim, surge a planificação da ação, bem como as intencionalidades e os objetivos do projeto. Desta forma, o objetivo central do projeto foi a alteração do espaço exterior. Além deste, também foram objetivos do projeto: reconhecer a criança como sujeito e agente do processo educativo, sendo que estas foram atores do projeto; promover a ação das famílias na ação educativa ouvindo as suas opiniões e sugestões e incentivando a sua participação e a construção articulada do saber apoiando as escolhas e interesses das crianças.

²⁹ Consultar Anexo P

3.4.5. “O meu avô vai fazer a cozinha!” (Hulk, 4 anos) ou a intervenção

Tal como referido anteriormente, após o preenchimento do documento “Eu gostava que o recreio tivesse__”, existiu uma reunião com a equipa educativa onde pensámos que a Sala da Carmo poderia construir para o recreio: uma tenda, uma pista de carros, carros de madeira e uma cozinha. Neste sentido, após esta reunião existiu um diálogo com as crianças sabendo qual a sua opinião acerca da pertinência da introdução destes materiais.

“Após a reunião com a equipa acerca dos materiais a introduzir em sala era o momento de conversar com as crianças e de saber as suas opiniões.

Eu: Lembram-se do projeto de alteração do recreio? Então, eu, a Carmo, a Vanessa conversámos, vimos as propostas que foram feitas e pensámos que podíamos construir para o recreio: uma tenda, carros de madeira, uma cozinha e uma pista de carros. O que acham?

Homem falcão: Sim! Eu quero fazer os carros.

Eu: Exato Homem falcão, podemos decidir quem ajuda a construir os materiais. Quem gostava de construir a tenda?

Assim cada criança escolhe o que quer construir.”

(Nota de campo de 2 de novembro de 2016, ao redor da mesa)

Após o envio do email às famílias, a mãe da Fada Vermelha (A.) disponibilizou-se a vir à sala ajudar no projeto. Assim, falámos (eu e a educadora cooperante) com a mãe e questionámo-la sobre o que gostaria de fazer, ao que ela afirmou que gostava de pintar a tenda. Desta forma, e envolvendo a comunidade, pedi ao meu pai que realizasse uma estrutura de madeira que fosse o suporte da mesma. Com o suporte concluído, iniciámos, com a ajuda da A., a decoração do lençol para colocar em redor da tenda. Após o lençol secar, todo o grupo decidiu o local, no *jardim*, onde a tenda seria colocada:

“Eu: Já está seco o lençol da tenda. Eu e a Carmo colocámo-lo na estrutura. O que acham?

Fada Vermelha: Ficou gira.

Eu: Então e onde acham que a tenda deverá ficar?

Silvestre: Ali. (aponta)

Eu: O que acham?

Homem de aranha: Eu acho que sim.

Eu: todos concordam?

Todos: Sim”

(Nota de campo de 16 de novembro de 2016, *jardim*)



Figura 2. Construção da tenda com a A.



Figura 3. Exposição da tenda a todo o grupo



Figura 4. Decisão do local da tenda

Seguidamente, deu-se início à construção da pista de carros. Desta forma, as crianças, que apoiaram na construção da mesma, reuniram-se no recreio onde estavam dispersas as várias tábuas de madeira que, previamente, eu e a educadora cooperante recolhemos das obras no edifício principal. Assim, expliquei às crianças que tínhamos pensado colocar as tábuas na parede de forma a construir uma pista, ao que elas comentaram:

“Homem de ferro: Mas não parece uma estrada.

Eu: Pois não, tens razão. Mas como podíamos fazer para parecer uma estrada?

Homem de ferro: podemos pintar.

Eu: Parece-me uma excelente ideia.”

(Nota de campo de 9 de novembro de 2016, *jardim*)

Após todas as tábuas estarem pintadas e secas, o grupo voltou-se a reunir no recreio para planificar a forma como as tábuas iriam ser colocadas na parede. Assim, em grupo, fomos decidindo qual a ordem das tábuas. Para registar, cada criança, desenhou numa folha a planificação do projeto.

Para pregar a pista na parede deparamo-nos com um problema: nenhum familiar se disponibilizou a ajudar. Contudo, o Colégio não são só as famílias, a equipa e as crianças. O Colégio é uma comunidade alargada. Neste sentido, e sendo que o professor Tiago Almeida sabia como pregar a pista na parede, foi-lhe pedido apoio. Assim, também a sua participação demonstrou a pertinência de envolver toda a comunidade no (re)construção do *jardim*.



Figura 5. Planificação da pista de carros



Figura 6. Pintura da pista de carros



Figura 7. A pista de carros

Sabendo que as crianças gostavam de construir carrinhos para ter no recreio e sabendo também que o meu pai, aquando da sua infância, construía carrinhos para ele brincar “Com caixotes da fruta fazíamos carrinhos e puxávamo-nos uns aos outros. Éramos nós que fazíamos os nossos brinquedos” (Cf. Anexo L- Entrevista “O brincar de antigamente-Manuel), pareceu-me clara a pertinência em envolver este interveniente no projeto. Assim, a 16 de novembro o meu pai (Manuel) deslocou-se ao Colégio e, com as crianças, construiu os carros, tal como demonstram as seguintes imagens:



Figura 8. Construção dos carros com o Manuel



Figura 9. Construção dos carros com o Manuel II



Figura 10. Os carros

Por fim, construiu-se, a tão esperada, por parte do Hulk, cozinha. Para isto, foi imprescindível o apoio por parte do seu avô. Assim, após o pai do Bombeiro ter disponibilizado três paletes surgiu, por parte do grupo responsável pela cozinha, a planificação da mesma, através de desenhos. Para dar forma ao planeado, o avô do Hulk, veio ao Colégio e, com as crianças construiu a cozinha.



Figura 11. Preparar as paletes para a cozinha



Figura 12. Construção da cozinha com o avô do Hulk



Figura 13. A cozinha

3.4.6. “Filipa estou a gostar de construir a tenda para o *jardim*” (Silvestre, 4 anos) ou a avaliação...

Após todo o processo, é importante refletir acerca do mesmo e avalia-lo. Assim pude constatar que, ao longo da investigação, as crianças demonstraram uma notória *preocupação* em preservar e sensibilizar para a prevenção dos materiais introduzidos no *jardim*:

“(Estou sentada a um canto do *jardim* quando a Super mulher se dirige a mim)
 Super mulher: Filipa, o J. (da Sala da Mónica) está a estragar o carro de mão.
 Eu: Já tentas-te falar com ele?
 Super mulher: Sim disse-lhe que ele não podia fazer isso mas ele continuou.
 Tens de falar com ele para não estragar.”
 (Nota de campo de 17 de novembro de 2016, *jardim*)

Além disto, as crianças também começaram a ver o espaço exterior como um direito da criança, sendo que, no dia dos direitos das crianças aquando da realização de um mural, as crianças da Sala da Marta referenciaram que eram seus direitos brincar no recreio, ter carros e uma tenda no recreio.³⁰

Com base nos registos das interações realizadas no recreio³¹ realizei uma análise de conteúdo de que a seguinte tabela é reflexo:

³⁰ Cf. Anexo Q

³¹ Consultar Anexo R

Tabela 1

Conclusão da análise de conteúdo das interações do recreio

	Semana 1 (17 a 21 de outubro)	Semana 2 (21 a 25 de novembro)	Semana 3 (12 a 16 de dezembro)	Semana 4 (9 a 13 de janeiro)	Total
Interação Criativa	1	4	4	3	12
Interação Realística	5	1	1	2	9
Interação Individual	3	1	0	0	4
Interação A pares	3	4	5	5	17
Conflitos	3	2	2	2	9

Nota: Elaboração própria

Assim constatei que, as interações criativas são as que se destacam (total de 12 interações). Como podemos verificar na Tabela 1, na primeira semana apenas registei uma interação criativa, contudo, na segunda semana já registei um total de quatro interações. Também as interações a pares se destacam (total de 17 interações) perante as interações individuais (total de quatro interações). Ao verificar estes dados, ponho a hipótese de os mesmos estarem diretamente relacionados com a inserção dos novos materiais, ricos e estimulantes feitos e pensados com e para as crianças, no recreio.

Também as famílias demonstraram um constante interesse em alterar este espaço contribuindo, de diversas formas, para a (re)construção do mesmo: trazendo materiais (trouxeram “Bandeirinhas” para colocar ao redor da tenda, uns bancos, uma trave de equilíbrio uma garagem de carros para colocar junto à pista de carros) e apoiando ao longo do processo (um pai foi ao Colégio só para colocar óleo à volta das rodas do carro de madeira para que este não fizesse barulho, o avô do Hulk veio ao Colégio construir a cozinha para o jardim). Assim, estes são sinais evidentes das diferentes formas de participação das famílias ao longo do tempo.

No término do projeto considerei pertinente elaborar um questionário anónimo à comunidade educativa ³²para que pudesse ouvir a voz dos diferentes intervenientes no processo. Neste sentido, entreguei questionários de resposta aberta a 20 crianças (escrevi o que elas me disseram), a 12 familiares (apenas 7 me entregaram) e a toda a equipa de estabelecimento (apenas as educadoras, as professoras e uma auxiliar me devolveram o mesmo). Após a entrega dos questionários elaborei uma análise de conteúdo ³³ e obtive:

³² Consultar Anexo S

³³ Consultar Anexo T

Tabela 2
 Conclusão dos inquéritos à comunidade educativa

Categoria	Subcategoria	Frequência	Pertinência		
Brinquedos	Tenda	5	Pertinência	Naturais	4
	Casa	3		Dos intervenientes	6
	Cozinha	2		TOTAL	10
	Cama	2	os equipame	Campo de jogos	4
	Carrinhos de madeira	5		Carros	5
	Equipamentos infantis	2		Brinquedos maiores	1
	TOTAL	19		Equipamento infantil	5
Brincadeiras	Jogar à bola	1		Natureza	13
	Escorrega	2		Bola	1
	Pókemons	1		Legos	1
	Jogos tradicionais	3		Livros	1
TOTAL	7			Bicicleta	2
Caraterísticas	Grande	3		Faz de conta	1
	Divertido	7	piscina de bolas	1	
	Giro	8	piscina	2	
	Simpático	1	Logística	2	
	Mais interações	4	TOTAL	39	
	Democracia	4			
	Estimulação	2			
	Diversidade	2			
TOTAL	31				

Nota: Elaboração própria

Assim, como podemos verificar pela tabela acima apresentada, os intervenientes consideraram pertinente a introdução de novos materiais naturais, pois consideram que “a utilização de madeira e outros materiais naturais fundamental numa época em que vivemos rodeados de plástico”. Também a pertinência do processo democrático em que todos foram envolvidos foi apontado como positivo “mais valia por terem partido do interesse da comunidade escolar e terem sido planificados e construídos com as crianças”. Por fim, verifico que várias pessoas (13) consideraram que seria pertinente a introdução de elementos naturais “planta, verde no jardim. Árvores, plantas, ervas”. Neste sentido, considero que estas são propostas relevantes na medida em que a natureza oferece um leque de infindáveis oportunidades de assimilação de conhecimentos e que estimulam a criatividade, a imaginação e a capacidade de resolução de problemas. Contudo, existiram condicionamentos que não me possibilitaram a introdução dos mesmos. Ainda assim, encontra-se em fase de planificação a introdução de uma horta vertical no *jardim*.

Posto isto, posso avaliar o processo em dois eixos: As mudanças que ocorreram e o impacto nas crianças. Relativamente às mudanças, considero que com este projeto pude verificar que, de facto, o/a educador/a deverá assumir o papel de dinamizar as propostas das crianças, envolver toda a comunidade para um fim comum, mobilizar recursos, motivar, ouvir, tendo assim a minha perspetiva, relativamente ao papel do/a

educador/a, solidificado. Considero que com a (re)construção do espaço exterior e com a valorização deste as educadoras do Colégio começaram a ter um olhar mais atento para as interações no recreio, sendo que era frequente sentar-me com a Carmo com o intuito de observar e a dialogar acerca destas. Penso que o maior impacto do projeto foi sentido nas crianças e nas suas brincadeiras. Assim, avalio este projeto como positivo, dado que foi ao encontro do objetivo central do projeto: alterar o espaço exterior criando oportunidades para as crianças brincarem e interagirem. Além disso, permitiu-nos (à equipa educativa) (re)pensar um espaço tão rico e tão pouco valorizado. Relativamente às famílias estas tiveram a oportunidade de participar no projeto e de o ver “tomar forma”, uma vez que todos os dias as famílias entram no *jardim*. A maioria destas comentou, nas conversas informais, que a alteração do espaço exterior era uma mais valia para as crianças.

Após ter realizado diversas pesquisas e ter refletido acerca das mesmas coloquei em prática, tal como já referi, o projeto de alteração do espaço exterior. Tornou-se assim, a meu ver, relevante a realização de diversas entrevistas sobre o brincar, as brincadeiras e o recreio que me permitiram perspetivar uma comparação do antes e do agora.

3.5. O brincar, o brinquedo e o recreio: O antes e o agora

“Sobre o asfalto da rua jogava-se ao pião, traçava-se no chão, a giz, o desenho da macaca ou o aeroplano no qual se exercitava a psicomotricidade, jogava-se à bola com um esférico feito de trapos e meias velhas, e se a rua era calçada inclinada, as corridas de “Fórmula 1” em carrinhos de tábua e rolamentos, carpinteirados pelos próprios sob a direção de um pai, um avô ou um irmão mais velho” (Soares, 2013, p.35)

Na sequência do projeto pareceu-me interessante e apercebi-me que as formas de brincar atuais não são iguais as do passado. Assim, decidi analisar como é que as crianças dizem que brincam³⁴ e como os antigos dizem que brincavam³⁵.

Perante isto, a tabela seguinte pertente sintetizar as informações obtidas nas entrevistas sobre o brincar de antigamente:

³⁴ Consultar Anexo V

³⁵ Consultar Anexo L

Tabela 3

Conclusão da análise de conteúdo das entrevistas do brincar de antigamente³⁶

Categoria	Subcategoria	Frequência
Brinquedos	Bonecas	7
	Outros humanoides	2
	Carros	3
	Ferramentas	1
	Triciclos/bicicletas	3
	Livros	1
	Bola	1
	Berlindes	1
	TOTAL	19
Brincadeiras	Faz de conta	11
	Tecnológicas	4
	Jogos tradicionais	8
	Jogos de tabuleiro	1
	Equipamentos infantis	2
	Futebol	4
	Construção	5
	Carros	2
	Com a natureza	4
TOTAL	41	
Local	Ar livre	14
	Casa interior	5
	Casa exterior	1
	TOTAL	20
Com quem	Amigos/as	4
	Vizinhos	4
	Família	3
	TOTAL	11

Memórias	Disciplina	8
	Trabalho	1
	Pintura	2
	Brincar	2
	Atividades repetidas	2
	Anti-democracia	1
	TOTAL	16
Recreio	Equipamento infantis	3
	Natureza	11
	TOTAL	14
Brincadeira	Jogos tradicionais	11
	Natureza	5
	Futebol	5
	Faz de conta	3
	TOTAL	24
Sala	Brinquedos faz-de-conta	3
	Carros	1
	Elementos religiosos	1
	Imagem de Salazar	1
	"Reguas"	1
	Elementos de escrita	1
	Jogos	1
Livros	1	
TOTAL	10	

Nota: Elaboração própria

De acordo com a tabela 3 verifica-se que o faz de conta é a brincadeira realçada como preferida, sendo que as bonecas são os brinquedos preferidos. Existe uma clara memória de brincadeiras ao ar livre (frequência 14). Relativamente ao recreio da escola, este era sobretudo constituído pela natureza (frequência 11), sendo que as brincadeiras aqui realizadas eram, predominantemente, os jogos tradicionais.

Relativamente ao brincar atualmente:

³⁶ Consultar Anexo U

Tabela 4

Conclusão da análise de conteúdo das entrevistas do brincar de agora³⁷

Categoria	Subcategoria	Frequência	Categoria	Subcategoria	Frequência
Brinquedos	Faz de conta	3	Recreio	Casa	2
	Peluches	2		Equipamento infantil	2
	Carros	1		Cozinha	2
	Aviões	1		Carrinhos de mão	1
	TOTAL	7		Futebol	1
Brincadeiras	Faz de conta	3	TOTAL	8	
	Jogos tradicionais	1	Brincadeiras	Faz de conta	4
	Tecnológicos	2		Pokémoms	1
	TOTAL	6		Futebol	1
TOTAL	6	TOTAL		6	
Espaço	Casa interior	4	Brinquedos	Livros	1
	TOTAL	4		Computador	2
Memórias	Faz de conta	2		Jogos de mesa	2
	Biblioteca	1		Casinha	1
	Pókemons	1		Desenho	1
	Futebol	1	TOTAL	7	
	TOTAL	5			

Nota: Elaboração própria

Embora a amostra não seja significativa, uma vez que apenas quatro crianças se disponibilizaram a responder à entrevista, considero que os dados obtidos vão ao encontro do que, de facto, se vivência no brincar de agora. Assim, pude verificar que as brincadeiras antes vivenciadas ao “ar livre” se condicionaram à “casa interior”.

Posto isto, apercebi-me que se tem vindo a verificar uma alteração nos hábitos do brincar das crianças e, conseqüentemente, uma discrepância entre o antes e o agora do brincar, dos brinquedos e do recreio³⁸. Poderemos ponderar se estas mudanças não estão diretamente relacionadas com as mudanças sociais, de ritmos e de rotinas, que se tem vindo a assistir ao longo das últimas décadas. De facto, “Brincar sem teto” (Vale, 2013, p. 11), passou a ser uma miragem dos tempos passados, um hábito em vias de extinção. Atualmente, parece existir um confinamento da infância a quatro paredes, a espaços condicionados onde a ordem institucional é, maioritariamente, a do adulto. Estes acabam por ser pensados para serem ambientes seguros, sem riscos, sem imprevisibilidade, resultando em espaços onde a criança não tem oportunidade de se aventurar e onde os materiais, por serem estruturados, não promovem a criatividade. Assim, existem até “quartos dos brinquedos” (Cf. Anexo V- Teresa) pensados para a criança.

³⁷ Consultar Anexo W

³⁸ Consultar Anexo X

Parece-me que os adultos ao redor da criança estabelecem uma permanente *ditadura do medo* porque “cuidado, podes cair” e em que o “não” é a palavra de ordem “não subas, não faças” é hoje quase impensável que uma criança com 5 anos mexa “em pregos, martelos e até mesmo em serrotes.” (Cf. Anexo L- António). De facto, aquilo a que eu chamo *ditadura do medo* transmitida às crianças é reflexo da própria cultura que os adultos vivenciam. Não que agora as crianças sejam, como por vezes ouvimos, “mais valiosas ou grandes tesouros”, mas vivemos numa sociedade em que os media e as constantes notícias de índole perigosa (atropelamentos, assaltos, pedófilos) suscitam o medo constante na população, obviamente que se os adultos ao redor da criança demonstram ansiedades e insegurança iram transmiti-lo à criança. Este facto também é bastante notório no caminho casa-escola que, antigamente era feito a pé “Íamos para a escola primária à molhada e não havia nenhum problema” (Cf. Anexo L- Natércia) e, atualmente, é realizado, na grande maioria, de carro. Isto faz com que as crianças não tenham a oportunidade de vivenciar, de experienciar. Estamos, assim, a superproteger as crianças. A confina-las a redomas de vidro.

Em termos de desenvolvimento motor, esta superproteção e este confinamento a espaços fechados poderá conduzir ao sedentarismo e, por consequência, a problemas de desenvolvimento motor, a problemas de saúde como a obesidade. Enquanto que antigamente era normal “subir às árvores”, atualmente existem crianças de 4 anos que não sabem saltar à corda, muito menos subir às árvores. As brincadeiras de hoje, além de confinadas a quatro paredes são, na sua maioria, confinadas a brinquedos estruturados. Estamos, tal como Carlos Neto citado por Ferreira (2015) afirma, a criar “crianças totós”. Crianças que estão sempre à espera do “tudo pronto, agora!”, tal como Ferreira (2017) afirma “quando no passado, ou seja, no período fordista, a tónica assentava na família e no trabalho [diria nas brincadeiras e nos brinquedos não estruturados ou semi estruturados], esta passou a assentar numa cultura do consumo e do presente, em que o domínio é da imediaticidade procurada constantemente pelos indivíduos” (p. 524), ou seja, contrariamente ao que acontecia à umas décadas atrás em que “brincávamos com tudo. Brincávamos às lojas. O muro da nossa casa era a mercearia, uma estava de um lado outra de outro. As pedrinhas eram o dinheiro, com as caixas de fósforos fazíamos tipo a mercearia, metíamos lá dentro as folhinhas fazia de pão, milho fazia de arroz” (Cf. Anexo L- Isabel), atualmente as crianças recorrem, sistematicamente, a brinquedos estruturados para brincarem. Parece-me que a criatividade está posta em causa. Para mim, é chocante que algumas crianças, como é

o caso do Simão, todas as semanas tenham brinquedos comercializados e estruturados novos.

Além dos brinquedos estruturados, também as novas tecnologias são, contrariamente ao que era outrora, uma constante na vida das crianças. Quando, na reunião da manhã, questiono o grupo “o que fizeram ontem depois da escola?” é frequente ouvir “vi televisão” ou “brinquei no tablet”, tal como o Starwars afirma “Quase o dia todo eu vejo televisão. Enquanto me visto de manhã posso ver e depois do pequeno almoço também. Ao fim-de-semana é o dia todo” (Anexo V). Assim, deixa de existir interação com os pares e as brincadeiras deixam de ser com os vizinhos, com a família ou com os amigos para serem substituídas por um mundo virtual. Isto também poderá estar diretamente relacionado com outra questão: o tempo.

Atualmente a criança não tem tempo para ser criança, para vivenciar a cultura do “brincar sem teto”, ora vejamos, sabendo que as crianças passam cerca de 9 horas a dormir, 11 horas na escola, 2 horas a jantar, tomar banho e, *lamentavelmente* em alguns casos, sobretudo no 1º ciclo, realizar trabalhos de casa, sobram apenas 2 horas para que a criança vivencie o tempo da infância. Contudo, essas 2 horas são, por vezes, usadas para frequentar atividades extracurriculares como o caso da natação ou do ballet. Assim o dia é cada vez mais pequeno e tem cada vez menos tempo para que a criança possa viver o seu próprio tempo. (Cf. Anexo K- Reflexão semanal de 7 de novembro de 2016 a 11 de novembro de 2016)

Ademais, também os adultos “estão sempre com pressa, correm o tempo todo, como formigas, de um lado para o outro, e acham que são felizes assim” (Aqualusa, 2005, p.12). Este dado é notório quando observamos as famílias e o ritmo frenético que, a maioria, vive. De manhã constata-se a pressa porque “está muito trânsito e tenho de ir para o trabalho”, à tarde a pressa mantém-se, mas porque “tenho de ir levar à natação”. Esta pressa, este viver num mundo “a correr” faz com que não exista tempo para as famílias estarem reunidas, para brincarem, para irem à rua.

Posta esta falta de tempo para estar na rua, “cabe então ao tempo livre institucionalizado a atividade que substitui o genuíno tempo livre de outrora” (Soares, 2013, p.35) e, por consequência, ao/a educador/a melhorar o *jardim*, de forma a proporcionar experiências significativas às crianças, não o deixando ser apenas um espaço acimentado com equipamentos infantis, mas sim um espaço pensado segundo intencionalidades específicas onde a natureza e a rua estejam presentes.

3.6. Conclusão da investigação

No término desta investigação importa retomar a problemática central da mesma: “Qual o papel do/a educador/a na construção e alteração participada do espaço exterior e como as crianças se apropriam deste espaço?”. De facto, ao longo da investigação, compreendi que o espaço exterior deverá ser um *jardim* pensado à medida da criança, pois este é um espaço com diversas potencialidades e oportunidades educativas. Assim cabe ao/a educador/a pensar e promover uma reflexão (co)participada por toda a comunidade educativa acerca do *jardim*, criando um espaço, dotado de experiências, pensado para e com a criança. Além disto, o/a educador/a deverá adotar uma atitude de observação atenta aos comportamentos das crianças neste espaço, pois os mesmos darão pistas que apoiam a planificação. Ao (re)construir o *jardim* com as crianças estas têm a oportunidade de se apropriarem do espaço, valorizando-o.

Ao longo da investigação constatei que os comportamentos das crianças foram alterando conforme a alteração do espaço. Assim, enquanto que no início as interações eram sobretudo individuais e realísticas, com a introdução de novos materiais, as interações a pares e criativas destacaram-se. Desta forma, verifiquei que o *jardim* incentivou a cooperação entre pares, promoveu um ambiente de diálogo e de aprendizagem, promovendo o autoconhecimento da criança.

“A M. está dentro do carro de puxar. Fada Rosa aproxima-se.
Fada Rosa: Queres que te puxe?
M.: Sim, eu sou a princesa. (Enquanto Fada Rosa puxa o carro, M. acena dentro deste)” (Nota de campo de 22 de novembro de 2016, recreio)

Embora as interações se tenham alterado os conflitos mantiveram-se. Tal como Silva (2010) afirma os conflitos “são elementos constituintes da realidade humana (...) fazem parte da natureza humana e social” (p. 8). Neste sentido, é para mim normal que os conflitos se mantenham, pois todas as relações/interações podem suscitar conflitos. Obviamente que temos é de saber regulá-los e “temos de procurar, aprender e praticar métodos de não eliminar o conflito, mas de o regular e encaminhar para resultados positivos” (Lederach citado por Mória, 2015, p. 31), apoiando a criança nesta autorregulação.

No término da investigação aponto a falta de tempo como principal limitação ao estudo, pois, de facto, esta é uma investigação complexa que acarreta inúmeras alterações físicas do espaço e de mudança de perspetivas e, como se torna claro, mudar mentalidades é algo que exige tempo, pois, tal como Freire (2000) citado por Bento e

Portugal (2016) afirma “difícil e moroso será modificar mentalidades, concepções, hábitos e práticas enraizadas, sendo indispensável um contínuo trabalho de reflexão e avaliação” (p. 98). Além disto, aponto como dificuldade ao estudo o facto de apenas quatro crianças se terem disponibilizado para realizar a entrevista “O brincar de agora” o que poderá condicionar os dados.

CAPÍTULO 4. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

O elemento comum mais importante no sucesso é, não o currículo por si só ou o material utilizado, mas o empenhamento e a competência dos educadores (Vasconcelos, 1997, p.18)

4.1. Avaliação pessoal diária e semanal

Considero imprescindível a uma ação de qualidade que o/a educador/a “planeie o seu trabalho e avalie o processo e os seus efeitos no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças (Ministério da educação (1997) citado por Portugal & Laevers, 2010, p.9), neste sentido, o/a educador/a deve avaliar a sua própria ação, refletindo-a e melhorando-a. Assim, as minhas reflexões diárias e semanais pretenderam ser um permanente questionamento da minha ação.

Ao longo da prática tive o privilégio de puder, permanentemente, refletir com a equipa educativa, sobretudo com a educadora cooperante. Assim, no dia-a-dia, sempre que surgia uma questão que me inquietava falava com a Carmo e, em conjunto, refletíamos e delineávamos a nossa ação:

“(Enquanto vemos o Lourenço a pintar) Eu: Carmo, já viste o Lourenço tem um enorme atraso a nível da motricidade fina.

Carmo: Sim, já viste que ele ainda não adquiriu a lateralidade? Ainda alterna o pincel de mão.

Eu: É verdade. E usa também a mão para pintar. Será que seria benéfico para ele fazer digitinta para poder explorar livremente a tinta e só depois passar para o pincel?

Carmo: Podíamos tentar.”

(Nota de campo de 28 de novembro de 2016, sala de atividades)

Além da reflexão diária constante a educadora cooperante também lia as minhas reflexões e, posteriormente, conversávamos, refletíamos em conjunto e a educadora fazia-me pensar:

“Carmo: Achas que eles brincam livremente?

Eu: Sim.

Carmo: Olha, como o Niza diz “livre são os pássaros”, portanto as crianças brincam. Pensa nisto. Amanhã refletimos as duas.”

(Nota de campo de 10 de outubro de 2016, à porta do Colégio)

Estas permanentes reflexões com a equipa e, sobretudo, com a educadora cooperante foram imprescindíveis para mim, pois ajudaram-me a (re)pensar a minha ação e a chegar às minhas intenções para o grupo com quem realizei a PPS. Tal como Sarmiento (2009) afirma, a formação da identidade profissional passa por: “Em primeiro lugar, é preciso querer ser educadora de infância; depois, tem que se sustentar a ação pedagógica em saberes específicos e, por último, tem que se ativar um contínuo processo de reflexão sobre a ação profissional” (p.61).

4.2. Portefólio da criança ³⁹

A avaliação em educação de infância é “o processo de observar, registar e documentar o trabalho que a criança faz e como o faz” (Kamo & Rosegront (1992) citado por Formosinho, 2006, p.4). Assim, o/a educador/a pode recorrer a diversas formas de realizar este processo, entre elas: o portefólio da criança. Esta foi a forma que utilizei para fazer “uma compilação organizada e intencional de evidências que comentam o desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança [o Starwars] realizada ao longo do tempo” (McAfree & Laeong (1997). Assim, comecei por conversar com o Starwars fazendo com que este fosse participante ativo no portefólio, sendo ele quem escolheu os trabalhos que iriam estar presentes no seu portefólio. Após esta conversa inicial, fui registando diversos momentos do Starwars nas diferentes áreas e analisando as mesmas com base nas orientações curriculares para a educação pré-escolar.

Considero esta uma forma pertinente de organizar os dados da criança e a evolução da sua aprendizagem ao longo do tempo, contudo, no tempo de estágio é complicado registar diferenças significativas. Contudo, pude verificar uma evolução ao nível da grafia e do desenho começando este a representar a figura humana ao invés das garatujas iniciais.

Assim, penso que esta é uma boa forma de trabalho para ser utilizada ao longo de um ano letivo, podendo-se ir refletindo, pois só com tempo é que se poderá chegar a evoluções significativas.

4.3. Avaliação global das intenções

No término da PPS importa refletir e avaliar as intenções inicialmente propostas:

³⁹ Consultar Anexo Y

- **“Hoje sou criança e o meu trabalho é brincar.”** (Wadley, 1979 citado por Seco, 2015, p. 19). Tal como dito anteriormente, este é um dos princípios indestrutíveis da minha prática, pois considero verdadeiramente importante que o/a educador/a dê tempo à criança para ela brincar. Assim, por vezes ficava apenas a observar as brincadeiras que as crianças realizavam, os enredos que se formavam e as descobertas que se efetuavam. Por outro lado, por vezes, ia para junto delas, pedia-lhes se podia entrar na sua brincadeira e apenas brincava com elas.

- **“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.”** (Freire, 2002, p.25). Desta forma, tentei promover a autonomia, estimulando as crianças a superarem desafios, no entanto, tive sempre presente a necessidade de ter o papel de modelo, demonstrando à criança como se faz e reforçando a sua ação com reforços positivos:

“Eu: Rafael vai lavar as mãos.
(Pouco depois ele vem ter comigo)
Rafael: Não consigo.
Eu: Não consegues abrir a torneira?
Rafael: Não.
(Dirijo-me com ele para a casa de banho)
Eu: Tudo bem Rafael, então eu vou abrir esta torneira para tu veres como se faz.
Depois tu abres essa, sim?
(Abro a torneira e ele dirige-se para esta para lavar as mãos)
Eu: Não Rafael. Vais ser tu a abrir esta torneira, eu sei que consegues.
(Ao fim de 2 minutos de muita insistência, o Rafael acaba por abrir a torneira)”
(Nota de campo de 29 de novembro de 2016, Casa de banho)

- **“É positivo e gera prazer, o desejo e capacidade de ter um efeito nas coisas e de atuar nesse sentido com persistência”** (Portugal, 2002, p.6). Ao longo da PPS considerei sempre a criança como agente ativo, com interesses e vontades. Assim, não levei “atividades de bolso”, ou seja, não me limitei a levar para o estágio atividades previamente planeadas que nada tivessem a ver com o grupo de crianças com quem estava. Contrariamente, os momentos que propus tiveram em consideração as crianças e as suas ações

“Eu: Constança o que estás a fazer?
Constança: Uma pizza.
Eu: Uhm que delícia. Será que podes dividir essa pizza ao meio para nós?
(A Constança sorri e começa a fazer muitos traços, sendo que a pizza fica dividida em 8 pedaços)
Eu: Então qual é a metade que é para mim e a metade que é para ti?
Constança: Não sei.
(Vou buscar uma bolacha para exemplificar)
Eu: Constança divide esta bolacha ao meio para nós.
(Constança corta a bolacha ao meio)

Eu: Boa! Então como dividiste?
 Constança: Assim (passa o dedo por cima do corte da bolacha)
 Eu: Então, desenha lá uma nova pizza e corta ao meio.
 (Constança desenha uma nova pizza e corta-a ao meio)
 Eu: Exato Constança. Muito bem. Assim a pizza está dividida ao meio. Então e a primeira pizza que desenhaste, tem quantas fatias?
 (Constança começa a contar)
 Constança: 8 fatias.
 Eu: Então se eu comer uma, com quantas ficas?
 Constança: Posso riscar?
 Eu: Sim, claro.
 (Constança risca uma fatia e começa a contar.)
 Constança: Fico com 7.
 Eu: Boa! Então 8 menos 1 quanto é?
 Constança: 7.
 Eu: Boa!
 (Nota de campo de 21 de novembro de 2016, Área da escrita)

- **“O jardim de infância, enquanto organização social participada, pode e deve proporcionar às crianças, de modo sistemático, uma das suas primeiras experiências de vida democrática”** (Vasconcelos, 2007, p.112). Se vivemos numa sociedade democrática e perspetivamos princípios democráticos para os tempos futuros, não faz, pelo menos na minha opinião, vivenciarmos princípios de autoritarismo em JI. Assim, a minha ação tentou promover a participação das crianças em todas as decisões em que isto seja possível, respeitando as suas opiniões, sugestões e decisões.

“Eu: Já viram na agenda, amanhã é sexta-feira e à sexta-feira de manhã é dia de culinária. E eu e a Carmo estivemos a pensar e podíamos fazer pizza, o que acham?”

(A emoção instala-se. As crianças riem-se e algumas dizem “pizza, pizza”).

Eu: Então todos concordam?

Grupo: Sim

Eu: Há alguém que não concorde?

(Ninguém responde)

Eu: Então, podemos escolher os vários ingredientes que as pizzas podem ter. Cada um vai dizer 1 ingrediente e assim eu e a Carmo logo vamos comprar para amanhã. Diz lá Rafael o que podemos por na pizza?”

(Nota de campo de 5 de janeiro de 2016, ao redor da mesa)

- **“O trabalho em equipa entre os adultos, que permanentemente subjaz a toda a ação, cria um enquadramento propício para o envolvimento das crianças numa comunidade ativa e participante”** (Hohmann & Weikart, 2011, p. 128). Considero que esta intenção foi permanentemente concretizável, uma vez que pude dialogar constantemente com toda a equipa do Colégio.

- **“É hoje consensual a necessidade vital de se estabelecer e desenvolver uma cooperação estreita entre a escola e a família”** (Sarmiento & Sousa, 2009, P.174).

Considero que, embora inicialmente tenha tido algum receio em comunicar com as famílias, aos poucos esta parceria foi-se estabelecendo de forma natural. No fim do estágio já era habitual as famílias darem-me recados e conversarem comigo mostrando, inclusive, os seus receios:

“Mãe da Borboleta: Estou um pouco preocupada, pois a Borboleta ontem disse-me que o Homem falcão lhe bateu e está sempre a ser bruto com ela.

Eu: Eu percebo essa preocupação. Hoje irei estar mais atenta e na reunião da manhã vou tentar falar, indiretamente, sobre o assunto tentando que a Borboleta diga o que sente. Não se preocupe.”

(Nota de campo de 27 de janeiro de 2017, à porta da sala)

- **“Quando seguidas com atenção, se vêem configurar ordens grupais com sentido e organização, o que revela muito da sua valia enquanto espaço [o recreio] onde a criança desempenha o papel de actor da sua própria socialização”** (Silva, 2010, p. 145). Tal como supramencionado, outra das minhas intenções centrou-se na melhoria do espaço exterior. Penso que esta intenção foi largamente alcançada.

CAPÍTULO 5. “AGORA JÁ ÉS PROFESSORA?” (FADA ROSA, 4 ANOS) – uma reflexão sobre a profissionalização

“O que queres ser quando fores grande?”

Esta é, sem dúvida, uma das perguntas que mais ouvimos quando somos crianças. Pensamos sobre isso, nós que ainda não sabemos bem o que é “ser grande”, mas nem damos real valor. Simplesmente brincamos, interagimos com os outros e aprendemos. Quando penso na minha infância, várias imagens surgem, como se de um filme se tratasse, mas há uma que se destaca. Uma imagem de uma menina a brincar “às professoras” com um quadro de giz, com os nenucos alinhados em cima da cama. Essa menina era eu e estava a “dar-lhes aulas”, na realidade, segundo o que oiço dizer por parte da minha mãe, imitava tudo o que a minha professora dizia.

Os anos passaram e agora “já sou grande”, sou licenciada em educação básica e, embora não tenha escolhido ser professora, estou quase a tornar-me mestre em educação pré-escolar, a ser educadora de infância. Foi um longo percurso. Entrei na faculdade porque “gostava de crianças”, mas cedo me apercebi que esse não é motivo suficiente para se ser educador(a). Fui aprendendo com todos ao meu redor, a tornar-me educadora, pois, tal como afirma Sarmiento (2012) citado por Pinto (2015) “a

identidade profissional corresponde a uma construção inter e intra pessoal, não sendo por isso um processo isolado.” (p.53).

Um dos fatores que considero fundamental na construção da minha identidade profissional é a criança que fui e a infância que vivi. De facto, tal como suprarreferido, as memórias no espaço exterior são, para mim, das mais presentes e, conseqüentemente, das mais felizes. Assim, a minha identidade não se consegue dissociar da minha prática, por esse motivo, o *fascínio* que tenho pelo meio exterior acompanhou-me ao longo dos meus dois estágios: quer o de creche, quer o de jardim de infância. Neste sentido, a investigação de creche centrou-se nos materiais naturais (“madeira, metal, pinhas, palha, areia, água...” como as crianças de creche brincam e aprendem com os materiais naturais?) enquanto que a investigação em JI se prendeu com a mudança do espaço exterior (“Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda” ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa). Em ambas as investigações refleti acerca do papel do *jardim* para a aprendizagem da criança, tendo sido um privilégio, para mim, poder (re)pensar este espaço com toda a comunidade educativa de ambos os estabelecimentos. No contexto de creche, apercebi-me que o que mais valorizo são as experiências e materiais que damos à criança de forma a que ela, por si mesma, tendo o/a educador/a como guia, vá aprendendo. Assim, compreendi que idealizo, para creche, uma educação centrada em materiais naturais não estruturados ou semiestruturados, ao invés de materiais “industrializados” e uma educação muito ligada à natureza e ao meio exterior como possibilidade para a ação. No estágio de JI além de poder refletir, pude alterar o espaço exterior. Neste sentido, sinto-me uma privilegiada, pois seriam poucos os locais de estágio a cooperar e a aceitar o desafio que lancei. Para mim, foi fantástico ver o progresso e as alterações que foram feitas bem como as interações das crianças após o início do projeto.

Assim, as PPSs, tanto de creche como de jardim de infância, foram mais uma etapa, mais um degrau que subi na construção da minha identidade profissional.

Uma vez que nunca tinha estado em contexto de creche, a PPS módulo I permitiu-me aprender com um grupo de 12-24 meses tendo sido, por isso, uma experiência bastante significativa na construção da minha identidade profissional. Ao longo do estágio, senti que não tinha “bases” deste contexto, pois, na minha opinião, a formação inicial em educação de infância ainda não prepara os/as educadores/as para este contexto. Neste sentido, após o estágio conclui que, após concluir o mestrado em

educação de infância, gostaria de realizar a especialização em creche para aprender mais.

Relativamente à PPS módulo II este começou por ser um caminho tortuoso, pois fui a única estagiária a realizar estágio nesta instituição. Estando “sozinha”, eram complicadas as horas de almoço e não ter ninguém com quem conversar, ninguém com quem partilhar receios e ansiedades, mas, aos poucos, fui estabelecendo uma relação de efetiva partilha, de efetiva reflexão, durante a hora de almoço, com todos os elementos da equipa. Assim, comecei a sentir-me parte do Colégio, a fazer parte “da grande família” o que foi para mim um privilégio, pois pude aprender com todos os elementos da equipa. De facto, esta permanente reflexão permitiu-me adotar estratégias, ponderar e inovar a minha prática.

Além da relação de estreita parceria com a equipa educativa pude estabelecer uma relação com todas as crianças do Colégio, pois, passava as horas de almoço ora com a equipa educativa, ora no recreio a observar e a brincar com as crianças. Assim, pude conhecer e dar-me a conhecer a todas as crianças e não só às crianças da sala onde estava a estagiar, pude aprender com elas.

Quando no 1º ano do mestrado na UC de Desenvolvimento, Aprendizagem e Currículo dos 0 aos 6 anos me pediram para definir os princípios educativos que iriam reger a minha prática afirmei que iria reger-la segundo o modelo MEM, pois, embora nunca tivesse estado numa sala MEM, identificava-me com as ideias do modelo. Assim, a PPS permitiu-me, uma vez que o Colégio segue o MEM, vivenciar estes princípios educativos, aprendendo a “pôr em prática”. Conclui que este poderá, aos olhos de muitos, parecer um modelo complexo, mas é simples, basta respeitar e valorizar a criança, aceitar as suas opiniões e sugestões, ouvi-la, considera-la como agente do processo educativo.

Embora esteja prestes a terminar o mestrado em educação pré-escolar e tenha, ao longo destes 5 anos, aprendido e construindo a minha identidade profissional sei e afirmo com todas as certezas que este caminho está longe de terminar, pois, mesmo quando for educadora de um grupo, pretendo continuar a refletir constantemente e a aprender, pois sei que ainda há muito mais para descobrir, para vivenciar. Sempre o disse e irei continuar a dizer-lo “quando achar que já não tenho nada para aprender, irei estar morta.”

CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todo o conhecimento genuíno tem origem na experiência direta”
(Mao Tsé-Tung)

O presente capítulo que encerra o relatório pretender ser uma síntese, unindo ideias e fechando as questões apresentadas ao longo trabalho, retomando as questões iniciais da investigação e discutindo as conclusões das mesmas. Assim, neste relatório procurou-se analisar “Qual a importância do *jardim*?” e “Qual o papel do/a educador/a no *jardim*?”, descrevendo o processo de alteração do espaço exterior do Colégio. Assim, o meu objetivo era olhar e fazer com que a restante comunidade educativa olhasse para o *jardim* como um importante espaço promotor de aprendizagens significativas às crianças.

Quando, ao longo do relatório, fui usando a palavra *jardim* pretendia colocar o leitor a pensar sobre a forma como o espaço exterior deveria ser visto: um espaço de recreio acimentado, frio, geometrizado, não pensado à medida de cada criança ou um *jardim* com natureza, com diversidade de materiais, rico em oportunidades de exploração e de descoberta?

De facto, conclui, ao longo da investigação, que “brincar sem teto” (Vale, 2013, p. 11) passou a ser uma miragem de tempos de outrora, tal como Postman citado por Rodrigues (2009) afirma “(...) as brincadeiras de criança, antes tão visíveis nas ruas das nossas cidades, também estão desaparecendo.” (p. 23). Em contrapartida, atualmente, vivencia-se, na minha opinião *lamentavelmente*, um “confinamento [tanto na escola como em casa] da infância a espaços sociais condicionados, arquetipos e controlados pelos adultos” (Vale, 2013, p. 11). Digo *lamentavelmente*, pois a rua/o espaço exterior é um espaço extremamente rico, dado as suas características de risco, de imprevisibilidade, de aventura que faz a criança desenvolver-se a nível motor, social e intelectual. De facto, “todos temos a ideia do recreio escolar como espaço buliçoso onde magotes de crianças interagem de forma aparentemente caótica, mas que, quando seguidas com atenção, se vêem configurar ordens grupais com sentido e organização, o que revela muito da sua valia enquanto espaço onde a criança desempenha o papel de actor da sua própria socialização” (Silva, 2010, p. 145).

A questão que se coloca é: “Porquê que agora já não se ouve o som das crianças na rua?” Após ler e refletir acerca do tema conclui que existem diversos fatores que

influenciam e que promovem este condicionamento da infância a quatro paredes, nomeadamente: as novas tecnologias, o medo e a falta de tempo.

Quando observamos a sociedade atual, facilmente nos apercebemos que vivemos numa sociedade caótica. As pessoas vivem com presa, a um ritmo quase frenético. Assim, as crianças cada vez entram mais cedo e saem mais tarde da escola. Atualmente, em média, uma criança passa cerca de 11 horas na escola. Ora, após a escola, por vezes, existem, também, as atividades extracurriculares: natação, judo, ballet. Assim deixa de haver tempo para que as crianças estejam na rua. Ademais existe outra condicionante: o medo dos pais/familiares.

Vivemos, infelizmente, numa sociedade medrosa devido a todos os problemas que os media, diariamente, nos apresentam: pedófilos, assaltos, atropelamentos, raptos, entre outros. De facto, ao sermos confrontados com tantos problemas instala-se o medo. Assim, torna-se quase inimaginável que as crianças vão para a rua sozinhas. Além disto, quando existe tempo para os pais/familiares irem com as crianças até à rua impõem-se uma *ditadura do medo* em que se ouve “não faças isso porque podes cair, não vás para aí que é perigoso”, ou seja, a criança torna-se insegura e receosa, não tirando real proveito da rua como espaço de brincadeira e de aprendizagem.

Ao não existir tempo para ir com as crianças para a rua, os pais/familiares acabam por dar brinquedos às crianças. Embora antigamente os brinquedos fossem, na maioria, bonecas e carros, atualmente esse tipo de brinquedos foi substituído por brinquedos tecnológicos: tablet, computador, telemóvel, playstation. Assim, a criança deixa de interagir com o outro, passa a “brincar” sozinha, num mundo virtual.

Posto tudo isto, torna-se, a meu ver, imprescindível que o “tempo livre institucionalizado [garanta] a atividade que substitui o genuíno tempo livre de outrora” (Soares, 2013, p.35). Assim, sendo o/a educador/a deve olhar para o *jardim* garantindo que este espaço seja intencional e pensado à medida da criança.

Neste sentido, ao longo da investigação a transformação física do recreio foi bastante significativa para iniciar a valorização do espaço exterior. Contudo, apenas com a reflexão em equipa educativa e com as leituras acerca de temática pude e podemos (tanto eu como a equipa) (re)valorizar o trabalho pedagógico no exterior. Assim, além de uma mudança extrínseca e material, deu-se início a uma mudança de perspetivas, sendo que os adultos começaram a estar mais atentos às brincadeiras no exterior, realizando uma permanente observação não evasiva, (re)pensando a prática de forma a criar novos desafios e oportunidades de aprendizagem às crianças.

Referências bibliográficas

- Agualusa, J. (2005) *A girafa que comia estrelas*. Lisboa: Dom Quixote
- Araújo, C. & Oliveira, C. (2010) A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, pp. 99-108
- Associação de Profissionais de Educação de Infância (2011). *Carta de Princípios para uma ética profissional*. Consultado em <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>
- Azevedo, O. (2014) Chegou a Hora do Recreio! O Recreio: espaço de construção de culturas da infância. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho: Braga
- Belo, R. (1970) *Homem de Palavra(s)*. Queluz: Editorial Presença
- Bento, G. & Portugal, G. (2016) *Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância*. *Revista Iberoamericana de Educación* [(2016), vol. 72, pp. 85-104]
- Botelho, M. (2007). *Direitos de Participação das Crianças: estudo de caso num Jardim de Infância em contexto do Movimento da Escola Moderna* (Dissertação de especialização) Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa
- Coelho, R. & Tadeu, B. (2015). *A importância do brincar na educação de infância*. em <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/4565/1/Coelho%26Tadeu.pdf>
- Fernandes, N. & Tomás, C. (2011) *Questões conceptuais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal*. Comunicação apresentada no encontro: 10th conference of the european sociological association.
- Ferreira, F. & Anjos, C. (2015) *Educação de infância: formação, identidades e desenvolvimento profissional*. Porto: De Facto Editores
- Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos. Relações sociais entre crianças de um jardim-de-infância*. Porto: Edições Afrontamento
- Ferreira, R. (2015, 25 de julho). Estamos a criar crianças totós, de uma imaturidade inacreditável. *Observador*. Consultado em: <http://observador.pt/especiais/estamos-a-criar-criancas-totos-de-uma-imaturidade-inacreditavel/>
- Ferreira, V. (2017) [Recensão a] *Gilles Lipovetsky, A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Consultado em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38207/1/Gilles%20Lipovetsky,%20A%20Felicidade%20Paradoxal.pdf>
- Folque, A. (2014) *O aprender a aprender no pré-escolar: O modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa

- Formosinho, J., & Araújo, S. (2013). *Educação em creche: Participação e diversidade*. Porto: Porto Editora
- Freire, P. (2002) *Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa*. Brasil: Paz e Terra
- Hohmann, M. & Weikart, D., (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Lave, J. & Wenger, E. (1991) *Situated Learning- Legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press
- Majoral, S. (2014). *Siguiendo el hilo*. Barcelona: Octaedro
- Matos, M. (2012) *Reuniões de pais e trabalho com famílias*, Cadernos de Educação de Infância n.º 97. 47-50
- McAfee, O., e Leong, D. (1997). *Assessing and guiding young children's development and learning*. Boston: Allyn and Bacon.
- Ministério da educação (2011) *Avaliação na Educação Pré-Escolar*. Autor. Consultado em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/circular_avaliacao_aoepe.pdf
- Móia, R (2015) *As Relações entre pares – Resolução de conflitos*. (Dissertação de Mestrado) Escola Superior De Lisboa: Lisboa
- Niza, S. (1998) O modelo curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa in Modelos Curriculares para a Educação de Infância: construindo uma práxis de participação (p. 137-159). Porto: Porto Editora
- Nóvoa, A., Marcelino, F. & Ó, J. (2015) *Sérgio Niza: Escritos sobre educação*. Lisboa: Tinta da China
- ONU (1989). A Convenção sobre os Direitos da Criança. *Unicef*
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança* (8.ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Perry, J. (2001). *Outdoor Play*. London: Teachers College
- Pinto, T. (2015) *“ser menina é gostar de cor-de-rosa”: desocultar questões de género no jardim de infância*. (Dissertação de mestrado) Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa
- Ponte, J. (2008) *Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional*. PNA, 2(4), 153-180.

- Portugal, G. & Laevers, F. (2010) *Avaliação em Educação Pré-escolar*. Porto: Porto editora
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998) *Manual de Investigação em Ciências sociais*. Lisboa: Gradiva
- Ritscher, P. (2006) *El jardín de los secretos*. Barcelona: Octaedro
- Sá, V. (2002). *A Escola e os Actores: Políticas e Práticas. Sindicato dos Professores da Zona Norte: Porto*
- Sarmento, T. (2009). *As Identidades Profissionais em Educação de Infância*. Instituto de Educação. Universidade do Minho: Braga
- Sarmento, T. & Freire, I. (2011) *Fazer a escola acontecer: A colaboração crianças-professores-pais como prática de cidadania*.
- Sarmento, T. & Sousa, M. (2009) *Escola- Família- Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo*. *Gestão e Desenvolvimento* (pp. 141-156) Consultado em : <http://docplayer.com.br/32581928-Escola-familia-comunidade-uma-relacao-para-o-sucesso-educativo.html>
- Seco, T. (2015). *O papel do homem na educação de infância: Construção de uma identidade profissional no masculino*. (Dissertação de Mestrado) Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa
- Silva, A. (2010). *Conflito(s) e mediação em contextos educativos*. *Revista galegoportuguesa de Psicoloxía e educación*, 18 (1), 7-18. Consultado em http://www.reipe.udc.es/documentos/num_ant/18.pdf
- Silva, A. (2010) *Jogos, brinquedos e brincadeiras - Trajectos intergeracionais* (Dissertação de mestrado) Universidade do Minho: Braga
- Silva, I. (coord.) , Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016) *Orientações curriculares para a educação pré escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)
- Silva, P. (2003) *Escola-família, uma Relação Armadilhada: Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Soares, B. (s/d) *O livro do desassossego*. Consultado em: <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/11/Livro-do-Desassossego-.pdf>
- Soares, M. (2013) *Brincar na rua*. *Cadernos de educação de infância* nº 98. (pp.35)
- Tomás, C. A. (2006). *Há muitos mundos no mundo...direitos das crianças, cosmopolitismo infantil movimentos sociais de crianças: diálogos entre crianças de Portugal e Brasil*. (Dissertação de doutoramento publicada) Universidade do Minho: Braga

- Torga, M. (2014). *Antologia poética*. Lisboa: Dom Quixote
- Tung, T.M. (s.d). Wikiquote. Consultado em https://pt.wikiquote.org/wiki/Mao_Ts%C3%A9-Tung
- Vale, M. (2013) *Brincadeiras sem teto*. Cadernos de educação de infância nº 98. (pp. 11-13)
- Vasconcelos, T. (1997) *Ao Redor da Mesa Grande- A prática educativa da Ana*. Porto: Porto Editora
- Vasconcelos, T. (2007) *A Importância da Educação na Construção da Cidadania*. Saber (e) Educar (pp. 109- 117) Consultado em: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/714/2/SeE12A_ImportanciaTeresa.pdf
- Wieder, S. & Greenspan, S. (2010). “A base emocional da aprendizagem” (pp. 167 – 190). In Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

ANEXO A- Caracterização do Colégio

Fonte: Elaboração própria com base no projeto educativo de estabelecimento 2014

Valores	<ul style="list-style-type: none">- Criança como ator social;- Escola para todos;- Democracia e partilha de poder;- Cooperação e complementaridade entre escola, família e comunidade;- Autonomia e cooperação em projeção para o futuro;- O educador como agente ativo e interventivo;- Afetividade;- Avaliação como forma de crescimento;- Flexibilidade, planeamento e organização de rotinas;- Cooperação e partilha entre técnicos;- Integridade, empenho e profissionalismo;- Potencialidade e promoção dos recursos físicos;
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">- Incentivar e promover a participação da criança em todo o processo educativo;- Valorizar e incentivar o espírito livre e criativo da criança;- Compreender e aceitar o ritmo de cada criança;- Educar para a cidadania;- Criar um elo de confiança e partilha com as famílias;- Promover o espírito crítico nas crianças tornando-as agentes de mudança do espaço e “conteúdo” educativo;- Incentivar a curiosidade e o desejo de saber;- Facilitar o processo de autonomia de cada criança;- Promover um trabalho cooperado e partilhado entre educadores;- Compreender e respeitar as características culturais de cada família;
Estratégias	<ul style="list-style-type: none">- Promover a partilha de opiniões, críticas e comentários livres em contexto de sala,- Valorizar os momentos de espontaneidade individual;- Organizar comunicações, apresentações e exposição de trabalhos individuais e de grupo;- Realizar reuniões pedagógicas semanais para balanço e troca de informações;
Modelo pedagógico	Movimento da Escola Moderna
Espaço físico	(Edifício onde decorreu a PPS) <ul style="list-style-type: none">- 3 salas de JI- 2 salas de 1º ciclo- 4 casas de banho- 1 copa- 1 sala de arrumações

ANEXO B- Entrevista à diretora pedagógica

Fonte: Elaboração própria

Blocos de informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	Legitimar a entrevista Motivar a entrevistada	Indicar à entrevistada as linhas gerais e os objetivos da entrevista Informar a entrevistada da confidencialidade dos dados e garantia do anonimato Solicitar a autorização para a gravação da entrevista	
Definição do perfil da entrevistada	Caraterizar a entrevistada no plano académico e profissional	<p>Fale-nos p.f. da sua experiência profissional e do seu percurso académico.</p> <p>“Tirei o curso de educadora de infância em 2005, na Escola Superior de Educação de Lisboa. Depois pós- graduação em Aprendizagem e Desenvolvimento Psicológico da criança na católica em 2006 e mais tarde em 2012 mestrado em intervenção precoce com tese sobre os direitos de participação das crianças na ESELX. Desde que acabei o curso que fui fazer oficina do MEM, depois estágio, dos grupos cooperativos. Comecei depois a dar formação e acabei por mais tarde estar por dois anos na direção do MEM.</p> <p>Sou uma pessoa que não consegue viver sem formação. Por isso o meu currículo em termos de formação já vai em 15 páginas.</p> <p>Basicamente a formação que tenho feito é sempre à volta da criança, do MEM, do desenvolvimento da criança, dos direitos da infância, creche e JI, e das famílias.</p> <p>Em 2005 comecei a trabalhar neste colégio, onde cresci, e em dois anos implementei o MEM. A equipa atual toda é do MEM. Sou proprietária da escola desde 2003. É uma empresa familiar. Tenho sido sempre educadora da escola, umas vezes em creche outras em jardim de infância.</p> <p>Sou diretora pedagógica da escola desde 2012.</p>	Habilitações académicas e profissionais; Tempo de serviço e em que cargos/funções (noutros contexto e no atual)
Representação do cargo de	Caraterizar o cargo de diretora técnica	<p>Enquanto diretora técnica fale-nos p.f. da importância que atribui ao cargo que exerce?</p> <p>Gosto de pensar que tenho uma direção pedagógica partilhada. Reunimos frequentemente em equipa, ouvimos dúvidas umas das</p>	Requisitos: formação

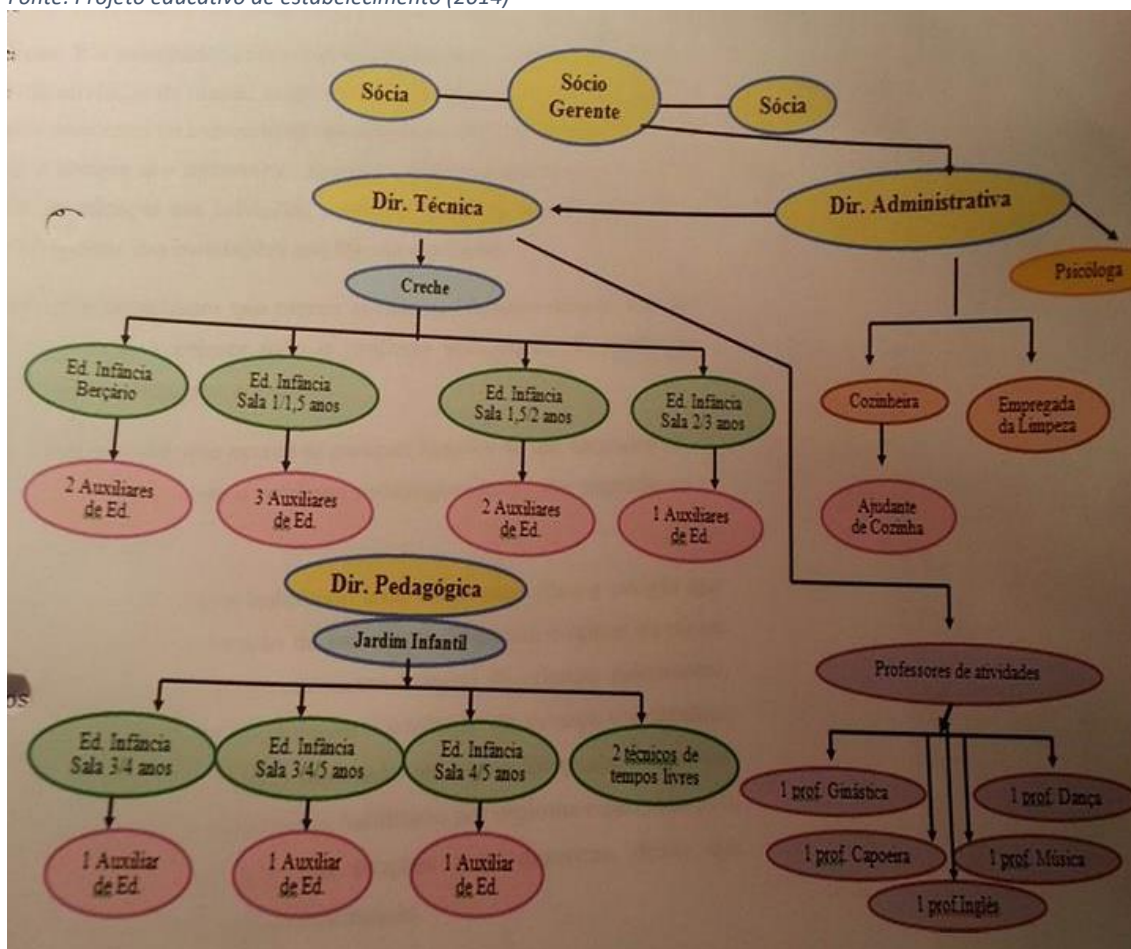
diretora técnica	Conhecer a relevância atribuída ao cargo de diretora técnica	outras, damos sugestões, apoiamos decisões, partilhamos angústias e desafios, refletimos em conjunto. Não acho que o diretor seja mais importante que um educador ou uma auxiliar. todos temos deveres e direitos. O papel que atribuo ao diretor de maior diferença para outro membro da equipa é o papel da supervisão. A supervisão permite depois colocar questões que refletimos em conjunto, para crescer enquanto profissionais.	académica, profissional, pessoal, social, valores.
Organização e funcionamento do Colégio	Conhecer as principais características da organização e funcionamento do Colégio	<p>Em que ano abriu o Colégio? E o edifício atual, em que ano começou a funcionar? O colégio foi fundado em 1967. O novo edifício começou a funcionar no ano letivo de 2015-2016.</p> <p>O que alterava ou acrescentava no Colégio Esta foi a escola que sonhámos, por isso não atribuía quase nada de diferente. Talvez mais espaço verde (as diretrizes do ministério são um bocado chatas, com tipos de chão, materiais etc.) mas se fosse um espaço só pensado pela equipa teria mais verde, mais natureza. Abriria mais duas salas de 1º ciclo.</p> <p>Existe a obrigatoriedade dos educadores fazerem a formação cooperado do MEM? Não é uma questão de obrigação, mas a verdade é que quando contratamos uma pessoa para a equipa, um dos requisitos que exigimos é contacto com o MEM. Depois percebemos pelos valores de cada pessoa os valores que reconhecemos como fundamentais e que vão ao encontro com os do MEM. Valorizamos a formação contínua, portanto valorizamos as nossas colaboradoras quando fazem formação contínua também no MEM. Também nos esforçamos por fazer formação interna sobre o MEM, para todo o pessoal, desde as pessoas da cozinha às professoras do 1º ciclo. Porque percebemos que os princípios do MEM têm de ser vividos por toda a comunidade educativa.</p>	
	Definir o conceito de	<p>Como define e caracteriza a equipa educativa do Colégio? Uma grande família.</p> <p>Que importância atribui ao trabalho de equipa e em que consiste um bom trabalho de equipa?</p>	

Gestão e liderança de equipa	equipa e caracterizar o trabalho desenvolvido	O trabalho de equipa é fundamental para que a escola funcione na sua plenitude. Na nossa escola não se sente quando 1 ou mais pessoas faltam. as crianças reconhecem todos os adultos, como adultos de referência. Isso só é conseguido porque há efetivo trabalho de equipa entre todos. Um bom trabalho de equipa consiste numa parceria entre todos, uma parceria natural, quando surge sem esforço. As nossas formações internas também contemplam dinâmicas de equipa p q todos sintam confiança uns nos outros. Eu sinto-me segura quando saio da escola, porque sei q a máquina funciona sem 1 elemento. Todos se ajudam e se apoia mutuamente. Refletem e questionam-se, numa perspetiva de melhoramento. A equipa vê-se como uma família. Há conflitos, mas todos estão lá uns p os outros.	Reuniões e frequência Estratégias de apoio
Participação das famílias	Conhecer as representações sobre a participação das famílias Conhecer as práticas da participação das famílias	Qual é a sua perspetiva sobre a participação das famílias no Colégio? A participação das famílias no colégio é realizada no dia-a-dia, pois a nossa escola é uma escola de porta aberta. Ouve-se as preocupações e sugestões dos pais valoriza-se o seu papel e isso é fundamental. Existe algum elemento na direção que represente as famílias? Não	Trabalho desenvolvido com as famílias. Adesão das famílias Estratégias e oportunidades de participação e cooperação (decisões, projeto...)
Relação com a comunidade	Caraterizar a relação do Colégio com a comunidade Conhecer o papel do Colégio no meio	Como descreve e caracteriza a relação do Colégio com a comunidade e o meio envolvente? Na realidade existem poucos meios ao redor da instituição.	Comunidade/ meio: outros atores, serviços, equipamentos, organizações, instituições locais...
		Pretende acrescentar algo mais, que considere ser relevante em relação aos assuntos abordados? Necessita de algum esclarecimento?	Agradecer a disponibilidade

Formalização da conclusão da entrevista	Formalizar a finalização da entrevista.	Não obrigada.	Reforçar a importância da informação disponibilizada
--	---	---------------	--

ANEXO C- Organograma do Colégio (2014)

Fonte: Projeto educativo de estabelecimento (2014)



ANEXO D- Caracterização da equipe de sala

Fonte: Elaboração própria

Nome	Idade	Habilitações literárias	Tempo no estabelecimento
Carmo	29 anos	Licenciatura	7 anos
Vanessa	28 anos	12º curso profissional	8 anos

ANEXO E- Entrevista à educadora cooperante

Fonte: Elaboração própria

Blocos de informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	Legitimar a entrevista Motivar a entrevistada	Indicar à entrevistada as linhas gerais e os objetivos da entrevista Informar a entrevistada da confidencialidade dos dados e garantia do anonimato Solicitar a autorização para a gravação da entrevista	
Definição do perfil da entrevistada	Caraterizar a entrevistada no plano académico e profissional	Fale-nos p.f. da sua experiência profissional e do seu percurso académico. Fiz o curso na Escola Superior de Educação de Lisboa e o que acabou por acontecer foi que a minha experiência profissional e os estágios andou sempre em redor do MEM e da implementação do modelo. Em 2009 terminei o curso e comecei logo a trabalhar na escola.	Habilitações académicas e profissionais; Tempo de serviço e em que cargos/funções
Representação do cargo de educadora de infância	Conhecer os dilemas do papel de educadora de infância	Que desafios, constrangimentos, dilemas identifica na sua profissão? É obvio que essas questões também dependem do contexto onde estamos, mas provavelmente o que mais me preocupa são as questões com as famílias de gestão do apoio das famílias, da presença, dos horários uma vez que isso influencia a forma das crianças estarem na escola. Em tempos a questão da heterogeneidade assustava os pais, pois consideravam que apenas as mais novas beneficiavam com a heterogeneidade o que não é verdade, pois os mais velhos consolidam com os mais novos os conhecimentos, mas acho que com os resultados que fomos mostrando os pais foram percebendo que só ganhavam com a heterogeneidade. Outro constrangimento é chamar as famílias para as questões de desenvolvimento dos filhos quando, por vezes, há problemas e eles não assumem e temos de ser nós a provocar que haja apoio por especialistas. Acabamos por ter um papel fundamental no despiste.	

<p>Grupo de crianças</p>	<p>Caraterizar as crianças enquanto grupo Conhecer o funcionamento do grupo</p>	<p>Como caracteriza o grupo em termos gerais? Eu acho que eles são um grupo muito ativo e ansioso, muito cada vez mais curioso e interessado. O facto de haver crianças motor para isso tem conduzido a que outros também sejam assim. É empenhado. Gostava que fosse mais unido.</p> <p>Como realiza a avaliação do grupo? A avaliação é feita com eles de forma contínua, falada, através dos instrumentos de pilotagem, das conversas informais. Das observações que eu prezo bastante. Não utilizamos nenhuma grelha. Nós fazemos uma avaliação descritiva em junho e em janeiro por tópicos de acordo com as áreas de conteúdo que é comunicada de forma individual aos pais.</p> <p>De que forma foram definidos os princípios orientadores e os objetivos para o grupo? Tendo em conta as caraterísticas do grupo eu vou traçando os meus objetivos e de acordo com as atividades da escola. E de acordo com o que as crianças me vão dando.</p>	<p>Relação entre pares Novatos e Veteranos</p>
<p>Organização e funcionamento da sala</p>	<p>Conhecer as principais características da organização e funcionamento da sala</p>	<p>O que alterava ou acrescentava em sala? Eu este ano tive a sorte de construir a sala de raiz porque era o antigo ginásio e por isso não tinha nada. Fomos nós com as crianças que construímos a sala. Isso foi ótimo porque fez com que eu olhasse para a sala e pensasse o que quero colocar, o que quero desafiar. Com eles também fui percebendo o que funcionava melhor. Quando colocámos as áreas reunimos vimos o que havia e com eles decidimos quantas crianças poderiam estar.</p> <p>Quais os princípios orientadores, valores e os objetivos da disposição da sala? A base da minha organização é sem dúvida a autonomia total estando tudo ao alcance deles.</p>	
	<p>Definir o conceito de equipa e</p>	<p>Como caracteriza a equipa educativa da sala? Caraterizo como uma relação positiva de diálogo constante. Há uma coisa que prezo muito que é a</p>	

<p>Gestão e liderança de equipa</p>	<p>caraterizar o trabalho desenvolvido</p>	<p>comunicação de recados e de tudo que nos dá uma forma mais consistente de trabalhar. Acho que garante imensa segurança para os pais que estejamos sempre em dialogo. Alem disso prezo muito que todos consigamos desenvolver um projeto como para pegar numa vassoura e varrer. Não há funções delineadas do papel de educador e do papel de auxiliar, não. Claro que a Vanessa sabe que até a nível escolar tem funções a desenvolver, mas é obvio que quando estamos na sala tentamos sempre colaborar.</p> <p>Como são tomadas as decisões em equipa? Nós falamos um bocadinho informalmente também pela dificuldade em ter momentos em que possamos parar as duas porque estamos sempre com o grupo. Mas normalmente eu tento sempre reunir, falar sobre as coisas, perceber como é que a Vanessa se sente.</p> <p>Existe trabalho colaborativo com as restantes educadoras? Em que medida? Nós, dependendo das situações vamos colaborando nas coisas. Por exemplo nós como temos reuniões mais de organização à segunda-feira, à quinta tentamos que sejam reuniões de partilha e isso permite que as outras pessoas participem na nossa prática. E para além disso, agora para o Halloween estamos a trabalhar para o mesmo. Com o teu desafio do espaço exterior também estamos a lançar a problemática a toda a escola. Isto vai acontecendo conforme as necessidades.</p>	<p>Reuniões e frequência Estratégias de apoio</p>
<p>Participação das famílias</p>	<p>Conhecer as representações sobre a participação das famílias Conhecer as práticas da</p>	<p>Qual é a sua perspetiva sobre a participação das famílias? É algo que na nossa escola privilegiamos. Normalmente o que acontece é que há muitas famílias que aderem mas também são sempre as mesmas. Eu não gosto de obrigar as famílias a participar, o importante é que elas sintam a vontade de estar na escola. O que eu faço é um apelo no inicio do ano e à medida que vamos fazendo coisas tento motivar as famílias para a escola. Eu acho que para além</p>	<p>Trabalho desenvolvido com as famílias. Adesão das famílias Estratégias e oportunidades de participação e cooperação</p>

	participação das famílias	dos momentos mais formais o importante é que eles entrem na escola e na sala como costumam entrar, sentarem-se um bocadinho. São situações mais informais mas que permitem o conhecimento das famílias.	(decisões, projeto...)
Relação com a comunidade	Caraterizar a relação da sala com a comunidade	Consegue identificar exemplos de práticas em que seja visível o envolvimento com a comunidade envolvente? Normalmente o que nós fazemos é conhecer as profissões das famílias. A comunidade envolvente acaba por ser a comunidade em geral. Porque ao redor não temos muita variedade. Tentamos contar com estes suportes para virem à escola.	Comunidade/ meio: outros atores, serviços, equipamentos, organizações, instituições locais...
Formalização da conclusão da entrevista	Formalizar a finalização da entrevista.	Pretende acrescentar algo mais, que considere ser relevante em relação aos assuntos abordados? Necessita de algum esclarecimento? Não. Obrigada.	Agradecer a disponibilidade Reforçar a importância da informação disponibilizada

ANEXO F- Caraterização das famílias

Fonte: *Elaboração própria com base nas fichas de anamnese*

Criança	Mãe/Pai	Nacionalidade	Idade	Habilitações	Profissão	Situação laboral	Tipologia do agregado
Bombeiro	Pai	Português	33	Licenciatura	Enfermeiro	Empregado	Família nuclear
	Mãe	Portuguesa	31	Licenciatura	Médica	Empregado	
Homem de ferro	Pai	Português	34	S/D	Clinical Specialist	Empregado	
	Mãe	Portuguesa	32	S/D	Tec. Sup. Auditoria	Empregado	
Darthvader	Pai	Português	36	Licenciatura	Arquiteto	Empregado	

	Mãe	Portuguesa	37	Doutoramento	Arquiteta	Estudante
Marina	Pai	Português	S/D	S/D	S/D	Empregado
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Jornalista	Empregado
Homem de fogo	Pai	Português	S/D	S/D	Empresário	Empregado
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Advogada	Empregado
Joana	Pai	Português	41	12º ano	Gestor	Empregado
	Mãe	Portuguesa	37	Licenciatura	Bancária	Empregado
Super mulher	Pai	Angolano	S/D	S/D	Político	Empregado
	Mãe	Angolana	S/D	S/D	Diplomata	Empregado
Lucas	Pai	Belga	32	Mestrado	Arquiteto	Empregado
	Mãe	Portuguesa	36	Mestrado	Arquiteta	Estudante
Luis	Pai	Português	42	Licenciatura	Tec. Seguros	Empregado
	Mãe	Portuguesa	42	Licenciatura	Designer	Empregado
Lourenço	Pai	Português	S/D	S/D	S/D	Empregado
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	S/D	Empregado
Bia	Pai	Português	41	S/D	Economista	Empregado
	Mãe	Portuguesa	38	S/D	Economista	Empregado
Hulk	Pai	Português	40	S/D	Bancário	Empregado
	Mãe	Portuguesa	33	S/D	Ed. Infância	Empregado
Homem Aranha	Pai	Português	39	S/D	Engenheiro Civil	Empregado

	Mãe	Portuguesa	35	S/D	Farmacêutica	Empregado
Mafalda	Pai	Português	S/D	S/D	Engenheiro	Empregado
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Jornalista	Empregado
Constança	Pai	Português	34	S/D	Eng. Mecânico	Empregado
	Mãe	Portuguesa	38	S/D	Arquiteta	Empregado
Fada Rosa	Pai	Português	44	12º ano	Orçamentista	Empregado
	Mãe	Portuguesa	34	Licenciatura	Psicologa	Empregado
Homem Falcão	Pai	Português	S/D	S/D	Gestor de produto	Empregado
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Consultora	Empregado
Miguel	Pai	Português	S/D	S/D	Engenheiro	Empregado
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Jornalista	Desempregada
Rafael	Pai	Português	S/D	S/D	Esp. Informático	S/D
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Func. Judicial	S/D
Starwars	Pai	Português	S/D	S/D	Advogado	S/D
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Jornalista	S/D
Simão	Pai	Português	41	Licenciatura	Tec. Of. Justiça	Empregado
	Mãe	Portuguesa	38	Licenciatura	Designer	Empregado
Silvestre	Pai	Português	37	Licenciatura	Economista	Empregado
	Mãe	Portuguesa	37	Licenciatura	Arqueóloga	Desempregada

Violeta	Pai	Português	S/D	S/D	Consultor de gestão	S/D
	Mãe	Portuguesa	S/D	S/D	Consultora gestão	S/D
Fada Vermelha	Pai	Canadiano	44	Pós-graduação	Gestor	Empregado
	Mãe	Portuguesa	33	Mestrado	Coord. Executiva	Empregado
Borboleta	Pai	Português	42	Licenciatura	Florista	Empregado
	Mãe	Francesa	44	Licenciatura	Florista	Empregado

ANEXO G- Caracterização das crianças

Fonte: Elaboração própria com base nas fichas de anamnese

Criança	Sexo	Data de nascimento	Idade (novembro 2016)	Freq. Do Colégio no ano anterior	Irmãos
Bombeiro	Masculino	Jan.2013	3 anos e 10 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do Colégio)
Homem de ferro	Masculino	Set.2012	4 anos e 2 meses	Sim	0
Darthvader	Feminino	Mar.2011	5 anos e 9 meses	Não	0
Marina	Feminino	Ago.2012	4 anos e 4 meses	Sim	0
Homem de fogo	Masculino	Abr.2012	4 anos e 8 meses	Sim	1 irmã mais velha (Freq. o 1º ciclo do Colégio)
Joana	Feminino	Jan.2012	4 anos e 10 meses	Não	0
Super mulher	Feminino	Nov.2011	4 anos	Sim	2 irmãos (1 mais velho e outra mais nova)
Lucas	Masculino	Nov.2012	4 anos	Sim	1 irmão mais novo
Luis	Masculino	Nov.2012	4 anos	Sim	2 irmãos mais velhos (A irmã freq. o 1º ciclo no Colégio)
Lourenço	Masculino	Jan. 2012	4 anos	Não	1 irmã mais nova

Bia	Feminino	Mar.2011	5 anos e 9 meses	Sim	1 irmã mais velha (Freq. o ATL do Colégio)
Hulk	Masculino	Mar.2012	4 anos e 9 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do colégio)
Homem Aranha	Masculino	Set.2011	5 anos e 3 meses	Sim	1 irmão mais novo (Freq. a creche do Colégio)
Mafalda	Feminino	Fev.2011	5 anos e 10 meses	Não	
Constança	Feminino	Jul.2012	4 anos e 5 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do colégio)
Fada Rosa	Feminino			Sim	1 irmã mais velha (Freq. o 1º ciclo do Colégio)
Homem Falcão	Masculino	Jun.2012	4 anos e 6 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do Colégio)
Miguel	Masculino	Fev.2012	4 anos e 10 meses	Sim	0
Rafael	Masculino	Fev.2012	4 anos e 10 meses	Sim	1 irmã mais velha
Starwars	Masculino	Mar.2012	4 anos e 9 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do Colégio)
Simão	Masculino	Out.2011	5 anos e 2 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do Colégio)
Silvestre	Masculino	Ago.2012	4 anos e 4 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do Colégio)
Violeta	Feminino	Jul.2012	4 anos e 5 meses	Sim	1 irmã mais nova (Freq. a creche do colégio)
Fada Vermelha	Feminino	Dez.2012	3 anos e 12 meses	Sim	0
Borboleta	Feminino	Jun.2011	5 anos e 6 meses	Não	0

ANEXO H- Caracterização individual da criança

Fonte: Elaboração própria com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

Nome: Bombeiro		
Alimentação: O Bombeiro faz a alimentação da escola. Demonstra dificuldade em utilizar ambos os talheres. Na maioria dos casos repete.	Sesta: Faz a sesta.	
Área da formação pessoal e social: - Demonstra dificuldade de autonomia a cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar (vestir-se, despir-se, limpar-se) - Demonstra dificuldade em fazer escolhas e tomar decisões; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia;	Área da expressão e comunicação: - Começa a cooperar em situações de jogo; - Demonstra dificuldades em movimentos de deslocamentos e equilíbrios (rolar, saltar a pés juntos) e perícia e manipulação (lançar uma bola, pontapear) - Ainda não utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Não se apercebe do sentido direcional da escrita; - Localiza objetos; - Identificar quantidades até 22.	Área do conhecimento do mundo: - Ainda não reconhece unidades básicas do tempo não estabelecendo relações com o presente e o passado; - Demonstra interesse e preocupação com a natureza;
Desportos que prática: Natação.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Judo	
Relação com os pares: O grande pilar do Bombeiro, dentro e fora da escola, é o Homem de ferro.		
Observações: O Bombeiro é o elemento mais novo do grupo e isso é notório; É o primeiro elemento do grupo a chegar. É um elemento que “não se faz sentir” sempre <i>sossegado e bem-disposto</i> . É uma criança <i>afável</i> que, desde o início, estabeleceu uma relação próxima comigo.		

Nome: Homem de ferro		
Alimentação: O Homem de ferro come a comida da escola. É sempre o primeiro a terminar de almoçar. Usa com facilidade ambos os talheres. Gosta de ser ele a por a mesa.	Sesta O Homem de ferro faz a sesta e apresenta enuresse.	
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Demonstra à vontade para cuidar de si nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem;	Área da expressão e comunicação: - Cooperar em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e de perícias e manipulações; - Demonstra dificuldade em inventar e representar personagens; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Identifica e descreve sons que ouve;	Área do conhecimento do mundo: - Reconhece unidades básicas do tempo; - Manifesta comportamentos de respeito, interesse e preocupação com a natureza;

- Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia;	- Compreende e usa a linguagem oral conseguindo comunicar eficazmente; - Identifica o sentido direcional da escrita; - Identifica quantidades; - Localiza objetos;	
Desportos que prática: Natação.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares: O Homem de ferro privilegia, no <i>jardim</i> , jogar futebol. Neste sentido, gosta de brincar com o Homem de fogo e os colegas de 1º ciclo. É muito próximo do Lucas e do Bombeiro.		
Observações: O Homem de ferro é uma criança <i>reservada</i> . Não participa frequentemente, mas, quando o faz, participa de forma correta, sendo que o seu discurso é claro e coeso.		

Nome: Darthvader		
Alimentação: A Darthvader traz a alimentação de casa. Tem de ser lembrada para o uso da faca. Gosta, sobretudo, de legumes.		Sesta: Não faz sesta.
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais; - Sabe cuidar de si; - É capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Cooperar com os outros; - Respeita o outro;	Área da expressão e comunicação: - Cooperar em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e de perícias e manipulações; - Desenvolve capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; - Inventa e representa personagens; - Identifica e descreve sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral conseguindo comunicar eficazmente; - Reconhece letras; - Identifica o sentido direcional da escrita; - Identifica quantidades; - Localiza objetos;	Área do conhecimento do mundo: - Reconhece unidades básicas do tempo; - Estabelece relações com o presente e o passado; - Manifesta comportamentos de respeito, interesse e preocupação com a natureza;
Desportos que prática: Não pratica.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares: Embora seja uma criança bastante <i>sociável</i> ainda não encontrou o seu grupo. Contudo, brinca, na maior parte das vezes, com a Borboleta.		
Observações: “ A Darthvader diz “Eu acho que conheço este jardim. Não me lembro do nome, mas já vim com a minha mãe!” (Nota de campo de 20 de outubro de 2016, Autocarro); Gosta bastante de recriar objetos e de fazer, como ela própria diz, esculturas : “Estamos a arrumar a sala quando a educadora encontra uma borracha da perna da cadeira toda pintada de azul e questiona o grupo “quem fez isto?” logo a Darthvader responde “fui eu, é a minha escultura!”” (Nota de campo de 27 de outubro de 2016, área da pintura). Assina as suas obras com uma rubrica. Escreve o seu primeiro e último nome, sem apoio.		

Nome: Marina		
Alimentação: Come a comida da escola. Demonstra dificuldade em utilizar a faca.		Sesta: A Marina faz a sesta nos dias de ginástica. Utilizava no início duas chupetas, atualmente não utiliza nenhuma chupeta.
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia;	Área da expressão e comunicação - Cooperar em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventar e representar personagens; - Identificar sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identificar palavras; - Localizar objetos; - Identificar quantidades;	Área do conhecimento do mundo - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;
Desportos que pratica: Não pratica.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Dança	
Relação com os pares: Os seus grandes pilares são a Mafalda, a Violeta e a Bia.		
Observações:		
<p>No início da PPS utilizava com regularidade duas chupetas (uma para colocar na boca e outro para “coçar” o nariz). Ambas as chupetas estavam deterioradas, uma vez que era frequente estarem no chão, serem pisadas. Assim, existia falta de higiene nas chupetas. Contudo, após o natal a Marina deixou de usar as chupetas, pois deu-as “ao pai natal”. Combinado com a educadora cooperante, a mãe fez uma carta e entregou à Marina. Esta trouxe a “carta do pai natal”, onde este agradecia as chupetas, para que na reunião da manhã partilhasse com os amigos. Esta foi, sem dúvida, uma grande vitória da Marina.</p> <p>A Marina é demonstrar dificuldade na separação matinal com a mãe, sendo necessário que a Carmo lhe dê colo.</p> <p>Sinto que foi a única criança que não estabeleceu relação comigo.</p>		

Nome: Homem de fogo		
Alimentação: O Homem de fogo come a comida da escola. Demonstra dificuldade em utilizar a faca.		Sesta Não dorme.
Área da formação pessoal e social - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por	Área da expressão e comunicação - Tem dificuldade em movimentos de deslocamentos e equilíbrios (rolar, saltar a pés juntos)	Área do conhecimento do mundo - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado;

vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia;	mas domina perícia e manipulação (lançar) - Identifica sons que ouve; - Compreende a linguagem oral; - Tem dificuldade em expressar-se oralmente; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades;	- Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que pratica: Não pratica	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Judo.	
Relação com os pares:		
Gosta de jogar futebol no <i>jardim</i> com o Homem de ferro.		
Observações:		
O Homem de fogo reage mal com a <i>frustração</i> . Quando contrariado ou chamado à atenção agride-se (dá "socos" a si próprio). Em conversa com a educadora cooperante soube que anteriormente agredia a pessoa que o contrariava, tendo chegado a agredir a educadora.		
Demonstra enurese;		

Nome: Joana		
Alimentação: Come a comida da escola. Come pouco. Não demonstra dificuldade a utilizar os talheres		Sesta: Os pais vêm busca-la após o almoço.
Área da formação pessoal e social: - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia;	Área da expressão e comunicação: - Compreende e usa a linguagem oral; - Localiza objetos;	Área do conhecimento do mundo: - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual;
Desportos que pratica: Não pratica	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares:		
A Joana <i>venera</i> a Fada Vermelha, pois é a pessoa que procura, que observa.		
Observações:		
A Joana falta com imensa frequência ao Colégio. De dia 3 de outubro de 2016 a 27 de janeiro de 2017 a Joana foi à escola 10 vezes. Por este motivo é, para mim, bastante complicado falar da Joana, pois mal a conheço.		

Nome: Super mulher		
Alimentação: Come a comida da escola. Usa com facilidade ambos os talheres.		Sesta: Dorme apenas nos dias de ginástica
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade;	Área da expressão e comunicação: - Cooperar em situações de jogo;	Área do conhecimento do mundo: - Não reconhece unidades básicas do

<ul style="list-style-type: none"> - É autónoma a cuidar de si (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; - Desenvolve respeito pelo outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Não compreende o sentido direcional da escrita; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	<p>tempo diário, semanal e anual;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;
<p>Desportos que pratica: Natação.</p>	<p>Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.</p>	
<p align="center">Relação com os pares:</p> <p>A Super Mulher é <i>sociável</i>, é uma <i>líder</i>. Prefere brincar sobretudo com o Starwars e o Homem falcão.</p>		
<p align="center">Observações:</p> <p>“Eu: “Luís o que se passa? Não tens fome? [O Luís continua a chorar sem me responder] Não queres estar sentado neste lugar?.” Super mulher interrompe-me e diz: “Ele tem saudades da mãe.”. (Nota de campo de 10 de outubro de 2016, Mesa de almoço). A Super mulher consegue colocar-se no lugar do outro respeitando as suas emoções.</p> <p>No <i>jardim</i> brinca sobretudo “às lutas” com os rapazes. Em sala gosta de estar na área do faz-de-conta.</p>		

<p align="center">Nome: Lucas</p>		
<p align="center">Alimentação:</p> <p>Come a comida de casa. Ainda necessita de alguma instrução à hora de almoço para conseguir regular o seu comportamento (pe. “Lucas limpa a boca com o guardanapo”)</p>		<p align="center">Sesta: Faz a sesta.</p>
<p align="center">Área da formação pessoal e social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia; 	<p align="center">Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Demonstra dificuldades a realizar movimentos de deslocamentos e equilíbrios (rolamentos, saltos a pés juntos) e perícia e manipulação (lançar uma bola); - Não inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Localiza objetos; 	<p align="center">Área do conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;

	- Identifica quantidades;	
Desportos que prática: Natação.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares: Privilegia brincadeiras com o Homem de ferro.		
Observações É uma criança que “faz pela calada”, não se ouve, mas é o líder das brincadeiras. Morde e bate com frequência.		

Nome: Luís		
Alimentação: O Luís come a comida da escola. No início, este momento era bastante complexo porque o Luís passava todo o tempo de almoço a chorar <i>ansioso</i> pela chegada da mãe. Atualmente já é um momento mais tranquilo		Sesta: Assim que termina o almoço a mãe vem buscar o Luís.
Área da formação pessoal e social - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que o ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia;	Área da expressão e comunicação - Coopera em situações de jogo; - Demonstra dificuldade em movimentos de deslocamentos e equilíbrios (saltar a pés juntos, rolar, rodopiar) - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Localiza objetos; - Identifica quantidades;	Área do conhecimento do mundo - Não reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Tem dificuldade em estabelecer relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que prática: Não	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares: Privilegia a relação com o Lucas.		
Observações: “O Luís está connosco à um ano. Mas nunca está o dia todo está só a parte da manhã e, por vezes nem vê. Hoje a mãe do Luís tinha-o incentivado a ficar também à tarde para a sessão de música e, por esse motivo, ele está assim a chorar” (Nota de campo de 10 de outubro de 2016, Mesa de almoço). Inicialmente o Luís sofria de uma enorme <i>ansiedade</i> com receio que a mãe não o viesse buscar. Atualmente a mãe, todos os dias, tem de dizer à educadora “eu venho busca-lo à hora da maçã” para que ele se tranquilize e perceba que após o almoço a mãe o vem buscar.		

Nome: Lourenço	
Alimentação: Come a comida de casa. Almoça de bibe, pois ainda demonstra grande dificuldade no uso dos talheres, sujando-se bastante.	Sesta: Faz a sesta.

<p>Área da formação pessoal e social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia; 	<p>Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Demonstra dificuldades a realizar movimentos de deslocamentos e equilíbrios (rolamentos, saltos a pés juntos) e perícia e manipulação (lançar uma bola); - Não inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Não compreende o sentido direcional da escrita; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	<p>Área do conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;
<p>Desportos que pratica: Não.</p>	<p>Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.</p>	
<p>Relação com os pares: Privilegia brincadeiras com o Silvestre.</p>		
<p>Observações</p> <p>O Lourenço demonstra imensas dificuldades a nível da motricidade fina.</p> <p>Não tem o conceito de lateralidade adquirido, sendo que utiliza ambas as mãos para pintar, desenhar e escrever.</p> <p>Tem um fascínio por escavadoras.</p> <p>Todos os dias quem o vem buscar é o avô.</p> <p>Sendo a criança que entrou por último, é a criança com quem tenho menos afinidade.</p>		

<p>Nome: Bia</p>		
<p>Alimentação: Come a comida da escola. Utiliza facilmente os talheres. Gosta de colocar a mesa.</p>		<p>Sesta: Não</p>
<p>Área da formação pessoal e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - É autónoma a cuidar de si; - Participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Demonstra, de forma reservada, uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; 	<p>Área da expressão e comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; 	<p>Área do conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;

	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	
Desportos que prática: Natação.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Dança	
Relação com os pares: As crianças com quem privilegia brincar são o Homem Aranha e a Violeta.		
Observações: É uma criança que não estabelece uma relação de empatia logo, necessita de tempo. Atualmente é uma das crianças que mais interage comigo.		

Nome: Hulk		
Alimentação: O Hulk come a alimentação da escola. Demonstra dificuldade no uso da faca. Não gosta de alface, sendo que provoca a o vômito quando se insiste.		Sesta: Não
Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Consegue cuidar de si autonomamente; - Participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; 	Área da expressão e comunicação <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que prática: Não	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Dança, Inglês e Judo.	
Relação com os pares: O Hulk privilegia as interações com a Super mulher, o Starwars e o Homem falcão. Contudo, existem conflitos permanentes entre ele e o Homem falcão.		
Observações O Hulk é uma criança bastante <i>afetuosa</i> e <i>sociável</i> . Gosta de, frequentemente, partilhar com os colegas notícias de casa: “a minha irmã Maria já nasceu”, “ontem fui à Vila Natal” No <i>jardim</i> gosta de brincar “às lutas” e “às corridas”. Na sala privilegia a área do faz-de-conta.		

Nome: Homem Aranha		
Alimentação: O Homem Aranha come a refeição da escola. Usa ambos os talheres de forma autónoma.		Sesta: Não dorme.
Área da formação pessoal e social: - Demonstra ter dificuldade em aceitar as suas características pessoais e a sua identidade; - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia;	Área da expressão e comunicação: - Por vezes tem dificuldade em cooperar em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades;	Área do conhecimento do mundo: - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;
Desportos que pratica: Não.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Inglês	
Relação com os pares: Privilegia os momentos com a Violeta, a fada rosa e a Bia.		
Observações:		
Homem Aranha privilegia os momentos de brincadeira com as raparigas, sobretudo com a Bia (facto que a educadora cooperante me confirmou durante uma conversa informal).		
“[Homem aranha começa a despir o bebé quando chega às partes genitais e vê que o boneco tem um pénis] Homem Aranha: [lançando o boneco para o meu colo] Eu não posso ver isto. Bia: Mas qual é o problema Homem Aranha. É só uma pilinha. Tu também tens pilinha. Homem Aranha: Não digas isso.” (Nota de campo de 18 de outubro de 2016, Área do faz-de-conta). Esta situação, embora só tenha acontecido desta vez, deixou-me inquieta, pois demonstra que o Homem Aranha tem dificuldade em se aceitar.		
O Homem Aranha reage mal com a frustração “O Homem-Aranha está a ilustrar o seu trabalho quando me diz: “Filipa já não cabe o corpo.” [Não existe espaço na folha para completar o seu desenho]. Digo-lhe: “Homem-Aranha não há problema. Fica bem assim. Para a próxima tens de fazer o desenho mais pequeno e já caberá”. Ele olha para mim e, sem dizer nada, começa a chorar. Fico sem reação e peço ajuda à educadora. Esta sugere acrescentar um pedaço de papel para que o Homem-Aranha possa terminar o desenho” (Nota de campo de 7 de outubro de 2016, Área da escrita)		

Nome: Mafalda	
Alimentação: A Mafalda come a alimentação da escola. Não demonstra dificuldade no uso do garfo e da faca.	Sesta: Apenas faz a sesta nos dias de ginástica.

<p>Área da formação pessoal e social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - É autónoma a cuidar de si (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; 	<p>Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	<p>Área do conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
<p>Desportos que pratica: Não.</p>	<p>Frequência de atividades extracurriculares na escola: Dança.</p>	
<p>Relação com os pares: Privilegia os momentos com o Homem Aranha e a Violeta.</p>		
<p>Observações É uma criança tímida, sendo que pouco fala. Gosta, sobretudo, de brincar ao faz-de-conta, tanto no <i>jardim</i> como na sala.</p>		

<p align="center">Nome: Constança</p>		
<p>Alimentação: Traz a alimentação de casa. Come, sem dificuldade, com ambos os talheres. Não come carne.</p>		<p>Sesta Não</p>
<p>Área da formação pessoal e social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Consegue cuidar de si nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; 	<p>Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	<p>Área do conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
<p>Desportos que pratica:</p>	<p>Frequência de atividades extracurriculares na escola:</p>	

Ballet.	Não.
Relação com os pares:	
Privilegia momentos com o Homem Aranha.	
Observações:	
Apresenta estrabismo e, por isso, tem de utilizar um penso no olho. Contudo, este é um momento bastante complexo, pois ela ainda não aceita esta sua característica.	

Nome: Fada Rosa		
Alimentação:	Sesta	
Faz a alimentação de casa. Não demonstra dificuldade no uso dos talheres.	Sim apenas nos dias de ginástica. Usa chupeta.	
Área da formação pessoal e social:	Área da expressão e comunicação:	Área do conhecimento do mundo:
<ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Participa em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; 	<ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que pratica:	Frequência de atividades extracurriculares na escola:	
Não.	Dança.	
Relação com os pares:		
Claramente a Fada Rosa é uma líder nos grupos. Privilegia brincadeiras com o Homem Aranha, a Violeta e a Bia.		
Observações		
"Fada Rosa e Borboleta estão a correr pelo recreio quando Bia se aproxima e questiona Borboleta: "Posso brincar?" ao que esta responde "Tens de pedir à Fada Rosa! Ela é que sabe."" (Nota de campo de 7 de outubro de 2016, recreio)		
Privilegia brincadeiras de faz-de-conta.		

Nome: Homem Falcão		
Alimentação:	Sesta:	
Come a alimentação da escola. Não demonstra dificuldade no uso do garfo e da faca.	Dorme apenas nos dias de ginástica.	
Área da formação pessoal e social:	Área da expressão e comunicação:	Área do conhecimento do mundo:
<ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual;

<ul style="list-style-type: none"> - Consegue cuidar de si nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Participa em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Demonstra uma atitude critica perante o mundo que a rodeia; 	<ul style="list-style-type: none"> - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; -Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica caraterísticas dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que prática: Não.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Judo.	
Relação com os pares:		
Privilegia momentos de interação com o Hulk e, atualmente, tem-se interessado em brincar com a DarthVader.		
Observações		
O Homem falcão envolve-se em situações de conflito constantes devido às suas brincadeiras agressivas como as “lutas”.		
É uma criança bastante criativa, sendo que é capaz de inventar histórias recriando objetos e personagens.		

Nome: Miguel		
Alimentação: Come a comida da escola. Não demonstra dificuldade no uso de ambos os talheres.		Sesta: Não.
Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> - Conhece e aceita as suas caraterísticas pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude critica perante o mundo que a rodeia; 	Área da expressão e comunicação <ul style="list-style-type: none"> - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; -Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades; 	Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica caraterísticas dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;
Desportos que prática: Não.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Judo.	
Relação com os pares		
O Miguel apenas procura o Simão.		
Observações		

O Miguel chega, frequentemente, atrasado. Assim, perde o momento da reunião da manhã o que faz com que as partilhas diárias sejam poucas.

Nome: Rafael		
Alimentação: O Rafael come a alimentação da escola. Tem dificuldade a utilizar a faca.		Sesta Sim.
Área da formação pessoal e social - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia;	Área da expressão e comunicação - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Tem dificuldade no uso da linguagem oral; - Localiza objetos; - Identifica quantidades, contando até 30.	Área do conhecimento do mundo - Não reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que pratica: Natação	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares:		
Privilegia momentos com o Lourenço, com o Silvestre e com o Homem de ferro.		
Observações		
O Rafael é acompanhado pela equipa de intervenção precoce, pois demonstra um enorme atraso ao nível da fala, sendo que, aos poucos, vai começando a formar frases.		

Nome: Starwars		
Alimentação: Come a alimentação da escola. Não demonstra dificuldade em utilizar a faca e o garfo.		Sesta: Dorme a sesta apenas nos dias de ginástica.
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem;	Área da expressão e comunicação: - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral;	Área do conhecimento do mundo: - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;

- Demonstra uma atitude crítica perante o mundo que o rodeia;	- Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades;	
Desportos que prática: Rugby	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares: Privilegia momentos com o Homem falcão e a Super mulher.		
Observações: O Starwars é um dos grandes motores do grupo. É bastante curioso e participativo. No entanto, é a criança que demonstra maior dificuldade em respeitar a voz dos outros.		

Nome: Simão		
Alimentação: O Simão traz a sua alimentação de casa. Tem dificuldade em utilizar a faca.		Sesta Faz a sesta apenas às segundas.
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia;	Área da expressão e comunicação - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende a linguagem oral; - Demonstra dificuldade em expressar-se oralmente; - Localiza objetos; - Identifica quantidades;	Área do conhecimento do mundo - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Demonstra interesse pela natureza;
Desportos que prática: Natação	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares: Privilegia brincar com o Miguel.		
Observações: Praticamente todos os dias o Simão trás para a reunião da manhã brinquedos novos. O Simão, embora não esteja a ser seguido, demonstra um enorme atraso ao nível da linguagem.		

Nome: Silvestre	
Alimentação:	Sesta: O Silvestre faz a sesta.

O Silvestre traz a sua alimentação de casa. Tem dificuldade em estar sentado à mesa e em utilizar os talheres.		
Área da formação pessoal e social: - Demonstra dificuldade em saber cuidar de si; - Tem dificuldade em tomar escolhas sobre as suas aprendizagens;	Área da expressão e comunicação: - Consegue realizar movimentos de deslocamentos e equilíbrios (corre, rola, rasteja); - Demonstra dificuldade em representar personagens; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Localiza objetos; - Demonstra dificuldade na representação abstrata;	Área do conhecimento do mundo: - Demonstra dificuldade em reconhecer unidades básicas de tempo;
Desportos que pratica: Não pratica.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Inglês	
Relação com os pares: O Silvestre prefere brincar com o Rafael e com o Lourenço.		
Observações: O Silvestre é acompanhado às quartas-feiras pela Isabel (Psicóloga). O Silvestre demonstra ter uma ficção por comboios, sendo que as suas brincadeiras são, na maioria das vezes, com comboios ou a desenhar comboios. O Silvestre tem comportamentos que a mim me deixam preocupada, nomeadamente, baba-se, propositadamente, frequentemente. Quando repreendido chora e grita.		

Nome: Violeta		
Alimentação: A Violeta faz a alimentação da escola. Demonstra facilidade em utilizar os talheres.		Sesta: Sim. Não utiliza nenhum objeto de conforto.
Área da formação pessoal e social: - A Violeta conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Cada vez mais consegue cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar; - Faz escolhas e toma decisões; - Demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; - Demonstra respeito pelo outro;	Área da expressão e comunicação: - Coopera em situações de jogo; - Domina movimentos de deslocamentos e equilíbrios e perícia e manipulação; - Utiliza e recria o espaço e os objetos atribuindo-lhes significados; - Inventa e representa personagens; - Identifica sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral; - Apercebe-se do sentido direcional da escrita; - Identifica palavras; - Localiza objetos; - Identifica quantidades;	Área do conhecimento do mundo: - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Não demonstra interesse pela natureza;
Desportos que pratica: Não pratica.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Dança	
Relação com os pares:		

A Violeta, o homem-aranha e a Fada Rosa são um dos grupos dentro do grupo. Violeta é uma líder dentro do grupo.
Observações
Violeta diz para Fada Vermelha “Não tu não podes ser a mãe! Tu vais ser a senhora da loja!” (Nota de campo de 3 de outubro de 2016, área do faz de conta).
A área de preferência é a área do faz-de-conta, inclusive no <i>jardim</i> .
Sabe escrever o seu nome autonomamente.

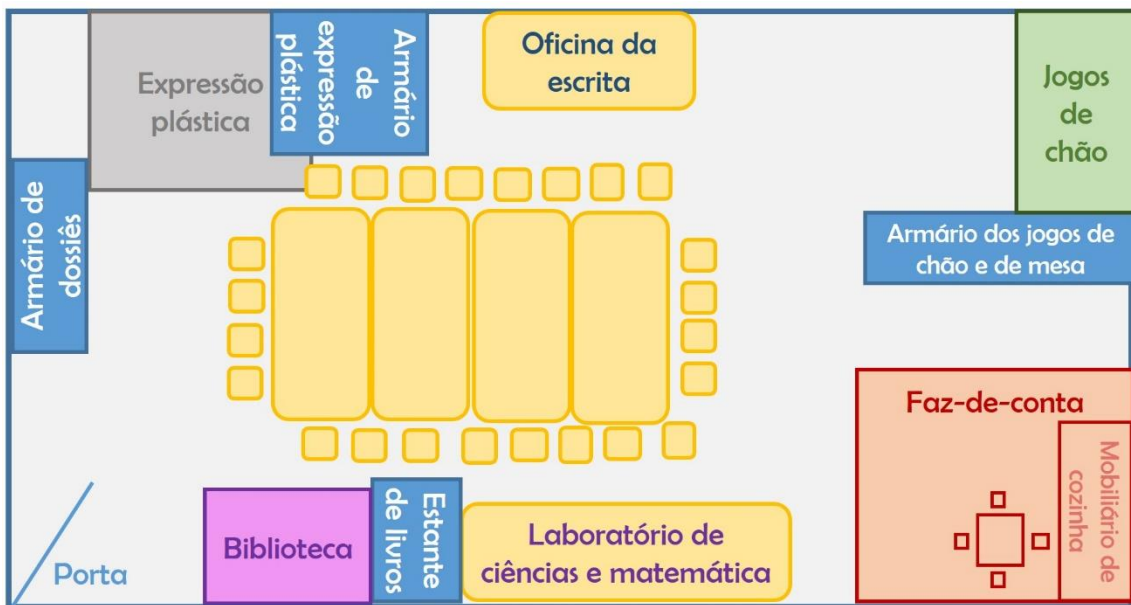
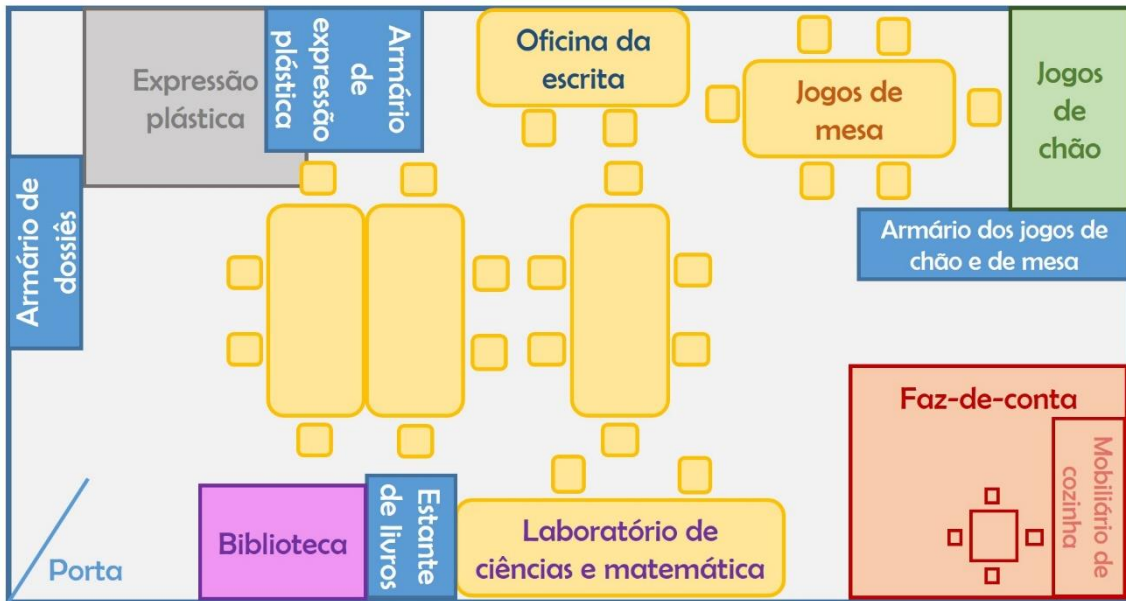
Nome: Fada Vermelha		
Alimentação:	Sesta:	
A Fada Vermelha traz a alimentação de casa, sendo que esta é bastante variada. Não demonstra dificuldade em utilizar os talheres.	A Fada Vermelha faz a sesta. Utiliza um peluche de conforto.	
Área da formação pessoal e social: - Conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Tem dificuldade em cuidar de si dependendo, por vezes, do adulto para que a ajuda nas tarefas do dia-a-dia (apertar os sapatos, vestir-se, despir-se, limpar-se); - Demonstra dificuldade em participar em decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia;	Área da expressão e comunicação: - Demonstra dificuldade em realizar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios (rastejar, rolar, saltitar, saltar a pés juntos); - Consegue identificar e descrever os sons que ouve; - Compreende e usa a linguagem oral em contexto; - Reconhece algumas letras; - Localiza objetos;	Área do conhecimento do mundo: - Tem dificuldade em reconhecer unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Manifesta preocupação e interesse pela natureza;
Desportos que pratica: Não pratica nenhum desporto.	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não.	
Relação com os pares:		
Considero que a Fada Vermelha está a ter dificuldade em encontrar o seu próprio grupo de amigos e em identificar-se com alguém. A maioria das vezes brinca no <i>jardim</i> sozinha. Na sala recorre bastante ao adulto.		
Observações		
“Estou sentada ao observar as crianças a brincarem. Borboleta e Fada Vermelha aproximam-se e, como se tivessem um tesouro escondido nas suas mãos, pedem-me que abra as minhas mãos e dão-me o seu tesouro. Apercebo-me que são pedras que tinham estado a apanhar.” (Nota de campo de 6 de outubro de 2016, Mata).		

Nome: Borboleta		
Alimentação:	Sesta:	
A Borboleta come a comida da escola, no entanto, apenas come carnes brancas. Não demonstra dificuldade em utilizar ambos os talheres.	A Borboleta não faz a sesta.	
Área da formação pessoal e social:	Área da expressão e comunicação: - A Borboleta consegue cooperar em situações de jogo;	Área do conhecimento do mundo

<ul style="list-style-type: none"> - A Borboleta conhece e aceita as suas características pessoais e a sua identidade; - Cada vez mais consegue cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar; - Demonstra dificuldade em fazer escolhas e tomar decisões; - Não demonstra uma atitude crítica perante o mundo que a rodeia; 	<ul style="list-style-type: none"> - Domina movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios; - Desenvolve capacidades expressivas através da experimentação e produções plásticas; - Demonstra dificuldade em interpretar com intencionalidade expressiva-musical; - Usa a linguagem oral em contexto; - Toma consciência gradual sobre os diferentes segmentos que constituem as palavras; - Reconhece letras; - Percebe o sentido direcional da escrita; - Identifica quantidades; - Localiza objetos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece unidades básicas do tempo diário, semanal e anual; - Estabelece relações entre o presente e o passado; - Compreende e identifica características dos seres vivos; - Manifesta preocupação e interesse pela natureza;
Desportos que prática: Escalada	Frequência de atividades extracurriculares na escola: Não	
Relação com os pares: A Borboleta demonstra preferência em brincar com a Darthvader.		
<p style="text-align: center;">Observações:</p> <p>“A Borboleta, por ser o seu primeiro ano no Colégio, ainda tem dificuldade em perceber que os problemas são para ser resolvidos no seio do grupo em conversa com o outro. Além disto, demonstra que não tem uma relação securizante com o adulto da escola para demonstrar que ainda está <i>triste</i> com determinada situação.” (Reflexão diária de 21 de outubro de 2016)</p> <p>“Estou sentada no baú do <i>jardim</i> quando a Borboleta se dirige para perto de mim. Fica de pé ao meu lado a mexer na minha barriga” (Nota de campo de 28 de outubro de 2016, <i>jardim</i>) A Borboleta gosta de mexer na minha barriga e questionar-me acerca do meu bebé “É uma menina? Como se chama?” (Nota de campo de 20 de outubro de 2016, ao redor da mesa)</p> <p>“Estou sentada a observar as crianças a brincarem. Borboleta e Fada Vermelha aproximam-se e, como se tivessem um tesouro escondido nas suas mãos, pedem-me que abra as minhas mãos e dão-me o seu tesouro. Apercebo-me que são pedras que tinham estado a apanhar.” (Nota de campo de 6 de outubro de 2016, Mata)</p> <p>A Borboleta aquando das escolhas das áreas opta pela área da escrita para poder fazer desenhos no seu caderno.</p> <p>Sabe escrever o seu nome autonomamente.</p>		

ANEXO I- Plantas da sala

Fonte: Imagens cedidas pela Educadora Cooperante



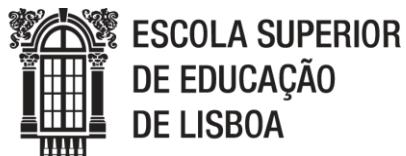
ANEXO J- Agenda Semanal

Fonte: Calendário exposto em sala

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Atividades e projetos	Reunião da manhã Atividades e projetos	Reunião da manhã Atividades e projetos	Reunião da manhã Atividades e projetos	Reunião da manhã Atividades e projetos
	Ginástica 	Dinamização de histórias 	Ginástica 	Arquivo de produções Culinária
Almoço				
Música 	Jogos sociais 	Língua portuguesa 	Matemática ou Ciências Correspondência 	Reunião de Conselho

ANEXO K- Portefólio de estágio

Fonte: Elaboração própria



**“Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda”
ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa**

Ana Filipa Couceiro Fornelos Afonso

Portefólio de Estágio

2017

**“Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda”
ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa**

Ana Filipa Couceiro Fornelos Afonso

Portefólio de Estágio

Sob orientação do Professor Doutor Tiago Almeida

2017

INTRODUÇÃO

O portefólio que aqui se apresenta focaliza a sua atenção na prática profissional supervisionada desenvolvida, em contexto de Jardim de infância, no ano letivo 2016/2017. Esta prática desenrolou-se numa instituição na área metropolitana de Lisboa com um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Assim, é pretendido que ao longo deste portefólio haja uma reflexão da prática, uma vez que “através de uma avaliação reflexiva e sensível, o/a educador/a recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução, falar com as famílias sobre a aprendizagem dos seus/suas filhos/as e tomar consciência da sua ação e do progresso das crianças, para decidir como apoiar melhor o seu processo de aprendizagem” (OCEPE, 2016, p.14).

Ao longo deste portefólio, quer as crianças quer o contexto não estão identificadas com o seu próprio nome de forma a preservar a sua identidade.

Num primeiro capítulo, apresento as reflexões, primeiramente as diárias, seguidas das reflexões semanais. No segundo capítulo realizo as planificações, quer semanais, quer diárias. Por fim, teço algumas considerações relativamente à pertinência do atual portefólio e apresento as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1- REFLEXÕES

“Assim, o/a educador/a prevê em cada dia a sua ação do dia seguinte, sendo que, a partir do que observa, regista e documenta sobre o desenvolvimento do processo e das aprendizagens das crianças, recolhe elementos para avaliar e refletir, numa base semanal ou mensal. Esta reflexão, sobre a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, permite perceber se contribuíram para a aprendizagem de todas e de cada uma das crianças.”

(OCEPE, 2016, p. 19)

1.1. Reflexões Diárias

Reflexão diária de 3 de outubro de 2016- *Passar da porta para dentro do colégio*

Os relógios marcavam 8h da manhã. Era cedo, uma vez que já deveriam marcar 9h da manhã. Mas estava ansiosa e com imensa vontade de conhecer aquela que será a “minha casa” nos próximos 3 meses. Assim que me aproximava tudo me parecia confuso. Carros a passar, buzinas a apitar, pessoas a correrem. De facto, este é o cenário “normal” para a movimentada e desordenada cidade de Lisboa. Mas, no meio daquele caos matinal, deparo-me com um jardim público, a mata⁴⁰, que só pela entrada me deixa fascinada, pois parece ser bastante grande e possuir diversa vegetação. Continuo a minha caminhada até que chego, finalmente, à morada que me indicaram. Ao olhar pelo portão penso ter-me enganado, pois, à primeira vista, este não parece ser um colégio, mas sim uma habitação em reconstrução. Vêem-se misturadores de cimento, tábuas, pregos. aguardo, uma vez que os relógios apenas marcam 8h20, e ponho-me a observar as crianças a chegarem de mãos dadas com os familiares. Apercebo-me que a faixa etária dos pais deverá variar entre os 25-35 anos e, num primeiro julgamento, parecem constituir uma classe social média-alta, uma vez que os carros familiares são modernos e recentes e as roupas usadas são cuidadas. Às 8h45 decido entrar. O pequeno portão que se encontra à direita do edifício principal (que ainda se encontra em obras) dá acesso ao jardim-de-infância que da estrada principal não se consegue ver. Ao aproximar-me deste consigo ouvir os risos da infância e logo me ânimo e entro por este portão, também eu, com um sorriso.

Assim que entro, uma menina (que pouco depois venho a saber que é a Fada Rosa) vem a correr na minha direção:

⁴⁰ Forma como irei denominar este local ao longo do portefólio.

“Olá. Quem és? - Questiona-me a menina loira com ar admirado. Apresso-me a responder que sou a Filipa e que sou a nova estagiária. Ela fica com ar admirado e, pouco depois, responde “Já me lembro a Carmo falou connosco. Eu sou a Fada Rosa.” E logo se afastou.” (Nota de campo de 3 de outubro de 2016, recreio)

Logo depois aparece uma auxiliar que me dá as boas vindas e que vai chamar a Carmo. Quando a Carmo (educadora cooperante) se aproxima vinha com um sorriso rasgado que logo me contagiou. Apresentou-se e apresentou-me o colégio, bem como a equipa educativa do mesmo. Uma vez que o colégio ainda não está totalmente construído ainda é um espaço pequeno, embora bastante acolhedor.

Após esta pequena visita, estava na hora de ir para a sala. Assim, ainda no recreio, a educadora diz “Sala da Carmo para cima!” (Nota de campo de 3 de outubro de 2016, recreio). As brincadeiras finalizam-se e, sem que seja preciso voltar a repetir, todas as crianças se dirigem para a sala. Dá-se início à reunião da manhã onde, à roda de uma mesa, se partilham histórias, se mostram brinquedos, se conversa e se elabora o plano do dia. Quase no término da reunião, a educadora inicia a minha apresentação ao grupo, designando o meu nome e dando-me a palavra para que eu me apresente. Mas surge uma questão “O que vais cá ficar a fazer?” (nota de campo de 3 de outubro de 2016, à roda da mesa). Um pouco sem saber como responder devolvi-lhes a questão ao que eles me responderam: “Vais cá ficar a estudar-nos. Não sei, se calhar vais ver se fazemos bem as coisas. Vais ser nossa professora” (Nota de campo de 3 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Tive que confirmar que, de facto, estava ali para aprender com a Carmo, com a Vanessa e com eles. Pareceram ficar satisfeitos com a resposta e não questionaram mais.

Terminada a reunião da manhã cada criança dirige-se ao mapa das atividades e escolhe qual o local para onde irá desenvolver as atividades, segundo o que ficou delineado na reunião e/ou de acordo com as áreas que querem frequentar. Neste tempo fui circulando pelas áreas para compreender as relações sociais estabelecidas entre as crianças. As crianças desenvolviam as tarefas a que se propuseram sem que a minha presença as incomodasse, coloquei-me numa posição passiva, uma vez que não sabia se poderia entrar nos meandros das suas brincadeiras. Ao observar apercebi-me que a Violeta e a Fada Rosa são as líderes do grupo “Violeta diz para Fada Vermelha “Não tu não podes ser a mãe! Tu vais ser a senhora da loja!”” (Nota de campo de 3 de outubro de 2016, área do faz de conta). Além disto, consegui compreender que o Homem Aranha privilegia os momentos de brincadeira com as raparigas, sobretudo com a Super

mulher (facto que a educadora cooperante me confirmou durante uma conversa informal).

Por volta das 11h dá-se início à brincadeira no recreio, local que é compartilhado por todas as salas de JI do colégio. Ao mesmo tempo que as crianças brincam, a sala está a ser preparada para o almoço (que vem do colégio antigo), uma vez que este, pelo facto de a obra ainda não estar concluída e por isso o refeitório ainda não estar operacional, ser realizado na sala de atividades. A hora de almoço é *tranquila*, sendo que todas as crianças almoçam de forma autónoma sem ser necessário intervir. Após o almoço é necessário que as crianças se dirijam ao recreio para que as camas sejam montadas. Este processo de montar/desmontar e de as refeições serem realizadas na sala é, na minha opinião, *exaustivo*. Contudo, isto só acontece devido ao atraso das obras, pois, caso estas estivessem finalizadas, as crianças iriam dormir no pavilhão e almoçar no refeitório.

Para terminar, a tarde de segunda-feira é dedicada à música. Quando chegou a pessoa responsável por abordar esta área achei bastante curioso, pois esta é uma colega que está a terminar a licenciatura na escola de música, ou seja, eu própria já a conhecia. Uma vez que estava à vontade com a colega e que era necessário alguém acompanhar o grupo à sessão de música (o grupo é subdividido em dois grupos) a Carmo achou que eu poderia ir “ajudar na gestão do grupo” (nota de campo de 3 de abril de 2016, sala de atividades).

Refletindo acerca do dia sinto que este foi bastante importante para mim, pois marcou uma etapa importante da minha vida de estudante: o último estágio antes de ser educadora de infância. Sinto que comparativamente com os estágios anteriores já adoto uma atitude mais profissional de questionamento e de observação intencional. Algo que me faz ficar *motivada* e com vontade de prosseguir este estágio é o facto de a equipa de sala, desde o primeiro minuto, me ter colocado à vontade e me ter dado segurança de que se tivesse alguma dúvida elas estariam ali para me apoiar e me ensinarem.

Reflexão diária de 4 de outubro de 2016- As famílias

“Bom dia Borboleta, bom dia Homem de fogo, bom dia Hulk. Como estão? Pergunta alegremente Carmo. Algumas crianças respondem, outras contam uma novidade ou mostram um brinquedo novo que querem muito mostrar na reunião da manhã. Há *alegria* por começar mais um dia de aprendizagens.” (Nota de campo de 4 de outubro de 2016, recreio).

São 9h da manhã e as crianças estão reunidas no recreio, até que se ouve a frase já esperada “Sala da Carmo para cima!” (Nota de campo de 4 de outubro de 2016, recreio). As crianças apressam-se, correm escada acima, arrumam os brinquedos que não querem mostrar ou que já mostraram, outros colocam as novidades em cima da mesa. Um dossiê novo, uma espada nova, um disco novo, uns óculos novos, parece que hoje vamos ter muito para partilhar na reunião da manhã. Enquanto uns organizam os materiais os outros marcam a presença. Mas, ao refletir acerca deste instrumento, questiono-me: porque o nome dos adultos (educadora e auxiliar) não aparece no mapa? Ao verificar todos os instrumentos de regulação, apercebo-me que os adultos da sala participam nos mesmo, porque não acontece o mesmo no mapa de presenças? Não fazem também elas parte do grupo? Na minha opinião este instrumento é para o grupo da sala e não para as crianças da sala e, neste sentido, todos deveriam marcar a presença.

Inicia-se a reunião da manhã na qual é lembrada a rotina do dia e ainda o facto de a “mãe da DarthVader vem à nossa sala contar uma história” (Nota de campo de 4 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Poucos minutos depois entra a DarthVader com um sorriso rasgado e logo atrás a sua mãe. As crianças sentam-se na área da biblioteca e a mãe explica:

“Eu e a DarthVader gostamos muito de histórias, temos imensas histórias. E como eu não vos conheço muito bem (é o 1º ano da DarthVader no colégio) decidimos vir contar-vos duas histórias.”- Conta a mãe.” (Nota de campo de 4 de outubro de 2016, área da biblioteca)

A mãe vai contando a história, as crianças ouvem e riem-se, uma vez que a história é *divertidíssima*. E assim se passa grande parte da manhã. Uma vez que a família é a “base fundamental da sua [da criança] identidade” (Araújo & Formosinho, 2013, p.20)., torna-se imprescindível que se estabeleça uma efetiva relação família-escola e, por esse motivo, exista “abertura” por parte dos/as educadores/as para receberem não só as crianças bem como as suas famílias pois, as estruturas familiares são “determinantes da biografia, trajetória de vida e experiência social das crianças” (Ferreira, 2004, p.67). Este envolvimento por parte da mãe permitiu-me não só conhecê-la, bem como conhecer melhor a DarthVader, uma vez que através da família conseguimos perceber “pistas” para compreender a criança. Com esta ação pude compreender que as famílias assumem uma participação ativa (Sá,2002), ou seja,

apresentam propostas, encontrando sempre “uma porta aberta” (Entrevista à diretora pedagógica”.

Assim que se findou a hora do conto iniciou-se a hora da ginástica. Esta área, abordada por um professor extra, é desenvolvida primeiramente com o grupo das crianças mais novas do JI (3 e 4 anos) – relembro que as salas são heterogêneas em termos de idades- e posteriormente com o grupo dos “crescidos” (nota de campo de 4 de outubro de 2016, polidesportivo). A sessão foi focada na realização de rolamentos à frente e, assim, consegui perceber que apenas o Luís, a Fada Vermelha, o Lucas e a Mafalda não o realizam. No término da sessão estive à conversa com o professor e este pareceu-me ser bastante *acessível* à possibilidade de parceria entre as “suas sessões” e eventuais sugestões de exercícios que eu, enquanto estagiária, pretenda realizar com o grupo de crianças.

Após a sessão de ginástica estava na hora de ir para a ““minha escola ter aulas.” Afirmo. Muito admirada a Fada Rosa questiona: “Aulas? Mas os crescidos não têm aulas! Fica connosco!”” (Nota de campo de 4 de outubro de 2016, recreio).

Reflexão diária de 6 de outubro de 2016- *Uma visita à mata*

“Questiono - “O que é isso que trazes na mão Simão?”. Prontamente me responde: - “É o t-rex e o ... este que voa. Não me lembro o nome!” Ao ouvir isto a Super mulher auxilia-o “Esse é o pterossauro. Pergunto: - “Mas os dinossauros voavam? Para quê?” Ao que o Starwars responde: “Não sei, mas podíamos fazer um projeto sobre dinossauros, o que comem, como andam, como caçam!”” (Nota de campo de 6 de outubro de 2016, recreio)

Assim, de uma conversa matinal, surge o desejo de realizar um projeto sobre os dinossauros. Penso que o papel do/da educador/a é o de fomentar o pensamento crítico e colocar questões que permitam à criança “interrogar-se, a questionar os outros e o mundo à sua volta” (Alexander citado por Folque, 2014, p.92), por esse motivo é que tentei estimular o diálogo ao questionar o grupo. Achei curioso serem as crianças a sugerirem a realização de um projeto, desta forma nota-se o à vontade que estas têm perante a metodologia de trabalho por projeto.

Já na sala, Carmo questiona: ““Lembram-se onde vamos hoje?” e todos respondem : “Ao parque! [à mata]” A *euforia* é notória” (Nota de campo de 6 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Este aproveitamento do meio ao redor como possibilidade para a ação é crucial, pois permite proporcionar à criança situações (*affordances*) que,

não são possíveis, sobretudo por o colégio não possuir um *jardim*⁴¹. Penso que o meio natural é crucial ao desenvolvimento da criança “porque la naturaleza está llena de secretos y ofrece innumerables atractivos (...) para explorar” (Ritscher, 2006, p. 15), este desafia a criança na procura de resoluções de problemas imprevisíveis, incentivando a cooperação entre pares e a partilha de ideias. Neste sentido, considero que o dia na mata foi bastante importante para as crianças, pois permitiu que tivessem uma aula de ginástica na rua, pintassem com giz no alcatrão, brincassem no parque infantil, fizessem um piquenique, dormissem ao ar livre e, sobretudo, explorassem o mundo. Ao longo do dia as crianças iam surgindo com objetos naturais que encontravam:

“Estou sentada ao observar as crianças a brincarem. Borboleta e Fada Vermelha aproximam-se e, como se tivessem um tesouro escondido nas suas mãos, pedem-me que abra as minhas mãos e dão-me o seu tesouro. Apercebo-me que são pedras que tinham estado a apanhar. Pergunto o que vamos fazer com tudo aquilo. Elas sugerem levar para a sala. Concordo. Mas antes que se vão embora para uma nova exploração questiono-as “Já repararam que as pedras têm diferentes cores? As brancas, as vermelhas, as castanhas.” Fada Vermelha completa “Esta é pesada, esta é pequena”. Sugiro: “podemos colocar aqui [numa mão] as pequenas, e aqui [na outra mão] as grandes”. Fada Vermelha faz os conjuntos. Mas, assim que termina, sem que eu tenha tempo de criar um novo desafio, parte a correr”.

(Nota de campo de 6 de outubro de 2016, Mata)

Penso que o facto de questionar a criança e de criar desafios é algo que, atualmente, consigo fazer com alguma facilidade, sendo esta uma das características que rege a minha ação, pois defendo que os adultos/ educadores devem ser:

“um guia, é ser um orientador que tem de apoiar as crianças em todos os aspetos. Atribui-se-lhe o papel de facilitador das aprendizagens das crianças, o que significa poder ajudá-las, orientá-las em tudo que elas necessitem. Ser professor não é só fazer só com que os alunos aprendam os conteúdos de um livro, é muito mais que isso, é fazer com os alunos sejam competentes para ultrapassar situações, nomeadamente, problemáticas, o que significa formá-los e orientá-los, levá-los pelo melhor caminho.” (Mesquita, 2011, p. 86-87).

Reflexão diária de 7 de outubro de 2016- *Reunião de conselho*

“Fada Rosa e Borboleta estão a correr pelo recreio quando Bia se aproxima e questiona Borboleta: “Posso brincar?” ao que esta responde “Tens de pedir à Fada Rosa! Ela é que sabe.”” (Nota de campo de 7 de outubro de 2016, recreio)

A manhã no colégio inicia-se sempre com o *tempo da criança*, tempo esse que me tem consentido observar o “contexto das interações e às redes de sociabilidade em que as crianças estão envolvidas, ao quem faz o quê perante quem” (Ferreira, 2004, p.

⁴¹ Refiro-me ao espaço exterior natural. Alguns exemplos são: Árvores de fruto, horta, areia.

112). Durante este tempo permito-me a brincar, sempre respeitando a ordem social do *tempo da criança*, a aprender com elas, deixando que ditem as regras do brincar. Contudo, durante este tempo tento não perder a intencionalidade da ação e, por isso, “coloc[o] algumas questões, coment[o] alguns comportamentos, recomend[o] outras direções e, sobretudo, valoriz[o] o que as crianças estão a fazer” (Moreira, 2015, p.31). Assim, este tempo revela-se crucial, pois permite-me, nesta fase inicial, conhecer o grupo e encontrar respostas às necessidades das crianças.

Após este *tempo da criança* e após a reunião da manhã- na qual se planeia o dia e na qual as crianças “escolheram outros nomes que gostavam de ter para o meu trabalho da escola” (nota de campo de 7 de outubro de 2016, Ao redor da mesa) - é altura das crianças escolherem a área para a qual querem ir e também hora de algumas crianças organizarem trabalhos em atraso. Assim eu e a educadora cooperante estivemos a refletir com algumas crianças- de forma individual- o mapa de atividades do mês de setembro:

“Eu: Homem-Aranha, vamos observar o mapa. Qual a atividade que, no mês de setembro, realizaste mais?

Homem-Aranha: A casinha

Eu: Sim. E qual a que marcaste menos?

Homem-Aranha: O recorte e colagem

Eu: Então o que temos de marcar mais este mês?

Homem-Aranha: O recorte e colagem porque é importante.”

(Nota de campo de 7 de outubro de 2016, Área da escrita)

Considero que esta reflexão permite à criança refletir acerca da sua ação, o que se revela importante, uma vez que permite à criança, com a ajuda do educador, planear, gerir e avaliar a sua própria aprendizagem. Após a conversa as crianças preenchem uma folha completando uma frase e ilustrando-a.

“O Homem-Aranha está a ilustrar o seu trabalho quando me diz: “Filipa já não cabe o corpo.” [Não existe espaço na folha para completar o seu desenho]. Digo-lhe: “Homem-Aranha não há problema. Fica bem assim. Para a próxima tens de fazer o desenho mais pequeno e já caberá”. Ele olha para mim e, sem dizer nada, começa a chorar. Fico sem reação e peço ajuda à educadora. Esta sugere acrescentar um pedaço de papel para que o Homem-Aranha possa terminar o desenho”

(Nota de campo de 7 de outubro de 2016, Área da escrita)

Uma vez que estou numa fase de adaptação, ainda é compreensível que não conheça todas as crianças, mas, aos poucos, vou compreendendo os limites e dificuldades de cada uma. Com esta situação pude compreender que o Homem-Aranha, por vezes, reage mal com a *frustração*. Felizmente, posso contar com o apoio da

educadora cooperante que me auxilia a resolver este tipo de questões e a conhecer o grupo.

A parte da tarde é dedicada ao conselho, no qual as crianças têm a oportunidade de “falar, conversar e discutir durante longo tempo” (Folque, 2014, p.184) assim, auxiliados pela educadora, os presidentes dão a palavra e todo o grupo avalia e planeia, através do Diário, a vida em comunidade. Uma vez que nunca tinha assistido a nenhum conselho foi interessante observar as interações entre o grupo e, sobretudo, compreender o papel da educadora durante este momento. Assim compreendi que a educadora é a mediadora, que fomenta o diálogo entre pares. Durante a conversa, surgiram vários projetos, nomeadamente: Porque os cabelos crescem, os Dinossauros, porque os carros têm janelas e o projeto sobre a alimentação. Achei curioso a capacidade que as crianças têm de dialogar, de decidirem, de planear.

Reflexão diária de 10 de outubro de 2016- A (des)integração do Luís

“Bom dia Fada Rosa, Bom dia António, Bom dia Homem Aranha, como foi o fim-de-semana?”

(Nota de campo de 10 de outubro de 2016, sala de acolhimento)

Após o fim-de-semana, chega o momento de retomar a rotina, do encontro com a comunidade educativa e com os desafios que encontraremos ao longo da semana. Assim que chego à sala de acolhimento encontro-me com a Fada Rosa, o António e o Homem Aranha- estes são sempre as primeiras crianças da Sala da Carmo a chegarem ao Colégio. Poucos minutos depois é hora de arrumar, vestir os casacos e ir para o recreio. As outras crianças da sala vão, aos poucos, chegando acompanhadas pelos pais, contudo, verificasse que para algumas crianças é mais difícil esta separação do que para outras:

“A Mafalda chega acompanhada da sua mãe. A mãe dá-lhe um abraço e um beijinho e diz que tem de ir trabalhar, partindo. Mafalda senta-se a um canto a chorar.” (Nota de campo de 10 de outubro de 2016, recreio)

Ouve-se então a esperada frase “Sala da Carmo para cima!” (Nota de campo de 10 de outubro de 2016, recreio). Assim que as crianças entram na sala aprontam-se a ajudar a arruma-la para a Reunião da manha. As mesas juntam-se, as cadeiras dispõem-se ao longo da mesma e forma-se a grande roda na qual se inicia “a discussão de problemas, a negociação, a tomada de decisões. É o fórum, o núcleo onde se constrói a vida do grupo. É o símbolo da comunidade” (Vasconcelos, 1997, p. 153). Neste dia estava a decorrer uma greve de taxistas e, de uma forma simples a educadora

questionou o grupo se sabiam o que estava a acontecer e explicou o porque de as pessoas estarem a fazer greve. Achei curioso, pois, por norma, as educadoras desvalorizam o papel da criança e, por isso, não as poem a par dos “assuntos de adultos” o que não acontece no Colégio, onde as crianças são valorizadas e informadas do que se passa ao seu redor, pois enquanto ser social a criança deve ser integrada no que a rodeia.

No término da reunião, o grupo divide-se: algumas crianças vão continuar o projeto do Rugby com a educadora, outras crianças vão para as diferentes áreas da sala e, um terceiro grupo, inicia a escrita com a minha ajuda e com a ajuda da auxiliar. Embora alguns educadores pensem que a introdução da escrita é uma forma de escolarização do jardim-de-infância o que é certo é que, no dia-a-dia “as crianças escrevem, embora nem sempre o saibam fazer convencionalmente, e crianças lêem, embora também não o façam de modo convencional. Estas crianças usam a linguagem escrita com propósitos e finalidades diversos” (Mata, 2008, p.13), até porque a escrita é a oficialização da fala. Neste sentido, cabe à educadora proporcionar momentos de contacto com a escrita, dispondo materiais de escrita diversos como o caso do computador, dos livros, das placas com os nomes, etc., e proporcionar atividades de envolvimento com a escrita. Neste caso, a atividade que realizámos foi escrever, num papel A3, momentos significativos do fim-de-semana das crianças e estas reescreverem por baixo. Contudo, e de acordo com a faixa etária, existem crianças que apenas completam o texto com uma palavra.

No final da manhã e início da hora de almoço o Luís começa, de forma *compulsiva* a chorar. Fiquei preocupada e fui ao seu encontro:

“Eu: “Luís o que se passa? Não tens fome? [O Luís continua a chorar sem me responder] Não queres estar sentado neste lugar?.” Super mulher interrompe-me e diz: “Ele tem saudades da mãe.”. Questiono-o se é isso e ele, sem nunca parar de chorar, abana a cabeça em sinal afirmativo. Peço-lhe que se acalme e afirmo que vou tentar arranjar uma solução.”
(Nota de campo de 10 de outubro de 2016, Mesa de almoço)

Após esta situação e sem saber o que fazer para o ajudar, dirijo-me à educadora que, prontamente me explica:

“O Luís está connosco à um ano. Mas nunca está o dia todo está só a parte da manhã e, por vezes nem vêm. Hoje a mãe do Luís tinha-o incentivado a ficar também à tarde para a sessão de música e, por esse motivo, ele está assim”
(Nota de campo de 10 de outubro de 2016, Mesa de almoço)

Dado que a criança estava bastante *desconfortável*, a educadora achou melhor ligar à mãe. Esta decidiu ir busca-lo e levá-lo para casa. Depois da explicação da educadora compreendi o motivo que levava o Luís a estar tão *desconfortável* com a situação. Embora compreenda que a adaptação a um contexto escolar é um processo complicado e demorado, penso que de ambas as instituições- família e escola- deveram proceder de forma a ajudar a criança neste mesmo processo de integração necessário à vida futura.

No término da situação a educadora cooperante explicou-me que a maioria dos pais destas crianças trabalham em casa. Este é um dado, para mim, bastante *curioso*, pois embora os pais trabalhem em casa, preferem que os filhos tenham uma vida escolar ativa do que um ensino doméstico, demonstrando que valorizam o papel da escola.

Reflexão diária de 11 de outubro de 2016- O Tiago

“Quem és tu? És o pai do Lucas? O que vens fazer?”
(Nota de campo de 11 de outubro de 2016, Ao redor da mesa)

Aproximo-me do pequeno portão lateral ao edifício principal e logo começo a ouvir o som da infância. Assim, com um sorriso na cara, entro pelo portão e logo sou “abalroada” por várias crianças que me desejam o bom dia, contam uma novidade ou, simplesmente, querem um abraço matinal, é tão bom ser recebida desta forma. Logo depois chega Carmo e todas as crianças se dirigem para a sala onde se inicia a já expetável Reunião da manhã.

A reunião decorre com a tranquilidade habitual quando, à porta, aparece um elemento desconhecido ao grupo. As perguntas surgem naturalmente: “Quem és tu? Sou o Tiago” (Nota de campo de 11 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). O Tiago, o novo elemento do grupo que, na realidade é, para mim, o professor Tiago, sentasse à conversa com o grupo. De uma forma natural todos, especialmente o Homem Falcão que é bastante *desinibido*, conversam com o Tiago. Ainda durante a Reunião aparece outro elemento estranho ao grupo: uma aluna alemã que estava de visita à escola e que permaneceria na sala ao longo da manhã.

Embora o grupo esteja, segundo a educadora cooperante, habituado a receber visitas, é notória a mudança de comportamento dos diferentes elementos do grupo que ficam mais *eufóricos*. Por esse motivo, torna-se mais complicado que a rotina habitual seja seguida tranquilamente.

Já no recreio, converso com diversos elementos do grupo quando surge uma questão *interessante*:

“ [Estou no recreio sentada dentro da casa com a Fada Rosa, o Homem Aranha, a Super Mulher e o Starwars.]
Starwars: “Logo podemos brincar a esse jogo”
Eu: “Starwars logo não estarei cá, eu vou para a escola.
Fada Rosa: “Para a escola? Mas os crescidos não vão para a escola.”
Eu: “Mas eu ainda estou a estudar e o Tiago é o meu professor.”
Fada Rosa: “Professor? Não é nada, os crescidos não têm professores.”
(Nota de campo de 11 de outubro de 2016, recreio)

Esta conversa foi *interessante*, pois demonstra a conceção que a Fada Rosa tem de que a escola é só para as crianças. Penso que seria pertinente abordar novamente esta ideia, podendo inclusive mostrar-lhe fotos da “minha” escola para que ela perceba que realmente os “crescidos” também andam na escola.

Ainda antes de me vir embora consegui conversar um pouco com a educadora cooperante sobre um conceito que usei nas minhas reflexões “brincadeira livre”. A educadora chamou-me à atenção de que “livres são os pássaros” (frase usada por Niza numa conferência que a educadora esteve presente). Ou seja, a brincadeira não é livre é espontânea, mas orientada, pois nós adultos temos a função de ajudar a criança a autorregular as suas escolhas:

“ [Ao aperceber-me que a Fada Vermelha iria buscar, como todos os dias, o seu caderno para fazer um desenho dirigi-me a ela]
Eu: Fada Vermelha, estás sempre a desenhar no caderno. Não seria melhor experimentares outra área da sala.
Fada Vermelha: Mas eu gosto de fazer desenhos.
Eu: Então porque não vais por exemplo pintar.”
(Nota de campo de 10 de outubro de 2016, área da escrita)

Esta reflexão conjunta com a educadora fez-me compreender que, de facto, este conceito teria de ser revisto, pois concordo com ela, a brincadeira nunca é livre quando por detrás de todas as brincadeiras existe uma intencionalidade do educador.

Reflexão diária de 12 de outubro de 2016- Atividades de escrita em JI

Hoje o dia começou um pouco mais cinzento, o tempo frio, a chuva e as folhas a caírem. Felizmente, o Colégio tem um toldo que protege a zona central do recreio protegendo os brinquedos e as crianças da chuva e, por esse motivo, a manhã iniciou-se da forma habitual: primeiramente o acolhimento na sala da Mónica e, depois, a ida para o recreio.

O tempo parece influenciar a disposição do grupo e, na reunião da manhã, este encontra-se menos disposto a interagir do que o habitual, as questões e as novidades são poucas. Então a Carmo, tal como previamente combinado, inicia:

“Carmo: A Filipa tem algo para vos propor relativamente ao Rugby

Eu: Estive a pensar e poderíamos pesquisar na internet quais os desportos que as pessoas que andam em cadeira de rodas praticam.

Carmo: Sim e podiam enviar um email a uma pessoa tetraplégica, ou seja, que anda em cadeira de rodas, para nos vir visitar ao Colégio.

[Logo as crianças dizem “sim” de forma *animada*]

(Nota de campo de 12 de outubro de 2016, Ao redor da mesa)

O apoio por parte da educadora cooperante faz-me sentir mais *segura* perante o grupo e perceber que, de facto, estamos a elaborar um trabalho em parceria, no qual eu, enquanto estagiária, estou a aprender, mas que, sobretudo, beneficia as crianças.

Quando a Carmo diz “Agora podem ir marcar a área para a qual vão e o grupo do Rugby vai com a Filipa para o computador” (Nota de campo de 12 de outubro de 2016, Ao redor da mesa), parece que o grupo desperta e a *animação* inicia-se. O grupo do Rugby (Homem de fogo, Mafalda, Super mulher, Starwars, Rafael) junta-se e iniciamos logo o email para uma pessoa tetraplégica, pois as questões que queriam ver respondidas eram imensas: “Como é que as pessoas em cadeiras de rodas jogam? Porque os senhores andam em cadeiras de rodas? Se caírem como é que fazem? Como é que conseguem guardar a bola na cadeira de rodas? Como conseguem rodar a cadeira de rodas? Como é que é a bola?”. Esta investigação parte do *interesse* do grupo perante a descoberta desta realidade, após a investigação relativamente ao Rugby. Esta articulação de áreas, é fundamental em jardim-de-infância, pois permita que a criança vivencie as suas próprias descobertas de uma forma mais autêntica e significativa.

Após o termino do envio do email o Homem de Fogo e o Starwars permaneceram no computador, pois queriam escrever. Com a ajuda dos cartões dos animais estes começaram a copiar o que viam para o computador, no entanto tiveram alguma dificuldade em descobrir as letras, uma vez que “estas letras [as do teclado] são diferentes das que a Carmo faz” (Nota de campo de 12 de outubro de 2016, área da escrita). Em conversa com a educadora, decidimos que iremos escrever, nas teclas do computador, com o corretor, as letras com as quais as crianças já se familiarizaram.

Quando estava a “dar a volta à sala”, de forma a perceber como cada grupo e cada criança estava a interagir, achei *interessante* o Homem Aranha estar a ensinar à Fada Vermelha os conceitos de leve e de pesado:

“Homem Aranha: Estás a ver Fada Vermelha, este é mais pesado porque vai [o prato] para baixo. Assim este é mais leve.”
(Nota de campo de 12 de outubro de 2016, área da matemática e das ciências)

Esta observação, tão importante no exercício da docência permite à educadora verificar os interesses do grupo, as necessidades do grupo e as relações dentro do grupo.

A parte da tarde estava reservada à Língua Portuguesa e, nesse sentido, a educadora perguntou-me se tinha alguma proposta que gostasse de fazer ao grupo, ao que sugeri elaborarmos uma história todos em conjunto. As crianças iam dando as ideias e a educadora ia escrevendo e, posteriormente, as crianças iriam ilustrar a história. Esta atividade embora não esteja, diretamente, relacionada com a escrita, uma vez que as crianças não escrevem, estimula o desenvolvimento da linguagem oral. Ao refletir acerca da atividade penso que é necessário elaborar atividades que permitam ao grupo estimular a imaginação – uma vez que a história criada foi pouco fantasiosa e criativa como era exetável nesta faixa etária- e permitir que o grupo tenha mais oportunidades de contar histórias- pois notou-se que a articulação entre conteúdos era uma dificuldade do grupo.

Reflexão diária de 13 de outubro de 2016- *As reuniões de pais*

“Bom dia a todos” (Nota de campo de 13 de outubro de 2016, sala de acolhimento).

A manhã começa, tal como todos os dias, com o desejo de que este seja um bom dia. Mas, assim que me sento a Fada Rosa vem ter comigo e diz-me “Tens de conversar com o Homem Aranha, ele aleijou-me” (Nota de campo de 13 de outubro de 2016, sala de acolhimento). Os conflitos nestas idades são imensos, mas normalmente resolvem-se facilmente, então pergunto-lhe:

““Fada Rosa, mas porque tenho de ser eu a falar? Ao que ela me responde: “porque tu é que tens de resolver.” Fico surpresa com a resposta e digo-lhe “Fada Rosa chama o Homem Aranha e conversem.” [ela vai buscar o Homem Aranha e os dois ficam à minha frente para que eu medie aquele conflito. Calmamente pergunto] “Podem explicar-me o que aconteceu porque eu não vi?” Fada Rosa muito rapidamente me responde “Ele empurrou-me” Digo-lhe “Eu compreendo que te tenha aleijado, mas então o que estão a pensar fazer para resolver este problema?” Ao que o Homem Aranha responde: “Pedir desculpa e dar um beijinho” E assim acontece e cada um vai brincar.”
(Nota de campo de 13 de outubro de 2016, sala de acolhimento)

Esta situação fez-me refletir sobre dois aspetos: primeiramente a conceção que, novamente, a Fada Rosa tem acerca do papel do adulto. Adulto esse que tem de resolver os conflitos. Em segunda lugar reflito sobre a conceção que o Homem Aranha e os restantes elementos do grupo- tem de que as situações se resolvem pedindo desculpa e dando um beijinho. Neste caso, será que o pedir desculpa e dar um beijinho não é demasiado “banalizado” pelas crianças? Será que elas percebem que erraram e estão, de facto, “arrepentidas”? Ou, simplesmente, propõem esta forma de resolver o conflito porque é a “forma habitual” como os adultos dizem que se resolve? Assim interrogo-me: Como é que posso ajudar as crianças a encontrarem outra forma de resolverem os conflitos?

O relógio marca 9h15 está na hora de ir para a sala e iniciar a reunião da manhã. Depois de contadas as novidades que cada um tem e de se avaliar a planificação do dia anterior (Bola vermelha se a tarefa a que nos propusemos não foi realizada, bola verde se a tarefa a que nos propusemos foi realizada e bola amarela se a tarefa a que nos propusemos não ficou terminada), chega o momento de planear o presente dia e logo surge uma ideia: “Podíamos ir apresentar a história que ontem criámos as outras salas” (Nota de campo de 13 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Esta partilha, este momento designado por comunicação “quer esta se efetue sob a forma exterior, inicial de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou mesmo apenas mental, é a condição necessária e específica do desenvolvimento do homem na sociedade.” (Leontiev, 1978, p. 272) e, por esse motivo, assume tal importância no MEM. Ao ouvir a ideia a educadora concordou e logo sugeriu “então mas se vamos convidar as outras salas a virem à nossa sala assistir à história temos de realizar convites” (Nota de campo de 13 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Este envolvimento por parte do grupo e esta permanente motivação por parte da educadora permite que os conceitos e as diferentes áreas do currículo se articulem sem que haja uma necessária planificação prévia. Em suma, basta “sigir las propuestas de los niños y las niñas” (Majoral, 2014), pois “o poder para aprender reside na criança” (Hohman & Weikart, 2004, p.1).

O dia decorreu de forma normal com cada criança focada no seu trabalho: uns nas áreas, outros a emoldurarem a história, outros na ginástica, outros a realizarem os convites. Durante a parte da tarde realizámos uma experiência científica em grande grupo. Esta experiência tinha sido partilhada por parte da aluna alemã a 3 elementos do

grupo e esses elementos decidiram partilhar com os restantes colegas. Esta partilha de cada um enriquece o grupo e as crianças tem noção disso.

Após ter falado com a educadora cooperante acerca da temática que gostava de investigar – o envolvimento das crianças em JI com os materiais naturais- esta demonstrou-se disponível a trabalhar esta temática na sala e propôs irmos um pouco além e envolver as outras salas do Colégio, de forma a melhorar o recreio. Nesse sentido, na reunião de equipa realizada hoje a educadora levou essa sugestão “para a mesa” e todas as salas se demonstraram disponíveis a que este fosse um projeto do Colégio. Esta decisão permiti-me ir introduzindo “materiais pedagógicos [naturais] (...) [que] criem oportunidades (...) responsivos à pluralidade de experiências que se deseja que a criança possa viver” (Formosinho e Araújo, 2013, p.17), não só em contexto de sala, mas também alargar a minha prática a toda a comunidade envolvendo todos os elementos num efetivo trabalho de equipa benéfico às crianças. Confesso que embora esteja bastante motivada por ir permitir recursos para que as crianças contactem com a natureza, também estou um pouco assustada por o projeto sair do espaço da sala e envolver toda a comunidade. No entanto, sei que posso contar com a colaboração dos diferentes elementos da equipa o que me tranquiliza.

No termino do dia foi realizada a reunião de pais- apenas 2 famílias não compareceram- na qual a educadora me convidou a estar presente. Embora estivesse combinado estar presente ao longo da reunião o que é certo é que apenas estive presente numa fase inicial- na qual me apresentei e pedi a colaboração dos pais nos projetos que iríamos realizar- uma vez que as crianças estavam a chorar por não poderem estar perto dos pais e, por isso, em conjunto com a educadora decidimos que seria melhor eu ir para o recreio realizar jogos sociais de forma a *tranquilizar* o grupo.

Reflexão diária de 14 de outubro de 2016- A necessária disponibilidade para as crianças

Todos os dias acordo com um sorriso na cara e uma imensa vontade de me voltar a encontrar com as crianças e de voltar a aprender com elas. Contudo, hoje acordei com febre e bastante doente. No entanto, fiz um esforço para não faltar.

Assim que cheguei ao Colégio as crianças aperceberam-se logo que eu estava “com uma voz esquisita” (Nota de campo de 14 de outubro de 2016, recreio) e, de facto estava. Apesar disso tentei sorrir e encontrar forças para dar o meu melhor a elas. Na parte da manhã, enquanto a educadora cooperante estava com um grupo a acabar a

história dos “Cães, o senhor e o osso”, eu fiquei responsável por realizar Bolinhos de coco com o outro grupo. Esta receita permite que as crianças ponham, realmente, “a mão na massa” e explorem, moldando os bolos numa forma circular. Penso que embora a sujidade seja maior, o momento da culinária não é, como já vi a ser feito noutras escolas, um momento para a educadora fazer uma receita e o grupo ver. É sim, tal como foi feito neste momento, uma oportunidade de as crianças experimentarem texturas, moldarem e envolverem-se, efetivamente, numa atividade do cotidiano.

Com os bolinhos no forno, chegou a hora de apresentar a nossa história às outras salas. Este momento é bastante importante no processo de aprendizagem, pois faz com que a criança sinta o seu trabalho valorizado e sinta o importante que é partilhar com os outros, pois o conhecimento (co)partilhado e o tornar “meu” em “nosso” tem mais valor que o conhecimento individualizado.

Embora estivesse a fazer um esforço para estar bem, o que é certo é que estava bastante doente e, por esse motivo, a minha disponibilidade para o grupo não era total. Por isso, decidi sair mais cedo, pois as crianças merecem a nossa total disponibilidade e, caso nós não estejamos bem, não conseguimos estar bem com elas e elas ressentem-se.

Reflexão diária de 17 de outubro de 2016- *Desânimo com o projeto dos dinossauros*

Na reunião da manhã a Carmo diz “Hoje os autores do projeto vão reunir com a Filipa para começarem o projeto” (Nota de campo de 17 de outubro de 2016, ao redor da mesa). Assim se inicia o trabalho de projeto no qual as crianças:

“decidem, defendem um determinado aspecto, explicam as ideias aos colegas, prevêem resultados e formulam hipóteses que servirão de base aos prognósticos, verificam factos e pormenores, entrevistam pessoas que podem ser fonte de informação útil, iniciam novos caminhos na linha de investigação, desenham por observação, tal como de memória e através da imaginação, registam os resultados, transmitem as ideias umas às outras, incentivam-se mutuamente, voltam a tentar, aceitam e tomam a responsabilidade de todo o trabalho realizado.” (Katz e Chard, 1997, p. 7)

Chegava assim o momento de nos sentarmos e discutirmos sobre o que cada um sabia sobre a temática e o que ainda queriam saber. O Silvestre chegou ao pé de mim e disse “Eu não quero fazer parte do projeto!” (Nota de campo de 17 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Sem saber o que dizer mas sem o querer obrigar a participar

em algo que ele não estava *interessado* disse-lhe “Tudo bem Silvestre. Hoje não participas, se quiseres noutra dia vens para o projeto” (Nota de campo de 17 de outubro de 2016, ao redor da mesa). Embora saiba que é importante a criança respeitar aquilo que previamente acordou, que neste caso foi a participação no projeto, não acho correto “obrigar” uma criança que não esteja *interessada* a participar no projeto. Contudo, das próximas vezes que realizarmos o projeto vou incentivá-lo a participar novamente.

No pequeno grupo surgiam muitas ideias daquilo que as crianças sabiam “os dinossauros são grandes, os dinossauros põem ovos, existem os herbívoros e os carnívoros”. Contudo, nem todos os elementos do grupo estavam empenhados no projeto. A Fada vermelha não falava, a fada rosa apenas observa as brincadeiras dos colegas na área do faz de conta, o homem falcão somente dizia frases sem sentido tentando distrair o Starwars que era o único que se demonstrava empenhado no projeto. Assim ia tentando incentivar as crianças a falarem e a decidirem o que sabiam e o que queriam saber. Contudo, achei melhor não insistir pois o grupo não estava atento e participativo. Neste sentido, disse “Ok, isto não está a resultar terminamos amanhã. Agora podem ir para as áreas” (Nota de campo de 17 de outubro de 2016, ao redor da mesa).

Esta situação fez com que eu ficasse *desmotivada*, pois as crianças não estavam tão participativas como era meu objetivo, contudo, em conversa com a educadora cooperante ela alertou-me para o facto de este grupo ser “um pouco difícil” e para eu não *desmotivar*, pois tudo iria melhorar bastava eu saber *motivá-los* e impor limites.

Reflexão diária de 18 de outubro de 2016- As concepções da criança

A reunião da manhã marcou, como sempre, o início do dia. Começámos por analisar o plano do dia anterior quando a educadora, após o sucedido no projeto dos dinossauros diz:

“Carmo: Ontem pude ver que vocês não estavam a colaborar com a Filipa para o projeto. Vocês não querem fazer o projeto. [Logo os elementos do grupo dizem que sim]. Então o que aconteceu?”

Super mulher: O Homem falcão estava sempre a falar.

Carmo: Vocês têm de compreender que a Filipa está a ajudar-vos a realizar um projeto que vocês quiseram iniciar por isso tem todos de colaborar senão saem do projeto combinado? [todos respondem em uníssono que sim]

Eu: Sim porque eu fiquei bastante *triste*, pois vocês não estavam *interessados* no projeto.

Starwars: Mas nós estamos!

Eu: Então se estão hoje vamos terminar a planificação. Se eu vir que não estão *empenhados* termino o projeto.”
(Nota de campo de 18 de outubro de 2016, ao redor da mesa)

Este momento, a reunião da manhã, é, de facto, o momento ideal do dia para resolver os problemas da comunidade e chegar a uma resolução dos mesmos.

No término da reunião os autores do projeto reuniram-se e assim, de forma mais *tranquila*, conseguimos elaborar um plano que irá guiar o nosso projeto com base naquilo que queremos saber e que queremos fazer.

Após a planificação do projeto vou até à área do faz de conta e observo o grupo que se encontrava nesta área (Homem Aranha, Bia e Super mulher). Sento-me na cadeira e logo a eles começam:

“Bia: Este é a tua filha tu és mãe.
Eu: Tudo bem, e vocês quem são?
Super mulher: Nós tomamos conta dos bebés.
Eu: Ok. Homem Aranha, toma a minha filha tens de lhe dar banho porque eu não dei.
Bia: Não tiveste tempo.
[Homem aranha começa a despir o bebé quando chega às partes genitais e vê que o boneco tem um pénis]
Homem Aranha: [lançando o boneco para o meu colo] Eu não posso ver isto.
Bia: Mas qual é o problema Homem Aranha. É só uma pilinha. Tu também tens pilinha.
Homem Aranha: Não digas isso.
[Ao fundo ouve-se a Vanessa “Arrumar!” e logo todos na área do faz-de-conta iniciam a arrumação e eu fico parada a pensar]”
(Nota de campo de 18 de outubro de 2016, Área do faz-de-conta)

Esta situação é, de facto, rica em interações que me permitem conhecer o grupo e as conceções que cada um tem do papel social. Contudo, esta situação deixou-me *inquieta e preocupada*. Começo então por analisar a situação: primeiramente começo por perceber que é a Bia e a Super mulher que ditam a brincadeira sem que o Homem Aranha opine acerca da mesma. Seguidamente compreendo que a Bia assume que o adulto é que tem de ter o papel de destaque “tu és a mãe”. Logo de seguida a Super mulher diz algo bastante curioso: “Nós tomamos conta dos bebés”, ou seja, não reconhece a profissão de educadora – poderia dizer “nós somos as educadoras”- mas sim o papel de cuidadora. Logo de seguida a Bia diz “Não tiveste tempo.”, ou seja, a falta de tempo que o adulto tem. A situação que mais me *preocupa* é a *repugnância* que o Homem Aranha demonstrou ao ver um pénis. Esta situação deixou-me em alerta. Em conversa com a educadora cooperante sugeri ler para todo o grupo o livro “Será que a Joanhinha tem uma pilinha?” para ver a reação deste ao livro.

Reflexão diária de 19 de outubro de 2016- O projeto dos dinossauros

“Filipa trouxe este livro dos dinossauros para a sala”

(Nota de campo de 19 de outubro de 2016, recreio)

Embora não estivesse planeado debruçarmo-nos no projeto dos dinossauros o que é certo é que decidi aproveitar a *motivação* por parte de Hulk para relançar o projeto e, neste sentido, iniciar a 3ª fase do projeto: a execução. Assim estivemos, em conjunto, a analisar o livro, chegando a certas conclusões e partilhando informações com todo o grupo:

“Eu: Já viram estes eram os dinossauros herbívoros os maiores que existiram. Tinham cerca de 30 metros e um longo pescoço. Porque será que o seu pescoço era tão grande?

Starwars: Para chegarem aos ramos das árvores”

(Nota de campo de 19 de outubro de 2016, ao redor da mesa)

Após a análise do livro decidimos elaborar a capa do nosso livro dos dinossauros. Uns desenharam t-rex, outros desenharam ovos de dinossauros, outros desenharam pterossauros. No final, todos estavam *motivados* a mostrar os seus dinossauros aos restantes colegas da sala.

Embora tenha tido dificuldade em “arrancar” com o projeto o que é certo é que agora sinto que, felizmente, já estou a conseguir motivar o grupo tornando “a sala de actividades e o próprio jardim-de-infância num “grande laboratório de pesquisa e reflexão”” (Vasconcelos (coord), s/d, p.16).

Em conjunto decidimos que a próxima etapa do projeto será a “Pegada de dinossauro”, além de que decidimos, embora não tivéssemos decidido inicialmente, inserir na sala uma “Caixa dos dinossauros” na qual serão colocados todos os recursos (livros, peluches, bonecos) que utilizaremos no projeto, de forma a permitir que os restantes elementos da sala também tenham ao seu dispor estes materiais.

Reflexão diária de 20 de outubro de 2016- Pais, mas os adultos não têm pais

“Bom dia, como estão? Contentes por irmos ao teatro?” (Nota de campo de 20 de outubro de 2016, recreio)

Assim que cheguei ao Colégio a *animação* e a *alegria* por parte das crianças era notória. Todos vestiam os bibes (que normalmente só são usados para fazerem trabalhos que possam sujar a roupa ou para ir ao exterior), iam à casa de banho e

faziam um “comboio”. Até que finalmente a Patrícia disse “O autocarro já chegou!”. A *excitação* aumentou e com sorrisos no rosto nos dirigimos (juntamente com a sala da Mónica) para o autocarro. Já no autocarro, pusemos os cintos e rumámos ao teatro.

As crianças iam fazendo o relato dos locais:

“O Rafael diz “Olha ali é o metro! Eu já fui com a minha mãe” (...) O Hulk afirma “Olha o estádio do sporting!” (...) A DarthVader diz “Eu acho que conheço este jardim. Não me lembro do nome, mas já vim com a minha mãe! O Luís diz “Olha a praça do Comércio!”” (Nota de campo de 20 de outubro de 2016, Autocarro)

Estas afirmações fizeram-me entender que as crianças, na sua maioria, costumam sair de casa e visitar diferentes locais com as suas famílias, sendo este dado importante, pois o conhecimento dos locais permite à criança vivenciar e conhecer para além de “4 paredes”, alargando os conhecimentos.

A meio do percurso liguei para o meu pai, o Starwars (que estava ao meu lado) começa por perguntar:

Starwars: Com quem estavas a falar?
Eu: Com o meu pai.
Starwars: Com o teu pai? [para e pensa] mas os crescidos não têm pais.
Eu: Não têm pais, porque?
Starwars: Porque são crescidos.
Eu: Então os teus avós são o que?
Starwars: Avós.
Eu: Então não são os pais da mãe?
Starwars: Não, são avós!
[Já sem saber como resolver aquela situação tento outra via]
Eu: Então Starwars, quando tu fores adulto, onde vão estar os teus pais?
Vais deixar de ter pais?
[Olha para mim e fica a pensar]
Starwars: Vão estar noutra casa.
Eu: E vão deixar de ser teus pais?
Starwars: Uhm... Pois, não.
Eu: Então quer dizer que os adultos também tem pais, correto?
Starwars: Ahm, pois. Sim.”
(Nota de campo de 20 de outubro de 2016, Autocarro)

Esta situação foi, de facto, *curiosa*, pois demonstra a conceção que o Starwars tem do papel do adulto: um adulto é crescido, não tem pais, vive na sua própria casa, e também a noção de que avós são avós e não pais. Olhando agora para a situação e refletindo, penso que poderia pedir ao Starwars para elaborar, em conjunto com os pais, uma árvore genealógica da sua família ajudando-o a compreender estas ligações familiares.

O espetáculo com várias canções de várias épocas em português foi, de facto, *espetacular*, pois foi bastante *tranquilo* e as crianças estavam bastante *atentas* às músicas e à encenação.

Na parte da tarde fomos até à sala da Marta ver a comunicação dos nossos colegas. Estes momentos de comunicação são, de facto, importantes, pois contribuem para a “construção da comunidade” [implica] que as crianças [aprendam] umas com as outras, elaborando um conhecimento comum e significados partilhados, e, assumindo a responsabilidade de aprendizagem do outro” (Rogoff, Matusov e White, citado por Folque, 2014, p. 312).

Já na parte da tarde no recreio a DarthVader atira uma peça à cabeça da Borboleta. Ao assistir à situação vou ter com ambas e começo:

“Eu: Podem explicar-me o que aconteceu e porque a Borboleta está a chorar?

Borboleta: A DarthVader atirou esta peça à minha cabeça.

Eu: DarthVader porque aconteceu isto?

DarthVader: Porque eu estava *zangada* com ela.

Eu: Achem que é assim que os conflitos se resolvem?

DarthVader: Não.

Eu: Então como vamos resolver a situação?

DarthVader: Desculpa [e dá um abraço a Borboleta]

Eu: Mas DarthVader agora podes ajudar a Borboleta a colocar gelo para não ficar com um alto na cabeça.

[Desta forma a DarthVader vai ajudar a Borboleta colocando gelo no hematoma]”

(Nota de campo de 17 de outubro de 2016, recreio)

Assim resolvemos, pensava eu, o incidente.

No término do dia aproveitámos para lanchar no recreio e jogar ao jogo da “Caixinha das surpresas”.

Reflexão diária de 21 de outubro de 2016- O método Papy

“Bom dia” diz a Carmo. Assim começa a reunião da manhã. As crianças contam as suas novidades quando o pai da Borboleta entra na sala e pede para conversar com a Carmo. A educadora ausenta-se e eu dou seguimento à reunião. Continuamos a conversar e começamos a planificar o dia, quando a educadora chega e começa por dizer:

“Carmo: Borboleta ontem ficas-te *triste* com a DarthVader porque ela te aleijou não foi?

Borboleta: Sim.

Carmo: Então mas a DarthVader pediu-te desculpa [sem perceber o que tinha acontecido intervenho]

Eu: Sim ela até ajudou a Borboleta a por gelo.

Carmo: Então Borboleta porque disseste ao pai que não querias vir à escola porque ela não te tinha pedido desculpa?

Borboleta: Eu não me lembrei.

Carmo: Tudo bem Borboleta, mas vou ligar ao pai a dizer que, de facto, a DarthVader te pediu desculpa”

(Nota de campo de 21 de outubro de 2016, ao redor da mesa)

Perante esta situação concluo que, talvez, a Borboleta, por ser o seu primeiro ano no Colégio, ainda tem dificuldade em perceber que os problemas são para ser resolvidos no seio do grupo em conversa com o outro. Além disto, demonstra que não tem uma relação securizante com o adulto da escola para demonstrar que ainda está *triste* com determinada situação.

No findar da manhã a educadora cooperante realizou uma atividade de matemática em grande grupo baseada no método de Frédérique Papy, nomeadamente, o método papy que consiste no ensino da matemática com recurso à abstração numérica. Esta forma de abordar matemática com recurso a uma história, neste caso específico a história dos coelhos e das cenouras, despertou a minha curiosidade. Em conversa com a educadora cooperante percebi que poderei fazer a formação papy o que me deixou bastante *motivada*. Estas oportunidades de aprender com o outro e de conhecer novas técnicas de ensino é o que dá significado ao estágio profissional, pois em comunidade (re)construímos a nossa identidade profissional.

A parte da tarde ficou marcada pela presença de uma nutricionista na sala. Primeiramente ouvimos a história do Roda e dos seus amigos que nos alertou para a importância da Roda dos Alimentos e de fazermos uma alimentação variada. No final, elaborámos um lanche criativo com bolachas de milho e frutas variadas.

Reflexão diária de 24 de outubro de 2016- *Eu gostava que o nosso jardim tivesse...*

A manhã inicia-se, tal como todos os dias, no *jardim*. Sento-me a um canto a observar. Algumas crianças correm, outras colocam-se dentro da “casa” a brincar, outras apenas ficam sentadas no meio do *jardim* com o seu objeto de conforto a desejar ainda estar no *sosego* da sua cama. Mais uma vez, como tantas outras vezes que observo este *jardim*, sinto que este é, tal como referido na reflexão semanal de 10 de outubro de 2016 a 14 de outubro de 2016, um espaço geometrizado sem cor. Numa tentativa de mudar este espaço e de ouvir as “vozes” das crianças tendo em conta que este é um direito da criança presente no 12º artigo da convenção dos direitos da criança (ONU, 1989) “A criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre

questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração.” o dia de hoje ficou marcado pelo questionamento às crianças do que gostavam que o *jardim* tivesse. Assim, no conselho (que foi realizado segunda de manhã pois não foi possível ser realizado sexta-feira) iniciei “Escrevi na coluna do “queremos fazer” que gostava de acrescentar materiais ao nosso recreio, pois temos poucas coisas para brincar. O que vocês gostavam que o recreio tivesse?” (Nota de campo de 24 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Embora alguns teóricos defendam que o adulto não deve escrever nos instrumentos de pilotagem, o que é certo é que o adulto é parte do grupo e tem também opiniões que devem ser valorizadas. Ao escrever no diário, ao propor está também a desafiar o grupo, a levá-lo a questionar-se e a ser o guia das aprendizagens.

Assim que questionei as respostas, em catapulta, começaram a surgir “um hipopótamo, uma casa, uma árvore, um castelo. A Constança coloca o dedo no ar e diz “Acho que a minha mãe, que é arquiteta, podia ajudar!” (Nota de campo de 24 de outubro de 2016, Ao redor da mesa). Foi notória a *motivação* por parte das crianças e foi *interessante* o comentário da Constança que compreendeu que iríamos necessitar de ajuda e que arranjou logo uma solução. Com esta conversa matinal ficou concluída a primeira fase do projeto: definição do problema, pois, embora não tenhamos preenchido uma tabela com “o que sabemos”, “o que queremos saber”, “onde vamos pesquisar”, “o que queremos fazer” o que é certo é que as crianças foram respondendo a todas estas questões oralmente num diálogo partilhado onde todos foram ouvidos e todos contribuíram para o início do projeto. Na reunião ficou também decidido que iríamos questionar também os nossos colegas das restantes salas, pois o *jardim* é um espaço de todos e, por isso, devemos saber ouvir os outros, sendo este, portanto, um projeto de intervenção intersalas.

No término da reunião decidimos registar todas aquelas ideias e, por isso, com a minha ajuda e com a ajuda da educadora, a criança preencheu um papel que dizia “Eu gostava que o recreio tivesse _____”.

Após o preenchimento do papel, em pequenos grupos de 4 crianças (grupos rotativos), fomos percorrer as restantes salas do Colégio. Em cada sala as crianças explicaram que estiveram a preencher um papel com ideias para acrescentar ao *jardim* e que também gostavam de saber as opiniões dos colegas. Assim deixámos folhas nas restantes salas para que cada criança preenchesse.

Embora para a tarde estivesse planeado fazer um levantamento de materiais que seriam necessários para reconstruir as sugestões das crianças o que é certo é que,

após o comentário da Constança, eu e a educadora cooperante (re)pensámos o planeado e, por isso, decidimos que seria mais pertinente em grupo enviarmos um email para os pais de todas as crianças a pedir ajuda. Desta forma, todos, em conjunto, escrevemos um email que foi reencaminho para os pais a pedir ajuda. Considero que estas alterações ao planeado são fundamentais, pois valorizam e têm em conta a opinião da criança.

Reflexão diária de 25 de outubro de 2016- A pegada de dinossauro

O dia começa e com ele a reunião da manhã se inicia. Está na hora de planear o dia. Assim a educadora dá-me a palavra e eu inicio “Olhem os autores do projeto dos dinossauros lembram-se de termos falado da pegada de dinossauro? Eu fiz uma em casa e agora podíamos ver quantos pés nossos cabem dentro da pegada de dinossauro o que acham?” (Nota de campo de 25 de outubro de 2016, ao redor da mesa). As perguntas iniciam-se “Então mas a pegada é grande?” Deixo a questão no ar. Os autores do projeto são, ao todo, 9 crianças e, por esse motivo, achei que seria mais fácil dividir este grupo em dois. Assim 4 crianças dirigiram-se comigo até ao *jardim* (e depois as outras 5) e lá estendemos o lençol onde estava desenhada a pegada de dinossauro e logo o diálogo se inicia:

“Eu: Então acham que a pegada de dinossauro é grande ou pequena?
Mafalda: Grande.
Eu: Então mas será que todos os dinossauros tinham uma pegada tão grande?
Super mulher: Sim
Eu: Acham? Então lembram-se de termos falado naquele dinossauro que só media 60 cm que era mais pequeno que vocês?
Super mulher: Sim.
Eu: Então acham que esse dinossauro tinha uma pegada assim tão grande?
Starwars: Ahm, não. Esta pegada é do maior dinossauro.
Eu: Exatamente Starwars. Esta pegada é daquele dinossauro que media 30 metros. Quantos pés caberão aqui dentro?” (Nota de campo de 25 de outubro de 2016, *jardim*)

Assim começamos a sujar os pés e a tentar descobrir quantas das nossas pegadas caberiam dentro de uma pegada de dinossauro. Compreendemos que os nossos pés eram muito pequenos comparados com o pé do saurópode (dinossauro de cerca de 30 metros que tinha uma pegada com cerca de 1.50 cm de diâmetro. Com os pés coloridos carimbámos o lençol e as gargalhadas ao sentir o pincel e a tinta nos pés eram muitas. Foi uma manhã *divertida* e até, para espanto meu, o Silvestre quis participar. Contudo percebemos que os nossos pés eram poucos para carimbar tanto

lençol e, por isso, decidimos que, no dia seguinte, os restantes colegas iriam-nos ajudar. Assim, abordámos a atividade de forma transversal e globalizante, permitindo à criança desenvolver atividades em diferentes áreas e domínios.

A hora de almoço chegou. O almoço decorria de forma *tranquila*, tal como é habitual. Estou sentada ao longe quando o Silvestre diz que não quer mais comida. A educadora cooperante passa e diz-lhe que ele tem de comer um pouco mais- pois ainda tinha muita comida. Vou auxiliar a Darthvader- que está ao lado de Silvestre- quando:

“[O Silvestre chora compulsivamente dizendo que não quer mais.]
Eu: “Silvestre tens de comer mais!”
[Logo ele começa a sair da cadeira e, propositadamente, a “deitar ranho” do nariz.]
Silvestre: Mas eu já disse que não quero!
Eu: Não Silvestre tens de comer!
[Saí da cadeira e, neste sentido, tenho de recorrer à contenção física]
Silvestre: Estás-me a aleijar!
Eu: Silvestre tens de comer!
Silvestre: Mas a Carmo disse que eu não precisava de comer!
Eu: Não Silvestre a Carmo disse que tinhas de comer!
Silvestre: Mas tenho de me ir assoar!
Eu: Come esse bocado e depois a Filipa vai buscar papel para te assoar!
[Ele come o pedaço que lhe dou. E assim vou buscar papel à casa de banho para ele se assoar]
Eu: Agora come!
Silvestre: Não!
Eu: Ok Silvestre então não sais da mesa.
[Fico atrás dele impedindo que ele mova a cadeira. Pouco depois ele come o que lhe disse]”
(Nota de campo de 25 de outubro de 2016, À mesa de almoço)

Algo que ao longo de 4 anos de percurso académico na escola superior de educação de Lisboa aprendi foi a necessidade de cumprir o que se diz e, tal como o prof. Tiago tanto afirma, de que temos de “ganhar batalhas” nas quais entramos. Pois, caso não tivesse mantido uma postura de convicção e tivesse desistido deixando que ele realmente não comesse, ele iria perceber que bastava chorar ou gritar para “levar a dele avante” e, por vezes, as crianças tem de ser contrariadas para seu próprio bem- neste caso a necessidade da criança de comer. Esta situação foi de alguma *tensão*, mas que penso ter conseguido gerir de forma *convicta* e *decidida*, pois já conheço bem o grupo.

Reflexão diária de 26 de outubro de 2016- *Representação do Nabo Gigante*

A manhã de quarta-feira, contrariamente ao que é habitual, começou de forma *agitada*. “Quem são os gatos? Onde estão as cristas das galinhas? Onde está o lápis?”. Começavam assim os preparativos para a representação e apresentação às restantes salas da peça “O Nabo Gigante”. Todos caracterizados encenámos uma última vez e ajustávamos os pormenores. A meio do treino o Lucas chega à sala e encostasse a mim digo-lhe “Lucas, podes ir para ali para junto dos gansos” mas ele permanece encostado a mim e, *timidamente*, me diz “Não quero”. Acho estranho e então insisto para que ele vá, mas ele permanece perto de mim e respeito-o. Terminado o ensaio todos se dirigem para o *jardim* e digo “Lucas agora sentas-te aí perto dos teus amigos, quando as outras salas chegarem se não quiseres fazer não há problema, vens para perto de mim” (Nota de campo de 26 de outubro de 2016, *jardim*). Logo as outras crianças chegaram e iniciase a representação e lá está o Lucas a representar sem medos. Fico *feliz* por, embora ter tido um *medo* inicial, ter conseguido ultrapassado e superado os seus medos. Penso que a *tranquilidade* que lhe transmiti e o *apoio* que lhe dei ajudou a que ele conseguisse.

A peça termina e as crianças das restantes salas colocam o dedo no ar para que possam tecer alguns comentários ao teatro. Ouvir os outros e todos juntos “avaliarmos” um momento contribui para um importante *feedback*. As crianças mais velhas fazem comentários mais críticos e mais construtivos “Deviam falar mais alto”, enquanto as crianças mais novas dizem apenas “gostei muito”, no entanto, esta partilha em grande grupo permite que os novatos ao ouvirem os veteranos vão, também elas, construindo o seu discurso mais fundamentado pois, em comunidade se aprende.

Após o teatro estava planeado dar continuidade à pegada iniciada no dia anterior, contudo, senti que o grupo estava a precisar de algo diferente: de estarem nas áreas e, por isso, respeitei o ritmo do grupo.

Reflexão diária de 27 de outubro de 2016- *Confiar na equipa*

Na reunião da manhã planeamos o dia e parece que este vai ser um dia em grande, pois muitas são as coisas que temos para fazer: começar as decorações de Halloween, terminar a pegada gigante, ir ao parque apanhar “coisas da natureza” para a caixa da natureza. As crianças dividem-se pelos diferentes momentos que planeamos e os adultos também se dividem: eu termino a pegada, a Vanessa vai à mata com 4

crianças e a Carmo inicia as decorações de Halloween. Esta é a importância de uma equipa, uma equipa que trabalha em conjunto, que partilha e divide tarefas, que confia e que, sobretudo, faz o melhor para as crianças.

A parte da tarde estava reservada às ciências e, por esse motivo, dividimos o grupo em dois grupos: um que ficava numa mesa comigo e outro que ficava com a Carmo. No centro da mesa foram colocados os elementos naturais que os colegas na parte da manhã foram buscar ao parque. E assim se começa a análise e exploração dos elementos. Cada criança pode cheirar, tocar e olhar. E o adulto guia este momento e partilha com as crianças conhecimentos:

“Eu: Já viram a pinha? Tem aqui esta bolsinha que tem o pinhão que é um fruto seco. [Todos desmanchamos as pinhas procurando mais bolsinhas com pinhões.] (...) Miguel: Está a colar. Eu: Sim Miguel isso chama-se resina e cola. Já tocaram meninos [todos tocam na resina que estava na pinha]. (...) Eu: Olhem meninos estou a fazer uma casa com estes paus. Conseguem fazer outras coisas? Starwars: Olha isto é uma menina com um capuz. (mostrando-me um pau enrolado numa folha) Hulk: Isto é um carro”
(Nota de campo de 27 de outubro de 2016, Ao redor da mesa)

Este momento foi, para mim, de autêntico *prazer* o que foi transmitido às crianças e, por esse motivo, a *agitação* era tal. Penso que este momento foi bastante proveitoso e todos estavam *motivados* em explorar.

Reflexão diária de 28 de outubro de 2016- *Olha! É uma casa*

“Eu: Bom dia Starwars o que trazes aí?
Starwars: É uma folha e pedras que apanhei com a minha mãe.
Eu: Uau... Queres ir por na caixa da natureza?
Starwars: Sim. [Pouco depois Starwars aparece no *jardim* a chorar]
Eu: O que aconteceu Starwars?
Starwars: Deixei cair. Ajuda-me
[Sem perceber o que tinha acontecido fui com ele até à sala e logo percebi que ele tinha deixado a caixa da natureza cair e, por esse motivo, tudo estava espalhado no chão]
Eu: [calmamente] Starwars, não há problema. Agora apanhámos tudo e colocamos na caixa. Até podemos já dividir tudo!
[Assim pegamos em tudo e organizamos a caixa por conjuntos: as pedras, as folhas, as conchas, o milho]
Eu: Starwars, sabes hoje também trouxe elementos da natureza. E mostro-lhe os troncos que trouxe.
[Ele começa a mexer neles e a empilhá-los]
Starwars: Na reunião da manhã posso ser eu a mostrar?
Eu: Sim, claro.”
(Nota de campo de 28 de outubro de 2016, área das ciências)

A reunião da manhã foi bastante significativa para mim, pois foi a primeira reunião da manhã que eu orientei de forma mais autónoma, mas sempre com o apoio

fundamental da educadora. Nesta o Starwars que mostrou aos restantes colegas que tínhamos estado a organizar a caixa da natureza e que eu tinha trazido para a sala troncos de árvore para eles explorarem. Em conjunto decidimos que os troncos iam ficar na área das ciências no chão e que podiam explorar duas crianças de cada vez.

Terminada a reunião da manhã as crianças foram realizar o que se propuseram. Enquanto eu e a Carmo ajudávamos a fazer os enfeites de Halloween. Reparo na área das ciências e está lá o Homem de ferro a explorar os troncos de forma individual. Deixo-o explorar. Pouco depois vou ter com ele: “Eu: Então Homem de ferro? O que estás a fazer? Homem de ferro: Uma casa. É a porta, a chaminé.” (Nota de campo de 28 de outubro de 2016, área das ciências). Deixo-o continuar a explorar e afasto-me vejo que o Homem de fogo se junta a ele e ambos exploram os materiais oiço-os “Homem de ferro: Não Homem de fogo, tens de por em cima para ser uma ponte”. Vão-me chamando “Filipa vem ver a nossa pista!”.

Estas interações e demonstrações de *interesse* por parte do grupo fazem-me ficar *motivada*, pois, de facto, o meio natural é algo que me fascina e a valorização deste é algo que define a minha identidade profissional.

Reflexão diária de 30 de outubro de 2016- “*Bom dia bruxinhas!*”

O dia de hoje ficou marcado pela comemoração de Halloween. Esta comemoração não era para ser realizada, contudo, a mãe do Luís demonstrou *interesse* em organizar a festa para toda a escola. Assim compreendemos a importância das famílias no Colégio. Estas não são apenas meras recetoras de informação nas reuniões (Participação passiva formal) têm um papel bem mais de envolvimento e participação ativa (Sá, 2002), apresentando propostas e tomando decisões que são ouvidas, tidas em conta e valorizadas. Sobretudo ambas as instituições- família e escola- compreendem que “compartilham a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade” (Reali & Tancredi, 2005, p.240) e, nesse sentido, “trabalham” em parceria.

Assim, durante a manhã foram elaborados diversos doces para a festa que seria realizada na parte da tarde. Embora não tenha uma visão limitada e exagerada relativamente à alimentação da criança, concordando que, por vezes, não existe qualquer tipo de problema de consumir doces de forma moderada, o que é certo é que a escola é uma entidade bastante importante na alimentação da criança e, por esse motivo, deve promover hábitos de alimentação saudável, pois “uma alimentação

saudável durante a infância é essencial para permitir um normal desenvolvimento e crescimento e prevenir uma série de problemas de saúde ligados à alimentação, como sejam a anemia, o atraso de crescimento, a malnutrição, a obesidade, ou a cárie dentária” (Nunes & Brenda, s/d, p. 7). Com a quantidade de doces que foram realizados e que os pais trouxeram (bolachas, gomas, chocolate, pipocas doces...) a questão saudável é de necessária reflexão. Por exemplo, penso que ao invés de espetadas de gomas poderiam ter sido realizadas espetadas de fruta o que era bastante mais saudável. No entanto, esta situação foi atípica de dia de festa pois, nos restantes dias, a alimentação no Colégio é variada e saudável.

Durante a parte da tarde ocorreu a festa. Esta decorreu de forma *tranquila* e as crianças puderam *divertir-se* e brincar.

Reflexão diária de 2 de novembro de 2016- “Não gosto é picante!”

Hoje é quarta-feira, mas, na realidade, parece segunda-feira. As crianças chegam ao Colégio *agitadas* e com dificuldade na separação com os pais, algumas, inclusive, choram. Este estado é normal para uma segunda-feira, quando as pessoas dizem “A semana devia ser 2 dias de trabalho, um de descanso. Dois de trabalho, um de descanso” a resposta, de qualquer educadora, é “não!”. Após um dia em casa, as crianças ficam mais *agitadas* e mais *barulhentas*, talvez seja a necessidade de (re)encontrar os amigos, de estarem nas áreas, de vivenciarem experiências diversas, ou a revolta de não quererem ficar longe dos pais. Não sei, não compreendo, o que é certo é que este estado emocional torna o dia mais *stressante*.

No término da reunião da manhã, as crianças dirigiram-se para as áreas. A Super mulher e o Starwars dirigem-se para a área da matemática e das ciências para explorarem os troncos de madeira. Logo o Homem falcão se junta a eles. Eu e a educadora observamos e comentámos os seus comportamentos quando nos apercebemos que “eles precisam de mais espaço para explorarem em grupos maiores. Talvez grupos de 4 crianças” (Nota de campo de 2 de novembro de 2016, área da matemática e das ciências). Assim alteramos o espaço. Esta “reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo. Esta reflexão é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças.” (OCEPE, p.26). Após a modificação do espaço houve uma breve conversa com o grupo para saber se o espaço organizado deste modo

estava mais ao agrado de todos e logo todos afirmaram que sim e que agora podiam estar mais na área.

A parte da tarde ficou marcada pela realização de sopa de abóbora. Embora este dia não esteja dedicado à culinária (segundo o calendário semanal), houve a necessidade de (re)aproveitar as abóboras que tinham sobrado da festa de Halloween e, nesse sentido, realizar culinária. Este foi um momento em que as crianças puderam cortar os legumes e, curiosamente, provar os legumes crus. Foi interessante ver as expressões faciais de cada criança ao provar determinados legumes, principalmente, o alho. Tentei que as crianças fossem descrevendo o sabor dos alimentos “então Constança, é doce ou salgado?” (Nota de campo de 2 de novembro de 2016, ao redor da mesa), contudo, sinto que algumas das crianças- sobretudo o Simão e o Miguel- necessitam de alargar o seu leque de vocabulário neste sentido, pois, não conseguiam descrever os alimentos.

Reflexão diária de 3 de novembro de 2016- *Análise da pegada*

A manhã começou e com ela a ordem institucional da criança. Neste sentido, todas as manhãs observo os comportamentos das crianças tentando compreender as dinâmicas de cada criança e brinco com estas pois, considero que o brincar é essencial ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Ao brincar com as crianças apercebo-me da importância que tem o educador como orientador que apoia as crianças nas suas brincadeiras, jogos e explorações, permitindo que estas aprendam com as suas próprias ações e estimulando as competências sociais inerentes à interação entre as crianças. Ao brincar com as crianças aproximo-me destas, compreendo-as e apercebo-me das suas necessidades. Acho que este tempo em que me sento no chão, em que escuto as crianças, em que faço parte do seu tempo e da sua ordem é, de facto, condição essencial a uma boa prática.

O dia de hoje ficou marcado pela primeira atividade de matemática que eu orientei, nomeadamente, a análise da pegada de dinossauro que, anteriormente, tínhamos realizado com o decalque dos nossos pés. Neste sentido, foi realizada no centro da sala uma roda, na qual todos se sentaram. E iniciou-se a exploração. Embora estivesse um pouco *ansiosa*, o apoio constante da educadora cooperante fez com que, aos poucos, ficasse um pouco mais *tranquila*. Penso que a atividade decorreu conforme o previsto. No término da mesma conversei com a educadora cooperante e esta deu-me alguns conselhos para melhorar. Estas conversas ao longo da prática com a

educadora cooperante são, para mim, essenciais, pois permitem-me (re)pensar, em conjunto com alguém que tem mais experiência que eu, a minha prática e, sobretudo, aprender.

Reflexão diária de 4 de novembro de 2016- *Ida ao museu*

Hoje partimos à descoberta de mais informações sobre os dinossauros e, por isso, fomos até ao Museu nacional de história natural e da ciência ver a exposição “Dinossauros que viveram na nossa terra”, enquanto as restantes salas de J1 e de 1º ciclo foram ver outras exposições. Foi *interessante* ver que as crianças iam, conforme o guia fazia perguntas, lembrando-se de informações que já tínhamos recolhido e conversado. No término da visita realizamos uma escavação para compreender como é que os fósseis eram descobertos. Esta visita era para ter sido realizada no término do projeto como forma de consolidação, contudo, e embora estivesse com *receio* que as crianças se *desinteressassem* do projeto após a visita, algumas crianças ficaram mais despertas para a temática.

A parte da tarde ficou marcada pela primeira reunião de conselho que, de forma mais autónoma, geri. Penso que começo a conhecer cada vez melhor o grupo e a saber geri-lo, o que é, naturalmente, um processo que requer tempo para nos conhecermos.

Foi curioso verificar que o Homem Falcão sugeriu um novo projeto, nomeadamente: O corpo humano: Diferenças entre menino e menina. Este é um projeto bastante *interessante* que permite abordar as questões de género, contudo, existem outros projetos que precisam de ser finalizados primeiramente.

Reflexão diária de 7 de novembro de 2016- *A Joana veio ao Colégio!*

“Sala da Carmo para cima!”. Após o início da manhã no *jardim* as crianças dirigem-se, *apressadamente*, para a sala. Começamos a reunião quando bate à porta alguém: a Joana. A educadora de uma forma *calorosa* recebe-a pegando nela ao colo. A mãe despede-se e assim a Joana fica na sala. Este momento foi importante, uma vez que a Joana, desde o início do meu estágio, apenas compareceu duas vezes no Colégio fazendo com que o meu conhecimento acerca dela seja quase nulo. Neste *sentido*, ao longo do dia de hoje, aproveitei para a conhecer.

A reunião da manhã decorre de forma *tranquila* quando, já no término, o Homem falcão e o Hulk decidem dar beijos na boca um do outro. Este comportamento tem sido

frequente no grupo, sendo que, por exemplo, o Homem de ferro e o Lucas costumam fazer o mesmo. Neste sentido, decidi intervir falando para todo o grupo e não especificamente para o homem falcão e o Hulk.

“Eu: Vocês acham que se dá beijos na boca?
Fada Rosa: Não.
Starwars: Só se dá beijo na boca ao pai e à mãe.
Eu: Dá-se beijinhos na cara não na boca.”
(Nota de campo de 7 de novembro de 2016, ao redor da mesa)

Penso que este é o papel da educadora: regular os comportamentos da criança, mostrando o que é desejável que aconteça. Após a resposta do Starwars refleti acerca do facto de os pais darem beijos na boca da criança e, na minha opinião, este não é um comportamento adequado. Embora este comportamento demonstre *afetividade*, poderá levar a criança a achar que este é o padrão de comportamento expetável, o que, na realidade, não é. Contudo, estes comportamentos dos pais com os filhos estão relacionados com a forma como cada pai educa a criança, sendo que a educadora dificilmente tem como mediar.

No término da reunião as crianças dividem-se pelos diferentes espaços da sala. Algumas delas realizam registo de texto, enquanto outras se dirigem para as áreas. Quando estava a apoiar a Violeta com o seu registo, a Mafalda aproxima-se e questiona “Violeta, posso ir para a casa?”. Troco um olhar com a educadora, que estava ao meu lado, e logo esta inicia:

“Carmo: Mafalda porque estás a pedir à Violeta para ires para a casa?
Mafalda: Porque era a Violeta que estava lá.
Carmo: Então mas agora a Violeta está a fazer o registo. Logo, claro que podes ir para a casa”
(Nota de campo de 7 de novembro de 2016, ao redor da mesa)

Este comportamento perante a Violeta é frequente. Ou seja, esta é a líder do grupo, sendo que os elementos mais *frágeis*, *sossegados* e com uma personalidade mais *passiva*, frequentemente lhe pedem “autorização” para participarem nas brincadeiras.

“Arrumar! Vamos para o *jardim*”. Assim que se ouve esta frase as crianças começam a arrumar e, numa *azafama*, se dirigem para o *jardim*. Sento-me a observar e verifico que a Joana brinca com a Fada Vermelha, não saindo de perto dela, é a Fada Vermelha que dirige a brincadeira, sendo que a Joana, *timidamente*, pouco fala.

“Bombeiro: Filipa tenho frio.
Eu: Então podes ir vestir o casaco.
Bombeiro: Não consigo.

(Olho para o lado e o Homem falcão está ali. Peço-lhe, *receosamente*)
Eu: Homem falcão, será que podes ir ajudar o Bombeiro a ir buscar o casaco dele.
(Homem falcão agarra na mão do bombeiro e ambos se dirigem aos cabides. Pouco depois aparecem com o casaco)
Eu: Obrigada Homem falcão estou *orgulhosa* de ti.
(Homem falcão sorri e corre para brincar com o Starwars.)
(Nota de campo de 7 de novembro de 2016, *jardim*)

Embora o Homem falcão seja uma criança *irrequieta* e, por vezes, pouco *responsável*, quis-lhe dar esta *responsabilidade* de apoiar o outro. Assim, pude compreender que, de facto, uma educadora deve manter sempre as expectativas positivas perante uma criança e, sobretudo, dar *feedbacks* positivo para que as crianças se sintam valorizadas.

Reflexão diária de 8 de novembro de 2016- A nossa tenda

Após o início do projeto “Eu gostava que o recreio tivesse...” e a chuva de ideias do que era pretendido que o *jardim* tivesse, chegava à altura de “pôr mãos à obra”⁴². Neste sentido, a reunião da manhã iniciou-se no *jardim* e eu expliquei:

“Eu: Para o projeto do *jardim* vamos construir quatro materiais: uma tenda, uma pista de carros, uns carros e uma cozinha. Assim gostava de saber quem quer fazer o que?”
(Nota de campo de 8 de novembro de 2016, *jardim*).

Desta forma, as crianças optaram por construir segundo as suas preferências.

As crianças que optaram por construir a tenda permaneceram no *jardim*, enquanto que as restantes crianças se dirigiram para a sala com a auxiliar. Para nos apoiar a construir a tenda veio ao Colégio a mãe da Fada Vermelha que, em conjunto com as crianças do projeto inclusive a Fada Vermelha, pintou o lençol com apoio de rolos de pintar que cobrirá a estrutura da tenda (realizada previamente). Assim se passou a manhã de uma forma *divertida*.

Reflexão diária de 9 de novembro de 2016- A pista de carros

Dando continuação ao dia de ontem e ao projeto do “Eu gostava que o recreio tivesse...” o dia de hoje foi destinado à realização da pista de carros. Neste sentido, o grupo responsável por esta tarefa, pintou as tábuas de madeira que serão a pista. Além

⁴² Provérbio português

disto, o grupo imaginou como gostaria de ver a pista e representaram a mesma a partir do desenho.

Quando, a meio da manhã olho para todo o grupo sinto que, de facto, dar *liberdade* à criança de gerir o tempo e as suas atividades é crucial para um *bom* desenvolvimento e para um *positivo* ambiente educativo. Esta reflexão surge quando, ao observar o grupo, me apercebo que cada um está imerso no seu trabalho: uns pintam as tábuas; outros fazem registo de texto; outros fazem o projeto dos carros; outros estão nas áreas. Embora estivessem diversas ações a decorrer ao mesmo tempo o ambiente era *tranquilo*.

Após uma manhã bastante *produtiva* a parte da tarde estava reservada à língua portuguesa. Neste sentido, decidimos que iríamos elaborar um comunicado a todas as salas para que tivessem cuidado com os materiais que estavam a ser construídos para o *jardim*. Assim as crianças foram, oralmente, elaborando o texto enquanto a educadora o redigia. No término as crianças desenharam nos comunicados e foram, a todas as salas do Colégio, distribuir um exemplar alertando para a necessidade de preservar um espaço que é de todos. Penso que com este envolvimento com os materiais e com o espaço poderão deixar de ocorrer tantos conflitos no *jardim*.

Reflexão diária de 10 de novembro de 2016- O Lourenço

“Bom dia. Hoje vai um menino novo para a sala!”. O dia de hoje marcou a integração do Lourenço no grupo e, por isso, com a minha tentativa de o conhecer. Assim, compreendi que, o Lourenço é uma criança de 3 anos, que estava a frequentar outro Colégio, contudo a adaptação não estava a ser positiva e, por esse motivo, teve de mudar de escola. Tem uma irmã mais nova e os pais aparentam ter entre 25 e 30 anos. É uma criança *comunicativa* e bastante *social*, sendo que assim que chegou ao Colégio saiu de perto dos pais e começou a brincar com vários colegas. O Lourenço gosta de brincar com carros e de ver livros (facto que ele próprio me disse). À hora de almoço demonstra dificuldade na utilização da faca, contudo, é uma criança que come *bastante*, tendo pedido para repetir três vezes. Faz a sesta, contudo, este foi um dia de adaptação e, por esse motivo, foi embora com a mãe após o almoço.

O meu tempo de almoço (13h-15h) é dedicado a almoçar e a brincar com todas as crianças do Colégio no *jardim*. Embora nunca tenha refletido acerca deste momento o que é certo é que, desde o início do estágio, este é um momento de grande *prazer* para mim, uma vez que me permite conhecer todos e aprender com todos. Assim sinto

que, cada vez mais, tenho conseguido criar uma relação com as várias crianças, sendo que todas sabem o meu nome e recorrem com frequência a mim para resolver conflitos e brincar. Por vezes, nestes momentos, tenho a oportunidade de realizar jogos sociais em grande grupo o que é *desafiante*, pois são cerca de 40 crianças com diferentes faixas etárias (desde os 3 anos aos 10 anos), mas, ao mesmo tempo, *enriquecedor*, pois permite-me brincar e aprender com todos. Hoje fizemos o “jogo do lençinho”.

Reflexão diária de 11 de novembro de 2016- *Castanhas para todos!*

“É o verão de São Martinho!” hoje comemora-se o dia de São Martinho e claro o dia em que todos comemos castanhas. Mas, e de onde vem as castanhas? Essa foi a questão que deu o mote à exploração de ouriços que fizemos na parte da manhã. Assim, as crianças que quiseram explorar os ouriços dirigiram-se para a área da matemática e das ciências e, sentados no chão, em conjunto explorámos os ouriços. Percebemos que tinham “picos” e que, lá dentro, tinham castanhas. Todos (Simão, Homem de fogo, Homem aranha, Mafalda, Hulk, Bia, Violeta) tentámos tirar as castanhas e, posteriormente, comemo-las cruas. Este foi um momento *interessante* que permitiu as crianças explorarem outro elemento da natureza e compreender de onde vem as castanhas. No término realizámos um mobile com castanhas, maçarocas de milho, folhas, paus e nozes para colocar dentro da tenda.

Com este momento pude compreender que o Hulk é uma criança que está habituada a explorar a natureza (os avós têm uma quinta no Alentejo e valorizam a natureza e permitem-no explorar a mesma) não demonstrando *receio* em experimentar e em explorar. Em contrapartida, o Homem de fogo demonstra *receio* em explorar, sendo que não conseguiu mexer nos ouriços “porque picavam” e foi o Hulk quem o apoiou a descascar a sua castanha, pois não estava a conseguir. Na parte da tarde, todo o Colégio comeu castanhas assadas no *jardim*.

Reflexão diária de 14 de novembro de 2016- *Reunião da manhã*

A manhã inicia-se e com ela a reunião da manhã. Sinto que ao longo do tempo consigo, de forma mais *autónoma*, apoiar o grupo neste momento. Assim, este caracteriza-se por ser um momento em que todos conversam e todos querem partilhar, mas que, *infelizmente*, nem todos ouvem, sobretudo, o Starwars, a Super mulher, o homem falcão e o Hulk demonstram bastante dificuldade em ouvir as partilhas dos colegas, sendo frequente chamá-los a atenção:

“Eu: Homem falcão, agora não é a tua vez. Tu já falaste será que podemos ouvir os outros?” (Nota de campo de 14 de novembro de 2016, Ao redor da mesa)

Além disto, tenho dificuldade em apoiar o Silvestre neste momento. É frequente que se *distraía* começando a fazer sons, que magoe os colegas do lado ou que se deite em cima da mesa.

“Eu: Silvestre, podes-te sentar direito para ouvires os teus amigos.
Silvestre: Mas eu estou muito cansado.
Eu: Silvestre eu percebo, mas tens de estar sentado a ouvir. Depois poderás deitar-te na área da biblioteca a descansar um pouco.
(Silvestre deita-se em cima da mesa e começa a chorar)
Eu: Silvestre, podes-te colocar direito por favor?
(Silvestre permanece deitado. Tenho de recorrer à contenção física e, por isso, sento-o direito. Chora e grita dizendo “não!”)
Eu: Silvestre, eu vou-te largar se estiveres bem sentado e se ouvires os teus amigos.
Silvestre: Está bem.” (Nota de campo de 14 de novembro de 2016, Ao redor da mesa)

Outro desafio ao longo da reunião é o Lourenço que, por ainda não estar adaptado, não consegue estar sentado a ouvir os colegas. Contudo, penso que esta dificuldade será ultrapassada, ao longo do tempo, dependendo da adaptação deste.

Ao longo da reunião tento incentivar as crianças que não costumam partilhar a fazê-lo, nomeadamente, o Bombeiro, o Rafael, o Homem Aranha e o Luís.

Reflexão diária de 16 de novembro de 2016- *É o pai da Filipa!*

O dia de hoje foi bastante *especial* para mim, parecia uma criança a chegar à escola acompanhada, *orgulhosamente*, pelo pai. Assim que chegámos as crianças, que estavam no *jardim*, questionavam:

“L. (sala do 1º ciclo): Quem é este senhor?
Fada Rosa: É o pai da Filipa ele vem à escola fazer carrinhos.
Eu: Como sabes?
Fada Rosa: A Carmo disse-nos.
Eu: Então e como é que ele se chama?
Fada Rosa: Não sei.
Eu: Então pergunta.
Fada Rosa: Sr. Como te chamas?
Pai: Manuel”
(Nota de campo de 16 de novembro de 2016, *jardim*)

Todas as crianças dirigiram-se para as suas respetivas salas, contrariamente a sala da Carmo ficou no *jardim*. Todos nos sentámos e deram-se início às apresentações. Esta

apresentação foi *fácil*, pois as crianças já sabiam quem era o Manuel e o que ele estava ali a fazer: construir carros de madeira. Assim “pusemos mãos à obra”. Cada criança, à vez, pegou, com a ajuda do meu pai, na aparafusadora e aparafusou um parafuso. Consegui ver, a partir deste momento, que algumas crianças (Borboleta, Hulk, Starwars) estavam habituadas a ver os familiares com estes materiais não os estranhando e, inclusive, demonstrando saber como os manusear. Em contrapartida, a Mafalda não quis participar, pois estava com *medo*.

A manhã foi assim bastante significativa para mim, pois, além do grande *orgulho*, com que estava em ter o meu pai a me apoiar, também estava *orgulhosa* de ver o projeto do *jardim* a “ganhar forma”. A melhor parte do dia foi, claramente, ver os sorrisos das crianças, quer as da sala quer as de todo o Colégio, ao brincarem com os carros. Obviamente, existiram conflitos. Estes conflitos iniciais surgiram pelo facto de os carros serem uma novidade. Assim, foi necessário que os adultos gerissem e ajudassem as crianças a autorregular as brincadeiras.

1.2. Reflexões Semanais

Reflexão semanal de 3 de outubro de 2016 a 7 de outubro de 2016- O início do fim ou o início de um novo início?

Ao iniciar esta reflexão sinto-me *nostálgica*, uma vez que me apercebo que está a dar-se início ao fim de um percurso de 4 anos de aprendizagens, de descobertas, de momentos que me iram permitir dar início a uma carreira como educadora de infância. Por este motivo, ao longo do estágio tentarei questionar o máximo, observar o máximo e, sobretudo, aprender o máximo com as crianças e com os adultos, pois estes serão o “andaime” que me ajudará a (re)construir a minha identidade profissional enquanto educadora em jardim-de-infância.

Desta forma, e tendo em conta que “la observación atenta, el respeto a la singularidade y las diferencias y la dedicación a cada uno (...) nos darán las necesarias pistas para establecer una adecuada relación com ellos” (Túnez, 2015, p.16), esta semana a minha intencionalidade centrou-se em conhecer e dar-me a conhecer, não só às crianças, bem como à equipa educativa através do diálogo e da observação atenta. Assim, pude “embrenhar-me nos meandros” (Ferreira, 2004, p.104) da infância e observar as normas das crianças, conhecendo as ordens sociais estabelecidas no grupo. Relativamente à relação estagiária-crianças, penso que tenho conseguido “Criar

um clima de confiança com as crianças; estabelecer uma relação cooperante com as crianças; Apoiar as intenções das crianças” (Post & Hohmann, 2011, p.59) e, desta forma, penso que tento promover uma efetiva relação de vinculação, sendo que, esta não tem sido eficaz em relação ao Silvestre e à Bia., sinto que deverei dar mais atenção e dar-lhes tempo para me conhecerem e me aceitarem.

Relativamente ao grupo em geral considero que estes são curiosos e observadores, sendo que, tal como Lino (2014), defendo que “o papel do professor é tirar partido do impulso natural da criança e canalizá-lo de forma a promover resultados válidos e aprendizagens significativas.” (p.141) e, nesse sentido, a minha ação, sempre intencional, tem pretendido levar a criança a questionar e a procurar saber mais, construindo o seu próprio conhecimento.

A visita matinal da mãe da DarthVader foi algo que, para mim, marcou a semana, pois, infelizmente, nunca tinha estado com um grupo no qual as famílias demonstrassem tanto interesse em participar e estabelecer uma plena relação de colaboração com a escola. No entanto, tal como diz Lino (2013), considero que “a educação é um processo constante de interação que decorre dentro e fora da escola” (p.118), o que por si só implica a participação das famílias na educação das crianças. Esta participação irá permitir uma partilha de cultura e poderá mesmo dar origem a trabalhos de projeto desenvolvidos em colaboração entre todos (Lino, 2013) o que, na minha opinião, será benéfico para todos os intervenientes (crianças e adultos).

Relativamente à gestão de conflitos sinto que a minha postura *tranquila* tem feito com que estes momentos sejam levados a cabo sem problemas e que na maioria das vezes sejam resolvidos com uma simples frase como: “Eu percebo que estejas *triste*, mas tens de conversar com ele/a.”. Tentar que sejam as crianças a resolver os conflitos não me parece, ao contrário do que se pense, desvalorizar o momento- até porque afirmo que compreendo os seus sentimentos. mas antes permitir que este seja encarado como um momento em que a criança aprende a resolver conflitos pondo em prática as suas capacidades sociais. Obviamente se a criança não conseguir resolver o conflito auxilio-a nesta autorregulação dos comportamentos.

Penso que embora o tempo de prática profissional seja ainda embrionário, já consegui compreender, através da observação direta, muitas das características da comunidade. Sinto que ainda não me deparei com nenhuma grande dificuldade, até porque a educadora cooperante tem conversado comigo todos os dias o que faz com

que pequenas questões que surjam sejam logo resolvidas. Em suma, estou bastante *motivada* a continuar o estágio.

Reflexão semanal de 10 de outubro de 2016 a 14 de outubro de 2016- A importância do jardim⁴³. A importância da minha investigação

Refletindo o termo concebido por Froebel, de jardim-de-infância compreendemos, de uma forma metafórica, que as crianças são como plantas regadas pelas jardineiras (educadoras). Contudo, quando refletimos acerca do *jardim*, apercebemo-nos que existem vários constrangimentos, nomeadamente, o espaço geometrizado que este é (sem considerar as necessidades das crianças). No caso do Colégio, este é, para mim, um local frio, pouco pensado para a criança, com arcas de arrumação, 2 escorregas, 2 casas de brincar, 1 cozinha e alguns brinquedos de plástico. E assim me questiono: onde está o *jardim*? a natureza?

Sinto que existe uma necessidade da criança estabelecer “contacto com las plantas, con los animales y con las mil e una ocasiones *secretas* de un jardin pensado a la medida del niño” (Ritscher, 2006, p. 11) e do educador observar as relações estabelecidas entre a criança e o *jardim*, pois considero que o *jardim* é um efetivo recurso educativo, no qual a criança poderá (re)descobrir e viver momentos únicos que só o *jardim* nos permite: as folhas a caírem das árvores, as gotas de água que caem numa poça, uma formiga a trabalhar.

Assim o *jardim* torna-se, para a criança, “*secreto*. Es secreto porque la naturaleza está llena de secretos y ofrece innumerables atractivos (...) para explorar” (Ritscher, 2006, p. 15), este desafia a criança na procura de resoluções de problemas imprevisíveis, incentivando a cooperação entre pares e a partilha de ideias, promovendo o seu autoconhecimento, na medida em que esta reconhece as suas capacidades, limites, preferências, interesses, sendo progressivamente mais capaz de autorregular o seu comportamento e emoções. Neste sentido, cabe ao *jardineiro* criar um *jardim* dotado de experiências, de tranquilidade, de materiais, ou seja, criar um *jardim* com as mesmas condições, preocupações e intenções do espaço interior. Infelizmente, e tal como supramencionado, por vezes este *jardim* torna-se geometrizado e não existe uma intencionalidade na ação por parte dos educadores.

⁴³ Refiro-me a *jardim* como o recreio

Caso exista a valorização destes momentos em que a criança vivencia experiências ricas e estimulantes - questionar-se acerca de um caracol que viu; recriar, com objetos do dia-a-dia- torna-se fundamental que exista uma continuidade educativa entre o exterior e o interior e, nesse sentido, o *jardim* deve ser levado para a sala.

Reflexão semanal de 17 de outubro de 2016 a 21 de outubro de 2016- A concepção do adulto para a criança

Por que me perguntam tanto, o que eu vou ser quando crescer? O que eles pensam de mim é o que eu queria saber! Gente grande é engraçada! O que eles querem dizer? Pensam que não sou nada? Só vou ser quando crescer? Que não me venham com essa, pra não perder o latim. Eu sou um monte de coisas e tenho orgulho de mim! Essa pergunta de adulto é a mais chata que há! Por que só quando crescer? Não vou esperar até lá! Eu vou ser o que já sou neste momento presente! Vou continuar sendo eu! Vou continuar sendo gente! (Bandeira, 2009, p. 18)

Atualmente não podemos acreditar numa educação adultocêntrica onde o adulto detém o conhecimento e o controle. Assim, as crianças devem ser encaradas como sujeitos ativos com concepções, ideias e saberes próprios. Deve-se por isso entender a criança como um ser social, histórico e produtor de cultura.

De facto, ao longo do tempo ao observar [a criança] com el zoom (Ritscher, 2006, p.11) fui-me apercebendo das concepções que as crianças têm acerca do papel do adulto: adulto merece o papel de destaque nas brincadeiras, um adulto é crescido, não tem pais, é independente e vive na sua própria casa, não tem tempo, não tem professores. Enquanto que a educadora é quem toma conta dos bebês.

Reflexão semanal de 24 de outubro de 2016 a 28 de outubro de 2016- O papel da estagiária

Em conversa informal com a educadora cooperante esta desafiou-me a fazer uma reflexão acerca do papel da estagiária e, por esse motivo, esta semana decidi aceitar o desafio. Neste sentido, decidi (re)ler o documento de apoio à Prática Profissional Supervisionada módulo II que começa por referir que a prática “pretende desenvolver nos estudantes estagiários atitudes, competências e saberes específicos da Prática Profissional de Educação de Infância”. A mim parece-me que o documento começa por, intuitivamente, nos considerar, a nós estagiários, uma tábua rasa sem competências, sem saberes pré-adquiridos. Isto torna-se um contrassenso, pois estamos sempre a referir que a criança não é uma tábua rasa levando com ela experiências e vivências e por isso me questiono: seremos nós, adultos, uma tábua

rasa? Parece-me que não. Relembremos as palavras de Vygotsky citado por Ferreira e Anjos (2015) “a aprendizagem escolar nunca começa no vácuo” (p.21). Desta forma, considero que o estagiário não irá para o contexto desenvolver atitudes, competências e saberes, mas sim consolidar.

Mais à frente no texto é referido que é pretendido que o estagiário “efetue propostas numa perspetiva globalizante (...) Planear e concretizar atividades”, ou seja, parece que o estagiário é aquela pessoa que está num canto da sala e que só aparece quando tem de por em prática as propostas previamente planeadas. Penso que esta é uma forma minimalista de ver o papel do estagiário. Na realidade o estagiário, sobretudo o estagiário do último ano, é, uma pessoa que trabalha em equipa com o educador cooperante e que, por isso, observa, escuta e que, constantemente, reflete e reage segundo os interesses das crianças. Assim o estagiário é muito mais do que a pessoa que apenas se envolve “no desenvolvimento de projetos de forma a promover a metodologia de trabalho de projeto” é a pessoa que brinca com uma criança, mas ao mesmo a questiona de forma intencional, que gere um conflito, que propõe levar um objeto só porque a criança sugeriu algo, que (re)pensa a sua prática em contexto. Penso que o estagiário não pode ser de todo visto de forma minoritária como aquela pessoa que alguém vai avaliar, mas sim como uma pessoa que tem conhecimentos, que tem opiniões, que tem motivações e interesses. O estagiário é muito mais do que reflexões escritas, é muito mais do que planificações semanais e planificações diárias. O estagiário é uma pessoa com uma identidade profissional que a pratica vai moldando.

Reflexão semanal de 30 de outubro de 2016 a 4 de novembro de 2016- A importância de brincar

Quando observamos um bebé a explorar as mãos, os pés, compreendemos que é através do brincar que as crianças se relacionam com o mundo ao seu redor, tentando compreendê-lo. Através do brincar a criança reconhece o seu espaço e o dos outros, através de complexas experiências e redes de interação que estabelece ao brincar. Neste sentido, o brincar assume-se como uma atividade sociocultural.

No século XX, Freud considerou e defendeu a ideia de que a brincadeira, mais do que ser benéfica para as aprendizagens da criança, era importante para o seu desenvolvimento emocional. Assim, acreditava que “através da brincadeira, as crianças seriam capazes de remover sentimento negativos associados a eventos traumáticos” (Brock et al., 2011, p.30). Por sua vez, Piaget considerou que a brincadeira “é uma parte

vital para a construção de um conjunto de representações mentais do mundo ao redor da criança” (Piaget citado por Brock et al., 2011, p.33).

Visto “como uma forma de atividade autotélica e lúdica, livre e incerta, altamente imaginativa (...) ganhou foros de direito próprio e universal” (Ferreira, 2004, p. 197). Neste sentido, ao consultar a Convenção dos Direitos da Criança (ONU,1989) podemos verificar, no princípio VII deste documento, que o brincar é um direito: “os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade” (p.22). Desta forma, brincar assume-se como o *ofício da criança* (Chamboredon & Prévot (1973) citado por Ferreira, 2004). Contudo, brincar “tornou-se a expressão de uma atividade que remete as crianças para as margens da sociedade, parecendo não ter espaço na “vida real”, na vida dos adultos” (Tomás e Fernandes,2014, p.16). Assim, este *ofício* não é separado do mundo real, pelo contrário, “é um dos meios de o realizar e nele agir, não unicamente para as crianças se prepararem para ele mas, usando-o como um recurso” (Ferreira, 2004, p.99)

Através do brincar a criança consegue decidir e negociar, trocar experiências e vivências, tomar em consideração o papel do outro e encontrar amigos, uma vez que brincar “desempenha um papel central no estabelecimento de relações de amizade, uma vez que muita da construção de significados comuns está no cerne das amizades que se desenvolvem durante o brincar” (Davies (1982) citado por Ferreira, 2004, p.205).

Enquanto brincam, as crianças encontram diversas formas de comunicar, seja através de gestos, expressões faciais ou através da linguagem. A brincadeira torna-se assim uma rica fonte de comunicação, onde a linguagem é desenvolvida. Segundo Wells (2001) (citado por Folque, 2014) “o próprio conhecimento é co-construído através da colaboração e de processos de comunicação entre indivíduos” (p.89). O Brincar é mais do que “passar o tempo”, o brincar permite construir significados, desenvolver a linguagem, descobrir, aprender e ensinar. Contudo, não deverá existir uma instrumentalização do brincar, pois brincar é uma atividade rica que, ao ser instrumentalizada (brincar para aprender a contar), acaba por perder a sua essência.

Reflexão semanal de 7 de novembro de 2016 a 11 de novembro de 2016- O tempo da infância

Após esta semana, decidi refletir acerca do tempo e a forma como o tempo da infância passa depressa. Este é sobretudo condicionado e apressado pela pressa dos

Homens, vivenciamos uma cultura adultocêntrica, que “estão sempre com pressa, correm o tempo todo, como formigas, de um lado para o outro, e acham que são felizes assim” (Aguilusa, 2005, p.12). Assim o tempo da infância é muitas vezes substituído pelos afazeres dos adultos e pelo tempo social de interação com os outros (cumprir o planejado, hora da ginástica, hora de dormir, hora da natação, hora de comer). Mas questiono-me: onde está o tempo da infância? O tempo de brincar? O tempo de escolher? Não seria benéfico para a criança viver este tempo da infância sem pressas, surpreendendo-se com a vida, aprendendo?

Agora irei elaborar um pequeno raciocínio matemático: sabendo que a criança passa cerca de 9 horas a dormir e 11 horas na escola isso perfaz um total de 20 horas. Uma vez que o dia tem apenas 24 horas sobram apenas 4 horas. Contudo, destas 4 horas são retiradas cerca de 2 horas para jantar, tomar banho e, *lamentavelmente* em alguns casos, sobretudo no 1º ciclo, realizar trabalhos de casa. Assim, restam 2 horas para que a criança vivencie o tempo da infância. Contudo, essas 2 horas são, por vezes, usadas para frequentar atividades extracurriculares como o caso da natação ou do ballet. Assim o dia é cada vez mais pequeno e tem cada vez menos tempo para que a criança possa viver o seu próprio tempo. Como afirma Araújo “a forma como lhes sobrecarregamos o tempo acaba por não as ajudar a ter a noção dos tempos sociais e a dizer-lhes que elas têm quase que exclusivamente tempo de trabalho” (2009, p. 48),

Quando converso com os meus pais e avós eles contam-me que no tempo das suas infâncias após a escola, que terminava às 13h, iam para a rua brincar com os amigos e vizinhos ouvia-se o som da infância. Quando me contam essas histórias sinto que eles, de facto, valorizavam o tempo da infância e viviam-no de forma *positiva*. Estas memórias fazem-me recordar Ruy Belo (1970) que dizia:

“Ninguém sabe andar na rua como as crianças. Para elas é sempre uma novidade, é uma constante festa transpor umbrais. Sair à rua é para elas muito mais do que sair à rua. Vão com o vento. Não vão a nenhum sítio determinado, não se defendem dos olhares das outras pessoas e nem sequer, em dias escuros, a tempestade se reduz, como para a gente crescida, a um obstáculo que se opõe ao guarda-chuva.”

Ao mesmo tempo sinto *frustração*, pois a sociedade e as rotinas de vida das mesmas mudaram tanto que as crianças já não vivenciam este tempo de forma *livre* e *prazerosa*. Contrariamente, é frequente as crianças relatarem-nos que chegam a casa

e veem televisão, que jogam no computador. Assim o pouco tempo que lhes sobra do seu tempo gastam-no com uma nova cultura do brincar: as novas tecnologias.

Penso que, assim, e uma vez que é na escola que a criança passa a maior parte do tempo, cabe a esta instituição e, por consequência, aos educadores, respeitarem o tempo da infância e o ritmo de cada um, proporcionando à criança oportunidade de decidir o seu tempo livre e o seu tempo de trabalho, criando oportunidades em que a criança valorize o seu próprio tempo.

Reflexão semanal de 14 de novembro de 2016 a 18 de novembro de 2016- Questões de género

Quando o Homem falcão sugeriu o projeto do corpo humano fiquei bastante *motivada*, pois esta é uma questão sensível, mas que compete ao/a educador/a abordar na sua ação pedagógica.

Assim ao falar de género importa esclarecer a diferença entre género e sexo, segundo Pomar (2012) sexo diz respeito a um termo “usado para distinguir os indivíduos com base na sua pertença a uma das categorias biológicas: sexo feminino e sexo masculino” (p. 12), em contrapartida, género corresponde a “um código com prescrições normativas e proibitivas de ser e de se comportar, diferente para cada sexo” (Martelo, 2004, p. 16). Em suma, o termo sexo está relacionado com a Biologia, enquanto o termo género diz respeito ao domínio social e cultural, sendo “construído em toda a interação, em toda a situação e em toda a instituição na qual o indivíduo se encontra” (Maciel, 2010, pp. 10-11).

Existem estereótipos relacionados com o género como “as meninas vestem cor de rosa e tem cabelo comprido e, em contrapartida, os meninos vestem azul e jogam à bola”. Assim, cabe ao/a educador/a desmistificar estas questões adotando “um olhar crítico e atento às questões de género e aos estereótipos” (Vasconcelos, 2010, p. 66), para isto, o/a educador/a poderá levar para a sala imagens de rapazes com cabelos compridos e de quilt levando o grupo a questionar-se e a discutir conceções pré-adquiridas, ou questionar o grupo se existem brincadeiras de rapaz e brincadeiras de rapariga. Obviamente, existem questões biológicas que distinguem rapaz de rapariga, contudo, o/a educador/a deve promover na criança uma visão abrangente de aceitação perante o outro.

Reflexão semanal de 21 de novembro de 2016 a 25 de novembro de 2016- 44 O projeto do jardim está a ganhar forma

Esta semana ao olhar com “zoom” (Ritscher, 2006) para o *jardim* apercebi-me que o desafio que coloquei à comunidade- alterar o *jardim*- “ganhava vida”. É difícil explicar, por palavras, o significado que isso tem para mim enquanto estagiária, pois é uma valorização da minha identidade profissional e das minhas conceções de educação. É uma sensação de *satisfação* quando observo as crianças a brincarem com os materiais que, aos poucos, vão sendo construídos.

Esta semana, foi nosso objetivo construirmos, com paletes, a cozinha para o *jardim*. Neste sentido, as crianças responsáveis pela cozinha- Mafalda; Constança; Borboleta; Starwars- apoiaram-nos ao lixar as paletes. Foi curioso verificar que enquanto estávamos no *jardim* a realizar esse trabalho, outras crianças do 1º ciclo se aproximaram e perguntar se poderiam ajudar. Assim nos apercebemos que, de facto, esta é uma escola em que todos trabalham para um objetivo comum e todos se apoiam. Além disto, contámos também com o apoio do avô do Hulk que “deu forma” à cozinha, aparafusando-a, enquanto as crianças observavam.

Ainda relativamente ao *jardim*, esta semana tivemos uma surpresa. Os avós da L. (da Sala da Mónica) construíram caixas de arrumação de material e um tapete que, prontamente, cederam ao Colégio. Este é mais um dos sinais notórios da importância e da dimensão que o projeto, aos poucos, vai ganhando. Assim nos apercebemos que não é só a Sala da Carmo que esta envolvida no mesmo. Este projeto vai “além de 4 paredes” e abrange toda a comunidade, o que me deixa bastante *contente e motivada*.

Durante esta semana dinamizei duas sessões: uma de expressão dramática e outra do domínio da linguagem oral. Relativamente à primeira, concebo que o “jogo dramático é uma forma de jogo simbólico em que a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas ou o vive através de um objeto (boneco, marioneta) para representar situações “reais” ou imaginárias, e exprimir as suas ideias e sentimentos” (OCEPE, 2016, p. 52), por este motivo o objetivo da sessão era, fundamentalmente, apoiar as crianças na construção de uma narrativa lógica e complexa “que implica um encadeamento de ações e o seguimento de uma estrutura narrativa com um fio condutor, em que são recriadas personagens.” (OCEPE, 2016, p.52). Contudo, penso

⁴⁴ Após esta semana irei, por uma questão de gestão de tempo de estudo, realizar apenas reflexões semanais.

que a opção pelos materiais naturais condicionou a ação das crianças, sendo que estas tiveram dificuldades em criar papéis e desenrolar uma ação a partir destes objetos. Numa próxima vez, gostaria de realizar a sessão com base em objetos reais e estruturados do dia-a-dia, como por exemplo, um chapéu, uma mala, um sapato. Embora a sessão não tenha corrido como era minha expectativa, sinto que foi bastante positiva para mim, pois deu para conhecer melhor o grupo e compreender como poderia apoiá-lo neste domínio.

Relativamente ao momento em que abordámos a linguagem oral, destaco como tendo sido *relevante e positiva*. Sinto que os objetivos foram alcançados e que as crianças conseguiram, facilmente, elaborar frases simples com base nas imagens. *Surpreendeu-me* o facto de nenhuma criança expressar diferenças etnias e culturais nas imagens. No término da atividade a educadora cooperante deu a sugestão de que, as crianças que quisessem, poderiam procurar imagens nas revistas criando a sua própria frase. Este apoio por parte da educadora cooperante faz-me sentir mais *segura*, pois sinto que ela me apoia o que beneficia a minha prática.

Como referenciado numa reflexão anterior, a estagiária não é só quem realiza atividades previamente planeadas. Neste sentido, é normal que, ao longo da semana, surjam atividades emergentes nas quais a estagiária deverá apoiar a criança. Assim, esta semana, a Constança estava a pintar no seu caderno:

“Eu: Constança o que estás a fazer?

Constança: Uma pizza.

Eu: Uhm que delícia. Será que podes dividir essa pizza ao meio para nós?

(A Constança sorri e começa a fazer muitos traços, sendo que a pizza fica dividida em 8 pedaços)

Eu: Então qual é a metade que é para mim e a metade que é para ti?

Constança: Não sei.

(Vou buscar uma bolacha para exemplificar)

Eu: Constança divide esta bolacha ao meio para nós.

(Constança corta a bolacha ao meio)

Eu: Boa! Então como dividiste?

Constança: Assim (passa o dedo por cima do corte da bolacha)

Eu: Então, desenha lá uma nova pizza e corta ao meio.

(Constança desenha uma nova pizza e corta-a ao meio)

Eu: Exato Constança. Muito bem. Assim a pizza está dividida ao meio. Então e a primeira pizza que desenhaste, tem quantas fatias?

(Constança começa a contar)

Constança: 8 fatias.

Eu: Então se eu comer uma, com quantas ficas?

Constança: Posso riscar?

Eu: Sim, claro.

(Constança risca uma fatia e começa a contar.)

Constança: Fico com 7.

Eu: Boa! Então 8 menos 1 quanto é?

Constança: 7.

Eu: Boa!

(Nota de campo de 21 de novembro de 2016, Área da escrita)

Este momento é exemplificativo de um momento do dia-a-dia, no qual a estagiária desafia a criança e apoia-a a formar novos conhecimentos, tendo sempre por base uma intencionalidade adjacente.

Reflexão semanal de 28 de novembro de 2016 a 2 de dezembro de 2016- A integração de uma criança em jardim-de-infância

Esta semana é meu objetivo refletir acerca do processo de integração de uma criança em jardim-de-infância. Esta necessidade de refletir acerca desta temática prende-se com dois casos específicos e bastante dispares da sala: o Lourenço que integrou o grupo a 10 de novembro de 2016 e a Joana que integrou o grupo no início de setembro de 2016.

O Lourenço, desde que entrou para o Colégio, nunca faltou, participa nas atividades, embora, ainda não siga rotinas autonomamente, sendo que é necessário orientá-lo nessa perspetiva. Com as restantes crianças, o Lourenço procura os outros, iniciando e mantendo interações, sobretudo com o Silvestre. A separação matinal com o avô, pessoa que, maioritariamente, o leva e traz para a escola, é *tranquila*, sendo que nunca chorou.

Em termos de desenvolvimento, verifica-se que o Lourenço é uma criança que não teve muitos estímulos anteriores, sendo que depende bastante do adulto para situações do dia-a-dia, como por exemplo, vestir-se e calçar-se. Demonstra alguma dificuldade em termos de motricidade fina, sobretudo, no momento de comer e pintar. Relativamente a este último momento, ainda não adquiriu a lateralidade, sendo que pinta com ambas as mãos. Distrai-se facilmente.

Tentando apoiá-lo, esta semana decidi realizar uma atividade de enfiamentos largos com ele. Nesta compreendi que o Lourenço consegue contabilizar até 18. Consegue definir e seguir um padrão (peça vermelha, peça verde, peça amarela, peça vermelha, peça verde, peça amarela). Demonstrou alguma dificuldade inicial em realizar enfiamentos, contudo, foi, ao longo da atividade, aperfeiçoando. No término da atividade pedi que desenhasse o padrão no caderno. Posteriormente, desenhei um início de um padrão no seu caderno para que ele completasse. Foi interessante verificar que, sem indicação, as suas bolas eram grandes e imperfeitas e que, após eu ter desenhado um

padrão no caderno, as suas bolas tornaram-se mais pequenas e perfeitas. Desta forma, sinto que o Lourenço precisa, além do estímulo para aperfeiçoar determinadas competências, exemplos. Em conversa com a educadora cooperante percebi que seria interessante o Lourenço realizar digitinta, pois é notória a sua necessidade de explorar com as mãos os materiais. Este olhar crítico perante um caso, esta permanente busca para apoiar uma criança, este permanente questionamento é a base da ação de uma educadora de infância e, por esse motivo, é a minha base de ação enquanto educadora estagiária.

Relativamente à Joana esta está permanentemente a faltar sendo que, por esse motivo, é difícil conhece-la e estabelecer formas de a apoiar. A Joana, quando está presente vai, aos poucos, participando nas atividades, sendo incentivada pela educadora para tal. Com as restantes crianças, a Joana apenas procura a Fada Vermelha. A separação matinal tanto com a mãe como com o pai é difícil, sendo que a Joana chora e apenas fica no colo da educadora. Esta semana, na sexta-feira (2 de dezembro de 2016), a educadora ainda não tinha chegado e a Joana ficou no meu colo. Este momento foi bastante importante para mim, pois senti que tanto o pai como a própria Joana estavam a confiar em mim o que me deixou *radiante*.

Ao refletir acerca da integração das crianças em jardim-de-infância, compreendo que este seja um momento delicado, pois a criança está perante um ambiente novo, composto por adultos e crianças com as quais esta nunca interagiu e está longe dos seus adultos de referência: os pais. Assim é necessária uma grande capacidade de adaptação tanto por parte da criança, como dos pais e como dos próprios adultos da escola, sendo que todo este processo poderá ser difícil e demorado. Para que haja sucesso neste processo deve existir uma forte ligação entre o contexto da escola e a família, existindo partilha de informação sobre a criança e confiança entre as duas instituições.

Além disto, é importante que nesta integração o/a educador/a tenha uma enorme sensibilidade, proporcionando um ambiente calmo, sensível e estável, transmitindo à criança segurança.

Embora este processo seja complexo, todos, sobretudo os pais, devem compreender que é importante que a criança frequente o jardim-de-infância, pois é neste ambiente que se desenvolvem determinadas competências.

Reflexão semanal de 5 de dezembro de 2016 a 9 de dezembro de 2016- *Uma semana sem a educadora cooperante*

Esta semana foi uma semana diferente, pois a educadora cooperante estava de férias e, por esse motivo, fiquei somente com a auxiliar de educação. Desta forma, senti-me mais perto do que será o meu futuro enquanto educadora de infância, uma vez que não terei ao meu lado uma educadora mais experiente que me vá apoiando. Embora estivesse, inicialmente, um pouco *receosa*, a semana decorreu de forma *tranquila*, sendo que pude ter um papel mais ativo ao longo da mesma e assumir momentos como a reunião da manhã e o conselho.

Uma vez que a educadora cooperante não iria estar presente, foi enviado um email aos pais a informar deste facto. Logo a mãe da Joana telefonou para a educadora a questionar se não seria melhor a Joana ficar em casa. Desta forma, fiquei *surpreendida* e bastante *feliz* pela Joana ter ido à escola na segunda-feira e na quarta-feira.

Embora a educadora cooperante não estivesse presente, a semana decorreu conforme é normal e, por esse motivo, foi comunicado o projeto dos dinossauros, pois o mesmo já tinha terminado. No término da comunicação, outra educadora deu uma sugestão o que foi bastante positivo, pois assim pudemos enriquecer o projeto.

Na sexta-feira foi realizada uma salada de fruta com base no livro “A Surpresa de Handa”.

Reflexão semanal de 12 de dezembro de 2016 a 16 de dezembro de 2016- *Estar grávida e ser estagiária*

Frequentemente me perguntam “Como é estar grávida e ser estagiária de educadora de infância?”. Mentiria se disse-se que é fácil, mentiria se disse-se que é um mar de rosas, não é! São duas coisas extremamente complicadas e sérias que juntas são caóticas. Vamos analisá-las de forma individual.

Ser estagiária/o é complicado, pois estamos no espaço de outro/a educador/a, temos de nos habituar a um grupo que não é o nosso, a uma sala que não é a nossa e a uma rotina que não é a nossa. Contudo, temos de nos adaptar e, ao mesmo tempo, quando assim nos é permitido, mostrar a nossa identidade profissional. Além disto, vivemos pressionados/as pelas questões burocráticas dos mil trabalhos que temos que fazer e apresentar, as planificações e as reflexões que temos que realizar. Em suma, é um papel complexo que, no entanto, nos garantirá a nossa futura profissão. Bem, esta

também é uma questão que, frequentemente, nos preocupa e inquieta, uma vez que estudámos durante quase 5 anos e as perspetivas futuras são o desemprego ou trabalho noutra área que não a educação.

Relativamente a estar grávida, antes de o estar ouvia frequentemente as mulheres dizerem “esta é uma fase mágica. A melhor etapa da vida de uma mulher”, mágica? A melhor etapa? Não! Esta é uma fase complexa e complicada: enjoos, dores de costas, contrações, sono, quebras de tensão. Obviamente que tem uma parte boa a de sentir o bebé a mexer e a de saber que estou a gerar um ser dentro de mim, mas continua a ser complicado.

Assim é fácil de compreender que estar grávida e ser estagiária de educadora de infância não é, de todo, um processo fácil. Por mais vontade que tenha de ser educadora, existem dias que, devido à minha condição, só me apetece dormir. Depois há aquele fato de estar rodeada de 25 crianças que tem uma energia inesgotável e que pensam que, também eu, tenho uma energia inesgotável: errado! Estou grávida e cansada. Há dias em que não me apetece estar sempre a sentar e a levantar, a correr e a brincar, mas sou estagiária e, por isso, tenho de o fazer.

Reflexão semanal de 2 de janeiro de 2017 a 6 de janeiro de 2017- *No dia dos reis fizemos pizza...*

Há sexta-feira é dia de culinária e, curiosamente, esta semana é dia de reis. Esta data comemorativa celebra o dia em que os três reis magos deram as ofertas a Jesus Cristo. De forma a celebrar esta data, em diversas instituições escolares fazem-se coroas de reis ou o bolo rei. Contudo, coloco duas questões: em primeiro lugar, não é esta uma comemoração cristã e, por esse motivo, a escola não deverá ser neutra perante esta posição? Em segundo lugar questiono: será que ao estarem a realizar atividades desta temática os/as educadores/as estão a ter em conta os interesses das crianças? A mim parece-me que não. Considero que este tipo de atividades é forçado pelo/a educador/a, sendo que, por vezes, as crianças nem sabem a razão pela qual estão a realizar coroas ou a fazer o bolo rei.

Sendo que a educadora cooperante adota a mesma visão de que tudo o que acontece em sala deverá fluir naturalmente, tendo em conta os interesses e as motivações das crianças, não optámos por comemorar esta data. Assim, dado que era dia de culinária, na quinta-feira foi proposto às crianças realizarmos, na sexta-feira, pizzas. Todas as crianças aceitaram e demonstraram interesse, por isso, em conjunto

escolhemos os ingredientes que as pizzas iriam ter para que, mais tarde, eu e a educadora cooperante pudéssemos ir comprar. Teria sido interessante irmos com as crianças às compras, contudo, não existe perto nenhum local para tal.

Chegada a sexta-feira, tornámo-nos cozinheiros e fizemos as nossas pizzas que, mais tarde, foram postas numa caixa e levadas para casa. Considero que este tipo de atividades é muito mais pertinente do que a realização forçada de coroas. No término do dia, embora eu e a educadora cooperante estivéssemos exaustas devido à questão das limpezas, o sorriso nas caras das crianças era contagioso.

Reflexão semanal de 9 de janeiro de 2017 a 13 de janeiro de 2017- *A falta de tempo das famílias*

Ao longo desta semana estive a observar os comportamentos das famílias no tempo da manhã e da tarde. Pude observar que as famílias vivem, de facto, num ritmo quase frenético. De manhã é a pressa porque “hoje está muito trânsito e tenho de ir para o trabalho”, à tarde a pressa mantém-se, mas porque “tenho de o ir levar à natação”. De manhã existe um beijo e um até logo, à tarde um “vamos embora”. O ritmo de vida da sociedade é apressado, parece que vivemos num mundo “a correr” e, por isso questiono: será que as famílias estão a usufruir do tempo em que podem estar juntas? A mim parece-me que os estilos de vida são tão complexos que as pessoas perdem momentos únicos. Lembro-me de na minha infância sair da escola com a minha mãe e com o meu pai e ir para casa, jantar e, após o jantar, havia sempre tempo para um jogo de tabuleiro em família, um concurso de talentos ou a dramatização de uma história. Agora, quando questiono as crianças “o que fizeste ontem depois da escola?” as respostas são “vi televisão” ou “fui ao ballet”. O tempo está tão ocupado que as famílias já não têm tempo para estarem juntas.

Assim, enquanto futura educadora de infância reflito acerca dos pedidos de realização de materiais/atividades em casa ou da presença em comunicações que, por vezes, alguns/as educadores/as fazem às famílias. Ao refletir acerca desta questão, considero que o facto de os/as educadores/as assumirem esta postura poderá causar uma pressão social nas famílias que se veem obrigadas a participar e realizar o que estes/as exigem, por esse motivo, penso que os/as educadores/as da sociedade atual devem ter em conta a falta de tempo que existe evitando sentimentos, por parte das famílias, de desconforto e ansiedade. Além disto, reflito se, de facto, “pedir coisas às famílias” será participação? Até que ponto é que estamos a ouvi-las e a respeita-las

“valorizando a sua competência educativa (...) [e] aceitando-as como parceiras na ação educativa” (APEI, s/d, p.2)? Na minha opinião este não é, de todo, o caminho a seguir. Defendo que a escola tenha sempre uma porta aberta para que as famílias possam participar no dia-a-dia da escola, dando opiniões, sugestões e, caso queiram, desenvolvam ou participem em projetos. Desta forma, não existe uma pressão social para que as famílias sejam obrigadas a participar, existindo, por parte dos/as educadores/as um sentimento de aceitação e compreensão do ritmo frenético da vida da sociedade atual.

Reflexão semanal de 23 de janeiro de 2017 a 27 de janeiro de 2017- O fim do início

Ao fim de 4 meses (outubro a janeiro), de 300 horas chega ao fim o último estágio antes de me tornar educadora de infância. O caminho de formação está quase a chegar ao fim e esta situação é um misto de emoções. É a certeza de que tudo o que vivi, quer nos diferentes estágios quer na escola superior de educação de Lisboa, me fez ser a profissional de educação que sou. Obviamente, o caminho de aprendizagem não acaba aqui, pois um/a educador/a está sempre em constante reflexão e aprendizagem, mas este caminho de formação inicial foi especial, sobretudo este estágio.

Ao rever tudo o que vivenciei durante o estágio no Colégio sinto saudade, pois este não poderia ter sido melhor. Apesar de estar numa fase complicada da minha vida em que existem muitas mudanças devido à gravidez, tive a sorte de calhar numa instituição exemplar em que todos são uma grande família, em que todos se apoiam e em que todos aprendem e, sobretudo, tive a sorte de calhar com uma educadora cooperante que sempre me apoiou que é um exemplo para mim e que será sempre recorda com um grande carinho. Além disso, não teria sido possível aprender sem as crianças que, ao longo do tempo, me levaram a questionar, a refletir e a crescer enquanto futura educadora de infância.

Termino hoje um percurso longo de formação inicial e começo hoje um caminho de formação enquanto educadora.

CAPÍTULO 2- PLANIFICAÇÕES

“Planear e avaliar o processo educativo de acordo com o que o/a educador/a observa, regista e documenta sobre o grupo e cada criança, o seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um

ambiente estimulante e promova aprendizagens significativas e diversificadas, que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.” (OCEPE, 2016, p. 14)

2.1. Planificações Semanais

Planificação semanal de 17 de outubro de 2016 a 21 de outubro de 2016

2º feira	3ºfeira	4ºfeira	5ºfeira	6ºfeira
Reunião da manhã Início do projeto dos dinossauros. <u>Fase I do projeto:</u> responde-se às questões “O que sabemos?”; “O que queremos saber?”.	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros <u>Fase II do projeto:</u> “Onde vamos pesquisar?” O que queremos fazer? Teia de ideias Ginástica	Reunião da manhã Atividades e projetos Dinamização de histórias	Reunião da manhã Atividades e projetos Ginástica	Reunião da manhã Atividades e projetos Arquivo de produções Culinária
Almoço				
Música	Jogos Sociais	Língua Portuguesa	Matemática	Reunião de Conselho

Planificação semanal 24 de outubro de 2016 a 29 de outubro de 2016

2º feira	3ºfeira	4ºfeira	5ºfeira	6ºfeira
Conselho Registo de texto sobre o recreio “Eu gostava que o recreio tivesse_____”	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros Introdução da caixa dos dinossauros Pegada de dinossauro	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros Termino da pegada de dinossauro Encenação da história “O Nabo gigante”	Reunião da manhã Ida ao exterior buscar materiais da natureza Ida aos correios entregar a carta para uma avó	Reunião da manhã Preparação do cenário para o Halloween

	Ginástica			
Almoço				
Música Término dos trabalhos Levantamento dos materiais necessários para construir o nosso recreio	Jogos Sociais	Língua Portuguesa Leitura do livro: “O Carteiro Valentim”	Ciências	Reunião de Conselho
Observações: Num momento da semana, quando surgir uma oportunidade, será lida a história “Será que a Joanelha tem uma pilinha?”				

Planificação semanal 30 de outubro de 2016 a 4 de outubro de 2016

2º feira	3ºfeira	4ºfeira	5ºfeira	6ºfeira
Culinária com a mãe do Luís para o Halloween	Feriado	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros: Página do livro da pegada de dinossauro Introdução das cascas de laranja	Reunião da manhã	Ida ao museu nacional de história natural e da ciência ver a exposição “Dinossauros que viveram na nossa terra”
Almoço				
Halloween	Feriado	Culinária: Sopa de abóbora Doce de abóbora	Matemática: Análise da pegada de dinossauro	Reunião de Conselho

Planificação semanal 7 de novembro de 2016 a 11 de novembro de 2016

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Registo de texto	Reunião da manhã Projeto do <i>jardim</i> : Tenda com a mãe da Fada Vermelha Introdução dos bancos de madeira	Reunião da manhã Pista de carros do <i>jardim</i>	Reunião da manhã Projeto do <i>jardim</i> : Término da pista de carros	Reunião da manhã Exploração dos ouriços; São Martinho
Almoço				
Música Ir às restantes salas buscar os trabalhos do <i>jardim</i>	Jogos sociais	Língua portuguesa	Ciências - montar um dinossauro; - escavação de fósseis;	Reunião de Conselho

Planificação semanal 14 de novembro de 2016 a 18 de novembro de 2016

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Ovos de dinossauro Registo de texto	Não irei comparecer na escola por motivos de saúde	Reunião da manhã Projeto do <i>jardim</i> : Construção de carros com o pai da estagiária	Reunião da manhã Continuação dos ovos de dinossauros	Reunião da manhã Apresentação de um livro
Almoço				

Música Festa de aniversário do Luís	Língua portuguesa	Jogos sociais	Matemática: O método pappy	Reunião de Conselho
--	-------------------	---------------	-------------------------------	---------------------

Planificação semanal 21 de novembro de 2016 a 25 de novembro de 2016

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Projeto dos dinossauros: Registo de texto Ovos de dinossauro	Reunião da manhã Projeto do <i>jardim</i> : Construção da cozinha	Reunião da manhã Sessão de teatro	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros: Herbívoros VS Carnívoros	Não irei comparecer por motivos pessoais
Almoço				
Música Projeto dos dinossauros: Término dos ovos de dinossauro e registo no livro do projeto	Jogos sociais	Língua portuguesa: Construção de frases	Ciências: Herbívoros VS Carnívoros	Não irei comparecer por motivos pessoais

Planificação semanal 28 de novembro de 2016 a 2 de dezembro de 2016

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Registo de texto	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros:	Reunião da manhã Projeto dos dinossauros: Herbívoros VS Carnívoros	Feriado	Construção da coroa de natal com os pais da Borboleta

	Livro dos dinossauros			
Almoço				
Música	Jogos sociais	Língua portuguesa: Construção de frases	Feriado	Experiência : “Como lavar as mãos?” com a mãe do Hulk
Projeto dos dinossauros: Término dos ovos de dinossauro e registo no livro do projeto				

Planificação semanal 5 de dezembro de 2016 a 9 de dezembro de 2016

2º feira	3ºfeira	4ºfeira	5ºfeira	6ºfeira
Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã		Reunião da manhã
Registo de texto	Prendas de natal	Comunicação do projeto dos dinossauros	Feriado	Leitura do livro: “A Surpresa de Handa” Realização de salada de frutas
Almoço				
Música	Jogos sociais	Língua portuguesa: Discussão sobre o projeto dos dinossauros	Feriado	Conselho

Planificação semanal 12 de dezembro de 2016 a 16 de dezembro de 2016

2º feira	3ºfeira	4ºfeira	5ºfeira	6ºfeira

Prendas de natal	
Almoço	
Prendas de natal	Conselho

Planificação semanal 2 de janeiro de 2017 a 6 de janeiro de 2017

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã
Registo de texto	Projeto: "A alimentação"	Projeto: "A alimentação"		Realização de pizzas
Almoço				
Música	Jogos sociais	Língua portuguesa	Pappy	Conselho

Planificação semanal 9 de janeiro de 2017 a 13 de janeiro de 2017

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã
Registo de texto		Projeto: "A alimentação"		Arquivo de produções
Almoço				
Música	Jogos sociais: "Terra, mar e rio"	Língua portuguesa: Registo do jogo "Terra, mar e rio"	Ciências: "Os estados da água"	Conselho

Planificação semanal 16 de janeiro de 2017 a 20 de janeiro de 2017

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Registo de texto	Reunião da manhã Projeto: “A alimentação”	Não irei comparecer por motivos pessoais	Ida ao Oceanário	Reunião da manhã
Almoço				
Música	Jogos sociais	Não irei comparecer por motivos pessoais	Comunicação do projeto “A alimentação”	Conselho

Planificação semanal 23 de janeiro de 2017 a 27 de janeiro de 2017

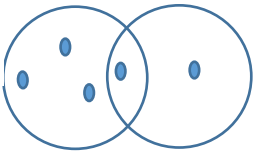
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Reunião da manhã Registo de texto	Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã	Reunião da manhã
Almoço				
Música	Jogos sociais	Língua portuguesa	Pappy	Conselho

2.2. Planificações diárias

Momento: Eu gostava que o recreio tivesse _____	
Data:	Participantes:
24 de outubro de 2016	Todo o Colégio
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):
- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;	- Escutar cada criança, valorizando-a; - Fomentar o diálogo, facilitando a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar;

- Domínio da formação pessoal e social	- Permitir que a criança identifique funções no uso da escrita;
Materiais: Lápis de colorir; Canetas de filtro; Papel	
Descrição do momento:	
<p>No conselho da manhã ao redor da mesa, a estagiária “lança para a mesa” o assunto, dizendo “Eu escrevi na coluna do queremos fazer: Alterar e acrescentar materiais ao recreio, pois penso que o recreio tem poucos materiais para brincar. O que acham?”. Após o questionamento, a estagiária deverá ouvir as crianças, fomentando o diálogo com questões como:</p> <p>- Então e o que gostavas que o recreio tivesse? Como poderíamos fazer isso? O que mais gostas no recreio? O que menos gostas no recreio?</p> <p>A estagiária deverá, também, questionar: “Gostariam de saber o que as crianças das outras salas pensam acerca do recreio? Gostavam que este fosse um projeto de todos?”</p> <p>Após o término da conversa, cada criança irá para as áreas, sendo que a estagiária deverá ir, à vez, chamando uma criança para que ela lhe fale novamente do que gostaria de ter no recreio. Posteriormente a criança deverá, com a ajuda da estagiária, escrever o que gostava que o recreio tivesse e desenhar.</p> <p>Em pequenos grupos, irão às restantes salas do Colégio explicar o nosso projeto e levar a mesma folha “eu gostava que o recreio tivesse _____” para que os colegas preencham.</p>	
Avaliação:	
<p><u>Indicadores:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Usa a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação; - Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam, aceitando também as dos outros; - Identifica letras, conseguindo reproduzi-las de modo cada vez mais aproximado nas suas tentativas de escrita e sabe o nome de algumas delas; - Aperceber-se do sentido direcional da escrita. 	
Reflexão	
<p>Refletindo acerca dos objetivos para este momento penso que foram cumpridos, uma vez que as crianças demonstravam <i>motivação</i> e <i>entusiasmo</i> ao falarem e darem ideias para a reconstrução do recreio. A minha postura tentou ser de escuta, valorizando as ideias de cada um.</p> <p>Relativamente aos indicadores, considero que apenas o Rafael demonstra dificuldade em usar a linguagem oral. Em grande grupo não disse nada e, de forma individual comigo, foi bastante complicado de o entender. No entanto, consegui, com o apoio da educadora compreender que ele queria dizer “carros”.</p> <p>Todas as outras crianças expressaram a sua opinião, dando sugestões para o melhoramento do recreio.</p> <p>Relativamente à linguagem escrita: O Bombeiro ainda não identifica, nem reproduz letras; Todas as restantes crianças identificam e reproduzem algumas letras, sobretudo as dos seus nomes; A Super Mulher, o Homem falcão, o Lucas, o Rafael e o Luís ainda não se apercebem do sentido direcional da escrita;</p>	

Momento: Pegada de dinossauro	
Data: 25 de outubro de 2016 e 3 outubro	Participantes: 24 participantes
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):
- Domínio da matemática; -Subdomínio das artes visuais;	- Permitir que a criança perceba a dimensão de uma pegada de dinossauro; - Proporcionar momentos em que a criança identifique quantidades; - Apoiar a criança no uso de gráficos para organizar informação; -(Re)Introduzir o conceito de lateralidade; -Introduzir o Diagrama de Venn
Materiais:	Estratégias

	Organização do espaço e dinâmica:	Implementação das propostas:
<ul style="list-style-type: none"> - 1 lençol com uma pegada de dinossauro; - Tintas; - Dodots; - Pés cortados em cartolina; - 4 arcos; 	<p>Embora a atividade esteja diretamente relacionada com os autores do projeto será realizada com todo o grupo. A pegada será realizada no recreio em pequenos grupos de 5 crianças. A análise da pegada será realizada em roda com todo o grupo.</p>	<p>1º momento: Pintar a pegada de dinossauro: A estagiária deverá ir relembando a noção de maior e menor. “então o teu pé é maior ou menor que o pé do dinossauro?”;</p> <p>2º momento: Analisar a pegada: A estagiária deverá deixar que as crianças coloquem dúvidas pensando como organizar a informação.</p>
Descrição do momento:		
<p>1º momento: Pintar a pegada de dinossauro</p> <p>Os grupos (de 5 crianças) devem dirigir-se para o recreio. Lá, à vez, cada criança irá pintar o pé e carimbá-lo no lençol. A estagiária poderá deixar que as crianças pintem os pés umas às outras, incentivando a cooperação entre pares. No fim a criança limpa o seu pé com uma dodot.</p> <p>2º momento: Analisar a pegada de dinossauro</p> <p>No centro da sala é realizada uma roda. Todos se sentam. A estagiária trás para o centro a mesma quantidade de pés carimbados mas em pés cortados em cartolina (previamente elaborados pela estagiária). Começa por dizer “estes foram os pés que nós carimbámos. Mas são tantos, como é que os vamos contar?” Espera a resposta das crianças.</p> <p>Após ouvir as opiniões das crianças é objetivo da estagiária que as crianças separem os pés por cores (amarelos, azuis e verdes) formando conjuntos dentro de 3 arcos. Depois 3 crianças irão contar (cada adulto da sala ajuda individualmente uma criança) Uma os verdes outra os azuis e outra os verdes. A estagiária ajuda a somar.</p> <p>Posteriormente a estagiária irá por uma variante, chamando uma criança e dizendo. “Então e onde estão todos os pés esquerdos?” a criança forma o conjunto dos pés esquerdos. Posteriormente a estagiária junta os pés amarelos e esquerdos e diz “Aqui estão os pés amarelos e aqui os pés esquerdos. Então mas há pés esquerdos amarelos.” Assim espera que uma criança chegue à resposta de sobrepor os arcos. Caso a criança não consiga compreender a estagiária deverá dizer “então e se eu colocar os conjuntos assim? Onde ficam os pés amarelos e esquerdos?”</p> <p><u>Representação:</u></p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>Pés amarelos</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Pés esquerdos</p> </div> </div>		
Avaliação:		
<p><u>Indicadores</u></p> <p>1º momento: A criança expressa a noção de maior e menor;</p> <p>2º momento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As crianças referem que podemos realizar conjuntos para contar as pegadas; - As crianças conseguem contabilizar até 20; - As crianças conseguem compreender que na interseção dos dois arcos são colocados os pés amarelos e esquerdos. 		
Reflexão		

1º momento:

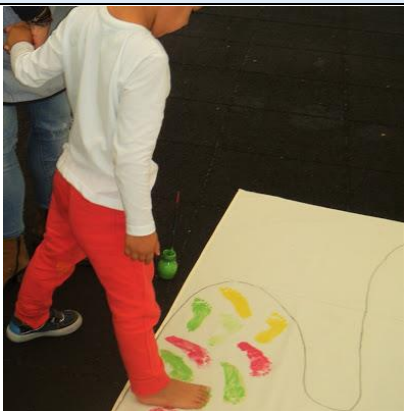
Penso que todos, com exceção do Homem de fogo, compreendem a noção de maior e menor. Foi um momento bastante *divertido* com imensas gargalhadas ao sentir o pincel e a tinta fria nos pés. Para espanto meu, o Silvestre quis participar.

2º momento:

A atividade decorreu de forma positiva, pois as crianças conseguiram ir ao encontro dos indicadores que previamente propus. Neste sentido, o grupo conseguiu compreender que era mais fácil contar as pegadas através de conjuntos, delimitados por cordas. O grupo conseguiu em conjunto contar até 40, sendo que tinham alguma dificuldade nos números transitórios 19 para 20, 29 para 30 e 39 para 40. Inicialmente, apenas a Constança e a Bia compreenderam que na interseção dos dois arcos eram colocados os pés amarelos e esquerdos. Contudo, com mais exemplos e com o meu apoio e da educadora também o Homem de ferro e a Marina compreenderam a questão da interseção. Os restantes elementos do grupo ainda sentem alguma dificuldade nesta questão.

Observações:

Uma vez que bastantes elementos do grupo demonstraram dificuldade na questão da interseção, em conversa com a educadora cooperante decidimos que iremos introduzir na sala a caixa dos conjuntos que irá conter 4 fios de lã e os pés, para que as crianças possam, de forma autónoma, explorar esta nova aprendizagem.

Fotografias

Momento: Exploração de elementos da natureza		
Data: 27 de outubro de 2016		Participantes: 20 participantes
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):	
- Domínio conhecimento do mundo;	<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar momentos de contacto e sensibilização para a natureza; - Auxiliar as crianças a compreenderem, identificarem e descreverem semelhanças e diferenças entre diversos materiais; 	
Materiais:	Estratégias	
	Organização do espaço e dinâmica:	Implementação das propostas:
- Elementos da natureza apanhados previamente por um pequeno grupo de crianças na mata;	O grupo deverá ser dividido em dois. Um grupo fica sentado nas mesas comigo e outro grupo com a educadora.	A estagiária deverá guiar o grupo nas suas explorações questionando-o e alertando-o para diferentes aspetos.
Descrição do momento:		
O grupo é dividido em dois grupos: um que fica numa mesa comigo e outro que fica com a Carmo. No centro da mesa são colocados os elementos naturais que os colegas na parte da manhã foram buscar ao parque. Assim começa a análise e exploração dos elementos. Cada criança pode cheirar, tocar e olhar. O adulto deve guiar este momento alertando as crianças para alguns aspetos dos materiais: "já viram olhem que este pau é áspero". O		

educador deve também incentivar a que a criança construa algo com os elementos da natureza. No término da atividade as crianças deverão registrar nos cadernos estas explorações

Avaliação:

Indicadores

- Pelo menos metade das crianças demonstram interesse em explorar os elementos;
- Pelo menos 5 crianças identificam algumas características dos elementos;
- Pelo menos 5 crianças constroem algo com recurso aos elementos da natureza;

Reflexão

Todas as crianças, com exceção da DarthVader e do bombeiro, demonstraram interesse em explorar os elementos da natureza;

A Marina referiu que o tronco era “rijo”;

O Homem de ferro disse que a pedra era “pesada”

O Starwars referiu que a folha era “macia”

O Miguel disse que a folha era “leve”

A Fada Rosa disse que a folha era “fofinha” ao que tive que corrigir reforçando o “macia”.

O Starwars construiu “uma menina com capuz”;

O Homem falcão construiu “um carro”

O Hulk construiu um “carro”

O Simão fez uma “casa”

A super mulher construiu uma “ponte”

Com estas conclusões posso afirmar que a atividade foi realizada com sucesso, pois as crianças estavam *empenhadas* em explorar a natureza.

Observações:

Fotografias



Momento: Construção da tenda

Data: 7, 8 e 9 de novembro de 2016		Participantes: 5 crianças
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):	
- Domínio da educação artística: Subdomínio das Artes Visuais	- Englobar outros parceiros educativos no projeto; -Disponibilizar diversos materiais que permitam a utilização de diferentes modalidades expressivas;	

	<ul style="list-style-type: none"> - Dialogar com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer; - Apoiar a criança a planear o pretendido;
--	--

Materiais:	
Folhas; Canetas; Lençol de pano; Tintas de tecido; Rolos de tinta; Bandejas para colocar a tinta; Dodots; Estrutura da tenda previamente elaborada; elementos da natureza; Corda de sisal	

Descrição do momento:

1º momento (7 de novembro)
Na reunião da manhã a estagiária questiona “Quem gostaria de construir uma tenda para o recreio?”. Após as respostas a estagiária deverá reunir com o grupo e pedir que as crianças desenhem a tenda que gostariam de construir. Ao longo deste momento a estagiária deverá questionar: “Mas como poderemos montar a estrutura da tenda? Qual o material que precisamos de utilizar?”. Com o apoio da estagiária, as crianças deverão perceber que é necessária uma estrutura de madeira que suporte a tenda. A estagiária deverá dizer as crianças que ficará ela responsável por construir essa estrutura.

2º momento (8 de novembro)
Este dia é dedicado a colorir, com o apoio da mãe da Fada Vermelha, o lençol que cobrirá a tenda. Assim o grupo, responsável por construir a tenda, deverá reunir-se no recreio. A estagiária deverá estender o lençol no chão do recreio e colocar ao dispor de todos vários rolos e bandejas com tinta. Divididos pelo lençol as crianças deverão colorir, conforme quiserem, o lençol.

3º momento (9 de novembro)
Durante este dia o grupo responsável por construir a tenda irá construir um mobile com elementos da natureza para colocar no interior da tenda. Assim, iremos reunir na área das ciências e cada criança irá selecionar de dentro da caixa da natureza um elemento que gostasse que o mobile tivesse. A estagiária deverá apoiar o grupo na construção do mobile.
No término da atividade, a estagiária deverá ir, com todo o grupo da sala, até ao recreio montar a tenda.

Avaliação:

1º momento:
Planeia o que quer construir, desenhando e explicitando, oralmente, os seus objetivos;

2º momento:
Emite opiniões sobre os seus trabalhos e os das outras crianças;
Demonstra prazer em explorar diversas formas de pintar;

3º momento:
Apoia a estagiária dando sugestões para a construção do material

Fotografias:



Momento: Carta de sensibilização	
---	--

Data: 10 de novembro de 2016	Participantes: 25 crianças
--	--------------------------------------

Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):
- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;	- Escutar cada criança, valorizando-a; - Fomentar o diálogo, facilitando a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar;
Materiais:	Estratégias
	Organização do espaço e dinâmica:
- 1 folha; - Lápis de colorir; - Canetas de filtro;	A atividade deverá ser realizada com todo o grupo, sentados num círculo no centro da sala.
Descrição do momento:	
Sentados num círculo no centro da sala a estagiária começa por dizer “Estamos a construir materiais para o recreio, por esse motivo, acho que seria bom escrevermos um comunicado, ou seja uma carta, às restantes salas a pedirem que tenham cuidado com os novos materiais. Por isso gostava que vocês me ajudassem.” Após esta introdução, todo o grupo, apoiado pela estagiária, deverá elaborar uma carta de sensibilização. No término as crianças iram ilustrar as cartas e entrega-las às restantes salas.	
Avaliação:	
<u>Indicadores:</u> - Usa a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação;	
Reflexão	
Considero que a DarthVader, embora tenha problemas orais de articulação da fala, é a criança que consegue utilizar, de forma mais coesa, a linguagem oral em contexto, formando frases complexas e um texto estruturado. Por sua vez, o Bombeiro e o Rafael são as crianças com maiores dificuldades no discurso. A Super mulher é portadora de um pequeno leque de adjetivos, sendo que o seu discurso é muito simples e, por vezes, pouco estruturado “Eles podem ter cuidado com o recreio. Ele é bom”. O Homem Aranha quando confrontado em grupo diz apenas que não sabe “Eu: Homem Aranha, o que podíamos dizer de seguida? Homem Aranha: Não sei” A Marina elabora um discurso correto, embora tenha alguma dificuldade em iniciar novas frases, sendo frequente utilizar apenas o “e... e...” Para mim, é complicado compreender o Simão, pois este demonstra dificuldades ao nível da articulação da fala.	

Momento: Elaboração de ovos de dinossauro		
Data: 14 e 16 de novembro	Participantes: 8 participantes	
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):	
-Subdomínio das artes visuais; - Conhecimento do mundo	Permitir o contacto com diferentes técnicas artísticas; Permitir que as crianças conheçam diferentes espécies ovíparas;	
Materiais:	Estratégias	
	Organização do espaço e dinâmica:	Implementação das propostas:
- Cola branca; - 8 balões; - Tintas; - Computador;	1º momento- pintura dos ovos: Este momento será realizado na sala de atividades com apenas 2 crianças de cada vez. 2º momento- pesquisa de espécies ovíparas Este momento será realizado em sala com todos os elementos do grupo.	1º momento- pintura dos ovos: A estagiária deverá auxiliar as crianças a realizarem esta técnica. 2º momento- pesquisa de espécies ovíparas A estagiária apoiar na pesquisa.
Descrição do momento:		
1º Momento- pintura dos ovos:		

Em pares as crianças dirigem-se para uma mesa onde está disposto todo o material. Assim a estagiária inicia “lembram-se de termos decidido fazer ovos de dinossauro? Vamos fazer hoje.” Após esta informação a estagiária questiona: “acham que os ovos de dinossauro eram todos iguais?” Assim é lançada a discussão que deverá resultar na informação de que os ovos tinham vários tamanhos e cores dependendo das espécies de dinossauros. Assim cada criança inicia o seu ovo de dinossauro com o auxílio da estagiária.

2º Momento- pesquisa de espécies ovíparas

Reunido o grupo na sala de atividades a estagiária deverá lançar a questão “Estivemos a fazer ovos de dinossauro, mas será que só os dinossauros é que colocavam ovos? Quais os animais que são ovíparos, ou seja, que põem ovos?” Assim surge a discussão que a estagiária deverá fomentar. Após a discussão inicial a estagiária diz “então e se pesquisássemos na internet?” Desta forma, as crianças deveram dizer o que querem procurar enquanto a estagiária auxilia na escrita e na leitura.

Avaliação:

Indicadores

1º momento:

Demonstra prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual; Emite opiniões sobre os seus trabalhos e os das outras crianças;

2º momento:

- Demonstra curiosidade e interesse pelo que a rodeia, colocando questões que evidenciam o seu desejo de saber mais;
- Reconhece animais ovíparos

Reflexão

1º momento:

Penso que todos usufruíram deste momento, uma vez que demonstravam prazer em explorar e criar as suas produções.

2º momento:

Todas as crianças, à exceção da Fada Vermelha e da Fada Rosa conseguiram nomear uma espécie ovípara.

Fotografias

Momento: Sessão de teatro

Data: 23 de novembro de 2016		Participantes: 25 participantes	
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):		
-Subdomínio do jogo dramático;	<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar materiais e adereços diversos que estimulem a representação de diferentes situações; - Incentivar a que as crianças se expressem corporalmente; - Apoiar as crianças na construção de uma narrativa lógica e complexa 		
Materiais:	Estratégias		
	Organização do espaço e dinâmica:	Implementação das propostas:	
<ul style="list-style-type: none"> - Compilação de diferentes músicas em telemóvel; - Colunas; - Papel adesivo de diferentes cores, previamente recortado em formato redondo; - Materiais naturais diversos: pedra; conchas; paus; folhas; - Saco para levar os materiais naturais; 	Este momento será realizado no ginásio com todos os elementos do grupo.	A estagiária deverá realizar o aquecimento com as crianças para que, primeiramente, esta seja a guia. Ao longo do aquecimento deverá dar oportunidade que as crianças sejam as guias. Na improvisação a estagiária deverá apoiar mas não condicionar as ideias das crianças. No relaxamento a estagiária deverá guiar o grupo. No termino deverá ser realizada uma reflexão com as crianças.	

Descrição do momento:

1º momento- Aquecimento (5 minutos a 7 minutos)

Todo o grupo se dirige para o ginásio que está previamente preparado pela estagiária. Esta coloca a música que, inicialmente, é *lenta* dizendo “vamos caminhar ao som da música”. A estagiária começa a caminhar e a realizar movimentos *calmamente*. Todas as crianças deverão imitá-la. É necessário que a estagiária incentive o silêncio e a escuta do som. À medida que a música passa esta começa a ser mais *rápida* e, neste sentido, os movimentos são, também eles, mais *rápidos*. Conforme a estagiária observar a reação do grupo irá incentivar a que todo o grupo imite determinada criança dizendo algo como “olhem o X está a fazer tão bem, vamos fazer como ele”. Ao longo deste momento a estagiária deverá ir colando na camisola das crianças uma bola de diferentes cores: vermelha, verde, azul, rosa, laranja.

Este momento deverá terminar no chão com todas as crianças sentadas. Então a estagiária inicia “Já viram que todos vocês têm uma bola com diferentes cores? Ali no chão estão as cores das vossas bolas (Bolas previamente coladas no chão pela estagiária). Cada um vai sentar-se ao redor na vossa bola”. Desta forma, os grupos ficarão formados sendo:

Vermelho: Super mulher; Marina; Homem de fogo; Luis; Rafael

Verde: Homem falcão; DarthVader; Lucas; Homem Aranha; Fada Vermelha

Azul: Hulk; Homem de ferro; Joana; Constança; Silvestre

Rosa: Starwars; Bombeiro; Violeta; Mafalda; Miguel;

Laranja: Simão; Bia; Fada Rosa; Borboleta; Lourenço

2º momento- Improvisação (15 a 20 minutos)

Este momento inicia-se com todos sentados nos seus lugares e, por consequência, divididos em grupo. Assim a estagiária inicia: “Agora cada um vai tirar deste saco um objeto. E, de seguida, em grupo, deverão criar uma história com esses objetos para depois a representarem aos amigos. Por exemplo: Eu tiro um peixe, então na história serei um peixe à procura de um tubarão. Dúvidas?” Assim tenta-se que o grupo tenha todas as dúvidas esclarecidas e que todos saibam o que é pretendido fazer antes de iniciar a distribuição de materiais.

Quando todos compreenderem o objetivo, a estagiária passará com o saco e a criança irá retirar aleatoriamente um material natural. Cada grupo ficará sentado a criar a sua história. A estagiária deverá percorrer todos os grupos apoiando-os.

Após o tempo para criarem a sua história deverão representá-la para o grupo.

3º momento: Relaxamento (5 a 7 minutos)

Após as improvisações as crianças irão fazer pares. Um dos elementos deitar-se-á enquanto o outro ficará a fazer massagens ao som de uma música *calma*. A estagiária ficará no centro com uma criança guiando as massagens “Agora vamos andar como se fossemos cobras em cima das costas do vosso par. Agora como se fossemos elefantes muito pesados.”

Avaliação:

Indicadores

Discute ideias e propõe soluções para a representação;

Recria e inventa histórias e diálogos;

Explora diversas formas de se expressar corporalmente através de ações motoras básicas(andar, movimentos isolados de cabeça e membros, saltos, voltas)

Reflexão

Observações:

Fotografias

Momento: Herbívoros VS Carnívoros		
Data: 30 de novembro de 2016	Participantes: 1º momento: 8 participantes	
Domínio/subdomínio	Objetivos (na ótica da estagiária):	
-Área do conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar ferramentas para que as crianças compreendam características dos dinossauros; - Fomentar o diálogo e a comunicação; - Proporcionar o contacto com a escrita 	
Materiais:	Estratégias	
	Organização do espaço e dinâmica:	Implementação das propostas:
<ul style="list-style-type: none"> - Cartões com imagens de dinossauros; - Cartolina; 	Este momento será realizado no recreio apenas com os autores do projeto dos dinossauros;	A estagiária irá relembrando características dos dinossauros;
Descrição do momento:		
<p>No recreio as crianças sentam-se em roda. A estagiária coloca a cartolina no centro da roda e questiona: “então o que os dinossauros comiam?”. Irá surgir, pois durante a visita ao museu o guia referiu este aspeto, a resposta “Alguns eram herbívoros, comiam plantas, e outros eram carnívoros, comiam carne”. Assim a estagiária deverá dividir a tabela em herbívoros e carnívoros, escrevendo em frente ao grupo.</p> <p>Deverá então aparecer a imagem, em cartão, de um Diplodocus. E a estagiária questionar “Então X, este dinossauro era carnívoro ou herbívoro?” é objetivo que a criança diga que é herbívoro, pois tem o pescoço bastante longo para chegar às árvores. Caso não diga a estagiária deverá apoiar nesta descoberta dizendo algo como “olha para o dinossauro. Qual a parte do seu corpo mais comprida? Porque será?”</p> <p>Posteriormente surge a imagem do T-rex “então e este dinossauro, y?” é suposto que a criança compreenda que é carnívoro, pois desloca-se apenas em 2 patas.</p> <p>Ao longo deste momento, a estagiária deverá introduzir as seguintes noções:</p> <p>Dinossauros carnívoros: tem dentes afiados e pontiagudos. Deslocam-se em 2 patas para serem velozes nas suas caçadas.</p> <p>Dinossauros herbívoros: tem dentes planos. Deslocam-se em 4 patas. Têm, na sua maioria, pescoços longos.</p>		
Avaliação:		
<p><u>Indicadores</u></p> <p>Diferencia dinossauros pelas suas características;</p> <p>Explicita conhecimentos;</p>		
Reflexão		
<p>Durante este momento o Starwars, a Darthvader e o Homem falcão foram os elementos que explicitaram melhor os conhecimentos tendo reconhecido todas as características dos diferentes dinossauros. A Fada vermelha e a fada rosa demonstraram, mais uma vez, não estarem interessadas no projeto, sendo que ao longo deste momento estiveram a conversar uma com a outra e, quando questionadas, não conseguiram referir as características, já referidas pelos colegas, dos dinossauros.</p> <p>A Super mulher parecia distraída com o Hulk, contudo quando questionada reconheceu todas as características de um dinossauro herbívoro e de um dinossauro carnívoro.</p>		

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dos portefólios em educação de infância é fazer com que educadores/as “narrem suas experiências, reflitam sobre suas práticas e trajetórias vividas, compreendam a sua própria história, redimensionem o passado e o presente, ampliem o seu saber e seu saber fazer” (Ferreira e Anjos, 2015, p.45), assim este portefólio permitiu-me exatamente isto: refletir acerca da minha prática, questionando-a e melhorando-a.

Considero que embora, por vezes, tivesse sido complicado ter tempo para me sentar ao computador e escrever, o que é certo é que estes momentos revelaram-se importantíssimos ao longo da prática, uma vez que me permitiram ter uma ação mais intencional e reflita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agualusa, J. (2005) *A Girafa que Comia Estrelas*. Dom Quixote: Lisboa
- Brock, A., Dodds, S., Javis, P. & Olusoga, Y. (2011). *Brincar: aprendizagem para a vida*. São Paulo: Penso.
- Ferreira, F. & Anjos, C. (2015) *Educação de Infância*. Santo Tirso: De facto editores
- Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos. Relações sociais entre crianças de um jardim-de-infância*. Porto: Edições Afrontamento
- Folque, M. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: O modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Formosinho, J., & Araújo, S. (2013). *Educação em creche: Participação e diversidade*. Coleção Infância nº 18. Porto: Porto Editora.
- Katz, L. & Chard, S. (1997). *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância* (Tradução de Carla Alves, Ana Isabel Vale e Cardoso Alves). Lisboa. Fundação Gulbenkian
- Hohmann, M. & Weikart, D., (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Leontiev, A. (1978) *O homem e a cultura. O Desenvolvimento do Psiquismo*. Ed. Horizonte Universitário

- Lino, D. (2014). *A qualidade do contexto na educação de infância: perspetiva através da escolha e do envolvimento*. Pp.137-154. Nuances: Estudos sobre educação
- Lino, D. (2013). *O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia*. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação*. (pp. 109-140). Porto: Porto Editora.
- Maciel, D. (2010). *Género na sociologia portuguesa*. CIES/ISCTE: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.
- Majoral, S. (2014). *Seguindo el hilo*. Octaedro: Barcelona
- Martelo, M. (2004). *A Escola e a Construção de Identidade das Raparigas: O Exemplo dos Manuais Escolares*. (2ª ed.). Lisboa: CIDM
- Mesquita, E. (2011). *Competências do Professor: Representações sobre a formação e a profissão*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Moreira, D. (2015). *Brincar para aprender: As intenções do educador* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Lisboa. Lisboa
- Nunes, E. & Brenda, J. (s/d) *Manual para uma alimentação saudável em jardins de infância*. Ministério da saúde
- ONU (1989). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Unicef
- Pomar, C. (coord) (2012) *Guião de educação: Género e cidadania*. Comissão para a cidadania e igualdade de género.
- Post, J. & Hohman, M. (2011) *Educação de bebés e, infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Túnez, P. (2015). *La relación del niño com su entorno*. Octaedro: Barcelona
- Tomas, C. & Fernandes, N. (2014) *Brincar, brinquedos e brincadeiras: modos de ser crianças nos países de língua oficial portuguesa*. Editora da Universidade estadual de Maringá: Maringá

Vasconcelos, T. (1997) *Ao Redor da Mesa Grande- A prática educativa da Ana*. Porto: Porto Editora

Reali, A. M. M. R., & Tancredi, R. M. S. P. (2005). A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. *Paidéia*

Ritscher, P, (2006) *El jardín de los secretos*. Octaedro: Barcelona

Ruy Belo, “A rua é das crianças”, in *Homem de Palavra[s]* (1970).

Sá, V. (2002). A Escola e os Actores: Políticas e Práticas. Sindicato dos Professores da Zona Norte: Porto

ANEXO L- Entrevistas “O brincar do antigamente”

Fonte: *Elaboração própria*

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: Sofia		Idade: 22 anos	
Começou a frequentar a escola com que idade: Entrei para o JI com 4 anos. Quanto tempo brincava: Brincava muito tempo. Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Alto. Com que idade começou a trabalhar? Desde os 21 anos.			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Questões e Respostas
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? As barbies, um robô gigante e uma boneca gigante. As brincadeiras com os outros tenho mais recordação de ser ao ar livre quando o meu avo me ia buscar à escola e recordo-me de brincar com os meus amigos no quintal da minha casa, mas pouco brincava mais em casa. Gostava de brincar com as barbies em casa. Gostava de calçar os sapatos da minha mãe. Gostava de ver cassetes da Disney.
	Brincadeiras	Faz de conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	

	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Em casa na cave.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Não tenho quase memórias nenhuma do JI. O pouco que me lembro é de fazer enfiamentos, de ser horrível a hora de almoço.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Tinha um parque com escorregas, baloiços, pedras no chão, tinha uma cerca à volta. Não tinha brinquedos. Tinha árvores à volta.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz de conta	Como é que brincava na escola? Jogava à apanha, às escondidas, a correr. Não tenho mais lembranças.
	Brinquedos	Faz de conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? No recreio já disse. Na sala, nós brincávamos com aquilo que a educadora punha na mesa, ou seja, não eramos nós que íamos buscar o que queríamos fazer, era ela que escolhia.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: Ana

Idade: 23 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: Comecei a frequentar o JI com 3 anos.

Qual era a duração da brincadeira? Como disse, eu brincava muito.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? A minha família é uma família de classe social média-alta.

Com que idade começou a trabalhar? Só aos 18 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Lembro-me de brincar muito. Gostava de brincar com os nenucos. Era muito maternal. Gostava de ser a mãe. Essas

o brinquedo	Brincadeiras	Faz de conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	eram as minhas brincadeiras prediletas.
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Quando não estava na escola, brincava sobretudo em casa. Gostava que as minhas amigas viessem brincar comigo para minha casa. Às vezes, escondia-lhes os nenucos que mais gostava para elas não os estragarem.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Aí a escola, já foi à tanto tempo. Lembro-me de ver filmes. Ainda eram cassetes. Lembro-me muito bem de passarmos muito tempo a vermos filmes. Lembro-me de não gostar do iogurte da escola e me obrigarem a comer. Assim, de resto, não me lembro de muito mais coisas, sei que eu não gostava da minha educadora. Ela era muito má, parecia que estava ali contrariada estava sempre de má cara.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Nós tínhamos dois recreios. Um deles era coberto era tipo um pátio, muito pequeno a entrada da escola. Quando íamos para aí não podíamos correr, porque era mesmo muito pequeno. Depois, tínhamos outro recreio nas traseiras da escola. Tinha um baloiço e um escorrega. Era de areia e tinha árvores. Nós, quando era tempo dos figos, subíamos às figueiras era a parte mais divertida.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz de conta	Como é que brincava na escola? Como te disse, brincava a subir às árvores, a saltar à corda, a fazer castelos na areia no recreio e, sobretudo, às bonecas.

	Brinquedos	Faz de conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? No recreio, era só o escorrega e os baloiços. Na sala, existia a casa de brincar e os brinquedos da casa que eram os que mais gostava. As loiças da cozinha também gostava muito. Brincava muito nesse espaço.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: David		Idade: 25 anos	
Começou a frequentar a escola com que idade: Com 6 anos, até aí estava em casa. Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito. Lembro-me de a minha mãe muitas vezes estar na rua a chamar por mim para ir jantar e eu querer continuar a brincar. Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Pobres, com poucos recursos. Com que idade começou a trabalhar? No 4º ano já ia à azeitona, às vindimas para ganhar dinheiro.			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Brincava muito aos carrinhos com os meus amigos do bairro. Aos carros telecomandados que eram dos meus amigos. Jogava à bola. Eu só tinha carros, não tinha assim muitos brinquedos então brincava com os brinquedos dos miúdos do meu bairro. Lembro-me de jogar às escondidas, jogar à pelota. Víamos as tartarugas ninjas e quando nos encontrávamos na rua imitávamos.
	Brincadeiras	Faz de conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Nós tínhamos direito a um leite de pacote por criança. Então nós tentávamos que a auxiliar nos desse mais leites que era para nos podermos beber, porque tínhamos fome. Lembro-me de ir

			com o meu vizinho para a horta da escola, ajudar a tratar dela.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era um recreio grande e largo. Não tinha gradeamento à volta. Era de terra batida. As balizas eram pedras grandes e nós jogávamos. Quando não era à bola era ao berlinde.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz de conta	Como é que brincava na escola? Jogar ao berlinde, ao futebol ou então à porrada.
	Brinquedos	Faz de conta Carros Elementos religiosos Jogos Livros Imagem Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não havia escorrega nem baloiços. Não havia nada. Tínhamos que criar a nossa própria brincadeira.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: Susana

Idade: 31 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: Com 6 anos. Até essa idade estava em casa com a minha mãe.

Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Média-alta.

Com que idade começou a trabalhar? Só comecei a trabalhar aos 18 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu gostava de andar de bicicleta, de patins, de saltar à corda. Gostava de brincar ao peão, às escondidas e ao faz de conta (médicos, polícia), jogos de palmas e, sobretudo, ouvir música.
	Brincadeiras	Faz de conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	

	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Brincava sobretudo na rua em frente a minha casa.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Um dia de escola era passado desde a entrada na sala, a aprendizagem normal. Um intervalo a meio da tarde e depois o resto da aula. As aulas eram só à tarde e de manhã eu ficava em casa com a minha mãe.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? O recreio era muito grande e luminoso e todos nos divertíamos muito.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz de conta	Como é que brincava na escola? Jogava à macaca, ao berlinde, saltava à corda.
	Brinquedos	Faz de conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos de escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? No recreio não havia brinquedos e na sala também não. Na sala haviam estantes com livros e muitos desenhos espalhados.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: Tiago		Idade: 32 anos	
Começou a frequentar a escola com que idade: Com 3 anos.			
Qual era a duração da brincadeira? Era o máximo tempo que pudesse			
Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio.			
Com que idade começou a trabalhar? Aos 19 anos.			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu tinha muitos carrinhos, ferramentas porque eu gostava muito de imitar o meu pai e gostava de desmontar carros. Tinha um triciclo. Por baixo da minha casa havia uma

	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	serralharia e os senhores davam-me pregos, martelos e tábuas para brincar lá à porta. Eu gostava muito de andar na rua, jogávamos à bola, andávamos de bicicleta, brincava com os meus amigos. Chamava os meus amigos para brincar se não fosse na rua era em casa.
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Lembro-me de brincar, de fazer pinturas. Era um pouco desorganizado. Cada um brincava ao que queria.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? O recreio era grande, de areia, tinha um gradeamento em toda a volta.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz de conta	Como é que brincava na escola? Eu adorava brincar com os pneus, era o que mais brincava.
	Brinquedos	Faz de conta Carros Elementos religiosos “Rêgua” Elementos de escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? No recreio havia escorregas, baloiços e pneus. Na sala era tudo, casa de bonecas, carrinhos, lápis.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: Vera

Idade: 35

Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos

Qual era a duração da brincadeira? Brincávamos tardes inteiras na rua

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio/baixo.

Com que idade começou a trabalhar? 17 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda?

A cultura, o brincar e o brinquedo		Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Lembro-me dos bebés chorões (nenucos), barbies e a brincadeira na rua com os meus irmãos e primos.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Em casa ou na rua.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Na altura as aulas funcionavam no período da manhã ou da tarde. Eu tinha aulas só de manhã, havia um intervalo de meia hora a meio da manhã, durante o qual brincávamos no recreio. O espaço era de terra batida e tinha árvores e um campo de jogos. Na parte da tarde ficava em casa da minha avó, que era ama e ajudava-a a tratar das crianças.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Lembro-me que havia um arbusto (mulatas) que tinha uns ramos que formavam um túnel e nós gostávamos de ir para lá porque parecia uma tenda.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Brincava à apanhada e às escondidas e às vezes podia levar um yo-yo para brincar. Também jogava ao berlinde com as outras meninas, mas só quando os rapazes deixavam.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não me recordo de haver brinquedos na escola.

		Jogos Livros Imagem de Salazar	
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: Sónia **Idade:** 42 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos

Qual era a duração da brincadeira? O meu pai morreu tinha eu 9 anos, a partir daí tive de ajudar a minha mãe a cuidar das minhas irmãs, mas até aí brincava muito o tempo todo.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio.

Com que idade começou a trabalhar? Como te disse comecei “a trabalhar” ajudando a minha mãe aos 9 anos. Depois tive a minha filha com 15 anos e comecei a trabalhar “a sério” aos 17 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Tinha bonecas. Eu gostava de brincar às bonecas com a minha irmã. Aos médicos. Também gostava de jogar à bola. Na parte de trás da casa da minha mãe havia um campo de jogos e todos os miúdos da rua se juntavam a para jogar volley. Também gostava de ir para o parque andar de escorrega e de baloiço. Gostava de ver televisão, mas raramente. Gostava de ir para as escadas brincar com os vizinhos do prédio.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? O local variava, mas mais em casa.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Ia para a escola. Ficava na sala e depois quando era o intervalo jogávamos ao elástico, ao mata, depois íamos para a sala depois tinha que me portar bem senão levávamos reguadas. Ao final do dia a minha mãe ia-me buscar e ia para casa. A partir dos 8 anos já ia sozinha.
	Recreio	Equipamentos infantis	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola?

		Natureza	Era um recreio muito simples. Era todo descampado com terra e alguns canteiros com flores. Tinha o jogo da macaca no chão.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Como não haviam brinquedos, gostava de brincar à apanhada, às escondidas, ao elástico. Ou seja, brincadeiras onde não eram precisos brinquedos, pois não havia no recreio. Gostava de levar as minhas bonecas e de brincar com elas.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Nenhuns.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: João

Idade: 44 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos.

Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito o dia todo.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio.

Com que idade começou a trabalhar? 17 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu gostava de brincar com carros e jogar à bola na rua com os vizinhos.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros	

		Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua. Não tenho memórias de brincadeiras feitas em casa.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Então eu só tinha aulas de manhã. Ia para as aulas, depois havia o recreio e depois regressava às aulas. À tarde não tinha aulas, então ia para a rua brincar à espera que o meu pai chegasse do trabalho.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era um recreio vazio. Um descampado com árvores.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Jogávamos à bola no recreio.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos "Régua" Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não haviam.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade". Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: Natércia

Idade: 49 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos ainda não havia ji publico.

Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito. O meu irmão assobiava na janela e só aí é que eu tinha de ir para casa.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio.

Com que idade começou a trabalhar? Voluntária aos 15. A receber só aos 19 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu lembro-me de brincar com bonecas e com os aros. Havia uma coisa tola que eu fazia com a corda no tornozelo, depois alguém tinha de saltar. Era divertido, mas fazia sangue no

	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	<p>verão. Brincava a todas as coisas possíveis e imagináveis na rua, brincava à escondida, à apanhada. Todos os prédios tinham uma cave. E as pessoas do prédio cediam a cave e os miúdos do prédio e da rua reuniam-se e todos brincávamos lá a jogar jogos de tabuleiro ou outras coisas. As mães iam lá levar o lanche. Eu tinha que lavar escadas do prédio. Assim falava com as minhas amigas e todas nos juntávamos a lavar as escadas, na realidade, só brincávamos.</p> <p>Todos juntos na rua a brincar éramos entre os 30 e 40 miúdos. Íamos para a escola primaria à molhada e não havia nenhum problema. Todos éramos criados juntos.</p>
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua e no inverno na escada e na cave.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Que horror. Eu tive duas professoras horríveis. Chegava tinha de rezar a avé Maria e o pai nosso. Sei que éramos obrigados a ler em voz alta. Levei muitas réguas porque tenho uma fonética distorcida com os “Ls” até ficava doente de tantas réguas. As minhas pernas batiam sempre na mesa e fazia barulho e levava por causa disso. Era muito estudo. Era só de manhã, mas fazíamos as disciplinas todos os rios e os reis.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era livre. O primeiro ano eram escolas separadas, rapazes de um lado raparigas do outro e, por isso, a minha diversão era passar para os recreios dos rapazes. O espaço exterior era enorme. Tinha um muro baixinho e era de areia.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol	Como é que brincava na escola?

		Faz-de-conta	À apanhada e a saltar o muro dos rapazes
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Nada de brinquedos no exterior e na sala nem pensar.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: Isabel		Idade: 51 anos	
Começou a frequentar a escola com que idade: Fui para a escola com 5 anos, por opção dos meus pais e da professora. Mas esse ano foi mais de brincadeira e de fazer pinturas, foi uma adaptação à escola. Com 6 anos é que entrei mesmo para a 1º classe.			
Qual era a duração da brincadeira? A minha mãe costumava dizer “Maior era o dia, maior era a rumaria. Se não te chamasse para comer nem vinhas comer” brincava de manhã à noite. Coitada da minha mãe andava sempre à nossa procura para nos chamar para casa. Mas era fácil, onde se ouvissem crianças a brincar lá estava eu e as minhas irmãs.			
Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Não éramos ricos, mas também não éramos pobres. Era uma família com algumas posses. Eu tinha muitos brinquedos porque o meu tio padre e a minha avó materna me davam.			
Com que idade começou a trabalhar? Eu sempre ajudei os meus pais, mas trabalho remunerado só quando me casei aos 19 anos.			
Tema	Categoria	Subcategoria	Questões e Respostas
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Muitos brinquedos. Bastantes bonecas, camas de bonecas feitas de madeira. Tinha mais brinquedos que a maior parte das crianças com a minha idade. As brincadeiras, brincávamos com tudo. Brincávamos às lojas. O muro da nossa casa era a mercearia, uma estava de um lado outra de outro. As pedrinhas eram o dinheiro, com as caixas de fósforos fazíamos tipo a mercearia, metíamos lá dentro as folhinhas fazia de pão, milho fazia de arroz. Os nossos pais faziam, com uma corda e uma tábua atada numa árvore, um baloiço para nós brincarmos. Nós dávamos muitas cambalhotas no meio da terra. Corríamos e saltávamos, livres como os pássaros. Depois, quando não
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	

			<p>tínhamos mais nada para fazer arranjávamos sempre algo para fazer, nem que fossem ir limpar a casa do vizinho que vivia sozinho o ti Mário. Isso também era uma brincadeira, não sei se íamos limpar ou sujar, mas brincávamos (risos). Eu e a minha irmã e mais crianças da aldeia íamos com a tia Aldina guardar as cabras para o monte. Ela levava as dela e nós levávamos as nossas. Enquanto a tia Aldina ficava a ver as cabras, nós íamos brincar para o monte, construíamos casinhas. Mas casas mesmo a sério! Até as pedras serviam de brincadeira. Aí tanta coisa. Saltávamos por cima de milho, era uma animação nunca parávamos de brincar.</p>
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Como te disse, em tudo quanto era sítio. Principalmente na rua. Com 14 anos ainda gostava de brincar às bonecas mas como tinha vergonha brincava escondida no quarto.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Quando fui para lá aos 5 anos a brincar só me lembro de andar em cima das mesas a correr e a professora dizer “se voltares a fazer isso não voltas a vir para a escola”. Lá tive de parar. Ouvia o que a professora dizia aos maiores. Tinha de estar muito caladinha senão levava com a cana. Ela era muito má para nós. Quando foi no ano a sério, se não soubesse as coisas ela batia-me. Eu até ia às alminhas por uma moeda para que lhe acontecesse alguma coisa para ela não vir. Mas depois a professora, na 2º classe, mudou. Aí foi ótimo. Havia um dia por semana, acho que era a quarta-feira, que ela nos levava a passear, por exemplo íamos à floresta, observar a natureza, não nos batia, não ralhava, ajudava. Foi uma pessoa que me marcou muito, porque houve uma grande diferença.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Foi o mesmo recreio desde o primeiro ano que entrei até à 4º classe. Tínhamos um alpendre grande, onde, nos dias de chuva, brincávamos: à

			mama dá licença, à apanhada. Sei lá brincávamos tanto. Nos dias de sol tínhamos um recreio enorme, árvores. Podíamos correr, saltar. No patamar das escadas no recreio fazíamos a casinha. Não tínhamos escorregas, nem baloiços, só havia natureza.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Brincava às casinhas, ao elástico, à macaca, saltava à corda. Tudo o que nos lembrássemos. Eram coisas simples, mas nós inventávamos brincadeiras.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não existiam, era só a natureza. Na sala, muito menos. Havia a fotografia do Salazar, o crucifixo.
Tem algo a acrescentar? Eu brinquei muito muito muito. Tudo era brincadeira, não era nada como agora.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: Manuel		Idade: 52 anos	
Começou a frequentar a escola com que idade: Com 6 anos. Qual era a duração da brincadeira? Brincava o máximo que pudesse, mas também tinha de ir para a praça ajudar os meus pais e por isso não brincava tanto quanto queria. Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Pobre. Os meus pais tinham que trabalhar muito para termos as coisas. Comprávamos à sexta-feira 50 carcaças, éramos 7 pessoas e aquilo tinha de dar para o fim-de-semana. Com que idade começou a trabalhar? A trabalhar comecei a trabalhar desde a 4º classe. Lavava a loiça no restaurante em que o meu pai trabalhava			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Jogar ao berlinde, ao espeta, ao pião. Brinquedos não havia, não tinha dinheiro. Tinha uma bola de trapos. Nunca tive carros sequer de plástico. Nós brincávamos era às mercearias. Fazíamos uma casinha. Com caixotes da fruta fazíamos carrinhos e puxávamos uns aos outros. Éramos nós que fazíamos os nossos brinquedos.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro	

		Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua era onde brincávamos.
O brincar e a Escola	Memória	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Tinha que estudar e depois estávamos sempre à espera de vir para o recreio para vir jogar à bola. Na 4 ^o classe, estava a jogar à bola dentro da sala com umas bolas de trapos e fui expulso e ainda por cima a professora ficou com a nossa bola.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era um recreio grande só tinha balizas. Lembro-me de jogar à bola. No outro campo de terra, fazíamos os buraquinhos para jogar ao berlinde.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Ao berlinde.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos "Régua" Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Só existiam balizas. Na sala não haviam brinquedos só as régua.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade". Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1^o ciclo (primária).

Nome: Fernanda

Idade: 56 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: Só entrei com 7 anos.

Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio, trabalhavam no campo.

Com que idade começou a trabalhar? Tinha de tomar conta dos meus irmãos. Mas trabalhar a sério só aos 16 anos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
------	-----------	--------------	----------------------

A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Nós brincávamos muito, mais do que agora. Os mais velhos eram os filhos e os mais novos eram os pais. Brincávamos com os bichos. Aos gafanhotos tirávamos as tripas e depois fazíamos os funerais. Brincávamos ao lencinho. Mas eu gostava era mesmo de brincar na natureza, pular para às árvores e para os muros.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Só me lembro de apanhar muita porrada da minha professora.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era um recreio vazio. Era grande, sem muros, de terra batida. Tinha algumas árvores e nós subíamos às árvores e tinha flores.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Brincávamos ao lencinho.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não haviam brinquedos, nem na sala, nem no recreio.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda”

ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: Virgínia		Idade: 61 anos	
<p>Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos.</p> <p>Qual era a duração da brincadeira? Brinquei durante pouco tempo até começar a trabalhar, mas enquanto pude brincar brincava muito tempo o dia todo.</p> <p>Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Baixo.</p> <p>Com que idade começou a trabalhar? Comecei a trabalhar aos 12 anos numa fábrica de roupa.</p>			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Tive várias fases, quando estava quase a entrar na escola primária adorava andar de baloiço, saltar à corda e jogar com o pião. E ao “espiche” (mandar um pau à terra). Quando era mais pequena gostava de saltar ao “saltivão” (saltar por cima uns dos outros). Fazia casinhas nas raízes das árvores. Era como se fosse a minha casa, varria. As raízes faziam as divisões da casa. A minha mãe comprava-me na feira coisas de madeira (utensílios de cozinha) e um fogareiro. Só me lembro de ter tido 3 brinquedos: 2 peluches e uma boneca. Também gostava de ir à fonte com um cântaro de água na cabeça com uma rodilha para não cair, mas não era bem uma brincadeira porque estava a ajudar, mas eu gostava. Havia um ribeiro onde lavava a roupa e nós gostávamos de nos molhar. Gostava também de beber leite da cabra era divertido.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? O dia da escola era aquele dia típico em que tínhamos aulas de manhã e que nos tínhamos de portar muito bem porque senão levávamos reguadas. Tínhamos que rezar e ouvir a professora. Depois tínhamos o intervalo e depois novamente aulas. À tarde brincávamos todos na rua.

	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era enorme, todo à volta da escola e tinha plantas que cheiravam muito bem. Nós brincávamos ao pião e outras brincadeiras que inventávamos. Era divertido.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Como te disse, brincava ao pião e a brincadeiras que nós criávamos. Brincávamos aquilo que víamos às mães e aos pais, às mercearias. Tudo com os elementos da natureza, com pauzinhos, com pedras.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não haviam brinquedos era um descampado.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: John (Holandês)

Idade: 62 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: Eu entrei para a escola primária aos 5 anos, mas antes disso eu andava num “JI” não como agora porque as “educadoras” não tinham formação. Era onde todas as crianças do bairro se juntavam e alguém tomava conta. Para aí entrei aos 4 anos, apenas por opção dos meus pais. Estive lá um ano só para me preparar para a classe.

Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio/alto.

Com que idade começou a trabalhar? Aos 20 quando vim para Portugal.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu tive alguns brinquedos. Como era o irmão mais novo herdei os brinquedos dos meus irmãos. Tinha berlindes e uma bicicleta. Quando era mais velho tinha livros que eu adorava.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas	

		Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Eu brincava na rua. Nós temos uma cultura muito de rua. Apesar do frio. Juntávamo-nos e brincávamos, corríamos, jogávamos à bola.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Quando andava nesse “JI” era muito interessante. Como era uma preparação para a escola só ia alguns dias por semana, no início só ia 1 vez por semana para me adaptar e depois comecei a ir 3 vezes por semana. Nunca ia a semana toda. É uma cultura diferente, porque eu não andava lá por obrigação, mas sim porque os meus pais queriam. Quando lá estava nós brincávamos muito. A professora era muito querida. Nós pintávamos, desenhávamos. Depois quando não estava aí ficava em casa com a minha mãe ou então ia para a rua brincar, andar de bicicleta.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? No “JI” era um recreio muito grande. Tinha árvores e tinha algo muito interessante que é raro ver nas escolas uma espécie de horta em que nós brincávamos e que também plantávamos coisas. Depois tinha um baloiço improvisado com um pneu atado na árvore. Não me lembro de mais nada.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Andava no baloiço, cantávamos, corríamos. Aquelas coisas normais de criança
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala?

		Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Já disse no recreio. Na sala haviam lápis, canetas, haviam algumas bonecas e alguns jogos. Eram poucos.
Tem algo a acrescentar? Não.			

<p>Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).</p>			
Nome: José		Idade: 65 anos.	
<p>Começou a frequentar a escola com que idade: 7 anos. Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito tempo. Claro que tinha de ajudar também o meu pai no campo mas até no campo eu brincava. Pegava nos animais e descobria, por exemplo, gostava de observar as borboletas ou de apanhar os gafanhotos e brincar com eles. Brincava com tudo o que houvesse. Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio. Com que idade começou a trabalhar? Desde sempre ajudei os meus pais, mas trabalhar a ganhar dinheiro só lá para os 16 anos.</p>			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu brinquei muito, felizmente. Brincava ao pião, à bola. Gostava de construir fisgas. Gostava de jogar à malha, ao prego. Brincadeiras que hoje já não vemos.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua com os vizinhos.
	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Eu não gostava muito da escola. Levava muitas réguas. Gostava mais de brincar na rua. Lembro-me que a minha professora era muito má. Tinha

O brincar e a Escola			que saber os rios e eu nunca fui bom a decorar.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? O recreio, bem. Aquilo nós dizíamos que era recreio mas não era. Aquilo era assim, havia a escola e depois em baixo da escola havia uma floresta então nós na altura do “recreio” íamos para lá brincar, construir tendas, casas. Ou seja, não havia limitação do espaço. Nós íamos e depois quando ouvíssemos o sino voltávamos,
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Brincava na floresta. Gostava de construir coisas, ou então gostava de levar a bola e jogar.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não haviam.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: Rosa

Idade: 71 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos não havia JI.

Qual era a duração da brincadeira? Aí eu brinquei. Brincava sobretudo sozinha sobretudo quando ia para o campo com os meus pais. Lembro-me de, no campo, imitar as vendedoras de peixe. Partia pauzinhos de madeira e esses pauzinhos eram o peixe e as pedrinhas eram o dinheiro.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio, eram pessoas que trabalhavam no campo e que daí retiravam o dinheiro.

Com que idade começou a trabalhar? Eu sempre trabalhei no campo com os meus pais. Aos 12 anos comecei a tomar conta de meninos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Eu como fui filha única brincava com as minhas primas.

A cultura, o brincar e o brinquedo		Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Jogávamos à macaca, às escondidas, ao lencinho. Eram mais estes jogos de dinâmica. A minha mãe fez-me uma boneca de trapos que eu adorava e, um dia, comprou-me uma boneca de cartão, mas eu dei-lhe banho e estragou-se. Nós fazíamos as nossas brincadeiras. Fazíamos casas com coisas da natureza. Aos domingos cantávamos e dançávamos. Brincávamos aos padres. Uma pedra ou uma pinha era aquilo que nós quiséssemos. Basicamente brincávamos ao que víamos com os recursos que existiam na natureza.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Campo, na rua ao ar livre. Só quando estava a chover é que era em casa.
O brincar e a Escola	Memórias	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? O que eu me lembro mais era que a escola era separada. As meninas da 4ª classe tinham uma macaca que aquilo ficava de uns anos mas só elas e que podiam brincar. Lembro-me de pensar que quando fosse grande também ia brincar. Lembro-me de apanhar reguadas.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Não havia nada. Só a macaca. E nos aproveitávamos para estudar a tabuada. Brincávamos à cabra cega. Não havia mesmo nada era um descampado de terra batida.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Como te disse, brincava à apanha, às escondidas.
	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não havia brinquedos, nem num lado, nem no outro.

Tem algo a acrescentar? Espero ter-te ajudado.

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).

Nome: António

Idade: 77 anos

Começou a frequentar a escola com que idade: 6 anos

Qual era a duração da brincadeira? Brincava muito.

Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Médio.

Com que idade começou a trabalhar? Aos 17 anos.

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Os meus pais não tinham dinheiro para me comprarem brinquedos, mas como o meu pai era marceneiro eu aprendi a construir os meus brinquedos. Da madeira que sobrava e que ele já não precisava eu construía carros. Depois levava para a rua e todos os brincávamos. Eu com 5 anos já mexia em pregos, martelos e até mesmo em serrotes. Mas era muito divertido saber que estava a construir o meu brinquedo. Dava mais valor do que hoje os miúdos.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? Na rua.
O brincar e a Escola	Memória	Disciplina Trabalho Pintura Brincar Atividades repetidas Anti-democracia	Fale-me de um dia típico de escola? Lembro-me pouco. Tinha aulas e tinha de me portar bem, lembro-me que havia muito rigor e muita disciplina por isso não era nada divertido.
	Recreio	Equipamentos infantis Natureza	Quais as lembranças que tem do recreio da sua escola? Era vazio. Tinha árvores, plantas. Não tinha balizas mas como gostávamos de jogar nós colocávamos algo a fazer de poste e jogávamos. Havia um amigo meu que levava a bola e todos juntos jogávamos.
	Brincadeira	Jogos tradicionais Natureza Futebol Faz-de-conta	Como é que brincava na escola? Sobretudo futebol.

	Brinquedos	Faz-de-conta Carros Elementos religiosos “Régua” Elementos da escrita Jogos Livros Imagem de Salazar	Que brinquedos existiam(em) no recreio? e na sala? Não havia.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Esta entrevista pretende apoiar a estudante Ana Filipa Afonso na sua dissertação de mestrado “Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda” ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade”. Assim é objetivo que relate as suas vivências até ao término do 1º ciclo (primária).			
Nome: Fátima		Idade: 84 anos	
Começou a frequentar a escola com que idade: Eu não fui à escola, não sei ler nem escrever. Tinha que trabalhar e a minha mãe não me deixou ir à escola.			
Qual era a duração da brincadeira? Brincava pouco. Tinha de trabalhar ou em casa ou no campo.			
Como define o nível socioeconómico da sua família quando era criança? Éramos pobres.			
Com que idade começou a trabalhar? Desde sempre a ajudar. Depois trabalhava nas vindimas, a seifar, tinha que ser.			
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUESTÕES E RESPOSTAS
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas Outros humanoides Carros Ferramentas Triciclos/Bicicletas Livros Bola Berlindes	Quais os brinquedos e as brincadeiras, da sua infância, que se recorda? Brincar brincávamos pouco. Tinha que trabalhar. Enquanto a minha mãe ia para o campo eu ficava em casa a arrumar e a cozinhar. Eu não tive brinquedos os meus pais não tinham dinheiro. O pouco que me lembro de brincar é a subir às árvores, construir os nossos brinquedos com coisas da rua. Com uns pauzinhos construir uma fisga ou uma boneca.
	Brincadeiras	Faz-de-conta Tecnológicas Jogos tradicionais Jogos de tabuleiro Equipamentos infantis Futebol Construção Carros Com a natureza	
	Espaço	Ar livre Casa interior Casa exterior	Em que local, maioritariamente, brincava? O pouco que me lembra foi na rua.
Tem algo a acrescentar? Não.			

ANEXO M- Email às famílias

Fonte: Elaboração própria

Olá,

Tal como transmitido na reunião de início de ano, um dos grandes projetos de sala é o melhoramento do recreio. Depois da proposta ter sido apresentada ao grupo, decidimos escrever-vos para pedir a vossa ajuda:

"Queridas famílias,

Precisamos da vossa ajuda para melhorar o nosso recreio. Pensámos no que poderíamos acrescentar, sendo que gostaríamos que a maioria dos materiais fossem naturais:

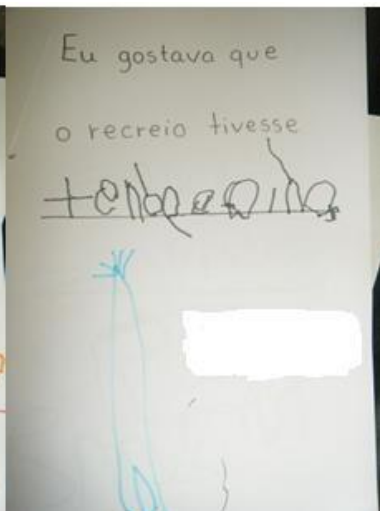
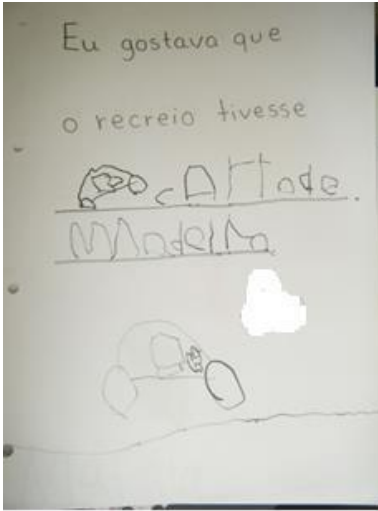
- Pista de carros;
- Tenda;
- Caixa de madeira com folhas secas;
- Figuras construídas em materiais diversos (Dinossauros, cães, hipopótamos);
- Carrinhos de madeira;
- Castelo;
- Baloços, balancés.

Acham que nos poderiam ajudar a construir e a arranjar os materiais ou com novas ideias?

A Sala da Carmo"

ANEXO N- Eu gostava que o recreio tivesse...

Fonte: Elaboração própria



ANEXO O- Interações com os materiais naturais

Fonte: *Elaboração própria*

Interações com os materiais naturais				
Criança(s)	Interação individual		Interação coletiva	
	Criativa	Realística	Criativa	Realística
Fada Rosa	Não observado		<p>(Fada Rosa está com Fada Vermelha na área da matemática e das ciências.) Fada Rosa: vamos fazer uma tenda. Isto vai ficar aqui. Fada Vermelha: mas eu quero ser uma princesa. Fada Rosa: Não, não. Vamos fazer uma floresta. É difícil, mas nós conseguimos. As florestas são assim com muitos troncos. (Logo começa a dispor os diferentes troncos pelo espaço) Fada Rosa: vês? Já temos uma floresta. (Nota de campo de 30 de outubro de 2016)</p>	
Mafalda	Não observado		<p>Fada Vermelha: (Agarrada a um tronco) Quero ser uma princesa. Mafalda: Está bem. (Apontando para os diferentes troncos) Este é o rei, a rainha, o cozinheiro e o príncipe que vai casar contigo. Temos de por a princesa a dormir. Fada Vermelha: Sim e o príncipe vai a nossa casa. (Fada Vermelha deita o tronco) Mafalda: Agora o príncipe vai dar um beijinho na boca da princesa e ela acorda</p>	Não observado

		(Nota de campo de 10 de novembro de 2016)	
Simão	Eu: Simão o que estás a construir? Simão: Uma pista de carros. Tem a estrada (um tronco) e estes são os carros (folhas) (Nota de campo de 7 de novembro de 2016)	Não observado	
Hulk	Não observado	(Hulk, Homem falcão e Super mulher estão na área da matemática e das ciências.) Hulk: Vamos fazer uma banda. Toma Super mulher, esta é a tua bateria. (dando-lhe um tronco e um pau) Super mulher: Homem falcão tu tens a guitarra (aponta para o tronco que tem na mão.) Hulk: Este (o tronco) é o meu microfone. A algazarra inicia-se e todos cantam e tocam os seus instrumentos. (Nota de campo de 3 de novembro de 2016)	Não observado
Homem de ferro	Homem de ferro está na área das ciências e eu aproximo-me e questionoo. Eu: Homem de ferro, o que estás a fazer? Homem de ferro: Uma casa. Eu: Ahm já percebi. Então e esta	Não observado	

pinha o que é? Homem de ferro: Esta é a porta. E esta folha é a chaminé.
(Nota de campo de 28 de outubro de 2016)

Fotografias



ANEXO P- Planificação da alteração do recreio

Fonte: *Elaboração própria*

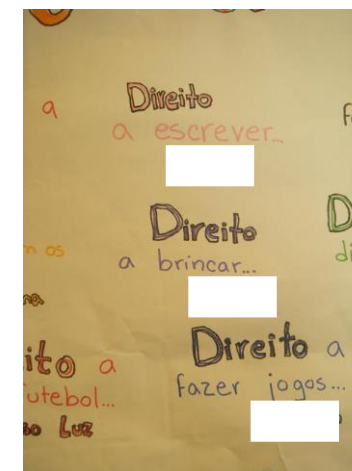
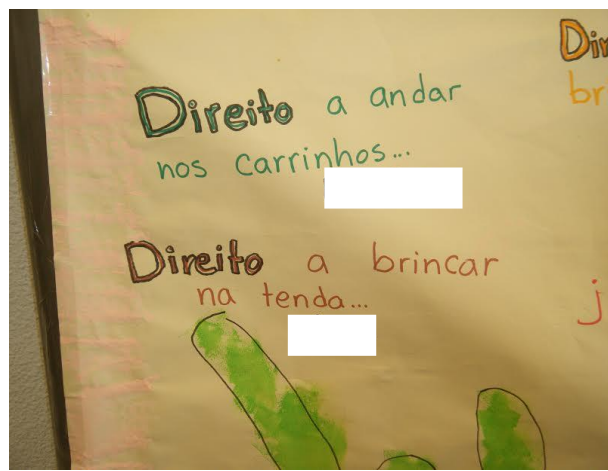
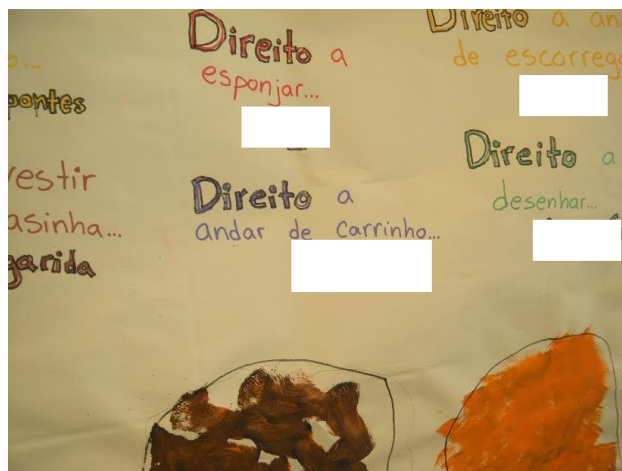
Data	Intencionalidade da educadora estagiária a partir das OCEPE	Objetivo específico	Ação da(s) criança(s) e/ou da comunidade educativa
24 de outubro	Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo	- Escutar cada criança, valorizando-a e fomentando o diálogo, facilitando a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar;	“Eu gostava que o recreio tivesse...”. Registo de ideias com a comunidade escolar relativamente aos materiais a ter no recreio.

		- Permitir que a criança identifique funções no uso da escrita.	
24 de outubro	Promover a ação das famílias na ação educativa	- Ouvir as opiniões e sugestões das famílias incentivando a sua participação; - Proporciona ocasiões para as crianças pensarem sobre a adequação da estrutura de uma frase face ao seu significado.	Enviar email, em grande grupo, para as famílias pedindo a sua colaboração.
27 de outubro	Construção articulada do saber	- Permitir o contacto com o meio natural; - Disponibilizar materiais naturais que incentivem a exploração - Incentivar a curiosidade das crianças para os elementos naturais	Ida à “mata” apanhar elementos da natureza (com a Vanessa-auxiliar da sala). Exploração dos mesmos.
28 de outubro	Aborda as diferentes áreas de forma globalizante e integrada	- (Re)Criar uma área das ciências físico-naturais com materiais diversos que incentivem as explorações e a experimentação	Introdução de troncos e materiais naturais na sala
8 de novembro	Considerar a família na ação educativa	- Permitir que a criança contacte com diferentes formas de pintar - Criar oportunidades de participação das famílias em atividades	Realização da tenda (com a mãe da Fada Vermelha)
9 de novembro	Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo	- Permitir que a criança planeie e execute	Construção da pista de carros
10 de novembro	Sensibilizar para a preocupação com o jardim	- Despertar para o uso da escrita e sua funcionalidade garantindo a formalização do discurso - Fomentar a responsabilidade	Carta às restantes salas para alertar para o cuidado a ter em não estragar os materiais do jardim

16 de novembro	Apoiar as escolhas, explorações e descobertas da criança.	- Possibilitar o contacto com diferentes materiais de construção	Realização dos carros com o pai da estagiária
22 de novembro	Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo	- Promover o contacto com diferentes ferramentas; - Apoiar a criança na compreensão do processo de construção	Realização da cozinha com o avô do Hulk
12 e 13 de dezembro	Reconhecimento da comunidade como sujeito e agente do processo	- Ouvir o feedback de uma amostra da comunidade educativa	Realização de questionários e entrevistas a 20 crianças da sala, a 20 famílias e a toda a equipa educativa do estabelecimento

ANEXO Q- Mural dos direitos da criança

Fonte: fotografia cedida pela sala da Marta



ANEXO R- Interações no recreio

Fonte: Elaboração própria

Interações no espaço exterior Semana de 17 a 21 de outubro					
Criança(s)	Interação individual		Interação a pares		Conflitos
	Realística	Criativa	Realística	Criativa	
<p>Starwars Homem falcão Super mulher A. (Sala Marta)</p>	<p>“(Na parte da manhã) Starwars: Filipa trouxe este livro dos dinossauros para a sala Eu: Que bom tem imensa informação. (O Starwars senta-se a um canto do recreio a folhear o livro)” (Nota de campo de 19 de outubro de 2016, recreio)</p>	<p>Não observado</p>	<p>“(Logo de manhã) O A. chega com uma bola de futebol. Dirige-se para o fundo do recreio para jogar. Neste jogo participam a Super mulher e o Starwars.” (Nota de campo de 18 de outubro de 2016, recreio)</p>	<p>Não observado</p>	<p>“(Estamos na hora de almoço. As crianças estão todas reunidas no recreio. Observo os vários grupos. Deparo-me com o Starwars e com o Homem falcão agarrados um ao outro. Observo. O Starwars dirige-se na minha direção) Starwars: (A chorar) Filipa ele bateu-me, Homem falcão: Desculpa eu estou a pedir desculpa. Eu: Podem tentar conversar de forma a resolver este problema?” (Nota de campo de 17 de outubro de 2016, recreio)</p>
<p>Violeta, Homem aranha</p>	<p>Não observado</p>		<p>“(de manhã a Violeta chega com uma mala rosa, logo o Homem Aranha se dirige a ela) Homem aranha: O que tem lá dentro? Violeta: São miniaturas. Homem aranha: Então podemos ir brincar? (passado um bocado, observo e Violeta e o</p>	<p>Não observado</p>	

			<p>homem aranha encontram-se sentados no chão a brincar)</p> <p>Violeta: Eu quero comprar peixe.</p> <p>Homem Aranha: Não podes porque não há.</p> <p>Violeta: Faz de conta é este.”</p> <p>(Nota de campo de 18 de outubro de 2016, recreio)</p>	
Silvestre, Rafael	<p>“No canto do recreio, em cima do muro o Silvestre brinca, observo. Brinca com um carro e faz o seu som”</p> <p>(Nota de campo de 18 de outubro de 2016, recreio)</p>	Não observado		<p>“Silvestre está a brincar com um carro. Rafael dirige-se a ele e tira-lhe o carro. Silvestre dirige-se a mim a chorar”</p> <p>(Nota de campo de 19 de outubro de 2016, recreio)</p>
Simão, Miguel	Não observado		<p>“Após a espada estar concertada, o Simão e o Miguel dirigem-se para o fundo do recreio. Começam a brincar “às lutas” com a espada”</p> <p>(Nota de campo de 17 de outubro de 2016, recreio)</p>	<p>Não observado</p> <p>“(O Simão dirige-se para o recreio com a sua espada. Pouco tempo depois dirige-se a mim)</p> <p>Simão: O Miguel estragou a minha espada.</p> <p>Eu: Então o que aconteceu?</p> <p>Simão: estava a brincar mas ele estragou.</p> <p>Eu: Miguel tens de ter mais cuidado. (ambos choram)</p> <p>Eu: Podem brincar, mas tem de ter cuidado só isso.</p>

				(Nota de campo de 17 de outubro de 2016, recreio)
Darthvader	<p>“De manhã a Darthvader chega com um livro de colorir e umas canetas. No momento do recreio, pede-me para pintar. Assim, senta-se a um canto e fica a colorir o seu desenho”</p> <p>(Nota de campo de 20 de outubro de 2016, recreio)</p>	Não observado		

Interações no espaço exterior Semana de 21 a 25 de novembro					
Criança(s)	Interação individual		Interação a pares		Conflitos
	Realística	Criativa	Realística	Criativa	
Simão, Homem de fogo, Hulk	Não observado.			<p>“O Simão e o Homem de fogo estão a um canto a brincar com o carro de mão. Simão coloca vários objetos da cozinha dentro do carro. Ambos se riem.</p> <p>Homem de fogo: Mais?</p> <p>Simão: Não. Agora vamos dar a comida</p> <p>Homem de fogo: Vender.</p> <p>(Homem de fogo para Hulk)</p> <p>Homem de fogo: Queres?</p>	Não observado.

		Hulk: Sim sim” (Nota de campo de 22 de novembro de 2016, recreio)	
Rafael	“No muro do recreio o Rafael brinca com o carro fazendo o som do mesmo.” (Nota de campo de 25 de outubro de 2016, recreio)	Não observado.	
Homem de ferro, Lucas, Bombeiro	Não observado.	“Homem de ferro puxa o carro de puxar. O Bombeiro aproxima-se e entra dentro deste. Homem de ferro puxa com força. O Bombeiro ri. Passa por mim e questiono Eu: Onde vão? Bombeiro: estou no táxi” (Nota de campo de 24 de novembro de 2016, recreio)	“Homem de ferro está a jogar à bola com as crianças de 1º ciclo. O Lucas aproxima-se e puxa-o. Homem de ferro chora e dirige-se a mim. Eu: O que aconteceu? Homem de ferro: O Lucas bateu-me. Lucas: eu só queria brincar com o Homem de ferro” (Nota de campo de 21 de novembro de 2016, recreio)
Fada Rosa e M. (Sala da Marta), Fada Vermelha	Não observado.	“A M. está dentro do carro de puxar. Fada Rosa aproxima-se. Fada Rosa: Queres que te puxe? M.: Sim, eu sou a princesa. (Enquanto Fada Rosa puxa o carro, M. acena dentro deste)” (Nota	“Fada Rosa e Fada vermelha estão a brincar no recreio enquanto observo. Fada Rosa: Não podes brincar. Fada Vermelha: Mas tu não mandas. Fada Rosa: Mas eu estava aqui primeiro. Fada vermelha: Então vou dizer!”

		de campo de 22 de novembro de 2016, recreio)	(Nota de campo de 25 de novembro de 2016, recreio)
Mafalda, Constança e L.	Não observado.	<p>“Mafalda e Constança estão dentro da tenda quando L. (da sala da Mónica) se aproxima. L: Posso brincar? Mafalda: Sim. Constança: Sim, eu sou a mana mais velha e tu a mana mais nova Mafalda: Eu sou a mãe. (L. apenas sorri) Constança: esta é a nossa casa. Aqui é a sala, ali é o quarto. Mafalda: Não! Ali é a piscina” (Nota de campo de 23 de novembro de 2016, jardim)</p>	Não observado.

Interações no espaço exterior Semana de 12 a 16 de dezembro					
Criança(s)	Interação individual		Interação a pares		Conflitos
	Realística	Criativa	Realística	Criativa	
J., Super mulher: Bombeiro e B.				“Estou sentada nos bancos de madeira perto da cozinha. O J. (Sala da Mónica) aproxima-se.	

	Não observado.	<p>J: O que queres comer?</p> <p>Eu: Pode ser um batido de morango. (A Super mulher aproxima-se)</p> <p>Super mulher: Come pizza. (O Bombeiro e a B. (da Sala da Marta) sentam-se no banco)</p> <p>Super mulher: O que queres comer Bombeiro?</p> <p>Bombeiro: Eu quero batido de couve.</p> <p>B.: Eu quero uma limonada. (Saiu da brincadeira enquanto as crianças permanecem a brincar)”</p> <p>(Nota de campo de 13 de dezembro de 2016, recreio)</p>	Não observado.
N., M. (Sala da Mónica), Marina	Não observado.	<p>“Estou no recreio a observar. Ao longe está o N. com M.. N. tem uma concha da sopa (da cozinha) na mão. Por sua vez o M. tem uma tampa. Brincam “às lutas”</p>	<p>“Marina está dentro da tenda. N. aproxima-se com os objetos da cozinha. Marina pede-lhe para ele sair. Mas ele não sai. Marina empurra-o e ele bate-lhe” (Nota de campo de 13 de dezembro de 2016, recreio)</p>

			(Nota de campo de 13 de dezembro de 2016, recreio)	
Starwars, Homem falcão	Não observado.		<p>“Estou sentada perto da cozinha. O Homem falcão aproxima-se Homem falcão: O que queres? Eu: Pode ser uma sopa. Homem falcão: Vou fazer. (pouco depois traz-me uma tigela) Homem falcão: aqui está” (Nota de campo de 14 de dezembro de 2016, recreio)</p>	<p>“Starwars estão a brincar quando Homem falcão aperta o pescoço ao Starwars. Aproximo-me. Eu: o que se está a passar? Starwars (a chorar) ele magoou-me” (Nota de campo de 12 de dezembro de 2016, recreio)</p>
Constança, Bia, Homem aranha	Não observado.	<p>“Constança, Bia e Homem aranha estão na trave de equilíbrio. Saltam de um lado para o outro tentando realizar o movimento da roda” (Nota de campo de 15 de dezembro de 2016, recreio)</p>	Não observado.	
Lourenço e Luís	Não observado.		<p>“Lourenço e Luís estão debaixo da cozinha do recreio. Intrigada questiono-os:</p>	Não observado.

		<p>Eu: O que estão a fazer?</p> <p>Lourenço: Somos canalizadores”</p> <p>(Nota de campo de 15 de dezembro de 2016, recreio)</p>	
--	--	---	--

Interações no espaço exterior Semana de 9 a 13 de janeiro					
Criança(s)	Interação individual		Interação a pares		Conflitos
	Realística	Criativa	Realística	Criativa	
Homem falcão, Darthvader, Borboleta	Não observado.		<p>“Darthvader e Borboleta, após o conflito, sentam-se nas mesas da cozinha desenhar no caderno da Borboleta”</p> <p>(Nota de campo de 9 de janeiro de 2016, recreio)</p>	<p>“No recreio observo as brincadeiras. Homem falcão e Darthvader estão, dentro da tenda deitados. Observo. Ela mia e ele diz Homem falcão: Já passou gatinha. Darthvader continua a miar.</p> <p>Homem falcão: Vamos temos de ir à rua”</p> <p>(Nota de campo de 12 de janeiro de 2016, recreio)</p>	<p>“Borboleta e Darthvader estão a um canto do recreio. Observo-as e escuto a conversa.</p> <p>Darthvader: Tu agora não brincas comigo!</p> <p>Borboleta: Mas eu não brinco porque tu só brincas com o Homem falcão.</p> <p>Darthvader: Mas eu também quero brincar contigo.</p> <p>Borboleta: Mas agora já não quero”</p> <p>(Nota de campo de 9 de janeiro de 2016, recreio)</p>
Hulk, Starwars	Não observado.		<p>“O Hulk e o Starwars estão perto da tenda. Observo.</p> <p>Hulk: Este é o meu castelo. Não vais conquistá-lo.</p>	<p>“Ao defender o seu “castelo” Hulk empurra o Starwars este caí e dirige-se a mim.</p> <p>Starwars: O Hulk empurrou-me.</p> <p>Eu: Eu estava a ver. Mas foi a brincar Starwars. Se</p>	

			Starwars: Então vamos lutar!" (Nota de campo de 12 de janeiro de 2016, recreio)	conversarem acho que conseguem resolver" (Nota de campo de 12 de janeiro de 2016, recreio)
Fada Rosa, Bia, M. (1º ciclo)	Não observado.		"A M., a fada rosa e a Bia estão dentro da tenda. Oiço. M: Agora vamos brincar. Eu posso ser a mãe. Bia: Eu sou a mana mais velha. Fada Rosa: Eu também. M. Não podes, tens de ser a mais nova. Fada Rosa: está bem. M: Vamos temos de ir para a escola." (Nota de campo de 13 de janeiro de 2016, recreio)	Não observado.
Super mulher, R. (Sala da Marta)	Não observado.	"Super mulher e o R. estão no recreio a saltar nas bolas saltitonas. R: Fazemos uma corrida? Super ulher: Sim, até à parede"		Não observado.

		(Nota de campo de 9 de janeiro de 2016, recreio)	
--	--	--	--

ANEXO S- Questionários à comunidade educativa

Fonte: Elaboração própria

Este questionário é anónimo e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso <i>jardim</i> tivesse uma tenda" ou a (re)construção do <i>jardim</i> com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos	
Sexo: <u>Feminino</u>	Idade: <u>33</u>
(Assinalar com um X)	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora <input checked="" type="checkbox"/>	Criança
1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?	
Considero que foi uma mudança positiva e que veio enriquecer o espaço exterior, proporcionando maior variedade de brinquedos e espaços lúdicos.	
2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?	
Penso que os materiais são adequados e constituem uma mais valia por terem partido de do interesse da comunidade escolar e terem sido planificados e construídos com as crianças.	
3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?	
Um espaço verde e baloiços.	

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **Masculino**

Idade: **29**

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora **X**

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

A mudança do espaço exterior foi importante, para os miúdos poderem contactar com diferentes materiais e brincadeiras, o que motivou

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Considero adequado na medida que foram feitos com os miúdos e tornaram-se contextualizados à vida do grupo.

também a mudança de comportamentos no recreio

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Baloços

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino

Idade: 28

(Assinalar com um X)

Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora <input checked="" type="checkbox"/>
Professora	Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Considero que o espaço exterior melhorou significativamente com o desenvolvimento deste projeto sendo para tal importante a participação dos crianças e famílias e os materiais escolhidos. Esta mudança refletiu-se não só nas brincadeiras das crianças, mais criativas e estruturadas (*).

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim, porque são materiais que permitem várias explorações às crianças bem como são materiais naturais em detrimento dos plásticos que mais facilmente as crianças têm acesso.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Sendo o recreio uma espaço educativo é necessário o educador ter um olhar atento ao mesmo percebendo o que vai sendo necessário alterar de acordo com o grupo de crianças. Gostaria de ver no recreio uma caixa de areia pois acredita que possibilitaria explorações importantes para as crianças.

(* bem como nas relações entre crianças que possuem o ser mais tranquilas na medida em que se envolvem nas brincadeiras de acordo com os seus interesses ~~estabelecendo~~ uma cooperação para o desenvolvimento de mesmo.

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino

Idade: 30

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora X

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

O enriquecimento do espaço exterior é motor para um maior leque de explorações que de certo tornam as brincadeiras mais ricas e completas!

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim. Porque para além de escolhidos pelas crianças, garantindo uma maior significância, são promotores de brincadeiras mais ricas.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Gostava que tivesse mais espaços de "recolha" da criança como tendas, recantos e "casinhas". Para além disso, gostava que tivesse mais estruturas de desafio físico (paredes de escalada, aranhas, baloiços).

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **Feminino**

Idade: **25**

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora **X**

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Muito mais apelativo e com novas oportunidades de aprendizagem. Maior contacto com materiais naturais.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim porque todo o processo foi realizado com as crianças e surgiu da proposta das mesmas.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Deveriam existir baloiços e, horta, e uma caixa de areia

Marta Reis

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: feminino
(Assinalar com um X)

Idade: 36

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Mudar para melhor. Está mais amplo, com mais "cantos" para brincadeira e muito espaço.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim. Porque se adequaram com o meio envolvente e o exterior.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

De momento não me lembro de nada em especial. Talvez uma pequena horta (mas penso que já está em projecto).

F

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: F	Idade: 44
(Assinalar com um X)	
Pai	Tio
Mãe <input checked="" type="checkbox"/>	Tia
Avô	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Aprendi muito bastante. As crianças pareceram - uma muito felizes com a introdução dos novos materiais/brinquedos. Gosto de que haja objetos de tamanho real. Os truques da introdução de um material/elemento natural meia magoam.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Plantas, terra para mexer, um local onde a natureza possa florescer.

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo:	Idade:
(Assinalar com um X)	
Pai	Tio
Mãe <input checked="" type="checkbox"/>	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

parece-me bem

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

*Proteger mais o jardim e fazer
que por as crianças possam
brincar quando o tempo
estiver mais frio*

7

Este questionário é anónimo e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: MASCULINO

Idade: 43

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

MUITO POSITIVA.

ACHEI MUITÍSSIMO INTERESSANTE TEREM
PEDIDO A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E PAIS

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

SIM, ABSOLUTAMENTE.

ACHO A UTILIZAÇÃO DA MADEIRA E OUTROS
MATERIAIS NATURAIS FUNDAMENTAL NUMA
ÉPOCA EM QUE VIVEMOS RODEADOS DE
PLÁSTICO

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

ACHO QUE SERIA MUITO BOM EXISTIREM
PLANTAS, ÁRVORES, E RELVA.

O PAVIMENTO PARECE-ME EXCESSIVAMENTE
ARTIFICIAL É GOSTAVA MUITO DE VER
ALTERNATIVAS NATURAIS.

Este questionário é anônimo e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fernelos

Sexo: | Idade: 44

(Assinalar com um X)

Pai	Tio
Mãe <input checked="" type="checkbox"/>	Tia
Avô	Auxiliar de educação
Avó	Educadora
Professora	Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

São bastante, os materiais utilizados são muito interessantes, tem como, as várias possibilidades para terem brincadeiras

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim, os materiais e tem ofenderem o meio ambiente leva as crianças a terem interesse por outras texturas

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

umas bicicletas de madeira o portão de entrada (Branco) poderia ser pintado para um mais funcional e duradouro.

Este questionário é anônimo e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: <u>M</u>	Idade: <u>32</u>
(Assinalar com um X)	
Pai <input checked="" type="checkbox"/>	Tio
Mãe	Tia
Avô	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

O espaço exterior melhorou, ~~os~~ os ~~espaços~~ espaços, cozinha, ainda traz diversidade na brincadeira.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

SIM. ENQUANTO NÃO SÃO PERICULOSOS, NÃO HA PROBLEMA. E CADA MATERIAL traz outra coisa A BRINCADEIRA (NÃO HA ESPERAÇÃO A MAIS)

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

PALTA VERDE NO JARDIM. ARBORES, PLANTAS, CERCAS...
TUDO QUE OS CRIANÇAS possam cuidar. ASSIM VÃO GANHANDO UMA EXPERIÊNCIA MAIS FUNDAMENTAL AO "ESTAR FORA"

Este questionário é anônimo e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: ~~masculino~~ feminino | Idade: 3 ~~8~~

(Assinalar com um X)

Pai	Tio
Mãe <input checked="" type="checkbox"/>	Tia
Avô	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Penso que o espaço está muito simpático, tem muitas áreas de brincadeiras, com brinquedos tradicionais e outros mais modernos, que permitem aos rapazes e raparigas escolherem os seus preferidos e interagirem mais e melhor.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Há vários tipos de materiais, penso que a introdução de alguns mais tradicionais permitem-lhes brincar de forma mais descontrainda, como era no nosso tempo! Depois existia uma tenda, uma cozinha, uma casalte, e uma ótima ideia é estimular as crianças para a imaginação e criatividade, além de as divertir.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Como já disse, o espaço está simpático e até desatogado. A única coisa que mudaria (se houvesse mais espaço) é a dimensão do campo de jogos, que preferia que fosse maior. Das resto, penso que está adequado.

Este questionário é anónimo e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso jardim tivesse uma tenda" ou a (re)construção do jardim com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **Feminino**
(Assinalar com um X)

Idade: **5 anos**

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Gosto do recreio, porque é muito lindo, porque tem uma casinha, um escorrega, uma gozinha, uma

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque? **tenda.**

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Flores.

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino	Idade: 4 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

É muito giro porque tem muitas coisas novas e eu gosto porque podemos brincar.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Balões, baloiços e uma cadeira que se abana.

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino <small>(Assinalar com um X)</small>	Idade: 6 anos
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

É giro porque tem coisas novas.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Uma casa, na árvore e uma piscina.

"A casa na árvore e a piscina."



Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa” realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Masculino	Idade: 5 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

O recreio é divertido porque tem carrinhos e o escorrega.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Um carro com janelas

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa” realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino	Idade: 5 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança X

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Acho que é giro porque tem muitos brinquedos. Gosto das carrinhos de mão posso brincar

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Uma barbie princesa.



Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino	Idade: 6 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança X

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

É giro, divertido porque tem brinquedos para nós brincar. Gosto de brincar com os novos brinquedos

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Um carro para pedalar.

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Formelos

Sexo: Feminino
(Assinalar com um X)

Idade: 8 anos

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"Ficou um bocadinho melhor, mas os crescidos deviam ter brinquedos maiores. E devíamos ter mais cuidado com os brinquedos."

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Gostava que a casinha ficasse melhor. E que tentassem arranjar o escorrega. Eu gostava que houvesse um campo de basket"

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Masculino

Idade: 6 anos

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"É giro, é mais divertido conseguimos brincar com as coisas novas e quando o recreio estiver todo montado será ainda mais divertido."

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Uma casa melhor, uma casa na árvore, uma piscina e também um campo de futebol."

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino

Idade: 5 anos

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"Acho bom, porque eu gosto de brincar à apontada. Eu gosto dos brinquedos novos. Não são para estrogar, senão ficamos sem brinquedos."

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Gostava de coisas novas como carros."

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: <u>Feminino</u>	Idade: <u>4 anos</u>
(Assinalar com um X)	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"Acho bem. É divertido, porque está arranjado e porque brinco muito. Gosto de brincar na casinha e do carrinho."

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Gostava que o recreio tivesse uma piscina de bolas e uma árvore".

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Formelos

Sexo: Feminino Idade: 3 anos

(Assinalar com um X)

Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"Gosto de brincar com os amigos nos corredores e nos escorregas. É divertido."

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Gostava de ter uma bicicleta."

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Masculino	Idade: 4 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

Eu gosto. Gosto da casa e do escorrega. E gosto de brincar com os carros.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Gostava que tivesse uma pista de carros grande.

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino	Idade: 5 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

**É uma coisa boa, tem muitas coisas
giros para brincar. Tem as carrinhas
de mão, também há espaço para
jogar futebol.**

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

**Uma casinha de bonecas, fatos,
um castelo e uma árvore.**

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa” realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino
(Assinalar com um X)

Idade: 3 anos

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

“Gosto da tenda e da cama para comer e sentar.”

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

“Uma bicicleta dos desenhos animados.”

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa” realizado pela estagiária Filipa Fernelos

Sexo: <u>Feminino</u>	Idade: <u>4 anos</u>
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avô	Auxiliar de educação
Avó	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

“Sim gostei. Gostei da tenda. Assim brinco mais. Gosto da cama para sentar e fazer coisas.”

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

“Gostava de ter um livro.”

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **feminino**

Idade: **3 anos**

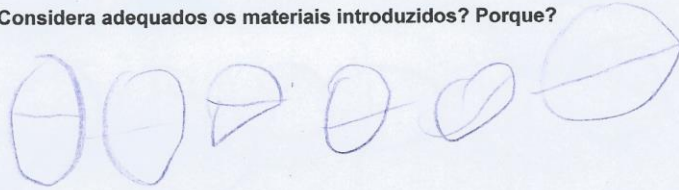
(Assinalar com um X)

- | | |
|------------|---|
| Pai | Tio |
| Mãe | Tia |
| Avó | Auxiliar de educação |
| Avô | Educadora |
| Professora | Criança <input checked="" type="checkbox"/> |

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"Eu gosto dos brinquedos e gosto de legos. É divertido"

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?



3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Gostava de ter legos."

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **Feminino**

Idade: **4 anos**

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

"Eu acho giro. Gosto da cozinha".

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

"Uma bola da Elsa".

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **Masculino** Idade: **8 anos**

(Assinalar com um X)
Pai Tio
Mãe Tia
Avó Auxiliar de educação
Avô Educadora
Professora Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

**É giro porque podemos brincar.
Gosto de brincar aos pokemons,
à opanhada, gosto da tenda.**

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

**Um carro de puxar em que todos
pudessem entrar, porque naquele
só pode estar 1 pessoa.**

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo “Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda” ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa” realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Masculino	Idade: 6 anos
<small>(Assinalar com um X)</small>	
Pai	Tio
Mãe	Tia
Avó	Auxiliar de educação
Avô	Educadora
Professora	Criança <input checked="" type="checkbox"/>

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

**É divertido, agora tem muitas coisas
Gosto de jogar à bola e do
escorrega.**

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Um campo de futebol.

Este questionário é **anónimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: **Feminino**

Idade: **6 anos**

(Assinalar com um X)

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

É muito giro o recreio, tem muitos brinquedos. Gosto da tenda.

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Não sei, porque já tem muitos brinquedos

Este questionário é **anônimo** e pretende servir de apoio ao estudo "Eu gostava que o nosso *jardim* tivesse uma tenda" ou a (re)construção do *jardim* com a comunidade educativa" realizado pela estagiária Filipa Fornelos

Sexo: Feminino
(Assinalar com um X)

Idade: 39

Pai

Tio

Mãe

Tia

Avó

Auxiliar de educação

Avô

Educadora

Professora

Criança

1. Qual a sua opinião relativamente à mudança do espaço exterior?

~~Quase nenhuma~~ A mudança foi positiva porque fomentou a relação entre pais

2. Considera adequados os materiais introduzidos? Porque?

Sim, os materiais são bastante acessíveis, estão preparados para as várias faixas etárias: jardim de infância e 1º ciclo. Vantagem a nível de mobilidade e resistência.

3. O que gostaria que ainda fosse alterado/acrescentado?

Horta Biológica

ANEXO T- Análise de conteúdo dos questionários à comunidade escolar

Fonte: *Elaboração própria*

Tema	Categoria	Subcategoria	Frequência	Unidades de Registo
Mudança do espaço exterior	Brinquedos preferidos	Tenda	5	“Gosto da tenda” “Gosto da tenda” “Gostei da tenda” “Gosto da tenda” “Uma tenda”
		Casa	3	“Gosto da casa” “Gosto de brincar na casinha” “Uma casinha”
		Cozinha	2	“Gosto da cozinha” “Uma cozinha”
		Cama	2	“Gosto da cama para sentar e fazer tolices” “Gosto da cama para comer e sentar”
		Carrinhos de madeira	5	“Tem os carrinhos de mão” “Gosto de brincar com os carros” “E do carrinho” “Gosto dos carrinhos de mão” “Tem carrinhos”
		Equipamentos infantis	2	“Do escorrega” “E o escorrega”
	Brincadeiras preferidas	Jogar à bola	1	“Gosto de jogar à bola”
		Escorrega	2	“E do escorrega” “Nos escorregas”
		Pókemons	1	“Gosto de brincar aos pokemons”
		Jogos tradicionais	3	“À apanhada” “Gosto de brincar com os amigos às corridas” “Porque eu gosto de brincar à apanhada.”
	Caraterísticas	Grande	3	“O recreio é grande” “Há espaço para jogar futebol” “Está mais amplo, com mais recantos paras as brincadeiras”
		Divertido	7	“É divertido, agora tem muitas coisas”

				<p>“É divertido”</p> <p>“É divertido”</p> <p>“É divertido, porque está arranjado e porque brinco muito.”</p> <p>“É mais divertido conseguimos brincar com as coisas novas”</p> <p>“Divertido porque tem brinquedos para nós brincarmos”</p> <p>“O recreio é divertido”</p>
		Giro	8	<p>“É muito giro”</p> <p>“É giro porque podemos brincar”</p> <p>“É uma coisa boa, tem muitas coisas giras para brincar”</p> <p>“É giro”</p> <p>“É giro”</p> <p>“É giro porque tem muitos brinquedos”</p> <p>“É giro porque tem coisas novas”</p> <p>“É muito giro porque tem muitas coisas novas e eu gosto porque podemos brincar”</p>
		Simpático	1	<p>“o espaço está muito simpático, tem muitas áreas de brincadeira, com brinquedos tradicionais e outros mais modernos”</p>
		Mais Interações	4	<p>“E interagirem mais e melhor”</p> <p>“Relações entre as crianças que passaram a ser mais tranquilas na medida em que se envolvem nas brincadeiras de acordo com os seus interesses”</p> <p>“Motivou também a mudança de comportamentos do recreio”</p> <p>“A mudança foi positiva porque fomentam relação entre pares”</p>
		Democracia	4	<p>“Permitem aos rapazes e raparigas escolherem os seus preferidos”</p> <p>“os materiais utilizados são bastante interessantes bem como as varias possibilidades para terem brincadeiras”</p>
		Estimulação	2	<p>“estimula as crianças para a imaginação e criatividade”</p> <p>“novas oportunidades de aprendizagem e maior contacto com materiais naturais”</p>
		Diversidade	2	<p>“traz diversidade na brincadeira (...) traz outra coisa à brincadeira”</p> <p>“proporcionando maior variedade de brinquedos e espaços lúdicos”</p>
Materiais utilizados	Pertinência dos materiais	Naturais	4	<p>“acho a utilização de madeira e outros materiais naturais fundamental numa época em que vivemos rodeados de plástico”</p> <p>“leva as crianças a terem interesse por outras texturas”</p> <p>“coadunam com o meio envolvente e o exterior”</p> <p>“gosto que hajam objetos de tamanho real”</p>

	Pertinência do processo	Participação de diferentes intervenientes	6	<p>“sim porque todo o processo foi realizado com as crianças e surgiu da proposta das mesmas”</p> <p>“escolhidos pelas crianças, garantindo uma maior significância”</p> <p>“importante a participação das crianças e famílias”</p> <p>“mais valia por terem partido do interesse da comunidade escolar e terem sido planificados e construídos com as crianças”</p> <p>“foram feitos com os miúdos e tornaram-se contextualizados à vida do grupo”</p> <p>“interessante terem pedido a participação das crianças e pais”</p>
Alterações a efetuar	Novos equipamentos	Campo de jogos	4	<p>“um campo de futebol”</p> <p>“um campo de futebol”</p> <p>“a dimensão do campo de jogos que preferia que fosse maior”</p> <p>“eu gostava que houvesse um campo de basket”</p>
		Carros	5	<p>“Um carro de puxar em que todos pudessem entrar, porque naquele só pode estar uma pessoa”</p> <p>“Gostava que tivesse uma pista de carros grande”</p> <p>“carros”</p> <p>“um carro para pedalar”</p> <p>“um carro com janelas”</p>
		Brinquedos maiores	1	“Os crescidos deviam ter brinquedos maiores”
		Equipamento infantil	5	<p>“baloiços e uma cadeira que se abana”</p> <p>“baloiços”</p> <p>“baloiços”</p> <p>“baloiços”</p> <p>“Gostava que tivesse mais estruturas de desafio físico (paredes de escalada, aranhas, baloiços)”</p>
		Natureza	13	<p>“uma árvore”</p> <p>“uma árvore”</p> <p>“uma casa na árvore”</p> <p>“uma casa na árvore”</p> <p>“Flores”</p> <p>“planta, verde no jardim. Árvores, plantas, ervas. Tudo do que os miúdos podem cuidar. Assim ganhando uma experiencia mais fundamental ao “estar fora””</p>

				<p>“acho que seria muito bom existirem plantas, árvores e relva” “planta, terra para mexer, um local onde a natureza possa florescer” “uma pequena horta” “horta e uma caixa de areia” “uma caixa de areia pois acredito que possibilitaria explorações importantes para as crianças” “um espaço verde” “horta biológica”</p>
		Bola	1	“Uma bola da Elsa”
		Legos	1	“Gostava de ter legos”
		Livros	1	“Gostava de ter um livro”
		Bicicleta	2	<p>“Uma bicicleta dos desenhos animados” “Gostava de ter uma bicicleta” “uma bicicleta de madeira”</p>
		Faz de conta	1	<p>“Uma casinha de bonecas, fatos, um castelo” “uma casa maior” “uma barbie princesa”</p>
		Piscina de bolas	1	“Gostava que o recreio tivesse uma piscina de bolas”
		Piscina	2	<p>“uma piscina” “uma piscina”</p>
		Logística	2	<p>“proteção para o vento e frio, para que as crianças possam brincar quando o tempo está mais frio” “o portão da entrada”</p>

ANEXO U- Análise de conteúdo das entrevistas “O brincar de antigamente”

Fonte: Elaboração própria

Tema	Categoria	Subcategoria	Frequência	Unidades de Registo
-------------	------------------	---------------------	-------------------	----------------------------

A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Bonecas	7	<p>“As Barbie (...) e uma boneca gigante” (Sofia)</p> <p>“Gostava de brincar com os nenucos” (Ana)</p> <p>“Lembro-me dos bebés chorões, barbies” (Vera)</p> <p>“Tinha bonecas” (Sónia)</p> <p>“Bastantes bonecas” (Isabel)</p> <p>“uma boneca” (Virgínia)</p> <p>“a minha mãe fez-me uma boneca de trapos que eu adorava e, um dia, comprou-me uma boneca de cartão, mas eu dei-lhe banho e estragou-se” (Rosa)</p>	
		Outros humanoides	2	<p>“Um robô gigante” (Sofia)</p> <p>“2 peluches” (Virgínia)</p>	
		Carros	3	<p>“Eu só tinha carros” (David)</p> <p>“Eu tinha muitos carrinhos” (Tiago)</p> <p>“Eu gostava de brincar com carros” (João)</p>	
		Ferramentas	1	<p>“Eu tinha (...) ferramentas porque eu gostava muito de imitar o meu pai e gostava de desmontar carros” (Tiago)</p>	
		Triciclos/Bicicletas	3	<p>“Eu gostava de andar de bicicleta” (Susana)</p> <p>“Tinha um triciclo” (Tiago)</p> <p>“e uma bicicleta” (John)</p>	
		Livros	1	<p>“Quando era mais velho tinha livros que eu adorava” (John)</p>	
		Bola	1	<p>“Tinha uma bola de trapos” (Manuel)</p>	
		Berlindes	1	<p>“Tinha berlindes” (John)</p>	
		Brincadeiras	Faz de conta	11	<p>“Gostava de calçar os sapatos da minha mãe” (Sofia)</p>

			<p>“Era muito maternal. Gostava de ser a mãe” (Ana)</p> <p>“Quando nos encontrávamos na rua imitávamos” (David)</p> <p>“ao faz de conta. (médicos, polícias)” (Susana)</p> <p>“Eu gostava de brincar às bonecas (...) aos médicos” (Sónia)</p> <p>“Eu lembro-me de brincar com bonecas” (Natércia)</p> <p>“Brincávamos às lojas” (Isabel)</p> <p>“Brincávamos às mercearias. Fazíamos uma casinha” (Manuel)</p> <p>“Os mais velhos eram os filhos e os mais novos eram os pais.” (Fernanda)</p> <p>“Fazia casinhas nas raízes das árvores. Era como se fosse a minha casa, varria. As raízes faziam as divisões da casa.” (Virgínia)</p> <p>“brincávamos aos padres” (Rosa)</p>
		Tecnológicas	<p>4</p> <p>“Gostava de ver cassetes da Disney” (Sofia)</p> <p>“Víamos as tartarugas ninjas” (David)</p> <p>“ouvir música” (Susana)</p> <p>“Gostava de ver televisão, mas raramente” (Sónia)</p>
		Jogos tradicionais	<p>8</p> <p>“Lembro-me de jogar às escondidas, jogar à pelota” (David)</p> <p>“de saltar à corda. Gostava de brincar ao pião, às escondidas” (Susana)</p>

			<p>“e com os aros. Havia uma coisa tola que fazia com a corda no tornozelo (...) Às escondidas, à apanhada” (Natércia)</p> <p>“Jogar ao berlinde, ao espeta, ao pião” (Manuel)</p> <p>“Brincávamos ao lencinho” (Fernanda)</p> <p>“saltar à corda e jogar com o pião e ao “espiche” (mandar um pau à terra). Quando era mais pequena gostava de saltar ao “saltivão”(saltar por cima uns dos outros)” (Virgínia)</p> <p>“brincava ao pião(...) à malha, ao prego” (José)</p> <p>“jogávamos à macaca, às escondidas, ao lencinho” (Rosa)</p>
		Jogos de tabuleiro	1 “Brincávamos lá a jogar jogos de tabuleiro”(Natércia)
		Equipamentos infantis	2 “Também gostava de ir ao parque andar de escorrega e de baloiço” (Sónia) “adorava andar de baloiço” (Virgínia)
		Futebol	4 “Jogava à bola” (David) “Jogávamos à bola” (Tiago) “Também gostava de jogar à bola” (Sónia) “Jogar à bola” (João)
		Construção	5 “Por baixo da minha casa havia uma serralharia e os senhores davam-me pregos, martelos e tábuas para brincar” (Tiago) “Com caixotes da fruta fazíamos carrinhos e puxávamo-nos uns aos outros. Éramos nós que fazíamos os nossos brinquedos” (Manuel) “gostava de construir figas” (José)

				<p>“como o meu pai era marceneiro eu aprendi a construir os meus brinquedos” da madeira que sobrava e que ele já não precisava eu construía carros” (António)</p> <p>“construir os nossos brinquedos com as coisas da rua” (Fátima)</p>
		Carros	2	<p>“Brincava muito aos carrinhos” (David)</p> <p>“Eu gostava de brincar com carros” (João)</p>
		Com a natureza	4	<p>“Nós dávamos muitas cambalhotas no meio da terra” (Isabel)</p> <p>“Brincávamos com os bichos. Aos gafanhotos tirávamos as tripas e depois fazíamos os funerais (...) mas eu gostava era mesmo de brincar na natureza, pular para as árvores e para os muros” (Fernanda)</p> <p>“fazíamos casas com coisas da natureza” (Rosa)</p> <p>“Subir às árvores” (Fátima)</p>
	Local	Ar livre	14	<p>“Na rua” (David)</p> <p>“Brincava sobretudo na rua, em frente à minha casa” (Susana)</p> <p>“Na rua” (Tiago)</p> <p>“Na rua” (Fernanda)</p> <p>“A brincadeira na rua (...) brincávamos tardes inteiras na rua” (Vera)</p> <p>“Na rua, não tenho memórias de brincadeiras feitas em casa” (João)</p> <p>“Na rua” (Natércia)</p> <p>“Na rua era onde brincávamos” (Manuel)</p>

				<p>“Na rua” (Virgínia)</p> <p>“Eu brincava na rua. Nós temos uma cultura muito de rua” (John)</p> <p>“na rua” (José)</p> <p>“no campo, na rua, ao ar livre” (Rosa)</p> <p>“na rua” (António)</p> <p>“o pouco que me lembra foi na rua” (Fátima)</p>
		Casa interior	5	<p>“Em casa, na cave” (Sofia)</p> <p>“Quando não estava na escola brincava, sobretudo, em casa.” (Ana)</p> <p>“Chama os meus amigos para brincar se não fosse na rua era em casa” (Tiago)</p> <p>“O local variava mas mais em casa” (Sónia)</p> <p>“Só quando estava a chover é que era em casa” (Rosa)</p>
		Casa exterior	1	<p>“no quintal da minha casa” (Sofia)</p>
	Com quem	Amigos/as	4	<p>“Recordo-me de brincar com os meus amigos” (Sofia)</p> <p>“Gostava que as minhas amigas viessem brincar comigo” (Ana)</p> <p>“com os meus amigos do bairro” (David)</p> <p>“brincava com os meus amigos” (Tiago)</p>
		Vizinhos	4	<p>“Gostava de ir para as escadas brincar com os vizinhos” (Sónia)</p> <p>“Na rua com os vizinhos” (João)</p>

				<p>“Os miúdos do prédio e da rua (...) éramos entre os 30 e os 40 miúdos” (Natércia)</p> <p>“com os vizinhos” (José)</p>
		Família	3	<p>“com os meus irmãos e primos” (Vera)</p> <p>“eu e a minha irmã” (Isabel)</p> <p>“com as minhas primas” (Rosa)</p>
O brincar e a escola	Memórias	Disciplina	8	<p>“Tinha que me portar bem senão levávamos reguadas” (Sónia)</p> <p>“Tinha que rezar (...) levei muitas réguas” (Natércia)</p> <p>“ouvia o que a professora dizia aos maiores. Tinha de estar muito caladinha senão levava com a cana” (Isabel)</p> <p>“Tinha que estudar (...) fui expulso” (Manuel)</p> <p>“tínhamos de portar muito bem senão levávamos reguadas. Tínhamos que rezar e ouvir a professora” (Virgínia)</p> <p>“levava muitas reguadas” (José)</p> <p>“lembro-me de apanhar reguadas” (Rosa)</p> <p>“lembro-me que havia muito rigor e disciplina por isso não era nada divertido” (António)</p>
		Trabalho	1	<p>“Lembro-me de ir com o meu vizinho para a horta da escola, ajudar a tratar dela.” (David)</p>
		Pintura	2	<p>“de fazer pintura” (Tiago)</p> <p>“nós pintávamos, desenhávamos” (John)</p>

		Brincar	2	<p>“Lembro-me de brincar (...) era um pouco desorganizado. Cada um brincava ao que queria” (Tiago)</p> <p>“Nós brincávamos muito” (John)</p>
		Atividades repetidas	2	<p>“O pouco que me lembro é de fazer enfiamentos” (Sofia)</p> <p>“Lembro-me muito bem de passarmos muito tempo a vermos filmes” (Ana)</p>
		Anti-democracia	1	<p>“Não éramos nós que íamos buscar o que queríamos fazer, era ela [educadora] que escolhia” (Sofia)</p>
	Recreio	Equipamentos infantis	3	<p>“Tinha um parque com escorregas, baloiços” (Sofia)</p> <p>“Tinha um baloiço e um escorrega” (Ana)</p> <p>“No recreio havia escorregas, baloiços e pneus” (Tiago)</p>
		Natureza	11	<p>“Tinha árvores à volta” (Sofia)</p> <p>“Era de areia e tinha árvores” (Ana)</p> <p>“Tinha árvores” (Vera)</p> <p>“alguns canteiros com flores” (Sónia)</p> <p>“Um descampado com árvores” (João)</p> <p>“árvores” (Isabel)</p> <p>“Tinha árvores (...) tinha flores” (Fernanda)</p> <p>“tinha plantas que cheiravam muito bem” (Virgínia)</p> <p>“tinha árvores e tinha algo muito interessante que é raro ver nas escolas uma espécie de horta” (John)</p>

				<p>“havia a escola e depois em baixo da escola havia uma floresta então nós na altura do “recreio” íamos para lá brincar” (José)</p> <p>“tinha árvores e plantas” (António)</p>
	Brincadeiras	Jogos tradicionais	11	<p>“Jogava à apanhada, às escondidas, a correr” (Sofia)</p> <p>“A saltar à corda” (Ana)</p> <p>“Jogar ao berlinde” (David)</p> <p>“Jogava à macaca, ao berlinde, saltava à corda” (Susana)</p> <p>“Brincava à apanhada e às escondidas (...) também jogava ao berlinde com as outras meninas, mas só quando os rapazes deixavam” (Vera)</p> <p>“jogávamos ao elástico, ao mata (...) à apanhada, às escondidas” (Sónia)</p> <p>“à apanhada” (Natércia)</p> <p>“Brincávamos à mama dá licença, à apanhada” (Isabel)</p> <p>“fazíamos os buraquinhos para jogar ao berlinde” (Manuel)</p> <p>“Nós brincávamos ao pião” (Virgínia)</p> <p>“brincávamos à cabra cega” (Rosa)</p>
		Natureza	5	<p>“Nós, quando era tempo dos figos, subíamos às figueiras. Era a parte mais divertida” (Ana)</p> <p>“Havia uns arbustos (mulatas) que tinham uns ramos que formavam um túnel e nós gostávamos muito de ir para lá porque parecia uma tenda” (Vera)</p> <p>“subíamos às árvores” (Fernanda)</p>

				<p>“horta em que nós brincávamos” (John)</p> <p>“Construir tendas, casas” (José)</p>
		Futebol	5	<p>“ao futebol” (David)</p> <p>“Jogávamos à bola” (João)</p> <p>“Lembro-me de jogar à bola” (Manuel)</p> <p>“levar a bola e jogar” (José)</p> <p>“havia um amigo meu que levava a bola e todos juntos jogávamos” (António)</p>
		Faz de conta	3	<p>“Sobretudo, às bonecas” (Ana)</p> <p>“Gostava de levar as minhas bonecas e de brincar com elas” (Sónia)</p> <p>“Brincávamos aquilo que víamos, às mães e aos pais, às mercearias” (Virgínia)</p>
	Sala	Brinquedos de faz de conta	3	<p>“Na sala, existia a casa de brincar e os brinquedos da casa que eram os que mais gostava. As loiças da cozinha também gostava muito” (Ana)</p> <p>“casa de bonecas” (Tiago)</p> <p>“havam algumas bonecas” (John)</p>
		Carros	1	“carrinhos” (Tiago)
		Elementos religiosos	1	“o crucifixo” (Isabel)
		Imagem de Salazar	1	“havia a fotografia de Salazar” (Isabel)
		“Réguas”	1	“Na sala não haviam brinquedos, só as réguas” (Manuel)
		Elementos de escrita	1	“lápiz” (Tiago)
		Jogos	1	“jogos” (John)
		Livros	1	“Na sala haviam estantes com livros” (Susana)

ANEXO V- Entrevistas “O Brincar de agora”

Fonte: Elaboração própria

Nome: Violeta			Idade: 4 anos
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Questões e Respostas
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Faz de conta Peluches Carros Aviões	Quais os brinquedos que mais gostas? “Eu gosto de brincar com o carrinho dos gémeos. E gosto que o pai tenha comprado um vestido da Violeta. E que brincadeiras gostas de fazer? Gosto de brincar às pinipons, com a mota e com a casa das pinipons. Gosto de brincar com a mana.
	Brincadeiras	Faz de conta Jogos tradicionais Tecnológicos	
	Espaço	Casa interior	Em que local, maioritariamente, brincas? Eu brinco com a mana no quarto dos brinquedos.
O brincar e a Escola	Memórias	Faz de conta Biblioteca Pokémons Futebol	O que mais gostas de fazer no Colégio? Gosto de brincar na casinha e na biblioteca.
	Recreio	Casas Equipamentos infantis Cozinha Carrinho de mão Futebol	O que mais gostas no recreio? Da casinha, do escorrega e da cozinha.
	Brincadeira	Faz de conta Pokémons Futebol	Como é que brincas na escola? Brinco aos pais com os amigos.
	Brinquedos	Livros Computador Jogos de mesa Casinha Desenho	Que brinquedos mais gostas na sala? Na sala gosto dos livros e brincar no computador e nos jogos de mesa.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Nome: Bia			Idade: 5 anos
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Questões e Respostas
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Faz de conta Peluches Carros Aviões	Quais os brinquedos que mais gostas? Gosto das coisas da casinha. Gosto da comida, das papas, dos talheres. E que brincadeiras gostas de fazer? Gosto de brincar aos restaurantes.
	Brincadeiras	Faz de conta Jogos tradicionais Tecnológicos	

	Espaço	Casa interior	Em que local, maioritariamente, brincas? Brinco no meu quarto.
O brincar e a Escola	Memórias	Faz de conta Biblioteca Pokémons Futebol	O que mais gostas de fazer no Colégio? De brincar na casinha.
	Recreio	Casa Equipamentos infantis Cozinha Carrinho de mão Futebol	O que mais gostas no recreio? Da casinha e da cozinha.
	Brincadeira	Faz de conta Pokémons Futebol	Como é que brincas na escola? Brinco às estrelas e aos restaurantes.
	Brinquedos	Livros Computador Jogos de mesa Casinha Desenho	Que brinquedos mais gostas na sala? Do desenho, da casinha e dos jogos de mesa.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Nome: Darthvader			Idade: 5 anos
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Questões e Respostas
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Faz de conta Peluches Carros Aviões	Quais os brinquedos que mais gostas? Gosto dos brinquedos do Starwars e gosto muito do meu Micas o mocho de peluche. E gosto da minha boneca
	Brincadeiras	Faz de conta Jogos tradicionais Tecnológicos	E que brincadeiras gostas de fazer? Gosto de jogar às escondidas e de jogar jogos sociais. Gosto de jogar no computador e ver filmes de dragões e o da guerra das estrelas.
	Espaço	Casa interior	Em que local, maioritariamente, brincas? Gosto de brincar no parque e em casa gosto de brincar na sala com a mãe e o pai. Brinco mais em casa porque está inverno e frio.
O brincar e a Escola	Memórias	Faz de conta Biblioteca Pokémons Futebol	O que mais gostas de fazer no Colégio? Gosto de brincar com as amigas.
	Recreio	Casa Equipamentos infantis Cozinha	O que mais gostas no recreio? Gosto do escorrega para fazer exercícios. Gosto do carrinho de mão.

		Carrinho de mão Futebol	
	Brincadeira	Faz de conta Pokémons Futebol	Como é que brincas na escola? Brinco aos gatinhos e aos piratas.
	Brinquedos	Livros Computador Jogos de mesa Casinha Desenho	Que brinquedos mais gostas na sala? Gosto de pintar e do computador.
Tem algo a acrescentar? Não.			

Nome: Stawars			Idade: 5 anos
TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Questões e Respostas
A cultura, o brincar e o brinquedo	Brinquedos	Faz de conta Peluches Carros Aviões	Quais os brinquedos que mais gostas? Gosto dos aviões que tenho em casa. Dos dinossauros e dos carros. E que brincadeiras gostas de fazer? Gosto de brincar com a minha mana às escolas. Quase o dia todo eu vejo televisão. Enquanto me visto de manha posso ver e depois do pequeno almoço também. Ao fim-de-semana é o dia todo.
	Brincadeiras	Faz de conta Jogos tradicionais Tecnológicos	
	Espaço	Casa interior	Em que local, maioritariamente, brincas? Brinco no quarto da minha mana e também na sala.
O brincar e a Escola	Memórias	Faz de conta Biblioteca Pokémons Futebol	O que mais gostas de fazer no Colégio? Gosto de brincar a muitas coisas como o futebol com os amigos e brincar aos pokémons.
	Recreio	Casa Equipamentos infantis Cozinha Carrinho de mão Futebol	O que mais gostas no recreio? Gosto de jogar futebol com as bolas.
	Brincadeira	Faz de conta Pokémons Futebol	Como é que brincas na escola? Já disse, gosto de futebol e pokémons.
	Brinquedos	Livros Computador Jogos de mesa Casinha Desenho	Que brinquedos mais gostas na sala? Gosto do computador e da casinha.
Tem algo a acrescentar? Não.			

ANEXO W- Análise de conteúdo das entrevistas “o brincar de agora”

Fonte: Elaboração própria

Tema	Categoria	Subcategoria	Frequência	Unidades de Registo	
“Um robô gigante” (Sofia) “2 peluches” (Virgínia)	Brinquedos	Faz de conta	3	“Eu gosto de brincar com o carrinho dos gémeos. E gosto que o pai tenha comprado um vestido da Violeta.” (Violeta) “Gosto das coisas da casinha. Gosto da comida, das papas, dos talheres.” (Bia) “Gosto dos brinquedos do Starwars (...)E gosto da minha boneca” (Darthvader)	
		Peluches	2	“e gosto muito do meu Micas o mocho de peluche.” (Darthvader) “Dos dinossauros (Starwars)	
		Carros	1	“e dos carros.” (Starwars)	
		Aviões	1	“Gosto dos aviões” (Starwars)	
	Brincadeiras	Faz de conta	3	“Gosto de brincar às pinipons, com a mota e com a casa das pinipons” (Violeta) “Gosto de brincar aos restaurantes.” (Bia) “Gosto de brincar com a minha mana às escolas.” (Starwars)	
		Jogos tradicionais	1	“Gosto de jogar às escondidas e de jogar jogos sociais.” (Darthvader)	
		Tecnológicos	2	“Gosto de jogar no computador e ver filmes de dragões e o da guerra das estrelas.” (Darthvader) “Quase o dia todo eu vejo televisão. Enquanto me visto de manha posso ver e depois do pequeno almoço também. Ao fim-de-semana é o dia todo.” (Starwars)	
	Local	Casa interior	4	“Eu brinco com a mana no quarto dos brinquedos” (Violeta) “Brinco no meu quarto.” (Bia) “Brinco mais em casa porque está inverno e frio.” (Darthvader) “Brinco no quarto da minha mana e também na sala.” (Starwars)	
	O brincar e a escola	Memórias	Faz de conta	2	“Gosto de brincar na casinha” (Violeta) “De brincar na casinha.” (Bia)
			Biblioteca	1	“na biblioteca.” (Violeta)
Pokémons			1	“e brincar aos pokémons” (Starwars)	
Futebol			1	“Gosto de brincar a muitas coisas como o futebol com os amigos” (Starwars)	
Recreio		Casa	2	“Da casinha” (Violeta) “Da casinha” (Bia)	
		Equipamentos infantis	2	“do escorrega” (Violeta) “Gosto do escorrega para fazer exercícios”(Darthvader)	

		Cozinha	2	"da cozinha." (Violeta) "e da cozinha" (Bia)
		Carrinho de mão	1	". Gosto do carrinho de mão." (Darthvader)
		Futebol	1	Gosto de jogar futebol com as bolas" (Starwars)
	Brincadeiras	Faz de conta	4	"Brinco aos pais com os amigos." (Violeta) "Brinco às estrelas e aos restaurantes." (Bia) "da casinha" (Bia) "Brinco aos gatinhos e aos piratas." (Darthvader)
		Pokémons	1	"e pokémons" (Starwars)
		Futebol	1	"gosto de futebol." (Starwars)
	Brinquedos	Livros	1	"Na sala gosto dos livros" (Violeta)
		Computador	2	"e do computador" (Darthvader) "Gosto do computador" (Starwars)
		Jogos de mesa	2	"nos jogos de mesa." (Violeta) "e dos jogos de mesa." (Bia)
		Casinha	1	"e da casinha." (Starwars)
		Desenho	2	"Do desenho" (Bia) "Gosto de pintar" (Darthvader)

ANEXO X- O Brincar, os brinquedos e o recreio o antes e o agora

Fonte: Elaboração própria

Antes	Agora
A rua era o local das crianças. Era aqui que elas passavam a maior parte do seu tempo a brincar com os outros.	Existe um confinamento da infância a espaços condicionados e controlados por adultos.
A descoberta e a exploração era o mote da aprendizagem.	Oferta de ambientes seguros, sem riscos.
Existe tempo para as brincadeiras na rua.	Não existe tempo para as brincadeiras na rua.
Não existia supervisão parental na rua.	Existe uma constante supervisão parental.
Brincadeiras criativas. Construção de brinquedos e invenção de brincadeiras.	Era tecnológica. Era do tudo pronto.
Liberdade.	Ditadura do “não”. “não subas, porque podes cair”; “não faças”. Crianças superprotegidas.
Percurso escola-casa a pé.	Percurso escola-casa de carro.
Autonomia	Insegurança
Falta de intencionalidade educativa no recreio	

ANEXO Y- Portefólio da criança

Fonte: Elaboração própria

O portefólio da criança acompanha o percurso da criança, permitindo “ter uma visão holística da aprendizagem da criança, permite ver o caráter contínuo, sistemático e interpretativo do processo de avaliação, a valorização da participação das crianças no seu processo de avaliação, a valorização da participação das crianças no seu processo educativo, a recolha de informação contextualizada e em tarefas reais e, ainda, a diversidade, o cruzamento e a complementaridade das informações sobre cada criança” (Ferreira & Anjos, 2015, p. 32). Neste sentido, os objetivos deste portefólio são: (1) registar evidências de aprendizagem do Starwars nos diversos domínios; (2) acompanhar o processo de desenvolvimento do Starwars através dos registos recolhidos entre outubro de 2016 e janeiro de 2017.

Este portefólio está dividido em 5 capítulos: (1) A apresentação da criança; (2) Área da formação pessoal e social; (3) Área da expressão e da comunicação; (4) Área do conhecimento do mundo e por fim (5) os trabalhos do Starwars.

Capítulo 1. Apresentação do Starwars

O Starwars nasceu em fevereiro de 2012 tendo, por isso, 4 anos. Vive com o pai, com a mãe e com a irmã mais nova que também frequenta o Colégio, sendo que todos são de nacionalidade portuguesa. O pai é advogado e a mãe jornalista.

Entrou para a creche com 2 anos e 2 meses e seguiu sempre o grupo da Carmo, por isso é considerado um *veterano* no grupo.

Normalmente, o Starwars chega ao colégio por volta das 9h acompanhado pelo pai, sendo que à tarde é a mãe que o vem buscar por volta das 17h30.

Em termos de alimentação, o Starwars come a comida do Colégio, sendo que não é alérgico a nenhum alimento e que não demonstra qualquer dificuldade no uso do garfo e da faca.

No que diz respeito à sesta, o Starwars apresenta enurese frequentemente.

Quando pedi ao Starwars para se descrever (coisas que mais gostava e que menos gostava, os amigos...) ele disse: “Eu acho que sou divertido porque gosto de brincar, mas, às vezes, a mana. Gosto de ver televisão e de estar com o pai e com a mãe. No recreio gosto de jogar futebol e de corridas. Gostei de aprender sobre os dinossauros e sobre o rugby. O que mais gosto na sala são os jogos de mesa e o que

menos gosto é a plasticina. Os meus amigos são o Hulk, o Homem falcão, o Simão, o Miguel, o Homem de fogo e a Super mulher.”.

Capítulo 2. Área da formação pessoal e social

“Considerada como área transversal pois embora tendo conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância. Esta área incide no desenvolvimento de atitudes, disposições e valores, que permitam às crianças continuar a aprender com sucesso e a tornarem-se cidadãos autónomos, conscientes e solidários.”
(OCEPE, 2016, p. 6)

- Verbaliza as necessidades relacionadas como o seu bem-estar físico;
- Expressa as suas emoções e sentimentos e reconhece também emoções e sentimentos dos outros;
- Conhece os diferentes momentos da rotina diária, a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê;
- Manifesta curiosidade pelo mundo que a rodeia, formulando questões sobre o que observa;
- Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam;
- Demonstra dificuldade em esperar pela sua vez;
- Demonstra dificuldade em resolver situações de conflito de forma autónoma;

O Starwars é uma criança que tem uma enorme curiosidade e desejo de aprender, estando constantemente a questionar o mundo ao seu redor. Esta curiosidade faz com que o Starwars tenha dificuldade em escutar o outro, sendo que é frequentemente chamado à atenção, pela minha parte e por parte da educadora cooperante, para que respeite a sua vez.

Relativamente aos seus pares o Starwars privilegia a brincadeira com a Super mulher e o Homem falcão, no entanto, as suas brincadeiras são, na maior parte das vezes, violentas e, por esse motivo, acabam por ter pequenos conflitos. Para resolver esses conflitos, o Starwars ainda recorre a um adulto para heterorregular a situação.

O Starwars é considerado um *veterano* do grupo, sendo que conhece os diferentes momentos da rotina diária, a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê, sendo que, por vezes, apoia os *novatos* nesta organização.

Área:

Formação pessoal e Social	
Data	Registo
4 de outubro de 2016	“Starwars está a assinalar no mapa de atividades e dirige-se para a área da pintura. Pouco depois, Borboleta também se dirige para a mesma área. Logo Starwars lhe diz: “Não podes estar aqui. Não marcaste a área, tens de ir ao mapa e marcar com a caneta laranja para poderes vir para aqui.””
6 de outubro de 2016	“Mas os dinossauros voavam? Para quê?” Ao que o Starwars responde: “Não sei, mas podíamos fazer um projeto sobre dinossauros, o que comem, como andam, como caçam!”
20 de outubro de 2016	“Starwars: Com quem estavas a falar? Eu: Com o meu pai. Starwars: Com o teu pai? [para e pensa] mas os crescidos não têm pais. Eu: Não têm pais, porque? Starwars: Porque são crescidos. Eu: Então os teus avós são o que? Starwars: Avós. Eu: Então não são os pais da mãe? Starwars: Não, são avós! [Já sem saber como resolver aquela situação tento outra via] Eu: Então Starwars, quando tu fores adulto, onde vão estar os teus pais? Vais deixar de ter pais? [Olha para mim e fica a pensar] Starwars: Vão estar noutra casa. Eu: E vão deixar de ser teus pais? Starwars: Uhm... Pois, não. Eu: Então quer dizer que os adultos também tem pais, correto? Starwars: Ahm, pois. Sim.
14 de novembro de 2016	“(Na reunião da manhã) Eu: Starwars já falas-te agora é a vez dos teus colegas falarem. Tens de saber esperar pela tua vez. Assim que acabo a frase e a Fada Vermelha começa a falar o Starwars começa a falar com o Homem falcão.”
6 de dezembro de 2016	“Estamos no recreio. Estou a observar as brincadeiras quando o Starwars se dirige a mim a chorar. Eu: “o que aconteceu?” Starwars responde “O homem falcão bateu-me com a espada.” Questiono-o “Falas-te com ele? Tentaram resolver o assunto?” Ao que ele me responde “Não”. Refuto “Então poderias ir tentar falar com ele e resolver a situação” (O Starwars dirige-se para o Homem falcão mas, logo ambos aparecem diante de mim) Eu: “já conversaram?” Homem falcão: “sim mas ele não aceita as minhas desculpas.” Eu: “Starwars o que se passa?” Starwars: “Não gostei que ele me batesse.” Eu: “então e porque não conversas com ele?” Homem falcão: “eu já te pedi desculpa foi sem querer.” Starwars: “está bem”. ”
13 de janeiro de 2017	“Estamos todos reunidos no chão a realizar o conselho. O Homem de fogo diz que não gostou que a Fada Vermelha

	<p>lhe apagasse o desenho que estava no quadro. Logo Starwars interrompe “Eu acho que devias pedir desculpa Fada Vermelha”. Logo lhe respondo “Starwars agora era a vez da Fada Vermelha explicar o porque de ter feito isso”. A Fada Vermelha começa a falar quando o Starwars, novamente interrompe, “Fada Vermelha não tinhas de o fazer pede desculpa.”</p>
--	---

Capítulo 3. Área da expressão e da comunicação

“entendida como área básica, uma vez que engloba diferentes formas de linguagem que são indispensáveis para a criança interagir com os outros, dar sentido e representar o mundo que a rodeia”
(OCEPE, 2016, p. 6)

- Demonstra gosto pelas atividades motoras;
- Tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (pintura, desenho, colagens, modelagem, etc.), recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, manchas, formas).
- Se envolve em situações de jogo simbólico e jogo dramático cada vez mais complexas;
- Inventa ambientes sonoros a partir de rimas, canções, e sequências de movimento, selecionando e organizando fontes sonoras diversificadas (corpo, voz, objetos sonoros e instrumentos de percussão)
- Faz perguntas sobre novas palavras e usa novo vocabulário;
- Elabora frases completas aumentando gradualmente a sua complexidade;
- Identifica o número de sílabas de uma palavra;
- Diferencia escrita de desenho (código icónico de código escrito) e, quando quer escrever, usa garatujas, formas tipo letra e/ou letras na sua escrita;
- Identifica letras, conseguindo reproduzi-las de modo cada vez mais aproximado nas suas tentativas de escrita e sabe o nome de algumas delas;
- Ouve atentamente histórias, rimas, poesias e outros textos, mostrando prazer e satisfação;
- Identifica, numa contagem, que a quantidade total corresponde à última palavra número (termo) que disse;
- Usa os termos “mais do que” e “menos do que” na comparação de quantidades;

- Numa roda com outras crianças, identifica posições relativas (Quem está “ao lado”, “em frente”, “atrás”, “dois lugares à direita”, “entre a Maria e o Manuel”, etc.);

O Starwars é uma criança comunicativa, sendo que consegue formular frases complexas. Nos momentos em grande grupo expressa as suas ideias e opiniões através de um discurso assertivo e coerente.

Ao nível da linguagem escrita o Starwars distingue a escrita dos números, conseguindo, inclusive, copiar pequenas frases. Já sabe escrever o seu próprio nome sem recorrer a nenhum suporte escrito.

Ao nível do domínio da matemática contabiliza até ao 59, sendo que compreende a repetição dos números ex: 41,42,43(...) 51,52,53. Compreende conceitos como maior e menor e mais e menos. Relativamente ao modelo Pappy (modelo matemático utilizado pela educadora cooperante) o Starwars identifica noções básicas (cordas, setas e pontos), sendo que consegue resolver um problema matemático com base no abstrato.

Área: Expressão e comunicação	
Data	Registo
4 de outubro de 2016	Na sessão de ginástica o Starwars consegue, sem dificuldade, realizar rolamento à frente
27 de outubro de 2016	Conseguem fazer outras coisas? Starwars: Olha isto é uma menina com um capuz. (mostrando-me um pau enrolado numa folha)
17 de novembro de 2016	Estamos reunidos na área da biblioteca a educadora vai começar a contar a história de hoje (relacionada com o modelo Pappy). Começa por contar que foi a casa da avó e que viu muitos pássaros. Desenha os pássaros. Em conjunto, todos contabilizamos os pássaros. Após desenhar os pássaros desenha os ninhos. De seguida questiona o Starwars “Como é que poderia fazer para todos os pássaros terem um ninho”. Assim, através de setas, o Starwars faz correspondência um a um.
6 de dezembro de 2016	Estamos todos a escolher uma área o Starwars dirige-se a mim e questiona se pode fazer pintura. Afirimo que sim. Ao que ele diz “mas eu não queria fazer com pincel, já fiz muitas vezes. Quero fazer de outra forma” questiono-o “como gostavas de fazer?” responde “não sei.” Então ajudo-o dando-lhe opções “olha podes pintar com esponja ou então com tampas, por exemplo.” Ele com um sorriso diz “sim, posso pintar com esponja”
16 de janeiro de 2017	É o momento de fazer registo de texto. A Carmo escreve a frase que o Starwars dita. Fico sentada perto dele a observar. Ele opta por, primeiramente, ilustrar o desenho, contudo, engana-se. Sem

dizer nada, vai buscar uma folha branca e copia o texto que a Carmo escreveu para que possa realizar um novo desenho.

Capítulo 4. Área do conhecimento do mundo

“é uma área integradora de diferentes saberes, onde se procura que a criança adote uma atitude de questionamento e de procura organizada do saber, própria da metodologia científica, de modo a promover uma melhor compreensão do mundo físico, social e tecnológico que a rodeia”
(OCEPE, 2016, p.7)

- Demonstra curiosidade e interesse pelo que a rodeia, colocando questões que evidenciam o seu desejo de saber mais;
- Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração e revela satisfação com os novos conhecimentos que adquiriu;
- Sabe o seu nome completo e idade, onde vive, a sua nacionalidade e é capaz de se descrever, indicando algumas das suas características individuais;
- Utiliza termos como dia, noite, manhã, tarde, semana, mês, nas suas narrativas e diálogos:
- Conhece diferentes animais, diferenciando-os pelas suas características e modos de vida (domésticos/selvagens, aves/peixes, etc.);

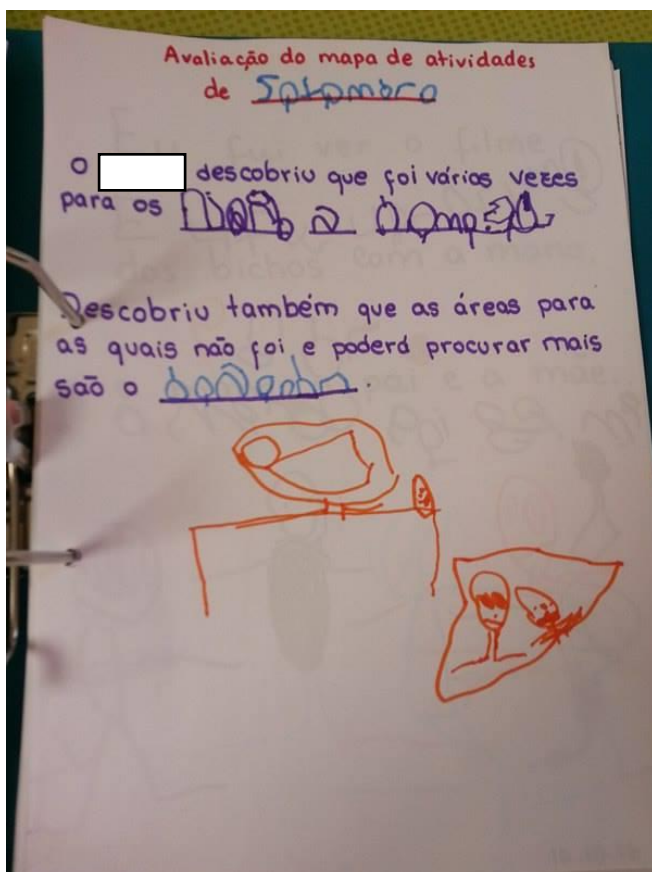
Área: Conhecimento do mundo	
Data	Registo
19 de outubro de 2016	“Eu: Já viram estes eram os dinossauros herbívoros os maiores que existiram. Tinham cerca de 30 metros e um longo pescoço. Porque será que o seu pescoço era tão grande? Starwars: Para chegarem aos ramos das árvores”
28 de outubro de 2016	Eu: Bom dia Starwars o que trazes aí? Starwars: É uma folha e pedras que apanhei com a minha mãe.
11 de janeiro de 2017	Eu: Starwars podes-me falar acerca do registo que fizeste? Starwars: É o leão que vive na terra, o crocodilo e a tartaruga que são animais do rio e a estrela do mar que anda no mar.

Capítulo 5. Os trabalhos do Starwars

Quando iniciei este relatório tive em conta que a criança deverá ser incluída no seu processo de avaliação, desta forma, achei relevante ter uma conversa com o Starwars na qual lhe expliquei que iria fazer um portefólio acerca dele e com ele, assim, expliquei-lhe que era importante que ele escolhesse alguns trabalhos que ia realizando para que eu pudesse colocar no seu portefólio.

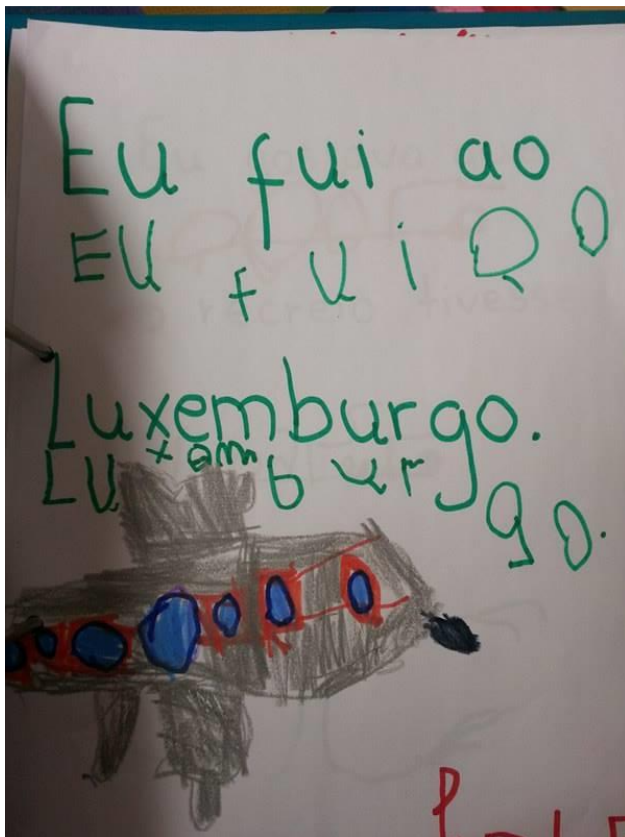
Seguidamente, apresento cinco trabalhos que o Starwars escolheu, o motivo pelo qual os escolheu e um pequeno comentário realizado por mim acerca dos mesmos.

5.1. Análise do mapa de atividades



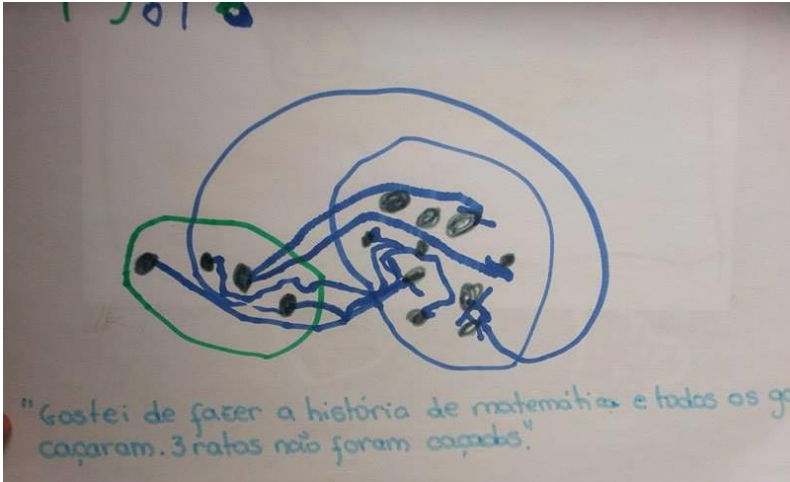
“Starwars, posso colocar esta avaliação no teu portefólio?” (Nota de campo de 7 de setembro de 2016, área da escrita) Após a análise do mapa de atividades, elaborámos o registo acerca do mesmo. Tal como se verifica no registo, as áreas que o Starwars privilegia são os jogos de mesa, sendo que a área que menos frequenta é o desenho. Nesta fase, o Starwars ainda utiliza formas tipo letra.

5.2. Registo de texto



“Filipa, Filipa! Quero que ponhas este texto no meu portefólio porque gostei muito de ir ao Luxemburgo” (Nota de campo de 5 de dezembro de 2016, ao redor da mesa). Assim surge a vontade de ter no portefólio o primeiro registo de texto, no qual se verifica que o Starwars já utiliza letras na sua escrita, havendo uma clara evolução perante o último registo aqui apresentado.

5.3. A história dos gatos e dos ratos



Terminado o exercício dos gatos e dos ratos o Starwars dirige-se a mim e diz “põe no portefólio”. Como se pode compreender pela imagem o Starwars “gost[ou] de fazer a história de matemática”, sendo que compreendeu a representação esquemática do problema.

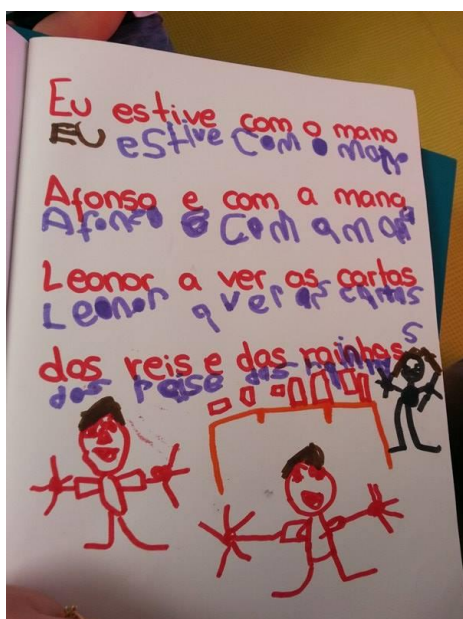
5.4. Representação de números

0	0	
1	1	0
2	2	0 0
3	3	0 0 0
4	4	0 0 0 0
5	5	0 0 0 0 0
6	6	0 0 0 0 0 0
7	7	0 0 0 0 0 0 0
8	8	0 0 0 0 0 0 0 0
9	9	0 0 0 0 0 0 0 0 0

Após a realização do exercício, o Starwars dirige-se a mim e diz “Acho que podíamos colocar este exercício no portefólio, acertei tudo.” (Nota de campo de 3 de

janeiro de 2017, área da escrita). De facto, com este exercício pude compreender que o Starwars consegue associar algarismos a quantidades em sequência.

5.5. O último registo



Este foi o último registo de texto que o Starwars decidiu colocar no seu portefólio porque “gosto muito de brincar com os manos” (Nota de campo de 9 de janeiro de 2017, ao redor da mesa). Aqui verifica-se uma evolução ao nível da escrita. Além disso, pode-se verificar que as frases que formula são cada vez mais complexas. Contudo, o desenho é ainda embrionário, sendo que, aspetos como o número de dedos de uma pessoa não é tido em conta. Assim, deverá ser efetuada uma estimulação neste sentido.